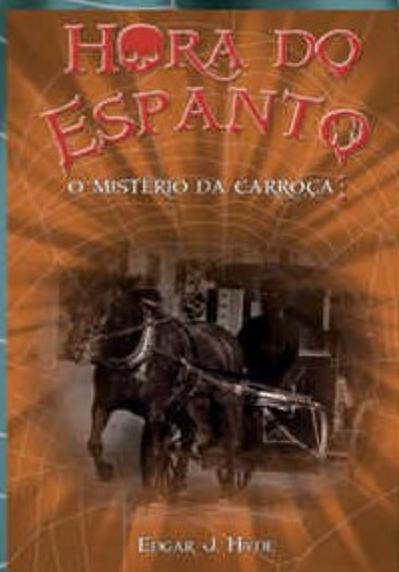
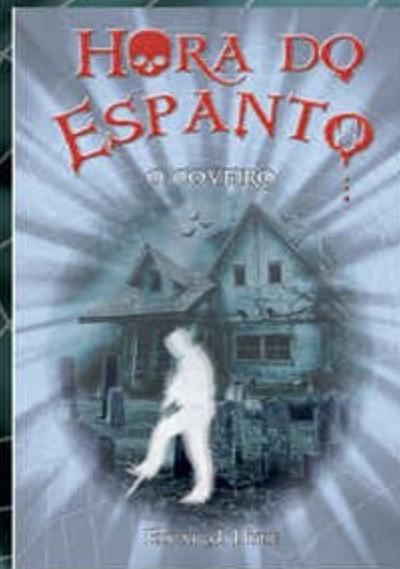


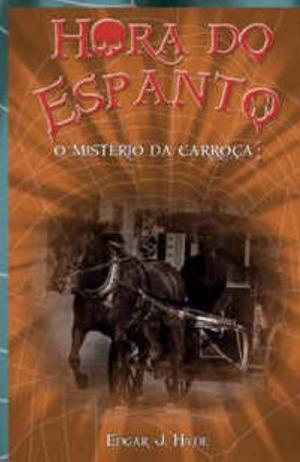
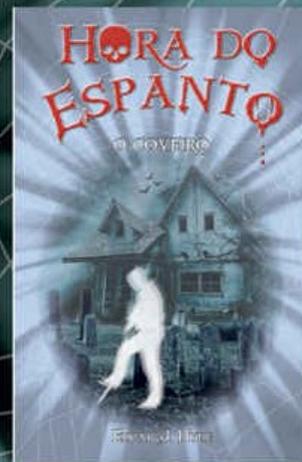
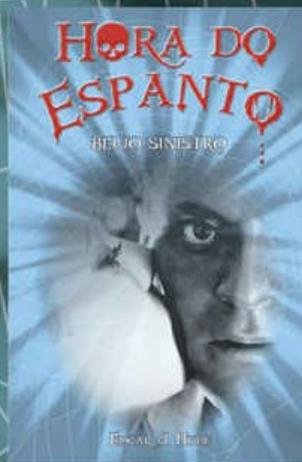
EDGAR J. HYDE

HORA DO ESPANTO



EDGAR J. HYDE

HORA DO ESPANTO





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



HORA DO ESPANTO

BEIJO SINISTRO



EDGAR J. HYDE

BEIJO SINISTRO

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

Beijo sinistro [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

112p.; ePUB ; 1,3MB.-(Hora do espanto)

ISBN 978-65-5500-722-0(Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-868

CDD 028.5

CDU82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior-CRB-8/9949

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 82-93

© 2015 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Cold Kisser*

© 2015 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 1

Tommy McDonald era o que seus colegas de classe chamavam de “um cara comum”. Ele não andava com os caras fortões, e as garotas não faziam fila para marcar encontros com ele.

– Tenho só 13 anos! Tenho tempo de sobra para essas coisas – ele retrucava quando era provocado por pessoas como George Borden.

George também tinha apenas 13 anos, mas já havia beijado cinco garotas! No mínimo! Pelo menos era o que ele dizia.

– Alguém testemunhou esses beijos, George? – Tommy questionava.

– Se alguém testemunhou? Eu prefiro beijar garotas em particular, e não com um monte de gente assistindo e aplaudindo!

– Bem, como vou saber se você não está inventando essa história toda?

– É só perguntar para a Lisa, ou a Lynsey, ou a Jane... Preciso continuar?

– Tudo bem, tudo bem – Tommy respondia, sabendo perfeitamente que jamais perguntaria à Lisa, à Lynsey ou a qualquer outra garota se ela havia sido beijada por George.

Tommy sentia-se deslocado, e a confiança de George com as garotas fazia que Tommy se sentisse infantil quando comparado ao amigo.

Tommy estava com medo da festa de fim de ano. Seria o primeiro baile de comemoração (se é que essa é a palavra certa) de fim de ano escolar de Tommy no intimidante colégio Moorbourne High School.

Por ser um cara tranquilo, Tommy deixava todas as brincadeiras de mau gosto para os outros meninos da classe. Ele assistia, com pouco interesse, às

suas brigas e tentativas de impressionar (ou até mesmo beijar) as garotas. Também observava os esforços das garotas e dos garotos mais chucros para ver quem conseguia ser o mais insolente com os professores. Alguns desses alunos pareciam achar que a escola servia para cada um dar o melhor de si com o objetivo de não aprender nada e atrapalhar a aula para que ninguém mais aprendesse nada.

Tommy preferia trabalhar duro: até fazia lição de casa e passava nas provas! Os outros meninos sempre se perguntavam o que havia de errado com ele. Felizmente, Tommy tinha quase 1,80 metro de altura, apesar de ter apenas 13 anos de idade.

Nas poucas ocasiões em que um dos caras fortes, como Ronnie Ryan, começou uma briga com ele, Tommy brigou para valer. Apesar de ele ter perdido as poucas brigas em que se envolveu, os valentões da escola por fim decidiram que ele era problema e que não valia a pena provocá-lo.

Tommy não era o mais inteligente da classe. Precisava trabalhar duro para tirar boas notas, e trabalhava duro mesmo. Ele queria ser repórter de um grande jornal quando terminasse a escola e sabia das qualificações necessárias para essa profissão. Brigar, importunar garotas, tomar advertências; isso era para babacas como Ronnie Ryan. Nada desviaria Tommy do seu objetivo de vida. Nada.

Tommy morava a apenas um quarteirão da escola. George Borden era seu vizinho mais próximo, mas o pai dele tinha conseguido um emprego novo e havia se mudado com a família para um bairro mais afastado. Agora, George era um dos garotos que iam de transporte escolar para a escola, e isso lhe dava bastante tempo para conversar com Tommy depois das aulas, quando eles se sentavam lado a lado para fazerem as lições da aula de Redação.

– George – disse Tommy depois da aula de Redação, certo dia –, você devia virar ventríloquo quando se formar.

– Por quê?

– Porque você não parou de falar durante toda a aula de Redação. Tenho certeza de que a professora Gray escutou a sua voz, mas em nenhum momento viu seus lábios se mexerem.

– Claro que não! – exclamou George, com orgulho. – Pratico toda noite na frente do espelho, enquanto você está fazendo a lição de casa, eu suponho!

– Como assim?

– É que eu nunca vejo você se preocupar com nada além de redação. Você nunca sai para passear depois da escola. Sempre passa os intervalos na biblioteca. Você devia viver o presente, não o futuro, assim eu não teria que falar o tempo todo. Você teria assuntos que valem a pena.

– Coisas do tipo: beijar garotas, jogar futebol depois da aula... Legal, né? Você nunca se preocupa com o futuro nem com o que vai fazer depois da escola? – questionou Tommy.

– Claro que sim, depois da escola vou levar a Meg Allen ao parque – respondeu George.

– Não é isso, eu quero dizer depois de se formar, quando você tiver 16 ou 18 anos, quando finalmente crescer, o que vai fazer? – Tommy insistiu.

– Vou ser ventríloquo! E como você não terá nada de útil para dizer, você se tornará o meu boneco!

Tommy encarou George, que resolveu se afastar.

– Até amanhã, Tommy... – disse George enquanto corria para pegar o ônibus escolar para casa. George estava rindo e ficou difícil Tommy não rir também.

– Até amanhã, seu maluco! – Tommy gritou.

Capítulo 2

– Atenção! – gritou a professora Sharpe em meio ao barulho que os alunos da classe 1B faziam ao tomarem seus assentos.

Tommy sentava-se sozinho, e havia um lugar vago ao seu lado na sala. Os lugares eram dispostos assim: três colunas compridas de carteiras estendiam-se da frente para os fundos da sala de aula. Cada coluna possuía cinco carteiras duplas, uma atrás da outra. Assim, muitos alunos sentavam-se ao lado de um menino ou uma menina. Tommy sentava-se na carteira do meio, na fila próxima às janelas grandes. A carteira dupla atrás dele ficava totalmente vazia, e Ronnie Ryan sentava-se na carteira atrás dessa carteira vazia.

Ronnie era considerado tão má influência que se sentava sozinho na maioria das aulas, sempre no fundão. A maioria dos professores parecia ter desistido dele e achava melhor que ele ficasse o mais distante possível das atividades de ensino. Sem perceberem, os professores apenas deram ao Ronnie uma ótima oportunidade para arremessar bolinhas de papel. Ronnie retirava a carga da caneta esferográfica e colocava a ponta mais fina na boca, e na outra ponta ele punha uma bolinha de papel amassado, que ele chamava de bala. Em quase todas as aulas, os alunos dos quais Ronnie não gostava, e que eram a maioria deles, sentiam um leve peteleco na nuca. Todos sabiam que a causa do incômodo era Ronnie com suas bolas de papel. Mas a lei do silêncio que existia em todas as salas de aula e impedia qualquer colaboração com os professores sempre funcionava. Assim, os professores não sabiam dessa malcriação particular de Ronnie.

– Atenção... – repetiu a professora Sharpe, elevando o tom de sua voz estridente. – Quero que façam silêncio já!

Aos poucos, os ruídos e os murmúrios foram cessando, e a professora Sharpe conseguiu falar. Os alunos então repararam numa bela garota em pé ao lado da professora Sharpe, perto da lousa. Ela parecia um pouco nervosa, obviamente esperando para ser apresentada.

– Antes de fazer a chamada, gostaria de apresentar a aluna nova. Ela é Sally Anne Dickens.

Alguns assobios partiram dos garotos que estavam na sala. A garota chamada Sally Anne Dickens corou. Seu rosto rosado contrastava intensamente com os belos cabelos lisos e loiros, que iam até a cintura. Ela era muito alta, mais alta do que qualquer outra garota da classe, com certeza. Estava impecavelmente bem-vestida e tudo nela revelava seu porte de moça. Mas Tommy percebeu que a garota estava muito envergonhada e que ela provavelmente queria estar sentada despercebida numa carteira, e não constrangida em pé diante da classe como uma aluna nova, algo terrível para todos, acreditava Tommy, principalmente para uma pessoa tímida!

Tommy percebeu que sentia atração por Sally Anne. Que garoto não sentiria?

A professora Sharpe terminou a apresentação e, em seguida, pediu para Sally Anne sentar-se numa carteira vazia.

O coração de Tommy bateu mais rápido quando ela se dirigiu (pensava ele) para a carteira vazia atrás dele.

“Essa não!” – pensou Tommy. “Sente-se em outro lugar, por favor!”

Embora Tommy sentisse que aquela era a primeira garota que realmente o encantava, ela o deixou tão nervoso que ele desejou que ela se sentasse em qualquer outro lugar.

Tommy tentou não reparar nela conforme ela se aproximava de sua carteira, cada vez mais perto. Ele estava com a cabeça abaixada, fingindo estar concentrado, mas notou que ela seguia em direção à carteira dele. Tommy esperava que ela continuasse andando até a carteira de trás, mas ela parou. Foi quando ele percebeu que Sally Anne olhava para o assento vago ao lado dele!

Com certeza ela escolheria sentar-se sozinha na carteira dupla, em vez de compartilhar uma carteira com Tommy. Afinal de contas, ele era um estranho! Mas ela continuou em pé ao lado dele. Ele sentiu o espanto total da classe inteira quando todos viram onde Sally Anne iria se sentar. Então, ela disse:

– Com licença.

Tommy, com a cara vermelha feito tomate, olhou para cima e gaguejou:

– Po-pois não?

– Tem alguém sentado aqui? – ela perguntou educadamente.

– Ahn...

– Não, Sally Anne – interrompeu a professora Sharpe. – Não tem ninguém sentado aí. Tenho certeza de que o Tommy vai tirar a mochila dele dessa cadeira para você, não é mesmo, Tommy?

– É claro! – respondeu Tommy, tentando se recuperar do constrangimento. – Claro, por favor, sente-se.

Ele puxou a mochila, que não estava fechada direito. Assim, todos os seus livros, as suas canetas, as suas réguas, os seus compassos e os seus transferidores se espalharam pelo chão, e ele teve que se curvar sob a carteira para recolher tudo.

Foi então que ele escutou George gritar da frente da sala de aula:

– Ele está olhando embaixo da saia dela!

A classe explodiu em gargalhadas. Tommy suava, vermelho como um extintor de incêndio, muito irritado. Ao ouvir a piada constrangedora de George, ele tentou se levantar rapidamente, esquecendo-se de que estava sob a carteira. A forte batida da cabeça de Tommy na carteira produziu uma nova série de risadas escandalosas de seus colegas de classe.

– Basta! – ordenou a professora Sharpe, tentando não rir. – Sinceramente, Tommy, você não pode fazer isso depois?

Tommy desejou que o chão se abrisse embaixo dele e o engolissem imediatamente. Mas as risadas acabaram cessando. Sally Anne sentou-se ao lado dele.

“Por que eu?” – pensou Tommy. A professora Sharpe voltou para a sua mesa para fazer a chamada. Sally Anne não parecia nem um pouco envergonhada. Talvez ela estivesse agradecida pelo fato de Tommy ter involuntariamente roubado o espetáculo, desviando a atenção para longe dela. Mas Tommy não teve dúvidas de que ela olhou e sorriu para ele quando se sentou.

Foi a primeira aula do ano da qual Tommy não conseguiu se lembrar direito. Pela primeira vez, ele não escutou nenhuma palavra. De fato, quando o sinal tocou, anunciando o final da aula, Tommy parecia em estado de choque. Era como se ele não estivesse lá.

Capítulo 3

– Como ela é, Tommy? – murmurou George na aula de Redação no fim do dia, em seu melhor estilo de ventríloquo. Mas não obteve resposta.

– Fala sério, ela é demais, não é? – ele insistiu.

Novo silêncio.

– Ok, vamos tentar novamente. Tommy, o boneco mudo, não tem nada para dizer. A garota mais bonita da escola resolve sentar perto dele e, ainda assim, ele continua sem nada para dizer. Será que vou ter que fazer esse papel também, Tommy? Ora essa, George... – disse George, imitando a voz grossa de Tommy – como você pode ver, estou cheio de magnetismo animal, as garotas não conseguem resistir a mim!

– Cala a boca, George – Tommy repreendeu-o, irritado.

– Brincadeira, Tommy. Mas vou dizer uma coisa: ainda bem que você não está interessado em beijar a Sally Anne, porque senão teria que enfrentar uma fila de um quilômetro, e eu sou o primeiro! – disse George, rindo sem mover os lábios. Tommy não respondeu.

Tommy não foi à biblioteca no intervalo daquela manhã. Em vez disso, ele decidiu procurar Sally Anne. Não para falar com ela, ele não era tão valente assim, mas só para olhar para ela. A garota era linda, não saía do pensamento dele.

Quando George viu Tommy no intervalo, parou de jogar futebol para falar com ele.

– Tudo bem, Tommy? – perguntou.

– Claro, por que não estaria? – Tommy respondeu, enfático.

– Tudo bem, tudo bem, é só que você parece meio perdido.

Eles viram Sally Anne conversando com algumas garotas da classe na fila da lanchonete.

– Vamos lá nos apresentar – disse George, caminhando em direção a Sally Anne.

– Como assim? O que vamos dizer? – perguntou Tommy, nervoso.

– Você vai dizer aquilo que você é bom em dizer: nada. Quando se trata de garotas, você é um boneco, lembra? – provocou George.

Será que George queria marcar um encontro entre Tommy e Sally Anne? Será que ele teria um superplano para reunir aquelas duas almas gêmeas? Era o que Tommy se perguntava. Almas gêmeas, Tommy pensava se essas coisas realmente existiam. Quanto mais ele pensava em Sally Anne, mais dizia para si mesmo: “Tudo bem, eu estou interessado em garotas. E agora?”

Conforme eles se aproximavam do grupo de garotas que incluía Sally Anne, Tommy sentia os nervos à flor da pele. Agora que ele tinha admitido que gostava dela, tudo o que precisava fazer era falar com ela, caramba! Ele estava em pânico.

– Você fala, gênio – ele implorou ao George.

– Tudo bem, deixa comigo.

George não fazia ideia de que Tommy estava a fim de Sally Anne. George falaria porque ele estava a fim de Sally Anne também.

– Consigo arrumar um lugar para você do meu lado na classe, se você quiser – ele disse para Sally Anne.

– Não, obrigada – ela corou, espantada com o descaramento de George.

– Tudo bem, mesmo.

Tommy gelou. Seu melhor amigo, seu único amigo de verdade, estava falando com sua garota.

– É sério – George insistiu. – Vou prender o Jimmy Leach, que senta ao meu lado, no banheiro. Você e eu temos muita coisa para conversar, querida.

Sally Anne achou graça. É claro que George era charmoso e inofensivo. Mas, na verdade, ela queria que Tommy tomasse a iniciativa, já que ela havia se sentado ao lado dele na primeira aula. Ela havia reparado nele no meio da multidão quando se juntou à classe naquela manhã. Tommy era tão alto quanto ela, que se incomodava quando precisava olhar para baixo, para garotos como George. Sally Anne sentia-se mais velha por conta disso. Afinal de contas, ela tinha apenas 13 anos.

Mas Tommy não fazia ideia do que ela pensava.

E, como Tommy ficou calado, Sally Anne achou que ele não tinha interesse. Só estava lá para dar uma força a George, ela pensou.

– Posso pagar um almoço para você algum dia? – disse George na sua melhor interpretação de galã.

– Se você pode pagar um almoço para mim? – ela repetiu, admirada. E continuou: – Só se for num restaurante muito chique...

– Não, infelizmente não! – George se esquivou. Afinal, era ele que devia fazer as piadas. – Que tal dividirmos os meus lanches na hora do almoço?

– Só se forem de caviar e salmão defumado – ela brincou.

– Ótimo! – disse George. – Vou trazer champanhe, ou melhor, refrigerante, como é conhecido nestas bandas!

– Meio-dia e meia no salão? – ela perguntou, quase desinteressada.

– Combinado.

– Até mais tarde então, esbanjador – ela riu.

– É assim que se faz – George sorriu malicioso quando viu Tommy olhando para ele. – Alguma coisa errada, meu chapa? Não quer aprender a pegar garotas? Eu nem vou cobrar a aula!

George já havia apanhado algumas vezes. O punho de Ronnie Ryan tinha acertado em cheio o queixo dele. Às vezes, George podia fazer piadas sem problemas, outras vezes não. Naquele dia, quando foi ao chão assim que o soco de Tommy acertou seu rosto, ele percebeu que havia passado dos limites.

– Levante-se – ordenou Tommy.

Ao perceber que Tommy pretendia acertá-lo de novo, George se lembrou, entre outras coisas, de que sua própria altura não passava de 1,5 metro. Ele retrucou: – Está brincando, certo?

– De pé! – disse Tommy, ameaçando-o. – Talvez você precise de uma aula de boxe. Talvez você não seja tão esperto assim.

O rosto de Tommy estava vermelho. Ele estava com muita raiva ao gritar com George no chão.

Claro que a notícia da explosão de ira do Tommy logo se espalhou pela escola.

George não conversou com Tommy no dia seguinte na aula de Redação. De fato, Sally Anne sentou-se atrás de Tommy na primeira aula naquela manhã depois de olhar com desprezo para ele.

“Aposto que falaram um monte de mim” – pensou Tommy. Ele estava envergonhado de ter batido em George. Mas, principalmente, estava envergonhado porque não teve coragem de falar com Sally Anne.

Por isso, foi Tommy quem quebrou o silêncio quase no fim da aula de Redação.

– Bem, o beijo dela atende aos seus padrões? – Tommy perguntou com ironia.

– O quê? – replicou George, confuso.

Tommy percebeu o inchaço no rosto de George e lamentou o que havia acontecido no dia anterior.

– George, não sei o que deu em mim ontem.

– Do que você está falando, Tommy?

– Quando soquei você...

– Ah, isso? – respondeu George, como se estivesse pensando em outra coisa. – Não foi nada, Tommy. Não queria ser inconveniente, mas sei que sou, às vezes.

– Achei que não estava falando comigo por causa da nossa briga de ontem – disse Tommy.

Houve uma longa pausa antes de George cochichar:

– Nada disso. É que eu beijei a Sally Anne.

– Nossa! – exclamou Tommy tão alto que a professora Gray ouviu.

– Nada de conversas, Tommy – ela advertiu. – Além de não ter feito a lição de casa ontem à noite e de ficar brigando no intervalo, você ainda vai tirar a atenção de George? Francamente! O que há de errado com você ultimamente? De volta ao trabalho.

– Não quero saber de beijá-la novamente – disse George, sussurrando.

– Por que não? – perguntou Tommy.

– Já ouviu falar daquela aranha da América do Sul? Aquela que paralisa o macho com uma mordida e depois o mata? – pela primeira vez o tom de brincadeira de George parecia ter sumido.

– Eu... Sei lá!

– Pois bem, eu estava voltando com ela para a classe depois do almoço. A gente tinha acabado de dividir o meu sanduíche de carne...

– Claro, só para impressionar a senhora Champanhe... – retrucou Tommy.

– ... quando saquei que era a hora certa do beijo.

– Com toda a sua experiência, né? E olha que você também só tem 13 anos. Então você sacou o momento? O seu método científico de tomada de decisões deu errado, doutor George Borden?

– Não, era o momento certo. Mas... – George fez uma pausa.

– Mas o quê? – perguntou Tommy, agora muito interessado.

– Bem, foi meio apavorante.

– Não me diga que você ficou com medo, grande beijoqueiro.

George fez uma nova pausa.

– Pois é, foi o que aconteceu – ele disse.

O sinal tocou, anunciando o fim da aula. Assim que eles saíram, Tommy disse a George:

– Vamos dar uma volta por aí.

– E cabular a próxima aula?

– Isso! Quero passar essa história a limpo. Ando meio intrigado com essa garota – revelou Tommy.

Eles foram sentar-se perto da banca de jornal para tomar sorvete. Tanto George como Tommy sabiam que perderiam a aula de Artes e que teriam que arrumar uma boa explicação para isso.

– Então, George, conte sobre o tal beijo.

Mais uma vez, George hesitou.

– Bem, eu meio que... – ele procurou escolher bem a palavra certa – congelei.

– Congelou – repetiu Tommy. – Deixa de frescura...

– Não tem graça, Tommy. Eu cheguei e me aproximei. Ela pareceu achar uma boa ideia. Eu a beijei. Mas os lábios dela estavam gelados demais.

– Em pleno verão?

– Exatamente, mas isso foi só o começo. Os lábios dela não estavam gelados, estavam congelados! Deu um branco na minha cabeça. Eu não conseguia me mexer. Não sabia o que pensar. Não só os meus próprios lábios ficaram gelados, mas o ar ficou frio, e eu me lembro de ter achado que parecia que estava beijando um fantasma.

– Fantasma? – Tommy engasgou.

– Isso, fantasma. Quer dizer, não acredito nessas coisas, mas foi muito esquisito.

– Tem certeza de que não andou imaginando tudo isso? – perguntou Tommy, irônico.

– No começo, sim, porque na minha cabeça comecei a ver todo tipo de coisa de outra época.

– O que quer dizer com isso? – indagou Tommy.

– Esquece, é muito estranho, você não vai acreditar em mim.

Hesitante, Tommy sentou-se enquanto devorava seu picolé, distraído com a conversa maluca de George. Ele imaginava se devia deixar George saber do seu próprio segredinho. Um segredo, aliás, que ele não entendia muito bem, mas que, depois da história de George, estranhamente fazia sentido.

– Acredito sim em você – disse Tommy, quebrando o silêncio constrangedor.

– É mesmo? Se você me contasse essa história bizarra, não sei se acreditaria em você.

“Lá vai” – pensou Tommy, enquanto se preparava para contar a George seu segredo.

– Promete não contar para ninguém o meu sonho estranho? – perguntou Tommy.

– Claro!

– Bem, um dia antes de Sally Anne começar na nossa turma, tive um sonho com uma garota linda, e, quando vi Sally Anne, ela me lembrou demais essa garota. Achei que era a mesma garota, mas isso é impossível, não é?

– Prossiga... – George incentivou.

– No sonho, ela disse: “Estou voltando. Temos assuntos pendentes para resolver. Você tem que me deixar ajudá-lo”. Mas, sempre que eu perguntava no que ela poderia me ajudar, ela olhava assustada e perguntava se eu não me lembrava. No sonho, ela parecia alguém familiar para mim, mas eu não conseguia me lembrar de onde a conhecia. Inclusive, ela ficou ofendida com isso. Então, eu acordei implorando para que ela me dissesse. Não pensei mais naquilo, até vê-la no dia seguinte, supostamente pela primeira vez. Achei que era pura coincidência ela ser parecida com a garota do meu sonho.

– Sonho? – George interrompeu. – Pois foi assim que me senti quando a beijei, como se fosse um sonho.

Nessa hora, ambos pararam de falar. Eles viram Sally Anne caminhando em direção à banca de jornal.

Conforme se aproximou, ela sorriu para eles.

Assustados e confusos, os garotos sorriram de volta para ela, mas não conseguiram disfarçar.

– O professor Mendel está procurando por vocês dois – ela disse.

Capítulo 4

O professor Mendel era chamado de “professor Pincel” pelos alunos porque parecia mais apropriado a um professor de Artes. Ele também perdia a paciência com facilidade, então, as crianças às vezes o chamavam de “Pavio Curto”, porque ele se irritava rapidinho. Tinha só 42 anos, mas, para as crianças, qualquer pessoa que tivesse mais de 16 anos de idade já estava velha. Sendo assim, alguém com 42 anos era praticamente um ancião. Então, Mendel Pavio Curto era velho e assustador. Quando George e Tommy chegaram à aula faltando apenas dez minutos para o final, Pavio Curto já estava soltando fumaça em cima deles.

– Eu sou o responsável por vocês durante o horário em que vocês deveriam estar na minha aula! Se alguma coisa acontecesse com vocês, eu estaria em grandes apuros! – ele gritou.

– É justa a sua preocupação conosco, Pavio Curto, quer dizer, professor Mendel... – concordou George.

O professor Mendel ordenou que eles sentassem e não fizessem mais nada nos minutos restantes da aula.

– George... – cochichou Tommy.

– O que foi?

– Olhe o que a Sally Anne está pintando.

Alguns alunos da aula de Artes obviamente pintavam um ramalhete de flores.

– Espero que tenham gostado da aula sobre natureza morta – professor Mendel comentou.

– Ela parece morta mesmo para mim – gritou Ronnie Ryan, provocando muitas risadas.

– Se quiser continuar vivo, fique de boca fechada, Ryan! – rosnou o homem do pavio curto.

– Vou continuar muito vivo sim, professor Mendel. Afinal de contas, você explicou que é responsável pelo meu bem-estar enquanto eu estiver na sua aula – disse Ronnie, com ar de espertalhão.

– Exatamente, enquanto estiver na minha aula. Não mencionei nada que possa ocorrer fora da minha aula, certo? – retrucou o professor Mendel, ameaçador. Ronnie calou-se.

Assim que esse incidente sem importância acabou, George fez o que Tommy havia pedido antes e olhou o que Sally Anne estava pintando. Parecia ótimo. George ficou intrigado. Por que Tommy lhe pediria para olhar aquilo? Nenhum dos dois se importava muito com as artes.

– O que é que tem? – indagou George depois da aula de Artes, quando os alunos corriam para tomar ar fresco no intervalo.

– Como assim? – retrucou Tommy. – Não estranhou nada na pintura?

George pensou a respeito antes de responder.

– Bem, ela pintou um vilarejo, em vez daquelas begônias sem graça. Eu teria usado um tom de cinza mais suave para o céu – ele disse, irônico. Depois acrescentou: – Eu não entendo nada de pintura. O que era estranho?

– Estava terminada, não estava?

– Sim, e daí?

– Aliás, a pintura da Sally Anne era a única pronta da classe.

– Onde quer chegar, Tommy?

– Como ela poderia ter tempo para isso? Afinal de contas, ela não havia saído para nos avisar que o professor Mendel estava nos esperando?

– Sim, mas ela voltou antes de nós, lembra? Ela correu na nossa frente de volta para a aula – argumentou George.

– Mas a escola fica a uns dez minutos de caminhada da banca. E dez minutos de volta.

– O que está querendo dizer, Tommy?

– Ela ainda conversou com a gente, quer dizer, com você, durante quase cinco minutos.

– E ainda conseguiu voltar para a classe e terminar a pintura... – concluiu George.

– Exato, não daria tempo.

– A menos que ela fosse uma artista talentosa – arriscou George.

– Ela teria que ser melhor e mais rápida do que qualquer um. Como nós sabemos, Lucy Stevenson é de longe a melhor, concorda? – perguntou Tommy.

– É...

– Bem, nem ela terminou a tempo.

– Então a Sally Anne é boa em Artes, grande coisa – emendou George, sem qualquer interesse pela conclusão do raciocínio. – Vejo você amanhã.

George se despediu e correu para pegar o ônibus escolar para casa.

Tommy voltou para casa caminhando lentamente. Parecia intrigado, pela expressão estampada em seu rosto. Ouviu passos atrás de si. Quando olhou, viu surpreso que era Sally Anne tentando alcançá-lo.

– Oi, Tommy – ela disse.

Capítulo 5

– Espero que o professor Mendel não tenha assustado você – ela zombou.

– Agora consigo entender por que você e o George se deram tão bem: ambos têm o mesmo senso de humor – disse Tommy.

– E o que mais você acha que temos em comum? – ela perguntou, sentindo Tommy um pouco amuado.

– Nenhum dos dois é engraçado – disse Tommy, continuando a andar.

– Não precisa ser grosso, Tommy.

– De qualquer forma, eu não sabia que você voltaria a falar comigo. Achei que você ficaria ao lado do seu parceiro de beijo depois que eu bati nele.

– Entendo – ela disse, pensativa.

– Bem, cheguei – disse Tommy, parando no portão de sua casa.

– Não vai me convidar para tomar um café? – ela se ofereceu, rindo.

Tommy ficou surpreso.

– Por quê? – perguntou, curioso.

– Porque temos muito a conversar.

Tommy não conseguia se lembrar muito bem de tê-la convidado para entrar, mas lá estava ele, colocando leite no café dela, nervoso ao oferecer biscoitos. Porém, sentia-se muito à vontade com ela, sem entender o motivo. Então, ela foi direta com ele.

– Tommy, por favor, não conte para ninguém, mas eu sou uma bruxa.

Sentado, Tommy a observava tomar calmamente um gole de café.

– O café está uma delícia, Tommy. É do Brasil?

Tommy apenas observava.

– Não diga que não adivinhou... – ela disse.

Tommy então começou a rir. Rapidamente se controlou, mas com dificuldades para se conter.

“Não vou rir na cara dela” – ele pensou. “Ela pode realmente acreditar que é uma bruxa. Afinal de contas, o George acha que é comediante, o professor Mendel acha que é professor de Artes, e ela acha que é uma bruxa. Vivemos num mundo maluco e confuso, não é mesmo?”

Ela continuou a tomar o café em silêncio. Tommy ainda tentava segurar o riso.

– Esses biscoitos de chocolate são deliciosos, não é? – ela disse. – É uma dica de que vou querer mais um.

Tommy pegou alguns e passou a lata de biscoitos para ela por cima da mesa, dizendo:

– Só se você prometer que não vai ler a minha mão – e riu da própria piada.

Ela apenas pegou os biscoitos e sorriu.

– Não preciso ler a sua mão – ela disse.

– Vá em frente, então, cartomante. O que o futuro me reserva?

– Você é obcecado pelo futuro. Está sempre pensando em ser aprovado nos exames, entrar na universidade e conseguir um emprego de repórter. De certa maneira, já está vivendo no futuro. Provavelmente é capaz de adivinhar o próprio futuro sem a ajuda de gente como eu – disse Sally Anne.

– Então, não devo pensar tanto assim no futuro. É isso o que está me dizendo?

– Não fui eu quem disse isso, foi o George, não é mesmo? – Sally Anne retrucou.

– Isso mesmo, o seu amiguinho George, que você conhece há uma semana – disse Tommy, arregalando os olhos.

– Mas estou certa. É o que ele sempre diz, viva o dia de hoje. Estou errada? – ela perguntou, séria.

– Tudo bem, você está certa. E daí? Então, eu sou do futuro, George é do presente e você... Onde se encaixa?

– Não se esqueceu de nada? – Sally Anne perguntou de modo intrigante.

– Não sei, me fale você, vidente – retrucou Tommy, desinteressado.

– O passado – ela disse.

– O que quer dizer? – perguntou Tommy.

– O futuro é importante – ela disse. – Mas George também está certo. Você também tem que viver o presente, é importante da mesma forma.

– Você mais parece uma conselheira do que uma bruxa.

– Mas o passado – ela continuou, ignorando o comentário de Tommy – também é importante.

– Você quer dizer a infância e o resto. Por acaso você é algum tipo de psicóloga da escola?

– Sou uma bruxa, não esqueça. Estou falando de vidas passadas, não de épocas anteriores da vida atual – disse Sally Anne.

Nesse momento, Tommy não conseguiu se segurar e explodiu de tanto rir.

– Perdão, sinto muito – ele repetiu entre risos e gargalhadas.

Quando o riso de Tommy passou, Sally Anne lembrou-o da pintura que havia feito na aula de Artes do professor Mendel.

– Sou uma boa pintora, Tommy, não sou? – ela provocou.

– Mas isso não faz de você uma bruxa.

– Talvez eu seja a artista mais rápida da classe, talvez do mundo.

Tommy parou. A risada tinha sido substituída pelo silêncio. Por fim, ele disse:

– Tudo bem, admito que isso foi um tanto perturbador.

– E a história de o George me beijar não deixou ambos encafifados? – ela disse.

– Como sabe que ele me contou isso?

– Eu estava na aula de Artes ontem e imaginei onde vocês dois estavam. Então, senti que estavam conversando sobre mim. É sério, quero que você, e ninguém mais, saiba a verdade a meu respeito. Foi por isso que interrompi o papo de vocês perto da banca. O professor Mendel sequer percebeu que vocês não estavam na aula. Inventei aquilo para vocês voltarem para a classe e pararem de falar sobre mim. Temia que George adivinhasse algo próximo da verdade.

– A verdade? – perguntou Tommy. – Acho que não havia perigo de nenhum de nós adivinhar que você era uma bruxa.

– Talvez não – disse Sally Anne. – Mas ele disse que me beijar era como beijar um fantasma, não disse?

– Você não estava lá quando ele falou isso. Como ficou sabendo?

Tommy parecia assustado. Primeiro ela havia dito que sentiu que ele e George estavam perto da banca. Tudo bem, podia muito bem ter sido por acaso. Ela disse que sentiu que falavam sobre ela. Certo, ela havia beijado George um dia antes, então podia ser um belo palpite da parte dela. Mas agora ela lembrou ao Tommy que George havia comparado o beijo dela ao beijo de um fantasma. Era algo específico demais.

Sally Anne sentou-se calmamente e bebeu as últimas gotas de café da xícara.

– Então o que você é? Bruxa ou fantasma? – perguntou Tommy, em tom desafiador.

– Somos todos fantasmas, Tommy. Todos nós já vivemos antes. Retornamos para corrigir as coisas erradas que fizemos da última vez.

– Não é nisso que os budistas acreditam?

– Não é apenas uma crença budista. Mas não importa no que as pessoas acreditam – afirmou Sally Anne.

A mãe de Tommy vinha chegando pela porta dos fundos. Ele conseguia vê-la através da grande janela da cozinha, atrapalhada com várias sacolas de compras.

– No que você acredita, Tommy?

– Acredito no futuro, não no passado – disse Tommy, levantando-se para sair e ajudar sua mãe com as compras. Ele olhou de volta para Sally Anne, que colocava a jaqueta da escola. Tommy sorriu para ela.

– Um dia, Tommy, você verá que grande parte do que você chama de presente é apenas ilusão – ela disse. – Quem é capaz de dizer o que é real?

Tommy dirigia-se para a porta dos fundos quando ela disse isso. Ele estava ansioso para apresentar Sally Anne para a mãe, contanto que ela guardasse a conversa de bruxaria para si mesma.

– Oi, mãe – ele disse, pegando algumas sacolas dela. – Deixe eu ajudar você. A propósito, gostaria de apresentar minha nova colega de classe. Ela gostou do seu café – Tommy falou, animado.

Embora Sally Anne não fosse sua namorada, ele sentia que, com certeza, um dia ela seria.

– Ela? – perguntou a senhora McDonald, espantada.

– Sem gracinhas, mãe, é apenas uma amiga – ele cochichou quando eles entraram na cozinha.

Mas a mesa da cozinha estava vazia.

– Então? – disse a mãe.

– Ela estava sentada bem aqui. Acho que ela ficou nervosa com o fato de conhecer você e foi embora – disse Tommy, muito aborrecido com a grosseria de Sally Anne, mesmo estando com os nervos à flor da pele.

– Não se preocupe, filho – ela disse.

A mãe de Tommy começou a lavar o pires e a xícara de café que estavam na mesa e emendou:

– Achei que você gostasse desse café brasileiro.

– Mas eu gosto – retrucou Tommy.

– Então por que não tomou uma xícara? – a mãe perguntou.

– Eu tomei! – disse Tommy, intrigado.

– Bem, vocês só usaram um pires e uma xícara? Você e a sua namorada... desculpe, sua colega de classe... dividiram a mesma xícara? – indagou a senhora McDonald.

– Não, claro que não.

– Bem, se você tomou uma xícara e ela tomou outra, onde está a outra xícara? – a senhora McDonald parou, olhou para Tommy e continuou: – Não precisa inventar histórias, Tommy. Em breve você vai trazer garotas para casa. Não tente impressionar o mundo contando lorotas. Não havia nenhuma garota aqui, não é, filho?

Tommy estava pasmo.

– Como assim? Você acha que eu inventei tudo isso? Se eu quisesse inventar histórias impressionantes, diria que tinha assaltado um banco, ou

viajado até a lua. Mas tomar uma xícara de café com uma colega de classe, essa não! Você tem que acreditar em mim, ela estava bem ali.

Então, ele se lembrou de que ela havia comido alguns biscoitos de chocolate. – Veja, dê uma olhada nisso – ele disse, abrindo a lata de biscoitos. Para a sua surpresa, o pacote de biscoitos estava intacto.

– O que há de errado, Tommy? – a mãe perguntou.

– Nada – disse Tommy, contemplando o pacote de biscoitos cheio. – Acho que adormeci e tive um sonho.

Mas claro que ele sabia que não tinha sido um sonho.

Capítulo 6

Na primeira aula da manhã seguinte, Sally Anne sentou-se ao lado de Tommy.

– Tudo bem – disse Tommy. – Não tenho certeza se você é uma bruxa, um fantasma ou só está de brincadeira.

– O que quer dizer com isso? – Sally Anne perguntou, fingindo inocência.

– Que você venceu. Quero saber mais da sua história e do porquê de estar aqui.

– Do que está falando, Tommy? – ela perguntou, impaciente.

– De ontem: do caso do desaparecimento da xícara de café, da conversa de bruxa, do seu desaparecimento. Do que acha que estou falando? – disse Tommy, confuso.

– Ontem?

– Sim, ontem!

– Mas você não acredita no passado, não é, Tommy? Talvez eu nunca tenha ido à sua casa.

– Tudo bem. Sei que alguma coisa estranha está acontecendo. Você já fez a sua jogada, agora pode me dizer que jogo é esse?

– Está bem, Tommy, depois da aula – disse Sally Anne. – Se você voltar comigo para a minha casa, eu explico tudo.

– Devo ficar apavorado? – perguntou Tommy, sorrindo ligeiramente.

– Claro!

Tommy parou de sorrir.

Capítulo 7

No pátio, na hora do almoço, George notou que Tommy caminhava como se estivesse com a cabeça nas nuvens.

– Olá, sonhador! Pare de fingir que algo interessante está acontecendo dentro dessa sua cabeça oca – ele gritou para Tommy.

– Oi, George.

– Tommy, eu estava pensando a respeito do que você disse sobre a pintura da Sally Anne. É meio fantasmagórica, não é? – George arriscou.

Agora Tommy queria ser o único a saber do segredo de Sally Anne. Então, ele mentiu para George dizendo que havia resolvido o mistério da pintora mais rápida da história da escola.

– Bem, falei com Sally Anne ontem à noite.

– Ontem à noite? Quer dizer que se encontrou com ela fora da escola? – perguntou George, surpreso.

– Algum problema? Ela disse que já fez essa mesma pintura muitas vezes e que por isso consegue pintá-la tão rápido – Tommy revelou.

– Então, nenhum mistério? – perguntou George, parecendo pouco convencido.

– Nenhum.

– Bem, talvez você esteja certo, Tommy – George mostrou-se pensativo.

– Agora é você quem parece ter algo interessante dentro da cabeça – Tommy comentou.

– Você prestou atenção naquela pintura, Tommy? – perguntou George em tom de mistério.

– Não muito. Por quê? – perguntou Tommy, intrigado.

– Porque você está nela! – disse George.

George levou Tommy até a sala de artes imediatamente. O professor Mendel estava fazendo anotações numa caderneta. George bateu à porta.

– Entre – disse o professor Mendel, acrescentando –, se for preciso.

– Olá, professor. Importa-se de olharmos umas pinturas que o senhor colocou na parede esta semana? – George perguntou.

O professor Mendel costumava emoldurar pinturas recentes dos alunos e colocar os quadros na parede da sua sala. Não porque estivesse interessado, ou que admirasse seus talentosos alunos, mas para mostrar para a professora Lewis, diretora do Departamento de Artes, que seus alunos realmente faziam alguma coisa. Sem dúvida, ele acreditava que isso acontecia porque ele era um ótimo professor. A professora Lewis certa vez disse a ele que os alunos conseguiam fazer qualquer coisa independentemente das habilidades de ensino dele. Como não estava interessado no trabalho de seus alunos, ele quase não havia reparado no quadro de Sally Anne quando o colocou na parede no dia anterior.

– Então, você virou crítico de arte? – disse o professor Mendel, desconfiado.

– Não, nada disso, professor. Estou apenas procurando formas de melhorar o meu trabalho – disse George.

– E você precisa do jovem senhor McDonald para ajudá-lo? – perguntou o professor Mendel.

– Não – disse Tommy –, também quero melhorar o meu trabalho.

O professor Mendel olhou intensamente para os dois garotos e se lembrou da professora Lewis dizendo que estava desapontada porque ele

não incentivava seus alunos a se interessarem por artes. Tendo isso em mente, ele disse:

– Tudo bem, mas não façam nenhum barulho nem demorem muito.

Tommy observou o quadro. Era de um vilarejo antigo. Parecia uma cena de um livro de Charles Dickens. Havia uma fábrica feia em segundo plano e um garoto e uma garota numa carroça puxada por um cavalo de aparência muito envelhecida. Essa carroça parecia transportar carvão. Era um quadro bastante sombrio, com o céu nublado, cores escuras e pessoas carrancudas.

– Repare no garoto na carroça – disse George.

Era um verdadeiro sócia de Tommy. Mas Tommy olhava para a garota na carroça. Era a cópia de Sally Anne. O garoto e a garota eram as únicas pessoas que sorriam no quadro.

– O lugar parece bem familiar – disse Tommy.

– Ela deve ter uma queda por você – disse George.

– Silêncio! – disse o professor Mendel.

– Vamos comer alguma coisa, George – disse Tommy.

Capítulo 8

– Não vai comer as batatinhas? – George perguntou.

Foi a primeira conversa entre George e Tommy desde que eles tinham visto o quadro. Tommy sentou-se, mergulhado em pensamentos profundos, na mesa deles no refeitório.

– É um quadro tão familiar – disse Tommy por fim.

– Claro! Você o viu na aula de Artes outro dia – disse George.

– Não, não o quadro – disse Tommy. – Quero dizer, a cena como um todo. Parece que já estive lá antes. A fábrica, o vilarejo, tudo parece tão familiar.

– Talvez você tenha visto num livro ou algo assim, ou então...

– Claro, foi no sonho!

– Qual sonho? – perguntou George.

– O sonho que tive na noite anterior ao dia em que Sally Anne chegou na nossa classe.

– Ah, esse sonho – disse George.

– É claro! – retrucou Tommy. – Foi muito estranho. Ainda não faz sentido para mim. Não consigo me lembrar do sonho muito bem, mas no instante em que vi a Sally Anne, tive certeza de que a reconheci. E agora esse quadro... Talvez a gente tenha vivido antes!

– Vivido antes? O que quer dizer com isso?

– Nada! Quem sabe? Vou perguntar a ela hoje à noite.

– Hoje à noite? – George agora se irritou. – Como assim hoje à noite?

Ah, esquece, o que você quer dizer com “vivido antes”? Sabe, Tommy,

talvez haja mesmo alguma coisa interessante acontecendo na sua cabeça!

– Falo com você a respeito disso amanhã, isto é, se fizer algum sentido – disse Tommy.

Tommy ficou calado pelo resto do dia. Quase não escutou George dizer “até amanhã” antes de pegar o ônibus escolar para casa naquele final de tarde. Tommy estava muito intrigado com Sally Anne, vidas passadas, o quadro, bruxas, fantasmas e um monte de coisas.

Entretanto, o que Tommy não sabia era que George tinha ficado sentado no pátio da escola parecendo totalmente ausente depois de beijar Sally Anne.. Por quê? Porque, além de sentir que beijava um fantasma, ele sentiu como se tivesse sido transportado de volta no tempo. Na verdade, ele parecia ter entrado num transe hipnótico, pois lembrava nitidamente do vilarejo, da fábrica, do velho cavalo cansado, da garota na carroça. Em outras palavras, quando George beijou Sally Anne, ele parecia ter sido transportado de volta no tempo, para a cena que Sally Anne pintou na aula. George achava que tinha sido sua imaginação. Mas, depois de ter visto a pintura, ficou muito apavorado. Porém, durante o transe, ele não reparou em ninguém sentado ao lado da sócia de Sally Anne na carroça do quadro. George lembrava dela carrancuda e sozinha. Fora esse único detalhe, o quadro era uma réplica exata da cena que ele lembrava do transe.

Claro! George, o bom e velho George, não era o tipo de cara que levava a sério transe e coisas assim. Mas ele sentia que havia alguma coisa acontecendo. Até mesmo Tommy, o supersensível Tommy McDonald, achava que o quadro era familiar. – “Mas de onde Tommy reconhecia aquele quadro? Apenas do sonho?” – pensou George. Parecia mais do que isso. George decidiu agir como se não estivesse tão interessado na história

toda. No entanto, ele estava secretamente fascinado por tudo aquilo e mal podia esperar para saber o que Tommy diria no dia seguinte.

Capítulo 9

Sally Anne se enfiou atrás de Tommy nos portões da escola e de repente gritou:

– Peguei você!

– Minha nossa! – Tommy berrou.

Então ele percebeu que era apenas Sally Anne brincando.

– Você continua sem graça – ele disse, seco.

– Ora! Anime-se, jovem ranzinza. E ande logo, ou vamos perder o trem!

– ela disse, apressando-se.

– Trem? – gritou Tommy atrás dela.

– Isso, venha, não moro nesta parte da cidade! – ela chamou Tommy novamente.

“Se ela não mora nesta parte da cidade, por que frequenta esta escola?”

– Tommy pensou.

Eles pegaram o trem bem na hora. Sally Anne mostrou seu passe de trem de estudante ao fiscal, que pareceu desanimado demais para verificá-lo direito.

– Você falou antes que eu deveria ficar apavorado – disse Tommy, não totalmente convencido de que deveria.

– Bem – ela respondeu –, isso depende se você tem a mente aberta.

– Como assim? – perguntou Tommy.

– Não sei se você está pronto ou não, mas vamos lá. Observe isto.

Sally Anne levantou-se no trem e andou até a porta do vagão.

– Com licença, pessoal. Atenção, gente – ela gritou. – Escutem, por favor.

Tommy ficou tão envergonhado que afundou no banco em que estava sentado. Sally Anne continuou.

– Gostaria de cantar uma música para vocês.

E ela começou a cantar: “*She loves you, yeah, yeah, yeah*”, o refrão de uma antiga canção dos Beatles. E ainda por cima dançou! Então, ela subiu num assento vago perto de um respeitável, mas muito mal-humorado senhor de meia-idade. Ela batia palmas e cantava a plenos pulmões.

Tommy estava inquieto. Fechou os olhos e fingiu dormir. Sally Anne percebeu e resolveu chamar a atenção para ele.

– Ouçam todos mais uma vez. Tenho uma notícia escandalosa para dar a vocês. Estão vendo ali, naquele assento? – Tommy sabia que ela estava apontando para o assento dele. – Ali está sentado Tommy McDonald, que nunca beijou uma garota, nenhuma.

“Fique quieta! Por favor, cale a boca!” – Tommy disse mentalmente, perguntando-se o que tinha acontecido com Sally Anne.

Nervoso, ele olhou ao redor, esperando que todos no vagão o encarassem. Para sua surpresa, tudo estava como antes. Ninguém se mexeu. Aliás, todos continuavam a fazer exatamente o que faziam antes de Sally Anne começar sua cena. Na verdade, parecia que Sally Anne era invisível para eles! Ele se levantou e disse:

– Sally Anne...

Mas, antes que pudesse continuar, quase todos no vagão olharam para ele sozinho, em pé, falando o nome de uma garota!

– Ninguém pode me ver nem ouvir – Sally Anne gritou.

– Mas eles me ouvem! – disse Tommy sem pensar. E, claro, os demais passageiros olharam mais uma vez para ele, achando que se tratava de um doido.

– Sim, eles podem ouvi-lo muito bem. Mas não a mim. Veja só!

Sally Anne falou com ar de travessura e foi até um senhor careca:

– Olá, carequinha, cadê o seu cabelo?

Mais uma vez, Tommy não pensou e deixou escapar:

– Sally Anne! Pare com isso! A falta de cabelo não é culpa dele!

O idoso sem cabelo encarou Tommy.

– Está falando de mim, rapazinho?

– Não, não, claro que não – Tommy negou.

Outro careca que estava mais adiante no vagão levantou-se furioso:

– Bem, nesse caso, o jovem insolente deve estar falando de mim.

– Não, não, desculpe, foi um engano. Sinto muito.

Agora Tommy estava realmente confuso.

– Bem, então ele deve estar falando de mim – disse outro homem, tirando o chapéu e mostrando a careca reluzente.

Era um pesadelo. Todos os três carecas se levantaram e começaram a se aproximar lentamente de Tommy.

– Você precisa aprender uma lição, seu moleque atrevido – disse um deles.

– É sério, foi um engano. Eu não estava falando de nenhum de vocês – ele implorou, afastando-se dos homens que avançavam.

– Nesse caso, você deve estar falando de mim! – disse a voz de um quarto homem com cabelo. Ele levou as mãos à cabeça e arrancou o cabelo. Era uma peruca! Ele também era careca!

– Como sabia que era peruca, rapaz? Você é espião? – perguntou o quarto homem.

“A coisa está ficando cada vez pior” – pensou Tommy.

– Como eu saberia que você é careca? Como assim, espião? Sally Anne? – Tommy chamou.

De repente, o trem parou. Não estava perto de nenhuma estação. Estranhamente, todos os passageiros estavam novamente sentados. O homem de peruca estava com a peruca no lugar. O careca de chapéu estava com o chapéu intacto. Ambos liam jornais como se nada tivesse acontecido. Tommy voltou a sentar-se e se perguntou se tudo não passava de um sonho, um transe.

O trem voltou a se movimentar. Sally Anne apareceu sentada ao lado de Tommy. Tudo o que ele escutava agora era o barulho do trem trepidando ao longo dos trilhos.

– Isso realmente aconteceu? – Tommy perguntou a Sally Anne.

– Sim – confirmou Sally Anne.

– Mas por que eles... – Tommy olhou para todos sentados como se nada tivesse acontecido.

– Eles não se lembram – interrompeu Sally Anne.

– Eles não se lembram? – repetiu Tommy, incrédulo.

– Não se lembram de nada – respondeu Sally Anne.

– Como é possível? – perguntou Tommy.

– Eu os hipnotizei. Está começando a acreditar em mim, que sou uma bruxa?

– Estou começando a perder a cabeça – respondeu Tommy, completamente desorientado. – Como vou saber se você também não me hipnotizou e nada disso aconteceu?

– Boa pergunta. Você vai ter que confiar em mim.

O trem entrou na estação em uma parte da cidade que Tommy não conhecia.

– Onde estamos? – Tommy perguntou, tentando se recuperar do choque provocado pelo fantasmagórico incidente no trem.

– Estamos no vilarejo onde moro – disse Sally Anne.

– Nunca estive aqui antes – afirmou Tommy.

Ela olhou para ele e sorriu.

– Tem certeza de que nada lhe parece familiar? – ela perguntou.

Tommy olhou ao redor, procurando reconhecer alguma coisa. Lembrava-se vagamente do traçado geral da rua principal, mas todos os vilarejos tendiam a ser um pouco parecidos.

– Não, acho que não – ele disse.

– Mas devia. Você nasceu aqui – revelou Sally Anne.

– Mas eu nasci em Belldale, que fica a centenas de quilômetros daqui – ele disse.

– Talvez na vida atual. Porém, na vida anterior, você nasceu aqui.

– Não acredito em nada disso, é muito absurdo.

– Ora, realmente! Tenho certeza de que você acredita num monte de coisas absurdas.

– Do tipo?

– Você acredita no futuro. Acredita que será jornalista, que será aprovado nos exames e em muitas outras coisas – ela insistiu.

– Então! Eu sei para onde vou, do mesmo jeito que muita gente – Tommy afirmou. – O que há de errado nisso?

– Eu não disse que havia algo de errado nisso. Mas, se você acredita no futuro, por que não no passado? Quer mais provas?

Tommy pensou na cena do desaparecimento dela em sua casa, e na viagem de trem. Mas, embora essas coisas o assustassem, ele não tinha certeza de que Sally Anne era uma bruxa. Ela podia ser apenas uma garota confusa sem nada melhor para fazer. Mas por que ela havia cismado com ele?

“Por que eu?” – ele pensou.

– Tudo bem, se você quer apresentar mais provas, mande brasa, dê o pior de si – ele desafiou, embora estivesse um pouco apreensivo.

Sally Anne ficou decepcionada e, então, depois de pensar por um tempo, disse:

– Está bem, observe isto.

Sally Anne levou as mãos ao rosto de Tommy, segurou-o por um instante e o beijou.

Tommy não teve tempo para reagir e, antes que percebesse, sua cabeça girava. Sally Anne recuou e Tommy abriu os olhos, mas ele se espantou ao notar que estava num cenário muito diferente. Não conseguia acreditar no que via. Ele estava no mesmo lugar, mas havia cartazes na vitrine de uma loja nos quais estava escrito “Padaria Rolwell”, além de outras coisas, e todos na rua usavam roupas fora de moda, muito antiquadas, da época vitoriana, na verdade. Ele começou a sentir cheiros bastante estranhos. Então, percebeu que não existiam carros, apenas carroças puxadas por cavalos. Reparou ainda que a estrada não era asfaltada, era de terra, como num velho filme de faroeste. Os barulhos eram de cavalos trotando, carroças circulando e cocheiros estalando chicotes. Era como se ele tivesse voltado no tempo! Então, ele olhou para Sally Anne e viu que ela usava o mesmo vestido fora de moda que ele se lembrava de ela ter pintado na aula

de Artes do professor Mendel. Ele ficou perplexo. Sua mente tentava entender o que estava acontecendo.

– Acorde – ele dizia em voz alta para si mesmo. – Acorde, Tommy!

– Você está acordado! Mais acordado que o normal. O que você considera acordado não é tão acordado quanto isto. Isto é real, Tommy! – afirmava Sally Anne.

Ele olhou ao redor e imediatamente reconheceu a velha fábrica da pintura. Na verdade, ali tudo era exatamente igual à pintura. De repente, Tommy percebeu que usava roupas diferentes. Ele estava vestido exatamente como o garoto na pintura de Sally Anne, com a mesma boina na cabeça, a mesma calça marrom com suspensórios, a mesma camisa branca listrada sem colarinho.

– Não pode ser real! Não pode ser! Não pode ser!

Tommy começou a sentir que estava adormecendo.

– Não pode ser, não pode ser, não pode ser... não pode...

Capítulo 10

– Acorde, Tommy, acorde – a senhora McDonald sacudiu o filho.

– Não pode ser – ele continuava murmurando para si mesmo.

– Acorde, filho – insistiu a mãe.

Tommy abriu os olhos, mas estava difícil acordar.

– Onde estou? – ele murmurou, totalmente confuso.

– Na sua cama! Onde mais estaria? Levante, depressa! Você vai se atrasar. Vamos, Tommy, você não é assim. Onde anda com a cabeça nos últimos tempos? – perguntou a senhora McDonald.

– Gostaria de saber... – disse Tommy.

– O que disse?

– Nada – ele respondeu, sonolento.

“Será que Sally Anne, a garota que senta do meu lado na escola, é realmente uma bruxa?” – Tommy pensou.

Como ele foi parar na cama na noite passada? Mais diretamente ao ponto, como ele chegou em casa? Teria sido um sonho? Afinal de contas, ele havia sonhado com Sally Anne antes.

Enquanto se vestia, pensando nos estranhos acontecimentos recentes, ele ouviu a mãe gritar para o pai.

– David, essa boina é sua?

– Boina? Não tenho nenhuma boina. Está me chamando de velho ou algo assim?

– Algo assim... – gritou Tommy no andar de baixo.

– Muito engraçado – gritou o pai. – É sua, Tommy?

– Claro que não! – ele escutou a mãe dizer bruscamente para o pai.

Então, a ficha caiu. Claro que a boina era dele! Ele lembrou de tê-la usado quando foi levado misteriosamente de volta no tempo. Mas como poderia ter certeza?

– Na verdade, é minha sim – disse Tommy, pegando a boina de cima da mesa. Ele correu para a porta, ainda dizendo:

– Tenho que ir – e sumiu na rua.

“Meus pais não fizeram nenhuma pergunta a respeito de ontem. Devo ter chegado em casa no horário e sem nenhuma circunstância suspeita. Caso contrário, eles teriam feito perguntas constrangedoras” – Tommy pensou.

Sally Anne faltou no dia seguinte.

“Droga! Precisava esclarecer algumas coisas com ela” – pensou Tommy. Ele esperou até chegar a hora da aula de Artes para observar a pintura de Sally Anne. Queria verificar se a boina que o garoto na carroça usava era igual à que ele encontrou em casa naquela manhã. Assim ele poderia ter certeza se realmente havia alguma conexão entre o quadro e as suas experiências no dia anterior. Onde estaria Sally Anne? Ele realmente queria perguntar a ela o que estava acontecendo. “E que diabos ela quer comigo?” – pensou mais uma vez.

Ele foi o primeiro a chegar à aula de Artes. Conseguiu escapar de George quando a turma ia da sala de matemática em direção à sala de artes. Ele queria olhar a pintura sozinho. Tommy examinou ao redor para ter certeza de que ninguém estava prestando atenção nele, e então abriu sua mochila. Pegou a boina e colocou ao lado da pintura. Mas a pintura agora era diferente! Retratava uma cena completamente diferente daquela do dia anterior.

Tommy não acreditou no que via. “Acho que estou olhando o quadro errado” – ele pensou. Mas não estava. A assinatura era de Sally Anne. “Ela deve ter entrado às escondidas e substituído o original” – Tommy pensou consigo mesmo. Por algum motivo, no fundo ele sabia que aquilo não era verdade. Mas o ajudou a se acalmar no momento. A nova cena mostrava o mesmo garoto e a mesma garota, mas ambos estavam numa carruagem! Uma daquelas da Idade do Bronze. De fato, as pessoas que andavam ao lado da tal carruagem pareciam vikings ou saxões. Não existiam construções de pedra, apenas cabanas de palha.

Tommy se perguntava se ele não deveria procurar a enfermaria da escola para confessar que havia perdido o juízo! Ela devia ter trocado o quadro. Só podia! Era a única explicação. O quadro não poderia ter mudado sozinho, poderia? Tommy não sabia mais no que devia acreditar.

Ele se sentou, mais confuso do que nunca. George sentou-se ao lado dele.

– Eu fiz alguma coisa de errado? – George perguntou.

– Não, por quê?

– Porque acho que você não trocou mais do que duas palavras comigo o dia todo. Qual o problema? Preocupado demais com o futuro de novo? – provocou George.

– Preocupado com o meu passado – retrucou Tommy.

– Do que você está falando agora? – George não entendeu.

– George, dê uma olhada no quadro da Sally Anne depois da aula.

– Por quê?

– Apenas dê uma olhada.

– Tudo bem, tudo bem.

Capítulo 11

No final da aula, a maioria dos alunos foi embora rapidamente. O professor Mendel viu George e Tommy observando o quadro de Sally Anne.

– O que esse quadro tem que tanto fascina vocês? – ele questionou, ríspido.

– A Sally Anne pintou esse quadro recentemente, professor? – perguntou George.

– Está de brincadeira, filho? Vocês estavam aqui quando ela o pintou, não estavam?

– Mas não é o mesmo – disse Tommy, apontando para o novo quadro na parede.

– Claro que é! – disse o professor Mendel.

– Quer dizer que ninguém mexeu nele?

Tommy foi interrompido pelo professor Mendel.

– Fora daqui. Vão para a próxima aula, seus tagarelas. Claro que ninguém mexeu nele. Que tipo de brincadeira seria essa? Vocês não deveriam estar espremendo espinhas, falando sobre garotas ou qualquer outra coisa que garotos fazem? Moleques atrevidos – gritou o professor Mendel enquanto os encaminhava para fora de sua sala de aula. – Até breve! Só que da próxima vez, por favor, tragam os seus cérebros com vocês.

E, com isso, o professor Mendel bateu a porta.

– Velho chato! – disse George.

– Talvez a gente possa trazer a Sally Anne para jogar um feitiço nele – disse Tommy, rindo pela primeira vez naquele dia.

– Como se ela fosse uma bruxa mesmo – riu George, sem saber de toda a verdade. – A bruxa mais bela que já vi.

– Concordo. Por falar nisso, por que você parou de assediá-la depois do primeiro beijo? – insinuou Tommy com malícia.

George ficou totalmente quieto.

Tommy percebeu que poderia conseguir algumas dicas de George se lhe pedisse para contar a história toda do que havia acontecido entre ele e Sally Anne. Então, perguntou ao amigo o que havia ocorrido de fato entre eles. George simplesmente contou que ele e Sally Anne trocaram apenas um beijo rápido, nada mais. Novamente mencionou que alguma coisa fantasmagórica aconteceu, mas tinha dificuldade de lembrar todos os detalhes.

– Na verdade – George disse –, não consigo lembrar o que de fato aconteceu e o que era sonho. Não tenho certeza se não imaginei a coisa toda. Lembro-me apenas das últimas palavras dela daquela noite.

– E quais foram? – perguntou Tommy, ansioso.

– Ela só disse: “Não, você não é o cara certo.”

– Pelo menos ela foi sincera... – disse Tommy, maldoso.

– Não foi isso. Era como se ela estivesse procurando alguém em particular.

– Mas todos nós procuramos!

– Não, mas era como se ela só pudesse reconhecer pelo beijo.

– Isso não faz nenhum sentido, George – fingiu Tommy. Mas, claro, o que George contou fazia todo sentido para Tommy.

Mas só havia uma pessoa que poderia explicar tudo. “Onde estará Sally Anne?” – pensou Tommy.

Capítulo 12

– Como foi a escola hoje? – perguntou a mãe de Tommy assim que ele chegou.

– Normal – respondeu ele automaticamente.

– Eu ia perguntar hoje de manhã, Tommy, onde você conseguiu aquela boina? – indagou a mãe.

– Em outra época – respondeu Tommy, saindo da mesa da cozinha para seu quarto.

– Sem graça – comentou a mãe, um pouco curiosa.

Tommy estava deitado na cama, examinando os livros nas prateleiras. Ele tentava se distrair do crescente mistério da bruxa, Sally Anne, se é que ela era mesmo uma bruxa.

Exatamente naquele momento, a imagem de Sally Anne passou em sua cabeça. Ele fechou os olhos e a viu ainda mais claramente. Ela estava pegando um telefone.

“Será que estou sonhando?” – ele se perguntava, tentando escapar daquilo. “Será que estou imaginando coisas?”

A cabeça dele parecia descontrolada. Ele teve a visão de Sally Anne discando números num aparelho de telefone, e tentou ver quais números eram, mas só conseguiu pegar os quatro últimos dígitos: 4, 1, 8, 1.

“Ei!” – ele pensou. “São os quatro últimos dígitos do meu número de telefone!”

Naquele exato momento, a visão desapareceu e Tommy ouviu o telefone tocar no andar de baixo. Ele escutou seu pai atender.

– Alô? – disse o pai. – Sim, vou ver se ele está... Tommy! É para você.

Tommy ficou paralisado. Uau! Talvez existisse alguma verdade nessa coisa de clarividência, afinal de contas. Ele tentava esclarecer aquilo. De qualquer forma, não poderia ser Sally Anne. Ela sequer sabia o número dele.

“Deve ser o George” – ele pensou.

Conforme desceu as escadas, ouviu a mãe perguntar ao pai quem queria falar com o Tommy.

– Ela disse que é uma antiga namorada – o pai retrucou.

– Uma antiga namorada! – exclamou a mãe. – Mas o Tommy nunca teve namorada, pelo menos não que eu saiba.

Tommy viu o telefone em cima da mesinha. Será que devia atender? A mãe estava certa. Ele nunca teve nenhuma namorada. Pelo menos achava que não. Não nesta vida! Ele atendeu.

– Alô?

– Oi, Tommy.

Era Sally Anne!

– Com certeza, Tommy, não nesta vida – ela disse, como se tivesse acabado de ler o pensamento dele.

– Precisamos conversar – ele disse, impaciente.

– Quem é essa garota no telefone, Tommy? – gritou a mãe, levantando-se da cadeira.

– Você está namorando escondido da gente e não conta nada! – gritou o pai, também levantando-se.

– Vamos ter que grampear o telefone – riu a senhora McDonald. – É a única maneira de descobrirmos o que está acontecendo por aqui.

– Tommy – chamou Sally Anne ao telefone, tentando retomar a atenção de Tommy. – Encontre-se comigo na estação de trem em uma hora.

– Como conseguiu o meu número? – ele questionou, mas ela desligou.

A estação de trem!

“Motivos para preocupação...” – pensou Tommy. “Primeiro: ela sabe o meu número. Segundo: está escuro. Terceiro: a última viagem de trem com Sally Anne me deixou doido. Quarto: está chovendo e vou me molhar. Quinto: a mamãe e o papai também estão muito interessados na pessoa que acham que é o amor da minha vida. Sexto: ainda não tenho o amor da minha vida. Sétimo: estou entrando em pânico!”

Enquanto enumerava os motivos de preocupação, ele subiu a escada, trocou de roupa, colocou os jeans e a jaqueta e, ao mesmo tempo, escapou de todas as perguntas que seus pais intrometidos fizeram.

– Tommy, você não está ouvindo. Aonde vai? – perguntou a mãe.

– Tem alguma coisa errada, filho? – perguntou o pai quando Tommy saltou os últimos degraus da escada.

– Acho que tem algo errado, Jean – ele ouviu agora a voz distante do pai dizer para a mãe.

“Belo detetive” – pensou Tommy com ironia. “Oitavo: os meus pais são chatos! Nono: aonde isso vai me levar?! Décimo: que droga eu vim fazer aqui?”

Ele agora estava na estação. Chegou meia hora mais cedo. Estava ensopado, cansado, confuso. Essa meia hora passou lentamente. Demorou, mas passou.

E, décimo primeiro: lá vem Sally Anne!

Capítulo 13

– Tudo bem – disse Tommy, objetivo –, o que está acontecendo? Esse mistério vai ter que ser resolvido hoje à noite.

– E será – concordou Sally Anne.

– Ok, comece a falar – disse Tommy.

– Você é muito difícil de convencer, Tommy, não vai acreditar em mim se eu simplesmente contar. Quero lhe mostrar mais uma vez o que você chama de coisas estranhas. Acho que é a única maneira de convencê-lo a entender o motivo de eu estar aqui.

– Não sei se eu aguento mais. Os últimos dois dias foram muito turbulentos. Acho que não consegui dormir nem um instante. Sei que devo algumas explicações aos meus pais. Mas o que posso explicar? Não tenho a mínima ideia – disse Tommy, passando as mãos no cabelo.

– Tommy, se ao menos você tivesse fé. Assim eu não teria que fazer você passar por tudo isso.

– Sinto que estou perdido – afirmou Tommy.

– Não, essa não é a palavra certa – disse Sally Anne. – Tudo o que realmente aconteceu com você é que você abriu sua mente...

– Lá vem você de novo! – disse Tommy.

– Como você poderia entender coisas estranhas, coisas especiais, se não tivesse a mente aberta?

– Pois bem, doutora fantasma – disse Tommy, num tom amargo –, a minha mente está aberta o suficiente agora?

– Quase.

Tommy suspirou e então disse:

– E se eu apenas dissesse adeus e não pensasse novamente nessa coisa toda? E se eu pedisse para você me deixar em paz? Tudo cairia no esquecimento, não é mesmo? E se fosse o caso, nada disso teria essa importância toda. Eu não preciso continuar com isso. Pouco me importa se você é uma bruxa ou não. Só quero de volta a minha vida real. Aquela que me pertencia antes de você entrar em cena.

– Você pode até fugir, mas não pode se esconder. Venho perseguindo você há séculos, não porque eu queira, mas porque preciso!

– Vem me perseguindo há séculos! – exclamou Tommy. – Está cada vez pior... Estou tentando acreditar em você. Quero esse assunto resolvido! Mas não consigo. Eu simplesmente não posso aceitar essa situação.

– É por isso que vamos pegar o último trem para Rolwell. Eu sabia que você não acreditaria em mim. Desta vez, se você realmente quiser resolver a charada, terá que fazer o que eu disser.

– Caso contrário...

– Caso contrário, vou deixá-lo em paz pelo resto desta vida. Você será um jornalista bem-sucedido, terá tudo o que quiser, merecidamente. Mas, quando envelhecer, vai pensar muito a respeito deste episódio, que vai infernizar a sua cabeça, e que ficará cada vez mais marcante para você à medida que você perceber os poucos anos que lhe restam. Você sentirá frustração por não ter ido atrás disso. Essa frustração vai amargar os últimos anos da sua vida. Você vai perceber, como acontece com a maioria das pessoas quando corre contra o tempo, que um dos propósitos da sua vida seria enfrentar todos os problemas, com ou sem medo. Todas as suas glórias jornalísticas não terão nenhum valor ao lado dos seus arrependimentos. Porque, o que quer que você conquiste, você sempre vai

achar que poderia ter feito mais. E, se tivesse ao menos enfrentado esse episódio com coragem, talvez tivesse descoberto um grande segredo. E quando pensar no sentido da vida, vai desejar ter explorado profundamente todos os mistérios dela.

Tommy ouviu até o fim. Ele sabia como planejar seu futuro, mas também sabia que Sally Anne dizia a verdade. Visualizou sua velhice, sentado numa poltrona confortável sobre a grama bem cuidada de um belo jardim mediterrâneo banhado pelo sol, pensando na vida. Sabia que o fato de ele nunca ter perseguido o que os jornalistas chamariam de uma grande história o aborreceria. Também sabia que de alguma forma perderia a chance de explorar o potencial das vidas passadas, a clarividência, os fantasmas, coisas das quais o mundo quer saber mais a respeito há séculos.

Sally Anne continuava a olhar para Tommy, esperando que ele concordasse em pegar o trem. A chuva continuava a desabar. Eles estavam na plataforma e o barulho do trem chegando à estação interrompeu os pensamentos de Tommy. Ele sabia que tinha de enfrentar o mistério que estava por trás de tudo aquilo.

– Preciso ficar apavorado? – ele perguntou novamente, sabendo a resposta. De qualquer maneira, já estava conformado de ter de pegar o trem.

– Depende se você tem a mente aberta – disse Sally Anne, sorrindo ligeiramente.

Tommy abriu a porta do trem para Sally Anne. Ela embarcou e procurou por Tommy, mas ele ainda estava na plataforma. Ele parecia juntar toda sua coragem antes de segui-la. O trem começou a se movimentar. Ele pulou para dentro. Eles procuraram lugares e sentaram-se.

– Por que Rolwell? – perguntou Tommy. – Qual a importância de Rolwell?

– Como eu disse – respondeu Sally Anne –, é a sua cidade natal. Vou mostrá-la para você se familiarizar gradualmente com ela conforme conversamos.

– Quer dizer que eu realmente vivi antes?

– Sim, muitas vezes!

– Você também? – ele perguntou.

– É claro! Todos neste trem já viveram. Todas as pessoas do mundo já viveram.

– Para quê? – perguntou Tommy.

– Calma, Tommy. Eu posso ser uma bruxa, uma bruxa do bem por sinal, mas isso não significa que eu saiba resolver o enigma da vida – ela riu.

– Mas você sabe mais sobre isso do que eu – disse Tommy, que esperava mais esclarecimentos do que Sally Anne até então oferecia.

– Bem, eu posso torná-lo consciente dos acertos e erros de nossas vidas passadas. Posso indicar quais mudanças você queria fazer na sua última vida. Não sei de tudo, mas sei que vivemos de novo para ter uma segunda chance de corrigir as coisas em que falhamos da última vez. Todos temos que seguir em frente, mas, se estivermos presos a alguma pendência, em cada nova vida precisamos de ajuda para superar o que quer que esteja nos segurando.

– Complicado. Não posso fingir que entendo tudo o que você está me dizendo – disse Tommy, intrigado.

Sally Anne pensou por um momento e, então, disse:

– Observe isto. Está vendo o rapaz sentado ao lado da janela? – ela perguntou, apontando para o outro lado do vagão.

– Sim... – respondeu Tommy, desconfiado.

– Posso lhe mostrar um pouco da história dele. Posso lhe mostrar como ele era nas vidas passadas.

Tommy não estava disposto a desafiá-la depois de tudo o que ele tinha passado, mas estava curioso para ver aquilo.

– Está bem – ele disse. – É um jeito original de passar o tempo durante uma viagem de trem!

Tommy tentava mostrar-se cético, mas Sally Anne sabia que ele já não era mais tão cético. Além disso, não faria mal algum.

– Primeiro – ela disse –, você tem que me beijar.

– Como?!

– Tommy, você e eu estamos ligados por um amor que é muito, muito antigo. O poder dele vem se consolidando há vários séculos. É um poder único e especial. É essa força que me permite lhe mostrar todas essas coisas estranhas. E é por isso que você tem que me beijar.

Tommy pensou um pouco. Sempre foi analítico. Achou que a afirmação de Sally Anne parecia lógica. Também notou que não sentia mais medo. Estava apenas curioso, muito curioso. Assim, por essa razão, ele se inclinou sobre a mesa que havia entre eles e disse:

– Venha cá então.

Sally Anne se aproximou, e eles se beijaram. No mesmo instante, Tommy caiu para trás no assento. Estava vendo estrelas. As cores de tudo no vagão mudavam a cada segundo. O homem para o qual Sally Anne havia apontado antes parecia brilhar. Levemente a princípio, depois gradualmente, seu casaco marrom-escuro parecia adquirir uma luz amarela brilhante ao redor. O homem continuava olhando pela janela do trem, sem sentir nada de estranho ocorrendo. Todas as cores nele – o rosado da pele, o escuro do cabelo, o verde dos olhos, o vermelho do nariz – começaram a se tornar

incrivelmente brilhantes, cada vez mais brilhantes, até que uma imensa explosão de cores espalhou faíscas em volta dele, como se ele próprio tivesse explodido. Mas o homem continuava sem perceber o que estava acontecendo.

Tommy ouviu Sally Anne dizer:

– Essa explosão é como nós, vou tentar explicar, entramos em sintonia com ele. O passeio fica um pouco turbulento daqui em diante, Tommy, segure-se no assento com mais força agora – então ele a escutou rir, como se tudo não passasse de uma brincadeira!

Tommy olhou de novo para o homem. Ele parecia mais jovem. Primeiro, aparentava ter 35 anos, mas agora tinha cerca de 25. Vestia um paletó diferente, mais vistoso. Depois, ele pareceu ficar ainda mais novo, bem na frente dos olhos de Tommy.

Tommy piscou, e o homem se tornou um garoto da sua idade. Tommy tentou não piscar naquele instante, para não perder nada. No momento seguinte, ele era um menino. Depois, um bebê. Tommy não conseguia acompanhar o ritmo. Ele escutou um leve estouro, e o bebê pareceu explodir em cores brilhantes.

Agora só havia poeira, que sumiu para revelar um homem com uniforme de soldado alemão da Segunda Guerra Mundial!

Ele foi ficando mais jovem, mas num ritmo bem mais rápido que antes. Era quase como assistir a um borrão, que mudava constantemente. Um novo estouro, e o soldado agora era um marinheiro da época do almirante Nelson.

Outro estouro. Agora ele era uma criança vestida em trapos dos tempos de Shakespeare. O tempo todo o homem mudava, sua pele alongava e encolhia, seu rosto aumentava e diminuía, seguindo o ritmo.

Sally Anne então disse:

– Olhe em volta do vagão.

Todas as pessoas no vagão passavam pelas mesmas transformações. Todas as vidas passadas delas passavam diante dos olhos de Tommy!

De repente, o trem parou com um solavanco. Agora, em vez de as pessoas no vagão estarem apenas sentadas, todas se levantaram e começaram a vivenciar importantes experiências de suas vidas passadas!

Os homens que foram soldados nas vidas passadas estavam cobertos de sangue. Tommy podia vê-los sendo atingidos por disparos. Ele os via contorcerem os rostos de dor. Ele ouvia os gritos.

Viu outros homens lutando com espadas, como se estivessem na época dos piratas. Viu espadas penetrando na carne enquanto piratas lutavam até a morte uns contra os outros. Todas essas cenas medonhas aconteciam ao mesmo tempo. Tudo mudava instantaneamente para outras cenas conforme as vidas passadas dos outros passageiros do trem se desdobravam diante dos olhos de Tommy.

As cenas eram tão reais que ele podia sentir o cheiro do mar, dos campos, do sangue, de tudo. Aquilo também já o estava afetando. Ele fechou os olhos, o que não fez a menor diferença: continuou a ver tudo. Tapou as orelhas com as mãos, mas continuou a ouvir tudo. Gritou, mas nada mudou. Mesmo de olhos fechados, viu que os outros passageiros, todos envolvidos em cenas terríveis de vidas passadas, ouviram seu grito.

Os piratas riram e começaram a andar em direção a ele. Os soldados apontaram os rifles para ele. Todos zombavam dele, com vozes cheias de ira. Semblantes desfigurados, retorcidos de dor e de medo, estavam a poucos centímetros dele quando ele ouviu Sally Anne dizer:

– Grite para eles: “A vida de vocês chegou ao fim!”. Depressa, Tommy!

Sem hesitar, Tommy gritou:

– A vida de vocês chegou ao fim!

Todas as horríveis criaturas das vidas passadas dos passageiros explodiram no mesmo instante. Pedacos deles voaram contra janelas, poltronas e portas. Havia sangue espalhado por toda parte.

Nessa hora, o trem deu um solavanco para a frente. Tommy piscou. Quando reabriu os olhos, foi como se nada tivesse acontecido. Ele estava ofegante e sem fôlego. Um ou outro passageiro olhou para ele. Agora todos pareciam completamente normais. Depois, voltaram a ler jornais, conversar ou simplesmente olhar pela janela.

Sally Anne olhava para ele, preocupada. Novamente, o único barulho que se escutava era o som do trem avançando na linha.

Tommy espiou pela janela. Era dia, um dia brilhante e ensolarado! Mas quando ele e Sally Anne tinham entrado no trem, eram nove horas da noite, estava escuro e chovia.

– Está tudo bem? – ele ouviu Sally Anne perguntar.

– Deveria estar, depois de tudo o que passei? – perguntou Tommy.

– Isso depende.

– Do quê?

– Da sua determinação para consertar o passado – ela disse.

– Depois disso, determinação total! – ele disse, afinal, absolutamente convencido de que estava sob o domínio de forças mais poderosas do que ele.

– Bem, nesse caso, vai ficar tudo bem.

– Nossa, que alívio, só de ouvir isso!

Tommy sentou-se pensando em mil coisas ao mesmo tempo. Talvez fosse um truque. Não, de jeito nenhum. Era real demais. Toda vez que uma

dúvida vinha em sua mente, bastava ele olhar pela janela para ver a plena luz do dia às nove e quarenta e cinco da noite, como ele conferiu no relógio.

O trem parou na estação de Rolwell, e todos os passageiros se levantaram. Como de costume, houve alguns empurrões enquanto os passageiros tentavam passar pelo corredor estreito. Acidentalmente, Tommy esbarrou no homem para o qual Sally Anne havia apontado, aquele que olhava pela janela do outro lado do vagão. Com essa pequena colisão, o homem deixou cair o jornal que segurava. Tommy se abaixou para pegá-lo.

– *Danke schön* – disse o homem, que imediatamente se corrigiu e falou em português claro: – Obrigado.

O homem sorriu e dobrou novamente o jornal. Tommy viu que era o *Der Spiegel*. Ele sabia que era um jornal alemão. Aquele era o homem que, se a estranha visão anterior de Tommy fosse verdade, teria sido um soldado alemão numa vida passada.

Se Tommy ainda tinha alguma dúvida, ela desapareceu naquela hora.

Ele cochichou timidamente para Sally Anne enquanto caminhavam pela plataforma:

– Será que todas as minhas vidas passadas foram tão agitadas como essas que você acabou de me mostrar?

– Sim, pode ter certeza. E é por isso que estamos aqui – ela disse em um tom sinistro.

Capítulo 14

– Venha conhecer a minha família – disse Sally Anne enquanto eles saíam da estação.

– Por que eu me sinto como se fosse conhecer a família Addams? – Tommy pensou em voz alta.

Eles caminharam algum tempo até chegarem ao portão de uma bela mansão antiga. A residência ficava isolada, mas havia outras similares por perto.

Passaram pela entrada e prosseguiram. Sally Anne fez aparecer uma chave para abrir a porta da casa.

– Vivo aqui com muitos parentes. Gosto de famílias grandes, e você? – ela perguntou.

– Depende da família... – retrucou Tommy. – Conheço algumas que eu gostaria que fossem bem menores!

Enquanto seguiam pelo corredor da casa de Sally Anne, Tommy se perguntava onde todos estariam.

– Estão fora, trabalhando – respondeu Sally Anne, mais uma vez lendo o pensamento dele. Ela sorriu e ofereceu: – Café?

Sally Anne pediu a Tommy para que se sentasse no balcão da cozinha. Ele atendeu e, em seguida, disse:

– Não. Nada de café. Vamos direto ao ponto.

– Bem – ela disse, olhando para ele com ternura –, você está mais pronto do que nunca!

Ela sentou-se diante dele e disse:

– Tem certeza de que não está com fome ou com sede? Isso pode levar algum tempo.

– Não. Quanto mais cedo começarmos, mais cedo terminaremos – disse Tommy, não com ironia, só para ser mais prático.

– Que racional. Tudo bem, então. Vamos lá... Sou uma bruxa do bem. Isso significa que possuo o que as pessoas chamam levianamente de poderes sobrenaturais. Na verdade, são poderes muito naturais e todos nós nascemos com eles milhares de anos atrás. Mas, quando evoluímos como seres humanos, o lado espiritual da nossa natureza regride. Em outras palavras, quanto mais melhoramos fisicamente, mais pioramos espiritualmente.

– Calminha aí! – disse Tommy. – Devagar com as palavras.

– Por quê? Você sabe o que é um espírito, não é mesmo?

– Sim.

– Muito bem. É claro que sabe. De qualquer forma, a minha história, ou melhor, a nossa história começou no Egito Antigo...

– Pedi para você ir com calma. Vamos prosseguir lentamente, senão fica difícil de acompanhar – implorou Tommy.

– Você era um príncipe. Eu era uma serva. Você me tratava com ternura, enquanto todos me tratavam com maldade. Eu lhe prometi que, quando você morresse, sempre o ajudaria em suas vidas futuras.

– E como eu morri? – Tommy perguntou.

– O seu pai, o rei, e a corte condenaram você à morte porque você não permitiu que eles me matassem. Eles diziam que eu era uma feiticeira, o que era verdade. Mas, como já disse, eu era uma bruxa do bem, isto é, só uso os meus poderes para ajudar as pessoas.

– Sei o que é uma bruxa do bem...

– Então, você tentou explicar que eu ajudava as pessoas, mas eles acharam isso uma grande afronta.

– Por quê?

– Porque eu era uma serva, de classe social muito baixa. Como me atrevia a ajudar os reis? E, claro, eles se assustaram com os meus poderes. O rei não era um homem ruim para a época. Ele sabia que você viveria de novo. Mas aqueles eram tempos terríveis. Você ficou traumatizado com o fato de seu próprio pai ter ordenado a sua morte. Um dia antes de matarem você, nós conversamos a noite toda. Você estava numa masmorra. Mas eu o visitei em espírito. Você estava apavorado. Eu prometi sempre estar com você.

Atordoado, Tommy sentou-se em silêncio. Lágrimas rolavam pelo seu rosto. Ela as enxugou e, em seguida, beijou Tommy.

Ele relaxou profundamente. Sentia-se à deriva, fora do próprio corpo. No momento seguinte, ele estava no céu com as estrelas. Parecia voar. Sentia o ar fresco, o zunido de sua própria velocidade enquanto flutuava sobre os continentes que eram como pequenos borrões abaixo dele. Ele sentia a força da Terra puxando-o para baixo. No momento seguinte, estava numa masmorra escura e lamacenta, minúscula e abafada, com apenas uma vara com uma chama na ponta, uma tocha antiga, pendurada de qualquer jeito na parede.

Sentiu odores que não sentia havia milhares de anos. Também lhe parecia que nunca havia saído daquela escura cela solitária. Sentiu o medo crescer dentro dele. Então, ele teve uma visão de Sally Anne. Ela lhe falava que tudo ficaria bem, que havia uma vida após a morte.

– Não, isso não existe – ele se ouviu dizer.

– Existe sim, você tem que acreditar em mim. Vamos nos encontrar de novo. Você me salvou. Então, eu vou salvá-lo.

Ele duvidava. Mas parecia estar preparado para mais do que isso. Era como se ele tentasse dizer a si mesmo que ele já sabia que existia vida após a morte.

Aos poucos, o medo o abandonava. A tocha na parede queimou até o fim. A porta se abriu. Dois homens fortes com roupas egípcias o seguraram e o arrastaram para fora. Ele não ofereceu resistência, apenas sorriu. Tinha certeza de que veria a serva de novo, sabia que ela o salvaria. Se não fosse dessa vez, seria em algum outro mundo, em alguma outra época. Então, ele sentiu uma dor tremenda no corpo inteiro. Mas, instantaneamente, desapareceu. Agora ele estava no espaço de novo. Sem medo, ele sonhava, flutuava, lembrava-se de que era Tommy McDonald, que logo se tornaria um jornalista renomado, mas que naquele momento não temia o passado!

Sentiu um beijo em seus lábios. Abriu os olhos, que pareciam ter sido fechados! Sally Anne recuou e sorriu para ele do outro lado do balcão da cozinha.

– Sally Anne, nem sei o que dizer. Foi incrível. Eu? Um príncipe?

– Bem, agora não, Tommy – ela disse, tentando trazê-lo de volta à Terra. – Você foi um dia, há muito tempo. Todos nós tivemos grandes momentos na história. Mas isso não importa. Acabamos nos lembrando daquilo que mais nos assustou. O medo paralisa o nosso crescimento. Temos que enfrentar o nosso maior medo...

– Você quer dizer: de aranhas? – interrompeu Tommy.

– O quê?!

– Morro de medo de aranhas. Na verdade, de todos os insetos...

– Com licença, estou tentando ser levada a sério – disse Sally Anne.

– Ok, ok. Vamos ver se entendi. Você é uma bruxa.

– Do bem – ela especificou.

– Do bem. Isso, agora acredito. Mas por que você apareceu para me salvar agora? – ele perguntou, provocando.

Ele ainda estava curioso para saber por que ela havia demorado milhares de anos para resgatá-lo.

– Porque você é teimoso demais! – ela disse. – Quando os romanos estavam na Inglaterra, você estava ocupado demais estudando para ser um grande engenheiro de estradas! Não acreditava em mim. Quando a Invencível Armada estava sendo preparada na Espanha para atacar a Inglaterra, eu era uma cigana que perambulava pelas aldeias espanholas. Você era um jovem soldado voluntário, que mentiu sobre a idade para poder entrar no exército espanhol. A cena do quadro que eu pintei na aula do professor Mendel foi a última vez que tivemos contato. Você era um carvoeiro...

– Canoeiro?

– Não! Você vendia carvão numa carroça...

– Mas como é que não me lembro?

– Porque cada vez, em cada nova vida, eu encontrava você e o “assustava”, como você diria. Quase sempre chegávamos ao ponto da revelação, mas você ficava apavorado.

– Como hoje à noite, antes de pegarmos o trem?

– Isso mesmo. Você sempre foi muito prático, está sempre preocupado com o futuro. Você não queria se envolver com coisas que pudessem interferir no seu futuro. E, claro, sempre foi bem-sucedido, mas a sua velhice sempre foi cheia de remorsos.

– Então, qual a diferença desta vez? – perguntou Tommy, confuso.

– Desta vez, eu usei mais os meus poderes. Desta vez, usei a magia, como no trem.

– Por que não fez isso antes? – indagou Tommy.

– Porque cada vez que uso os meus poderes, eles enfraquecem um pouco.

– Quer dizer que a minha falta de fé enfraqueceu você? – disse Tommy, preocupado.

– Sim – foi a resposta, sincera e contundente.

Tommy parou para pensar bem antes de finalmente dizer:

– Desculpe. Eu sinto muito mesmo.

– Você pode se redimir reconhecendo que a vida é mais do que a vida atual – disse Sally Anne.

– Quer dizer que a vida atual não importa? Pouco importa se vou passar nas provas ou ir bem na escola? – disse Tommy, de repente desfrutando da possibilidade de a vida ser divertida e sem preocupações!

– Claro que importa. Você deve dar o melhor de si em tudo o que fizer, o resto é perda de tempo, de um tempo muito precioso. Mas lembre-se de que existe mais. De qualquer forma, eu lhe contei a história. Acredita em mim? – ela parecia bastante insegura. Franziu a testa.

– Sim! – exclamou Tommy imediatamente. – Sem sombra de dúvida. Reconheço todas as vidas que você descreveu.

– Espero que sim, pois você nem sempre vai se lembrar – afirmou Sally Anne.

– Por que não? Acha possível que eu esqueça tudo isso? Logo eu?

– Sim. E você vai achar que tudo não passou de um sonho.

– Mas você sempre estará na escola para me lembrar, não é? – ele perguntou.

– Mesmo se não estiver, estarei em algum lugar por perto.

Ela olhou o relógio.

– Vamos! – ela disse. – Você vai perder o último trem de volta.

– Mas temos tanta coisa para conversar. Não podemos ficar um pouco mais?

– Você não entende. O próximo trem é o último!

Instintivamente, Tommy sabia o que ela queria dizer. Seria de fato o último trem de volta.

– Então conversamos amanhã, certo? – ele perguntou enquanto eles caminhavam em ritmo acelerado para a estação.

– Posso não existir amanhã.

– Bem, então no dia seguinte. Que tal um dia desses?

Ela olhou para ele, que comprava o bilhete, e concordou:

– Um dia desses. Sim, algum dia desses.

– Ótimo, não vejo a hora! – retrucou Tommy, tragicamente, sem entender muito bem.

Capítulo 15

O que ele diria a seus pais? Imaginou os dois perguntando: “Por onde você andou?”. Como ele poderia responder que esteve no espaço sideral e no Egito Antigo? “Pouco importa. Esse é o meu segredo” – ele pensou. “Ou melhor, é o nosso segredo” – ele imaginou Sally Anne corrigindo-o.

– Tudo bem – ele retrucou em voz alta. – É o nosso segredo.

– Por onde você andou? – indagaram os pais, um após o outro, quando ele tentava, sem sucesso, entrar de fininho pela porta da frente.

– Por aí – Tommy respondeu.

– Obrigada. Isso realmente esclarece todo o mistério, não é? – reclamou a mãe, furiosa.

No mesmo instante, o telefone tocou.

– Alô! – disse a senhora McDonald, irritada com a interrupção. Houve um silêncio enquanto a senhora McDonald ouvia.

– Oh... Entendo... Tudo bem, então, senhora Dickens... Sim... Obrigada por ligar! – ela desligou o telefone.

– Quem era? – perguntou o senhor McDonald.

– A senhora Dickens, mãe da Sally Anne.

– Ah! A mãe da antiga namorada – disse o senhor McDonald, sorrindo.

– Então era com ela que ele estava, num encontro?

– Ajudando na lição de casa, de acordo com a senhora Dickens – a mãe de Tommy olhou para ele, desconfiada.

– Sim! – disse Tommy, aproveitando a deixa que a mãe de Sally Anne deu para ele. – Isso mesmo. É a aluna nova. O trabalho escolar está um

pouco puxado para ela, então fui ajudar. Foi isso.

A senhora McDonald ficou aliviada.

– Achamos que estava com gente que não presta, fazendo coisa errada. Não acredito nem um pouco que estavam apenas fazendo a lição de casa...

Essa garota é bonita?

– Eu... ahn... nem reparei – disse Tommy, corando.

A mãe e o pai deram uma boa gargalhada.

Quando ele estava subindo as escadas, a mãe gritou:

– Chega de segredos, rapazinho. Ouviu?

– Sim – ele retrucou, dizendo para si mesmo: “Com certeza!”

Capítulo 16

Sally Anne não foi à escola no dia seguinte. A professora Sharpe disse que o pai dela arrumou um novo emprego, melhor do que o que havia conseguido naquela região.

Tommy não ficou surpreso. Ele ponderou tudo o que estava em sua cabeça a noite toda. Ela havia feito a parte dela. Agora o resto era com ele.

– É uma pena a Sally Anne ir embora – disse George na hora do almoço.

– Pois é.

– A vida continua, não é?

– Claro, com certeza.

– Então, você a beijou? – perguntou George, decidido a descobrir os segredos realmente importantes que Tommy escondia.

– Bem, na verdade, sim.

– Isso! – George gritou para toda a escola ouvir. – Finalmente Tommy McDonald inaugurou o placar!

– Quatro vezes.

– E de goleada! Finalmente você cresceu! – exclamou George.

– Muitas vezes – retrucou Tommy.

Capítulo 17

Morrendo de curiosidade, Tommy foi até a biblioteca da escola depois da última aula, atrás de um mapa completo da região. Encontrou um, mas teve a impressão de que não acharia o que estava procurando. E não achou. Ele procurava Rolwell, local onde Sally Anne morava. A cidade natal dele, pelo que ela dizia. Mas ele sabia que era apenas um toque de esperteza dela para atraí-lo. Nenhum mapa mencionava Rolwell. O lugar não existia. Ele não ficou preocupado.

Naquela noite, ele foi até a estação de trem. Observou todos os destinos. Rolwell não estava lá, nem nas tabelas dos horários. Nenhum funcionário da ferrovia conhecia esse lugar. Ele não se surpreendeu.

Na volta da estação, ele viu um homem na fila do táxi lendo um jornal estrangeiro chamado *Der Spiegel*. Tommy reconheceu o homem. Esse homem, ao dobrar o jornal para pegar o táxi, reparou em Tommy.

– Não perca o seu bilhete do trem – ele comentou com Tommy. – Você pode querer ajudar alguém um dia.

O táxi desapareceu na curva da esquina.

– O meu bilhete? – Tommy se espantou.

Então, ele vasculhou os bolsos da calça até encontrar um pedaço de papel amarrotado. A parte do bilhete com o destino dizia claramente Rolwell.

Muitas vezes, nos anos seguintes, Tommy se perguntou se ele havia tido um colapso nervoso ou algo parecido na época de Sally Anne. George e ele continuaram amigos por muitos anos e raramente falavam de Sally Anne.

Jamais discutiram o lado misterioso do caso. O professor Mendel, no final daquele ano letivo, jogou fora todos os trabalhos de artes dos alunos, então Tommy nunca mais teve a chance de examinar a pintura de Sally Anne.

Mas, sempre que se convencida de que havia imaginado aquelas coisas todas, ele ia até a gaveta de cima da escrivaninha de seu quarto e pegava o bilhete do trem. Era o que mantinha tudo real em sua mente.

Ele continuou a sonhar com Sally Anne, e, nesses sonhos, ela lhe dizia que estava feliz. Como ele acreditou na história toda, e acreditou para valer, ela foi capaz de recuperar toda sua força de bruxa e continuou a ajudar outras pessoas perdidas no tempo.

Tommy continuou trabalhando duro, mas vivia para o presente. Às vezes ainda se preocupava com o futuro, mas nunca mais se preocupou com o passado.

HORA DO ESPANTO

BILHETE DO ALÉM



EDGAR J. HYDE

BILHETE DO ALÉM

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

Bilhete do além [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

112p.; ePUB ; 1,3MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-721-3(Ebook)

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

2021-869

CDD 028.5

CDU82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior-CRB-8/9949

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura juvenil028.5

2.Literatura juvenil82-93

© 2015 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Pen Pals*

© 2015 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 1

– Natasha Morris, será que poderia dizer para mim e para o resto da classe o que há de tão interessante lá fora?

Com um sobressalto, Natasha se virou para a professora.

– Desculpe, professora Daisy, eu estava pensando... – a voz de Natasha sumiu.

Ela não conseguia pensar numa desculpa nem podia dizer a verdade: que aquela aula interminável de História era entediante e sem sentido! Afinal de contas, a aula de História não deveria ser sobre Henrique VIII e suas seis esposas, divórcio e decapitações sangrentas? Em vez disso, ela tinha que ficar sentada duas horas ouvindo sobre a Mesopotâmia! Mesopotâmia... Quem se interessava por isso?

– Não precisa. Não quero uma desculpa esfarrapada, apenas faça o favor de prestar atenção. Lembre-se que vou dar prova na semana que vem, e posso muito bem elaborar uma questão sobre a Mesopotâmia!

A professora Daisy olhou para o resto da classe:

– Então, onde estávamos? – a voz ressoava sem parar.

Olívia virou-se e sorriu para Natasha, sem graça. As duas eram melhores amigas desde os 4 anos de idade, quando estudaram na mesma creche. Agora, elas estavam no oitavo ano, desfrutando a adolescência, carregando livros de uma aula para outra pelos enormes corredores, sempre rindo porque se perdiam e chegavam vermelhas e sem fôlego à aula seguinte. Elas também tinham feito novas amigas, como a Elis, que tinha cabelos escuros e encaracolados e grandes olhos castanhos. Como Natasha

invejava a beleza dela! Tinha também a Márcia, embora Natasha ainda não tivesse uma opinião formada a respeito dela, que era completamente o oposto de Elis: branquinha, loira, de cabelos compridos e lisos, e muito tranquila.

“Pelo menos ela tem orgulho de ter a pele tão clara” – pensou Natasha.

Às pressas, ela rabiscou um bilhete: “Encontro você às quatro, do lado de fora da biblioteca” e passou para Olívia, sem a professora perceber. Olívia rapidamente empurrou o bilhete para dentro do caderno e fingiu não ter recebido nada.

Natasha olhou para o relógio: dez para as quatro. Onde Olívia estava? Naquele momento, ela viu Olívia, Márcia e Elis, que vinham apressadas pelo longo caminho da frente da escola.

– Vocês demoraram – ela sorriu quando as três garotas pararam ao lado dela.

– Desculpe, Natasha, foi minha culpa – disse Elis. – Deixei o meu batom novo no banheiro e voltei para pegá-lo. Afinal, é sempre bom estar preparada, caso eu encontre alguém interessante no caminho.

Elis adorava experimentar batons e sombras, estava sempre à procura de amostras grátis. Toda tarde, ela voltava para a aula encharcada de perfume, pois passava a maior parte do intervalo na loja de perfume mais próxima!

– Você deveria experimentar um batom, Márcia. Veja, este é um cor-de-rosa claro, faria um contraste muito bonito com a cor da sua pele.

– Ah, não – disse Márcia. – A minha mãe teria um ataque! Ela diz que ainda vou ter muito tempo para usar essa “porcaria”, como ela chama, no rosto. De qualquer forma, prefiro guardar o meu dinheiro para coisas

importantes. Vou comprar CDs novos no fim de semana. Pelo menos eles não se desgastam tanto quanto a sua maquiagem!

– Ei, Elis – alguém gritou atrás delas. As garotas se viraram e viram Scott Gregson quase na frente delas. Ele era o menino mais bonito da escola, e todas as meninas, todas mesmo, estavam de olho nele. – Está indo para casa? Posso acompanhá-la?

Elis sorriu.

– Viram o que a “porcaria” no rosto faz, garotas? – ela murmurou. – Claro, Scott. Eu só estava me despedindo das meninas. Até amanhã, gente.

E lá se foi ela, com os lábios cor-de-rosa brilhando, os cachos escuros ao vento e a mochila pendurada casualmente no ombro.

– Vocês não queriam ter a confiança dela? – suspirou Olívia.

– Sim, e também o cabelo, os dentes e os olhos dela – respondeu Natasha. – Não importa, “explore bem o que você tem de melhor”, é o que a minha mãe sempre diz. Agora vamos ver, o que nós três temos de melhor?

E as três começaram a voltar para casa. Elas riam juntas, escolhendo as partes que achavam que cada uma tinha de melhor.

– Certo, Natasha – disse Olívia. – Você me dá a sua cintura fina, a Márcia pode me dar seus pés perfeitos, eu posso pintar as unhas para deixar minhas mãos lindas. E pronto, é só colocar uma peruca, e teremos uma Barbie perfeita!

E a conversa continuou assim até as garotas quase chegarem em casa.

– Ah! Natasha – Olívia começou a falar –, da próxima vez que escrever um bilhete para mim na aula, não precisa colocar o meu nome completo nele. Eu sei quem eu sou!

Natasha olhou para Olívia, intrigada:

– Eu não escrevi o seu nome completo. Não escrevi nem o seu primeiro nome!

– Escreveu sim – Olívia riu, procurando o bilhete nos bolsos do casaco.
– Você escreveu: “Olívia Goulden, encontro você às quatro, do lado de fora da biblioteca”. Caramba, não consigo encontrar o bilhete... Ah! Achei!

Elas tinham acabado de chegar à casa de Márcia, e Olívia tinha esvaziado a mochila na calçada. Ela mostrou para Natasha o bilhete rabiscado às pressas e, com certeza, o nome de Olívia estava escrito logo acima do recado de Natasha.

– Muito estranho, Olívia, não lembro de ter escrito isso. Nem parece a minha letra!

– Márcia, onde você estava? – as garotas ouviram a mãe de Márcia gritar da janela do andar de cima.

– Tenho que ir, meninas. Minha mãe quer que eu vá ao supermercado com ela hoje. Até amanhã.

– Claro! Tchau, Márcia – as duas garotas se despediram enquanto ela desaparecia pela porta da frente.

Natasha ainda olhava para o bilhete.

– Qual é, Natasha, pare de fazer graça. Se você passou o bilhete direto para mim e eu não coloquei o meu nome nele, quem colocou? – Olívia protestou. – De qualquer forma, preciso ir também. Esta noite vou ser babá dos gêmeos da dona Norma e quero fazer a lição de casa antes de ir. Até amanhã.

– Tudo bem – suspirou Natasha –, mas eu ainda não entendo.

Elas se separaram no fim da rua, e Olívia seguiu pela rua à esquerda, em direção à casa dela.

“Estranho” – Natasha pensou. Ela devia estar num estado de tédio maior do que imaginava naquela manhã. Como poderia escrever o nome de alguém e não lembrar?

– Suzanna Craigson – ela leu em voz alta numa lápide do cemitério.

Ela tinha que passar pelo cemitério todos os dias no caminho de ida e volta da escola. Embora nunca ficasse à vontade com isso, ela achava que a melhor maneira de contornar a situação era inventar histórias a respeito das pessoas que jaziam embaixo das muitas fileiras de túmulos. Assim, ela conseguia espantar o medo que o lugar lhe causava.

– Nascida em 2 de novembro de 1906, foi cruelmente tirada de seus amados pais em 1º de novembro de 1920.

Natasha nunca tinha reparado naquela lápide em particular. Ou talvez jamais tivesse percebido como Suzanna era jovem quando morreu.

“Ela era um ano mais velha do que eu” – ela pensou. “Gostaria de saber o que aconteceu com ela.”

O uso da palavra “cruelmente” parecia indicar assassinato ou alguma coisa sangrenta e terrível.

– É melhor parar de ficar pensando nisso – ela decidiu. – A mamãe sempre diz que a minha imaginação é muito fértil, e que vou entrar em apuros um dia desses.

– Lá vem a gorducha, lá vem a gorducha.

A cantiga do irmão caçula logo a despertou do devaneio.

– Venha cá, Tommy, seu pirralho – ela riu, correndo atrás do irmão sapeca de apenas 3 anos até o quintal. – Vou mostrar para você quem é a gorducha.

Ela agarrou o pequenino pela cintura e o abraçou forte, levantando-o do chão. Deu um beijo estalado nele e ficou coberta de uma substância verde

pegajosa.

– O que você estava comendo? – ela sorriu.

– Monstros gosmentos! – ele disse e mostrou um pacote vazio.

– Tripas Verdes Pegajosas – ela leu em voz alta. – Feitas de gelatina, muito açúcar e cheias de aditivos. Os seus dentes vão cair – e cutucou a barriga dele, brincando.

– Não ligo para os dentes – ele respondeu. – Gosto de monstros gosmentos!

Enquanto entrava no quarto para se trocar, Natasha se lembrou de uma música que sua mãe cantava para ela quando era pequena. Açúcar, perfumes e coisas finas, claro; rãs, caracóis e rabinhos pequeninos, ou algo assim. Tommy era assim mesmo. Mas ela adorava cada pedacinho dele. Será que Suzanna Craigson teve um irmão?

Capítulo 2

Na manhã seguinte, Natasha não conseguia acreditar que elas estavam jogando hóquei sobre grama nas piores condições que ela já tinha visto. Tinha chovido sem parar desde a noite anterior, então o campo estava um lamaçal só! Mesmo assim, Betty, a professora de Educação Física, tinha insistido para que elas vestissem os uniformes.

– Vamos lá, garotas, um pouco de chuva não faz mal a ninguém!

Por isso, lá estavam elas, tentando desesperadamente acertar a bola no gol das adversárias. Mas elas geralmente acabavam estateladas no chão, com tacos e pernas voando para todos os lados, menos para o lado certo! Márcia se aproximou discretamente de Olívia no campo. As duas detestavam esportes, por isso tentavam parecer pequenas e insignificantes para que a professora não reparasse que elas não estavam participando do jogo!

– Estão tentando escapar, não é? – a professora cochichou para as duas.

Olívia levantou os olhos para o céu:

– Estou tão molhada e suja que vou ter que ficar de molho numa banheira com água quente e espuma por pelo menos três horas!

Natasha riu. No mesmo momento, uma garota do outro lado do campo começou a correr em direção a elas. Ela se aproximou, e Natasha percebeu que a garota era Elis, usando uma faixa laranja e verde novinha na cabeça. Elis levantou o taco e bateu na bola com toda a sua força.

A bola parecia ir em direção a Olívia. Natasha avançou para pegá-la, mas, para sua surpresa, Márcia entrou na sua frente. Márcia deu uma batida

na bola, mas, calculando mal as condições do chão, inclinou-se demais para a frente e escorregou na lama. Ela deslizou por uma certa distância, girando até ficar virada para o lado oposto. Com a força da queda, o taco se soltou de sua mão e voou na direção das meninas. Natasha agarrou Olívia.

– Rápido, Olívia, abaixe-se! – ela gritou, e as duas se deitaram na terra, à espera do baque fatídico.

O taco caiu bem ao lado do pé direito de Natasha, quase no local exato onde Olívia estava alguns segundos antes. Por pouco não atingiu as duas. A professora Betty saiu correndo pelo campo, com os cabelos pingando, os olhos arregalados de horror, sem saber se alguém havia se machucado.

– Natasha, Olívia, vocês estão bem? Nossa, ainda bem! – ela disse quando as garotas se levantaram com o rosto cheio de lama e os shorts e as camisetas sujos e encharcados. – Vão para o vestiário e tomem uma ducha quente. Eu cuido da Márcia.

Márcia também se levantou.

– Desculpe, Olívia, professora, eu só estava tentando bloquear...

Ela começou a chorar, com as bochechas mais pálidas do que o normal.

– Vá para o vestiário, Márcia – disse a professora Betty. – Siga as meninas e tome uma ducha quente também. Vejo vocês em alguns minutos.

A professora Betty gentilmente conduziu as garotas para dentro da escola e voltou correndo para o campo.

Então, ela olhou o relógio: faltavam apenas dez minutos para o fim da aula. Ela ia deixar as três garotas ficarem um tempo no vestiário antes de levar o resto da classe para se limpar. A professora apitou para as garotas reiniciarem o jogo, e deixou escapar um suspiro de alívio, pois não teria que aplicar o que tinha aprendido no curso de primeiros socorros.

Betty olhou ao redor para ver aonde Elis tinha ido. A aluna não tinha a intenção de machucar ninguém. A professora sabia disso, mas tinha certeza de que Elis estava preocupada com Olívia.

Por fim, Betty avistou Elis parada na lateral do campo, sozinha. Que atitude estranha. A professora balançou a cabeça. Achava que Olívia e Elis fossem amigas, mas talvez estivesse enganada. Tentou sacudir um pouco da água do cabelo e correu para o campo, para garantir que mais nenhum acidente acontecesse!

Elis contemplava os tênis novos. Achou que o detalhe verde, nas laterais, combinava muito com sua faixa nova.

Márcia estava se enxugando depois do banho quente. A garota tremia só de pensar no que quase tinha acontecido.

– Eu sinto muito mesmo, Olívia – ela continuava a repetir. – Eu só estava tentando bloquear a tacada. Eu percebi que a Elis ia bater reto, quer dizer, não que ela quisesse acertar você, mas parecia que ela ia... Ah, não sei mais o que estou querendo dizer. Desculpe.

Olívia abraçou a garota chorosa.

– Márcia, eu agradeço muito o que você fez lá fora. O taco não me acertou, mas não sei como você conseguiu errar! – ela piscou para Natasha. – Mas o importante é que ninguém se machucou, e sou eternamente grata a você por ter me tirado daquele campo frio e molhado e me trazido para o chuveiro quente. Por isso, chega de choro, ok?

Márcia sorriu.

– Tudo bem, então. Obrigada por me perdoar.

– Ei, não era você que detestava hóquei? – Natasha brincou. – Mas lá estava você, mergulhando na frente das pessoas, dando tacadas com a maior

empolgação do mundo... Uma ótima atleta, hein? Isso só mostra o que os amigos são capazes de fazer pela gente. Sorte sua, Olívia.

Márcia ficou um pouco apreensiva, mas percebeu que Natasha estava fazendo um elogio sincero e ficou bem mais tranquila.

– Vamos nos trocar e sair daqui – disse Olívia. – Antes que o resto da classe chegue e a gente fique presa no tumulto. E lembrem-se que hoje temos que pegar as nossas fotos da turma. Mal posso esperar para ver como estamos horrorosas e quem tem mais espinhas!

Capítulo 3

Márcia se ofereceu para pegar as fotos e entrou na fila do lado de fora da diretoria. Elis estava duas meninas à frente dela.

– Ei, Márcia, como você está? – Elis sorriu. – Que espetáculo hoje de manhã!

– Estou bem – Márcia respondeu. – Você também deve ter ficado em choque quando percebeu em que direção a bola estava indo.

– Próxima! – disse alguém de dentro da sala da diretora.

Elis deu um passo à frente.

– Até mais tarde, Márcia – ela falou, depois de pegar a foto e voltar para o corredor.

Márcia suspirou. Por que ela estava se sentindo tão culpada pelo incidente quando Elis, que teve a maior parcela de culpa, parecia não dar a mínima para o caso? Talvez fosse isso mesmo o que acontecia com garotas que viviam cercada por meninos: jogos de hóquei se tornavam insignificantes na sua vida e batons de longa duração eram mais importantes. Ela se perguntava se um dia se sentiria assim, mas não parava de imaginar se algum menino um dia se interessaria por ela. Talvez ela devesse pintar o cabelo.

Ela entregou o pequeno envelope para Natasha.

– Entreguei o da Olívia para ela – Márcia disse quase sem fôlego de tanto correr. – Ela disse que vai encontrar você na classe. Tenho duas aulas de Geografia, então até mais tarde.

– Obrigada, Márcia! Até mais.

Natasha enfiou a foto na mochila. Teria mais tempo para examiná-la depois. Foi para a aula de Francês do professor Jenkins e, como sempre, se sentou perto de Olívia. Natasha gostava de Francês, ainda mais porque o professor Jenkins era bem atraente. Ela podia ouvir o sotaque quase perfeito de seu lindíssimo professor e olhar para ele durante duas aulas, todos os dias, sem adormecer uma única vez! Ela sorriu para Olívia e abriu sua apostila.

Um pouco antes das quatro, Natasha se lembrou que, quando ela estava semiacordada, sua mãe tinha pedido para ela passar na lavanderia de manhã.

Ela teria que correr até a cidade se quisesse chegar antes de a loja fechar. Esperava que Olívia se lembrasse de que elas tinham planos para aquela noite, e escreveu um bilhete, só para constar. O sinal tocou, Natasha saltou da cadeira e colocou o bilhete na mão de Olívia.

– Preciso ir – ela disse. – Até mais tarde.

Olívia apertou o bilhete tentando não derrubar os livros, as canetas e a mochila e viu Natasha sair da sala de aula.

“Aonde ela vai com tanta pressa?” – Olívia pensou. “Hoje à noite eu descubro, eu acho.”

– Foi à lavanderia? – a mãe gritou, quando a porta da frente bateu.

– Sim, mãe, não esqueci – Natasha gritou em resposta, soltando um suspiro de alívio por ter lembrado a tempo!

Ela deu um beijinho rápido no rosto sonolento de Tommy quando passou pelo quarto dele. Ele brincava tanto que sempre precisava de uma soneca à tarde. Natasha foi para o quarto para trocar aquele uniforme

horrível. A garota vestiu calça e camiseta de corrida e se atirou na cama, com as mãos atrás da cabeça.

“Acho melhor ver se tenho lição de casa para fazer, pois provavelmente não vou querer fazer nada mais tarde” – ela pensou, pegando a mochila.

Natasha remexeu na mochila e viu a foto de classe esquecida.

– Ah, a foto! – ela sorriu. – Pelo menos, os anos anteriores servem para alguma coisa: dar boas risadas.

Ela rasgou o celofane e procurou seu rosto em meio a tantos outros. Lá estava ela, com o cabelo desarrumado preso atrás das orelhas, com algumas mechas escapando dos lados. Ela nunca conseguia deixar o cabelo minimamente arrumado, com exceção da vez em que sua mãe a levou ao salão de beleza para fazer um penteado para uma dança que ela faria na escola. Ele ficou lindo, mas até a própria cabeleireira teve dificuldades de mantê-lo sob controle. Entretanto, ela usou tanto spray nele, que Natasha achou melhor que o cabelo parecesse rebelde do que preso com um coque!

Ela olhou de novo para a foto. Lá estavam Elis e Olívia em pé, juntas, e Márcia na fila da frente. Como ela era menor que as outras, o fotógrafo tinha sugerido que seria melhor se ela ficasse na frente. Márcia havia dito que queria ter usado seus novos sapatos de plataforma, para não ficar separada de suas amigas. Paul riu e disse que a posição dela em uma simples foto não mudaria em nada a amizade delas! Elis riu também, mas sorriu muito mais para o fotógrafo. Ela era muito fotogênica. Bastava ver a maneira como ela olhava para a câmera.

Natasha examinou o resto da fotografia rapidamente. Seus olhos foram parar no lado direito da fila de trás. Uma garota pequena e muito bonita aparecia ligeiramente separada das outras, sem olhar para a câmera.

“Mas quem é essa?” – pensou Natasha.

Ela nunca tinha visto a garota antes. Será que era uma aluna de outra classe que tinha sido colocada na turma delas no último minuto? Ela não se lembrava de ter visto nenhuma menina sendo apresentada. Provavelmente, era nova na escola. Porém, alunas novas sempre despertavam tanto interesse que ela com certeza teria se lembrado do fato. Quem era ela? Olívia certamente saberia. Natasha olhou para o relógio: eram só cinco e meia. Elas tinham combinado de se encontrar na casa de Natasha às sete da noite para discutirem as fantasias do Baile de Dia das Bruxas de sexta-feira. Natasha queria ir de Cleópatra, e sua mãe havia prometido ajudá-la a fazer o penteado. Seria também uma boa desculpa para colocar um monte de maquiagem e usar joias até a metade dos braços! Ela colocou a foto em cima do rádio e desceu para ver o que tinha para o lanche.

Capítulo 4

Olívia leu o bilhete de novo.

“Vejo você às sete no cemitério. Procure a lápide de Suzanna Craigson.”

Olívia ficou totalmente intrigada com o bilhete. Ela achou que as duas fossem discutir fantasias, e não passar uma noite sinistra no cemitério! Isso não era nada típico de Natasha também; ela não era corajosa quando o assunto tinha algo a ver com sepulturas e igrejas antigas, principalmente às sete da noite, quando começava a escurecer.

Ela suspirou e guardou o bilhete no bolso do casaco. Depois de ajudar a mãe a lavar a louça do jantar, ela se trocou e foi encontrar a amiga. Sem dúvida, tudo seria esclarecido quando ela encontrasse Natasha.

Sete e cinco. Natasha estava atrasada. Olívia encontrou a lápide facilmente, já que esta ficava quase na entrada do cemitério e podia ser vista claramente da rua. Olívia ficou contente por ter colocado um casaco pesado, pois começou a esfriar muito. Ela levantou a gola e afundou as mãos nos bolsos.

Sete e dez.

– Olívia – ela ouviu. Ela olhou para trás e viu um vulto vindo do portão do cemitério.

– Depressa, Natasha – ela disse. – O que você estava fazendo aí dentro?

Em uma fração de segundo, assim que chamou Natasha, Olívia percebeu que a pessoa não era de fato Natasha. A pessoa que vinha em direção a ela era menor e mais magra que a amiga, e estava mancando. Olívia tentou observar melhor a garota, mas a noite começou a cair e ela

quase não conseguia analisar as feições daquele rosto. Quando a garota se aproximou, com lentidão e dificuldade, Olívia percebeu que ela tinha cabelo comprido quase dourado, enrolado em cachos que moldavam seu rosto e caíam em forma de cascata nas costas. Ela parecia estar angustiada.

– Você está bem? – Olívia arriscou.

A última coisa que ela queria fazer era estar ali oferecendo ajuda. Por alguma razão, a garota que estava se aproximando a assustava. Olívia se sacudiu.

“Não seja boba” – ela pensou. – “Você só está assim porque está perto de um cemitério, está anoitecendo e as árvores estão fazendo sombras escuras.”

Mas essa pequena autocensura só serviu para fazê-la se sentir pior, e ela desejava que Natasha chegasse logo. Um pouco de apoio moral seria bom!

A garota parou quase em frente a Olívia, que reparou na roupa estranha que ela usava. O vestido era longo, com babados nos punhos. Também usava um gorro do mesmo estilo na cabeça. Calçava um sapato especial esquisito, feito sob medida, no pé direito, justamente o pé que ela parecia arrastar quando caminhava.

Ela olhou diretamente para Olívia, que percebeu pela primeira vez que a garota tinha uma característica quase etérea: sua pele era tão pálida que quase chegava a ser transparente. Seus olhos pareciam estar cheios de lágrimas.

– Você é Olívia Goulden? – a menina sussurrou. – Preciso encontrá-la, por favor! Ela está correndo perigo, preciso avisá-la!

Ela estendeu a mão como se quisesse pegar na mão de Olívia, mas não houve nenhum toque. A mão da garota apenas pareceu atravessar a mão de Olívia, causando uma sensação de vento frio, que lhe gelou a própria alma.

Olívia estava literalmente congelada de medo. Sentia tanto frio que seus dentes começaram a tremer e ela só conseguia pensar em cair fora dali.

– Por favor, você precisa me ouvir – a garota disse de novo. Foi nessa hora que Olívia descongelou. De repente, ela virou, desviando-se da garota de cabelo claro, e correu como nunca havia corrido. Durante o percurso, ela tropeçou algumas vezes em buracos na calçada, até finalmente ver ao longe a casa calorosa e acolhedora de Natasha.

Ela nem sequer bateu à porta, apenas entrou e correu direto para o quarto de Natasha no andar de cima, empurrando Natasha, que estava no caminho e queria descobrir que confusão era aquela.

– Olívia, mas o que é isso?

Olívia parou de um lado da janela e abriu a cortina.

– Apague a luz! – ela instruiu Natasha.

– Não até você me dizer o que está acontecendo – Natasha respondeu.

– Apague a droga da luz! – Olívia gritou. – Ou eu mesma apago.

– Tudo bem, tudo bem – respondeu Natasha, pulando para desligar o interruptor. – Fale baixo, senão vai acordar o Tommy.

Natasha se juntou a Olívia para olhar pela janela do quarto, embora não soubesse o que deveria procurar.

– Veja, lá está ela! – Olívia indicou, quase histérica.

Natasha olhou pela janela e viu Márcia chegando.

– É a Márcia – disse Natasha. – Ela ligou aqui logo depois das seis para perguntar se poderia vir ajudar com as nossas fantasias. O que tem de errado nisso?

Foi então que ela percebeu que as mãos, e praticamente todo o corpo de Olívia, tremiam.

– Olívia, você precisa se acalmar e me dizer o que aconteceu lá fora. Não faço ideia do que está acontecendo. Venha, sente-se na cama comigo.

Olívia se deixou levar até a cama, e na mesma hora se sentou e rompeu em lágrimas. Márcia chegou e bateu à porta. Tommy acordou e começou a chorar. A senhora Morris atendeu a porta e Márcia entrou.

– Faça um favor para mim, querida – ela disse. – Esquente um pouco de leite para o Tommy. Ele gosta de tomar leite quente quando acorda a esta hora. Vou buscá-lo.

– Claro, senhora Morris – concordou Márcia, que adorava gorduchinhos como Tommy e que não se importou de ajudar a cuidar dele antes de se reunir com as amigas no andar de cima.

Enquanto isso, Olívia tinha acabado de contar sua história para a amiga.

– Mas o que você estava fazendo no cemitério? – perguntou Natasha.

Olívia olhou para Natasha, chocada.

– Você me disse para nos encontrarmos lá, no seu bilhete – ela respondeu.

– Qual bilhete? Aquele que eu passei para você na aula de Francês?

“Essa não, de novo não” – pensou Natasha. Será que ela estava ficando maluca?

– Posso ver o bilhete, Olívia? Eu não pedi para você me encontrar no cemitério, não mesmo. Deixe-me ver o bilhete, por favor.

Olívia tirou o bilhete amassado do bolso do casaco e o entregou à amiga. Com certeza, o bilhete confirmava o que Olívia havia dito. Só que, para Natasha, foi ainda mais assustador.

– Vejo você às sete no cemitério. Procure a lápide de Suzanna Craigson.

Suzanna Craigson! O túmulo que Natasha havia visto pela primeira vez no outro dia.

Natasha balançou a cabeça, desacreditada.

– Não tenho ideia do que aconteceu, Olívia, juro. Eu não escrevi “no cemitério” nesse bilhete. Só escrevi: “Vejo você às sete”. Você sabe como me sinto a respeito de sepulturas e coisas assim... Sem chance de eu ter pedido para você me esperar lá! – ela respirou fundo. – Não sei o que fazer, Olívia. Você acredita em mim, não é? – ela olhou para a amiga.

Olívia levantou os olhos manchados de lágrimas.

– Acredito, mas só porque você é você, e porque eu a conheço há tempo o suficiente para saber que você nunca me assustaria intencionalmente. Mas isso ainda não resolve a questão. O que está acontecendo? Primeiro, o meu nome completo apareceu escrito em um bilhete. Depois, surgiram palavras novas no segundo bilhete. E agora isso, essa menina lá fora a esta hora... – Olívia começou a tremer de novo.

– É melhor nos recuperarmos antes que a Márcia suba. Não vamos querer assustá-la com alguma história incompleta sobre bilhetes e aparições fantasmagóricas – disse Natasha.

– História incompleta? – Olívia protestou.

– Sim, sei o que você viu e acredito em você – disse Natasha. – Mas será que alguém vai acreditar? Sinceramente, é melhor mantermos tudo isso em segredo até sabermos exatamente o que está acontecendo.

– Então, qual será a fantasia da Elis na festa? – Márcia perguntou enquanto colava mais lantejoulas com a maior habilidade no vestido de Olívia, que tinha decidido ir fantasiada de personagem de filme de gangster.

Ela adorava filmes antigos e tinha acabado de assistir a uma temporada de filmes de gangsteres em que todas as mulheres usavam vestidos com lantejoulas, estolas de pele e toneladas de batom vermelho brilhante!

– Não sei, ela não comentou nada – respondeu Olívia.

– Nem pensem que vai ser alguma coisa sem charme. Conseguem imaginar a Elis fazendo algo sem charme? – Natasha sorriu. – Bem, nós vamos bem-vestidas para o evento, não é, meninas?

Ela olhou para Márcia.

– Quem você vai ser, Márcia? Ei, se você ainda não escolheu, que tal ir vestida de Al Capone? Aquele gângster malvado de Chicago. Você pode ser o par da Olívia. Posso pegar os suspensórios do meu pai para você. Você pode pegar um estojo de violino emprestado e fingir que é uma metralhadora. Márcia, ouviu alguma palavra do que eu disse?

Ela olhou para a amiga, que continuava sentada, cabisbaixa, colando lantejoulas no vestido de Olívia.

– Sim, Natasha, ouvi tudo – ela respondeu. – Obrigada, mas a minha mãe disse que acharia uma fantasia para mim, algo que tenha a ver com uma tradição de família.

Márcia abaixou a cabeça de novo e voltou à sua tarefa.

Natasha e Olívia trocaram olhares, mas não disseram nada. Às vezes elas se perguntavam sobre a família de Márcia, que parecia ter uma educação muito rigorosa. Talvez porque era filha única, elas achavam. De qualquer forma, era melhor não dizer nada.

Olívia atirou um cinto de couro enrolado para Natasha.

– Isso é para você, Natasha. É uma cobra, lembra? Cleópatra precisa de uma serpente.

Natasha deu um berro.

– Tire isso de perto de mim, Olívia. Eu não vou enrolar uma cobra em mim de jeito nenhum!

A porta do quarto de Natasha abriu e revelou a senhora Morris parada no corredor.

– Se vocês acordarem o Tommy de novo, não vão ao Baile de Dia das Bruxas – ela ameaçou. – Então, falem mais baixo, por favor.

Capítulo 5

No dia seguinte, Natasha, Olívia e Elis estavam conversando no pátio da escola.

– Continua saindo com o Scott, Elis? – Olívia perguntou.

– Sim, fomos ao cinema ontem à noite. Vimos um filme muito assustador. Aquele dos zumbis no shopping, sabem?

– Zumbis? Vocês ficaram loucos? – Natasha riu. – Achei que namorados assistiam a filmes românticos e se sentavam na última fila!

Elis também riu.

– Eu sei. Acho que o Scott e eu não somos um casal romântico. Prefiro ver um bom filme de terror a ficar beijando alguém na fila do fundo. Olívia, está tudo bem?

Olívia tinha se afastado das duas garotas e observava Márcia, que caminhava lentamente em direção a elas. Só que ela não estava andando normalmente, ela vinha mancando e arrastando a perna.

– O que houve com a sua perna? – ela balbuciou.

Márcia passou ao lado das garotas.

– Levei um tombo no chuveiro ontem, escorreguei no chão molhado – ela comentou. – Preciso ir. Tenho Estudos Sociais na primeira aula, e vocês sabem que o professor Andrew gosta de pontualidade.

– Tchau, Márcia – as garotas gritaram enquanto viam a amiga desaparecer pelos degraus de pedra e entrar pela porta da frente do colégio.

– Também preciso ir – disse Elis. – Vejo vocês na hora do almoço.

– Tchau, Elis. Olívia, está tudo bem com você? – Natasha perguntou à amiga.

Olívia se recompôs.

– Sim, estou ótima, Natasha. É que a cor do cabelo da Márcia e o fato de ela mancar me fizeram lembrar...

– Está tudo bem, Olívia, já sei de quem você se lembrou. Suzanna Craigson também não sai da minha cabeça, embora eu me esforce para não pensar nela.

No mesmo momento, o sinal tocou, e as garotas se lembraram da aula.

– Vamos! – Natasha pegou no braço da amiga. – Conversamos mais sobre isso no intervalo.

A hora do intervalo demorou para chegar. Natasha passou as duas primeiras aulas enfeitando a capa de sua apostila com desenhos de olhos de Cleópatra: com delineador preto e cílios dourados, com delineador verde e cílios azuis, com delineador prata e cílios dourados! Ela ainda estava pensando se devia ou não pintar as unhas de duas cores diferentes quando foi surpreendida pelo sinal. Enfiou os livros na mochila e se deparou com a foto que ela havia guardado para perguntar a Olívia quem era a garota misteriosa.

Ela se juntou a Olívia na fila da cantina.

– Dê uma olhada nisso! – Natasha tirou a foto de dentro da mochila e mostrou para Olívia. – Percebe algo estranho?

Olívia examinou a foto.

– Meu Deus, é ela! Natasha, é ela, a garota do cemitério, essa à direita no alto da foto – ela virou-se para Natasha. – Não entendo. O que está acontecendo aqui?

As pessoas começaram a olhar para as duas.

– Xiu, Olívia – Natasha pegou de novo no braço da amiga e a levou para longe da fila, em direção ao banheiro.

– Como assim, é ela? Não acredito – disse Natasha. – Você quer dizer que a garota da foto é Suzanna Craigson?

Olívia não estava mais ouvindo. Começou a vasculhar sua mochila.

– Aqui está! – ela disse, triunfante, quando pegou sua cópia da foto da classe. Retirou o celofane e mostrou a foto para Natasha.

– Olhe! – ela gritou. – Ela não está na minha foto... Não tem nada estranho na minha. Quem adulterou a sua? Nada disso faz sentido. Quem desenharia um rosto na sua foto? Quem é essa Suzanna Craigson? – ela começou a chorar.

Natasha pegou a foto de Olívia e a examinou atentamente. Com certeza as garotas da última fila eram todas colegas de classe, conhecidas delas, e não havia sinal da bela garota loira e magra no canto direito superior da foto.

– Não sei responder a nenhuma dessas perguntas, Olívia, mas quero esclarecer isso tanto quanto você. Vamos descobrir quem é essa Suzanna Craigson muito em breve. Não precisa chorar. Está tudo bem agora.

Olívia enxugou os olhos com a manga do casaco. Natasha segurou as duas fotografias nas mãos. Ela procurou manter a calma, pelo bem de Olívia, e pelo bem dela mesma. Ela virou as fotos e, ao ler os nomes, percebeu que as fotos estavam trocadas. Márcia devia ter misturado os envelopes quando os pegou no dia anterior.

– Olívia, parece que você estava com a minha cópia. Veja, o seu nome está na minha foto – e ela mostrou o verso das fotografias para a garota. – Mas isso não importa.

– Importa sim – Olívia retrucou. – Você não entende? Suzanna disse que tinha que falar comigo, que eu estava em perigo. De alguma forma, parece que ela está tentando entrar em contato comigo, acrescentando coisas nos bilhetes, aparecendo no cemitério, e agora aparecendo na minha foto! Não sei se consigo aguentar mais!

Olívia estava extremamente pálida. Natasha tentou tranquilizá-la.

– Vamos – Natasha disse, com firmeza. – Temos mais duas aulas. No intervalo, amiga, nós vamos à biblioteca.

– Mas no intervalo vamos encontrar a Elis, e provavelmente a Márcia.

– Droga! Bem, então teremos que esperar até as quatro da tarde. E nada de bilhetes – ela sorriu. – A partir de agora, vamos combinar nossos planos cara a cara!

– Mas por que na biblioteca? – perguntou Olívia, intrigada.

– Porque é lá que estão guardados os jornais antigos com as coisas interessantes que aconteceram na cidade nos últimos 100 anos ou mais. Se alguma dessas coisas tiver qualquer relação com Suzanna Craigson, nós vamos descobrir.

Olívia se arrepiou. Ainda bem que Natasha era corajosa e sensível, ou pelo menos fingia ser, porque Olívia não estava lidando nada bem com aquela situação. Natasha colocou as fotografias na mochila enquanto as garotas seguiam para a próxima aula. Nem ela nem Olívia perceberam que a garota no canto da foto de Olívia havia desaparecido completamente.

A senhora Florence olhou para as garotas por cima da armação de seus óculos.

– Que estranho ver vocês duas na biblioteca depois da aula – ela afirmou.

Natasha suspirou.

– Eu sei, senhora Florence, mas resolvemos participar de um projeto sobre a vida na década de 1900 aqui em nossa cidadezinha, e acreditamos que a melhor pessoa para nos ajudar seja a senhora. Não que eu esteja dizendo que a senhora é velha, nada disso! – ela continuou. – Mas talvez a senhora possa nos indicar alguns recortes de jornais, livros de história, fotos antigas, entre outras coisas, que auxiliem em nossa pesquisa. A senhora me entendeu.

A bibliotecária aparentemente fria, mas de bom coração, deu um pequeno sorriso.

– Por aqui, meninas – ela levou-as em direção à estreita escada em espiral da antiga biblioteca. – Apressem-se, antes que outros caçadores de conhecimento venham em busca de assistência.

As garotas nunca tinham ido ao andar de cima da biblioteca. Afinal, aquele não era um dos locais preferidos delas. Elas sempre encontravam coisas mais divertidas para fazer durante o horário escolar, pelo menos até então!

– Os livros que estão no alto à esquerda são sobre a história da atual Chalmersville. Nas prateleiras de baixo, existem pastas com jornais antigos, em ordem cronológica. Se forem mexer, coloquem tudo de volta na ordem correta! – ela acrescentou antes de voltar à recepção. – Se precisarem de ajuda, vocês vão ter que descer. Não posso deixar a recepção vazia, pois pode chegar alguém.

As palavras dela foram sumindo à medida que as garotas iam para a parte superior da velha biblioteca.

Natasha e Olívia trocaram olhares.

– Chegar alguém? – Natasha ergueu as sobrancelhas. – Quando foi a última vez que você viu uma fila do lado de fora da biblioteca?

Olívia riu.

– Xiii, ela pode escutar, e podemos precisar da ajuda dela mais tarde. Nunca se sabe.

– Ela não vai nos ouvir – retrucou Natasha. – Escute. Ela está carimbando! Ela adora usar o carimbo de “atrasado” nos livros devolvidos.

As garotas então chegaram ao destino.

– Nossa! Que cheiro de mofo – disse Olívia ao pisar o chão empoeirado.

– Vai ficar pior ainda quando terminarmos – comentou Natasha. – Veja só a camada de poeira em cima deste livro!

Ela pegou um grande livro marrom no alto de uma prateleira de cima e o abriu sobre a mesa.

– Tudo bem, Olívia! Você começa pelos jornais. Agora vamos ver, pelo que me lembro, Suzanna viveu de novembro de 1906 a outubro de 1920. Veja se consegue encontrar algo sobre ela nos jornais. Tome, pegue um petisco – ela retirou do bolso dois pacotes de batata.

Duas horas depois, as garotas tinham feito pouco progresso. Natasha havia descoberto que o nome Craigson era relativamente novo em Chalmersville. Ou melhor, era novo dois séculos atrás. A família havia se instalado numa casa da cidade, e a descrição da casa não significava nada para as garotas. Elas concluíram que a casa não existia mais ou, se existisse, o atual proprietário teria feito tantas reformas que ela não tinha mais nenhuma semelhança com a casa descrita no livro.

– Espere – disse Olívia, empolgada. – Veja isso! “Tragédia na residência Craigson. Uma jovem foi encontrada na lagoa perto de sua casa no bairro de Gatefells depois de um incidente fatal de afogamento.”

Natasha fechou o livro e prestou atenção ao que Olívia estava lendo.

– É onde a Elis mora, Gatefells. Continue, Olívia.

– “O senhor e a senhora Craigson, que perderam a única filha, estão naturalmente abalados e pediram para não serem importunados em seu luto.”

Nesse ponto, a história parava, embora as garotas tivessem descoberto mais a respeito da família em outro artigo. Aparentemente, pouco se sabia sobre o casal, que era relativamente novo em Chalmersville. Apesar disso, o senhor Craigson se tornou rapidamente uma figura bem conhecida na comunidade por seu incansável trabalho ajudando instituições de caridade. Elas descobriram que a garota que tinha se afogado se chamava, de fato, Suzanna. Ela tinha saído sozinha de barco, apesar de ter sido avisada pelos pais em ocasiões anteriores de que deveria estar sempre acompanhada. Não havia evidências de que ela havia sido acompanhada por alguém. O artigo também dizia que ela era fraca de saúde e usava um sapato especial feito sob medida, porque tinha nascido com uma perna mais curta do que a outra. Olívia respirou fundo.

– A garota da foto e a do túmulo só podem ser a mesma pessoa, Natasha. Mas por que ela está tentando entrar em contato comigo agora? Como eu queria entender o que está acontecendo. Eu nem mesmo acreditava em fantasmas!

Natasha continuou a folhear vários jornais.

– Pelo menos, encontramos algumas informações, Olívia. Não foi um dia completamente perdido. Pelo menos sabemos que Suzanna Craigson morava numa casa em Chalmersville, que ela morreu num acidente de barco e era filha única – ela parou.

– E daí, Natasha? Desculpe, mas não sei exatamente como isso vai nos ajudar a descobrir por que ela quer entrar em contato comigo – Olívia suspirou.

– Paciência, querida, vamos resolver esse pequeno mistério em breve – Natasha disse. – Ei, você reparou nessas datas, 2 de novembro de 1906 a 1º de novembro de 1920? Isso significa que ela morreu um dia antes de fazer aniversário e um dia depois do Dia das Bruxas. Isso deve significar alguma coisa. Não pode ser coincidência. Venha, vamos sair daqui antes que nos coloquem de volta nas prateleiras com o resto das relíquias daqui! Estou tão empoeirada que não vejo a hora de chegar em casa e tomar um banho.

As duas garotas desceram a escada tirando o pó do corpo no caminho.

– Obrigada, senhora Florence – elas agradeceram à bibliotecária.

– Silêncio, meninas! – ela levou o dedo aos lábios.

– Desculpe – elas riram. – Achamos que não tivesse ninguém aqui.

Na verdade, não havia mesmo ninguém lá. E, felizmente para elas, a senhora Florence não ouviu essa última observação.

Ela as acompanhou até a porta.

– Espero que tenham colocado tudo no lugar certo, em ordem cronológica – ela se inclinou para falar com as garotas. – Tive que trabalhar bastante para organizar esses jornais – ela finalizou.

– Sim, claro, arrumamos tudo – sorriu Natasha. – E muito obrigada pela ajuda, senhora Florence. Acho que vamos ter que voltar outro dia. É muito bom saber que podemos contar com a senhora – ela bajulou.

A senhora Florence colocou uma mecha de cabelo solto atrás dos óculos.

– É sempre um prazer ver vocês – ela corou. – Até mais, garotas!

Ela fechou a porta devagar.

– Natasha! – Olívia falou, já fora da biblioteca, assim que as duas atravessaram a rua para voltarem para casa.

– Sim? – disse Natasha, distraída.

– O que quer dizer cronológica?

Capítulo 6

Olívia estava animada para o Baile de Dia das Bruxas daquela noite e sentia que a aula de Geografia não terminava nunca. Ela e Natasha estavam com as fantasias prontas e não viam a hora de chegar em casa e se vestir.

“Gostaria de saber qual fantasia a Márcia e a Elis vão usar. Talvez elas tenham contado para a Natasha e ela tenha se esquecido de me dizer, ou talvez seja um grande segredo” – Olívia refletiu.

Olívia e Natasha tinham feito um pacto para esquecerem de Suzanna Craigson só naquela noite, para irem ao Baile de Dia das Bruxas e nada mais: só o baile! O sinal tocou e todos os alunos enfiaram os livros, canetas e todos os outros materiais na mochila. Olívia encontrou Natasha fora da classe.

– Achei que a aula não acabaria nunca! – ela sorriu para a amiga.

Natasha sorriu de volta.

– Ei, Elis! – Natasha chamou.

Olívia se virou para onde Natasha estava olhando e viu Elis saindo do prédio da escola. Ela cruzou a porta e seus cachos escuros desapareceram. No entanto, ela parecia não ter ouvido o grito da amiga e acelerou o passo.

– Estranho. Eu podia jurar que ela tinha nos visto, e tenho quase certeza de que ela não estava longe o bastante para não ter me ouvido gritar – Natasha ficou intrigada por uns instantes. – Bom, sei lá. Vamos dar o fora daqui. Temos muito o que fazer antes do baile, então vamos descobrir os segredos por trás das fantasias de Márcia e Elis!

O salão da escola estava bem iluminado, não só por luzes, mas por abóboras posicionadas estrategicamente, com a parte interna removida para dar lugar a velas pequenas e grossas. Um a um, os alunos chegaram, admirando as fantasias uns dos outros, tentando adivinhar a identidade dos mascarados. O equipamento de som no palco enchia o salão com uma música alta, e faixas suspensas no teto saudavam os alunos com as palavras: “Bem-vindos ao Baile de Dia das Bruxas de Chalmersville de 1997”. Natasha tinha acabado de chegar e estava tentando arrumar a peruca ao descer do carro da mãe.

– Pelo amor de Deus, Natasha, deixe isso quieto, ou você vai acabar sem peruca nenhuma! – a mãe suspirou.

– Tchau, Cléo!

Tommy sorria no banco de trás, e seus dedinhos abriam e fechavam em sua mão gorducha quando ele acenou em despedida. Ele não conseguia pronunciar Cleópatra direito, então Natasha achou que “Cléo” era uma bela solução.

– Tchau, querido! – ela soprou um beijo e foi para a rua.

– Natasha... – a mãe começou.

– Eu sei, mãe! – ela interrompeu. – Não vou voltar tarde.

A senhora Morris sorriu ao ligar o carro e se afastar do meio-fio.

– Divirta-se, Natasha. Tchau.

Natasha acenou para Tommy enquanto ele acenava de volta da janela traseira. Então, com um último puxão na peruca, ela se juntou aos outros festeiros que entravam no salão.

– Por aqui, Natasha – ela ouviu Olívia chamar.

Ela se virou para ver a amiga, que estava com uma piteira na mão, luvas de seda, vestido de lantejoulas e um pequeno chapéu com uma pena enorme

na cabeça.

– Olívia, você está incrível! – ela riu e se aproximou da amiga.

– E você também, Nat. A sua maquiagem está fantástica. Você parece uma morta reencarnada, os seus olhos estão tão escuros!

As duas garotas riram e saíram à procura das outras colegas de classe. Haveria um prêmio para a melhor fantasia, e a maioria dos alunos tinha se esforçado bastante para entrar na competição. Um gorila passou rosnando para Olívia, que riu.

– Acho que nunca saberei quem ele é. Há pelo menos seis gorilas diferentes aqui.

As garotas foram para um canto do salão, onde eram servidos refrigerantes.

– Veja, o Batman! – sorriu Natasha. – E a Mulher Gato está com ele. Olhe só o comprimento das garras dela... E eu achei que as minhas unhas postiças eram compridas!

Uma índia muito gorda parou ao lado da mesa de refrigerantes, sorrindo de vez em quando para um Elvis cheio de lantejoulas.

– Isso não é divertido? – Natasha cutucou a amiga. – Olívia, mas o que está acontecendo com você?

Olívia parecia estar numa espécie de transe, mas o olhar de medo no rosto dela dizia a Natasha que havia algo muito errado. Ela seguiu o olhar de Olívia até o outro lado do salão e logo viu o que tinha chamado a atenção da amiga. Uma garota loira e magra tinha acabado de entrar no salão. Ela estava com um vestido longo de cor creme, muito fora de moda, com babados nos punhos e na bainha. Na cabeça, ela usava um chapéu esquisito no mesmo estilo.

– Oh, meu Deus! – Natasha respirou fundo. – Não pode ser... Será?

As duas garotas ficaram paradas como se estivessem pregadas no chão. Então, Natasha sentiu um puxão no braço.

– Oi, meninas.

Natasha se virou.

– Sou eu, a Márcia.

Ela estava usando um vestido azul-claro, com um avental branco curto amarrado na cintura. No cabelo, ela tinha uma faixa, e embaixo do braço, segurava um coelho branco. Natasha tentou se recompor. Ela esperava que a garota que elas tinham visto fosse de fato Márcia. Mas, se a garota parada ao lado dela era Márcia fantasiada de Alice no País das Maravilhas, essa possibilidade estava descartada!

– Oi, Márcia! – ela disse. – Olívia... – e puxou o braço da amiga. – Veja, a Márcia não está incrível de Alice?

Olívia virou-se.

– Ah, sim, sim! – Olívia hesitou. – A sua fantasia está ótima.

Ela tentou mostrar algum entusiasmo, mas seus olhos se arrastavam de volta para o vulto esguio do outro lado do salão.

– É como eu disse a vocês: tradição de família – Márcia continuou. – Aparentemente, a minha tataratia, na verdade não sei quantas gerações se passaram, ou outra parente dessa época conheceu Lewis Carroll que, como vocês sabem, foi quem escreveu *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*. Ele baseou a personagem da irmã de Alice nela. Quer dizer, sei que ela desempenhou apenas um pequeno papel, o da irmã. Porém, depois disso, a nossa família só quer saber de Alice. Todo Dia das Bruxas aproveitamos a oportunidade para homenagear um pouco os personagens do livro. Já me fantasiei de coelho branco antes, mas a fantasia era muito quente e abafada...

A voz de Márcia começou a ressoar em segundo plano e Natasha parou de prestar atenção, assim como Olívia.

– Márcia, não quero ser grossa, mas precisamos ver uma pessoa que está do outro lado do salão. Voltaremos em um minuto, com licença.

As duas se afastaram de Márcia e se apressaram. Márcia virou-se, sentindo-se um pouco ofendida, e mancou em direção à mesa de refrigerantes. Quando Natasha e Olívia se aproximaram, a bela garota loira virou-se em direção a elas com um sorriso nos lábios.

– Oi, Natasha, Olívia – ela murmurou. – O que acharam?

Natasha e Olívia pararam de repente. Olívia parecia intrigada com a garota.

– Elis? – ela questionou.

– Surpresa! – disse Elis. – Eu sabia que vocês adivinhariam que era eu! É por causa das sobrancelhas escuras, não é?

Natasha e Olívia voltaram a respirar de novo. Os olhos de Natasha foram direto para os pés de Elis, mas ela estava calçando sapatos normais, e não diferentes, como os da verdadeira Suzanna.

– Mas você está fantasiada de quê? – as garotas perguntaram.

– Ah, sei que eu não sou ninguém famosa – disse Elis –, mas minha mãe encontrou um baú no sótão e essa roupa estava lá. Serviu tão bem, e eu não tive tempo para fazer nada, e ainda por cima saindo com o Scott e tudo mais. Então, eu resolvi que viria vestida como uma jovem de Chalmersville se vestia cerca de 100 anos atrás! Mas vocês duas estão muito charmosas, acho que fiz a escolha errada – finalizou Elis.

– Não, ficou muito bom – Natasha elogiou. – Escute, a Márcia foi pegar refrigerante. Vamos voltar para encontrá-la. Você vem?

– Sim, eu já vou, só quero encontrar o Scott primeiro. Ele disse que está fantasiado de gorila. Por acaso vocês não o viram?

Olívia e Natasha se juntaram a Márcia.

– Márcia, desculpe – disse Olívia. – Deixe-me olhar melhor sua fantasia.

Márcia sorriu.

– Bem, tenho que admitir que fiquei um pouco chateada antes, mas eu perdoo vocês duas – ela rodopiou para mostrar o babado da saia, com a anágua engomada por baixo. – Não sei como as mulheres aguentavam usar essas coisas. Prefiro a minha boa e velha calça de moletom!

As garotas riram. Natasha e Olívia sorriram uma para a outra.

– Vamos – disse Olívia enquanto elas iam para a pista de dança. – Vamos fazer o que viemos fazer: dançar!

A noite passou rápido, o que é normal quando as pessoas se divertem. As abóboras e os convidados perderam o brilho, e os pais faziam uma fila de carros para buscarem os filhos. As quatro amigas estavam paradas no degrau mais alto do lado de fora do salão da escola.

– Puxa, quase esqueci – disse Elis. – A minha mãe disse que eu podia convidar vocês três para o almoço amanhã, já que é sábado. Por favor, digam que sim! Ela e o meu pai tiraram o dia para passear, a casa será só nossa! Podemos fazer o que quisermos. Vamos lá, meninas, vocês ainda não foram à minha casa, digam que vão poder ir.

As garotas pareciam ter gostado do convite. Elis estava certa, elas ainda não conheciam a casa dela.

– Certo – elas concordaram.

– Ótimo! Cheguem ao meio-dia. Você também, Alice – ela cutucou Márcia. – E, se quiser, traga o coelho branco!

Elis desceu os degraus correndo.

– Espere, Elis, você não quer carona? – Olívia gritou.

Mas Elis tinha ido embora. Com seus belos cachos esvoaçantes, ela sumiu na escuridão.

– Pelo jeito, não – Olívia concluiu quando o carro de seu pai parou ao lado da calçada.

As três garotas subiram no carro, abafando bocejos enquanto puxavam o cinto de segurança. Elas arrancaram as incômodas perucas, as anáguas engomadas e lamentaram a perda de lantejoulas nas roupas.

– Vocês ainda não viraram abóboras? – brincou o senhor Goulden.

– Não, pai – retrucou Olívia. – E nenhuma de nós encontrou o príncipe encantado.

Natasha encostou a cabeça no banco e fechou os olhos durante a curta viagem de carro até sua casa.

Capítulo 7

– Amendoim? Você não pode estar falando sério, Natasha! Você quer levar amendoim? – Olívia não conseguia acreditar no que a amiga estava falando.

– Só de brincadeira! – Natasha riu ao telefone. – Hoje é o dia depois do Dia das Bruxas. Talvez a Elis queira brincar de pescar maçãs com a boca, nunca se sabe. De qualquer forma, a minha mãe comprou um zilhão de amendoins, e está sobrando um monte aqui na cozinha. Vou encher alguns saquinhos e levá-los.

Olívia permaneceu calada no outro lado da linha.

– Ainda está aí, Olívia? – Natasha perguntou.

– Estou, Natasha. É que você disse que hoje é o dia depois do Dia das Bruxas e eu me lembrei da data: 1º de novembro. Foi nesse dia, em 1920, que a Suzanna morreu, lembra?

Natasha tinha esquecido momentaneamente.

– Sim, lembro, Olívia. Vamos fazer o que fizemos na noite passada? Vamos até a casa da Elis e esquecemos um pouco da Suzanna por enquanto. Afinal, temos que admitir: nada de estranho aconteceu nos últimos dois dias. Talvez seja apenas coisa da nossa cabeça.

Olívia começou a protestar.

– Não, tudo bem! – Natasha continuou. – Sei que você está certa, nós não podíamos ter imaginado as coisas que aconteceram. Vamos fazer assim: a partir de amanhã, vamos analisar toda essa coisa de novo. Voltaremos à biblioteca e faremos algumas perguntas para a senhora Florence. Talvez, ela consiga nos ajudar.

Olívia respirou fundo e disse:

– Tudo bem, Natasha, acho que você tem razão. Encontro você na rua de baixo perto do novo Centro de Saúde. Vou ligar e pedir para a Márcia nos encontrar lá também. Vejo você em meia hora.

Olívia desligou o telefone. Natasha estava certa. Ela devia deixar essa coisa de lado. Suzanna Craigson estava morta, e não havia absolutamente nada que ela, Olívia Goulden, pudesse fazer a respeito disso. Ela pegou o telefone e ligou para Márcia.

Ninguém atendeu.

“Estranho” – pensou Olívia. “Talvez ela já tenha ido para a casa da Elis. Eu pensei que ela quisesse se encontrar com a Natasha e comigo, para irmos todas juntas. Talvez ela tenha ido comprar alguma coisa e nos encontre no caminho.”

Olívia subiu alguns degraus para pegar seu casaco. Às vezes, fazia muito frio nessa época, e ela não sabia se Elis planejava passar o dia dentro ou fora de casa. Era melhor estar preparada.

– Vamos lá, molenga – gritou Natasha. – Estou congelando aqui.

Olívia apertou o passo na calçada em direção à amiga.

– Desculpe, estava tentando ligar para a Márcia, mas não consegui falar com ela nenhuma vez – Olívia explicou.

Natasha deu de ombros.

– Talvez ela já esteja na casa da Elis, quem sabe? Vamos nos apressar. Espero que ela tenha feito alguma bebida quente.

As garotas começaram a subir a ladeira em direção ao bairro de Gatefells, porque a casa ficava quase no ponto mais alto da cidade. Elas

caminharam juntas num silêncio agradável, aquele que só é bom entre amigos de longa data.

Olívia quebrou o silêncio ao perguntar:

– Você sabe com o que o pai da Elis trabalha, Natasha? A família parece ser muito bem de vida.

Novamente, Natasha deu de ombros.

– Não, pensei várias vezes em perguntar para a minha mãe, mas não lembrei. Só sei que eles moram numa casa grande e luxuosa no topo dessa colina e que nunca falta nada para a Elis!

As garotas chegaram ao terreno da velha casa, e Natasha ficou impressionada, não só com a beleza dos imensos jardins que rodeavam a mansão, mas com a enorme proporção de tudo.

– Não seria um sonho morar aqui? Olhe a grandeza desse lugar!

Olívia não respondeu. Desde que tinha entrado no terreno da casa, ela estava nervosa.

– Não havia portões aqui? – ela perguntou a Natasha, apontando para o final do gramado.

Natasha virou-se para Olívia.

– Como vou saber, Olívia? Só passei por aqui uma ou duas vezes, e eu estava de carro. Pelo que eu sei, não havia nenhum portão.

– Então, como é que eu me lembro de grandes portões de ferro fundido, sustentados por pilares de pedra dos dois lados? – perguntou Olívia. – E sei que aquele carvalho ali costumava ter um balanço no verão.

Olívia foi ficando cada vez mais agitada conforme falava. Seus olhos brilhavam quando ela olhava ao redor.

– Ali, a janela em que eu sempre sentava enquanto a Ellen preparava o jantar. Quando eu sentava numa determinada posição pouco antes do

anoitecer, eu via o papai desmontando...

Natasha encarou Olívia. Aquela coisa toda havia afetado a amiga mais do que ela tinha imaginado. Natasha segurou nas mãos dela.

– Olívia, você precisa se acalmar! Por favor!

Os olhos de Olívia, alucinados, percorriam todas as direções. Ela ria, quase gargalhando, mas era um riso vazio, que gelava o coração de Natasha.

– Olívia, por favor, você está me assustando. Quem é Ellen? Papai desmontando? Não sei do que você está falando.

– Natasha, Olívia, por aqui – as garotas se viraram. Elis estava parada na entrada da casa, acenando, frenética. – Venham, meninas. Achei que nunca fossem chegar!

Natasha olhou na direção de Olívia, ainda segurando as mãos dela. O olhar alucinado tinha desaparecido, e Olívia estava normal de novo.

– Estou bem, Natasha. Sinceramente, não sei o que aconteceu agora há pouco. Tive a estranha sensação... Ah, não importa. Vamos! – ela esfregou os olhos como se tivesse acabado de acordar de um sono profundo e levantou ainda mais a gola do casaco. – A Elis está nos esperando. Vamos.

As garotas subiram o curto caminho que levava à entrada da casa tentando afastar qualquer pensamento sinistro.

Elis as levou até a enorme cozinha. Havia um grande fogão a lenha, e a água na chaleira tinha acabado de ferver.

– Certo, chocolate com menta, chocolate com laranja, chocolate com coco ou chocolate com chocolate? – ela ofereceu pequenos sachês de achocolatado.

– Qualquer coisa, desde que seja quente – sorriu Natasha. – Está muito frio lá fora hoje.

Elis se virou para colocar o líquido fervente nas canecas. Natasha deu uma olhada em Olívia, que parecia ter voltado ao normal. Agradecida, Natasha pegou a caneca quente que Elis lhe entregou e a segurou com as duas mãos.

– Obrigada, Elis. A Márcia não está aqui? – ela indagou.

– Ainda não – respondeu Elis, juntando-se às garotas na mesa de madeira. – Achei que vocês viriam juntas.

– É – disse Olívia. – Esse era o plano. Mas não consegui falar com ela e achei que ela tivesse vindo sozinha. Não importa, talvez seja melhor ligar para ela daqui a pouco.

Elis concordou.

– Claro, por que não? Escutem, se vocês já estiverem aquecidas, posso pendurar os casacos para vocês. Eu os devolvo quando sairmos.

– Nós vamos sair? – perguntou Natasha. – Meus dedos estão começando a descongelar e você já está falando em voltar lá para fora?

– Ora, não seja covarde, Natasha – Elis deu um tapinha nas costas da garota e foi pendurar os casacos. – Ainda estamos em novembro, vai esfriar muito mais. Achei que vocês iam gostar de conhecer os arredores mais tarde, já que é a primeira vez que vocês me visitam.

Olívia se ajeitou na cadeira e disse:

– Eu, por exemplo, adoraria dar uma volta por aí, Elis. Estou muito interessada na história do lugar. Talvez você possa nos dar detalhes.

Elis sorriu.

– Bem, provavelmente meus pais seriam as pessoas mais indicadas para isso. Mas sei de algumas coisas e vou dar o meu melhor.

Natasha ergueu as sobrancelhas encarando Olívia.

“Bem, talvez seja melhor saber mais sobre este lugar” – Natasha pensou. “Afinal de contas, parece que ele desperta alguma coisa em Olívia. Talvez a Elis consiga explicar alguns acontecimentos estranhos desta manhã.”

Ela se serviu de biscoitos de chocolate e puxou a poltrona para mais perto da lareira.

Capítulo 8

– Elis, preciso usar o banheiro – disse Olívia.

– Tudo bem, é só voltar por aqui e virar à esquerda e depois à direita. Não tem erro – Elis explicou. – Natasha e eu vamos para a biblioteca. Se você quiser saber algo sobre a história de Gatefells, lá é o lugar certo! Vou levar a Natasha primeiro, depois volto e encontro você na cozinha.

Natasha e Elis saíram da cozinha e desceram uma escada em espiral que levava a um corredor longo e estreito.

– Uau! Estes são os seus ancestrais? – ela disse, olhando as filas de quadros alinhados no corredor.

– Sim, alguns deles são – Elis respondeu. – Esse é o meu tio-avô Nicholas. Sua esposa está no pequeno quadro acima dele. Acho que não tiveram nenhum filho. Certo, estamos chegando.

Conforme as garotas andavam, a passagem ficava cada vez mais escura. De repente, Elis parou em frente a uma porta e tentou girar a maçaneta.

– Está um pouco dura, faz séculos que não entram aqui – ela deu um forte empurrão e a porta se abriu lentamente.

– Onde fica a luz? – Natasha perguntou, tateando na escuridão. De repente, ela sentiu um tremendo empurrão nas costas. – Elis, o que você está fazendo?

Elis, que parecia sorrir em meio à escuridão, deu-lhe um empurrão final.

– Desculpe, Natasha – ela murmurou, trancando a porta. – Nada contra você. Só preciso que fique fora do meu caminho por enquanto.

Natasha, mergulhada na escuridão, caiu ao tropeçar num pequeno lance de escadas dentro do que parecia ser uma espécie de porão.

– Elis! – ela gritou. – Deixe-me sair daqui! Que brincadeira é essa...

Ela tentou se levantar, mas tinha machucado o tornozelo na queda. Percebeu que sua mão estava molhada quando foi tirar o cabelo dos olhos. Ela devia ter se cortado na beirada áspera da escada quando tentou impedir a queda. E que barulho era aquele?

Alguma coisa passou correndo por Natasha, que só conseguiu ver o contorno na escuridão.

“Ah, não” – ela pensou, agora machucada e apavorada. “Ratos não, por favor, meu Deus, ratos não.”

– Cadê a Natasha? – Olívia perguntou para Elis na cozinha.

– Está procurando alguma coisa – ela disse. – Ela vai nos encontrar lá fora. Aqui, eu trouxe o seu casaco.

– Mas não vamos até a biblioteca com a Natasha primeiro? – perguntou Olívia.

– Não, não – Elis a tranquilizou. – Ela disse que só vai demorar alguns minutos e em seguida vai se encontrar conosco. Vamos, vou lhe mostrar as redondezas. Você não estava curiosa?

Olívia pegou o casaco da mão de Elis.

– Sim! Estou muito curiosa. Por onde vamos começar?

As duas saíram e contornaram os fundos da casa.

– A lagoa... ainda existe! – gritou Olívia.

– Sim, ainda existe – comentou Elis. – Por que não existiria?

– É que eu pensei que, como a Suzanna se afogou aqui, talvez a lagoa tivesse sido drenada e aterrada – disse Olívia.

Elis não se mostrou surpresa com a menção do nome de Suzanna.

– Ah, não... Essas lagoas antigas tinham várias utilidades – ela sorriu para Olívia. – Vamos entrar no barco. Parece um pouco velho, eu sei, mas é muito seguro, de verdade.

Olívia começou a segui-la, mas parou de repente.

– Elis, então você conhece a história da Suzanna? É que até agora você não parou para me perguntar como eu sabia sobre ela.

Elis olhou para trás e a encarou.

– Claro que eu conheço a história. Ela era minha parente. Vamos, você primeiro. Vou segurar a sua mão enquanto você sobe no barco.

– Não sei – Olívia começou. – Os seus pais deixam você...

– É só subir, Olívia – Elis falou ríspidamente, empurrando a garota para dentro do barco.

– Elis, não empurre, você vai balançar o barco.

Elis riu.

– Não empurre, você vai balançar o barco – ela imitou, com voz infantil. – A mesma criancinha indefesa de sempre, escondida atrás da Natasha. Bem, senhorita Goulden, já me cansei das suas manhas.

Elis começou a soltar as amarras do barco.

“Ela está ficando louca. Onde será que a Natasha está?” – pensou Olívia. – Elis, por favor, pare com isso – ela implorou.

– Não! – retrucou Elis. – Não posso parar agora. Esperei anos por isso. Não percebe que tenho que vingar Suzanna? Suzanna Craigson, a garota que morreu aqui. Só que não era ela quem deveria ter morrido. Vamos voltar no tempo. Você está confortável? Então, vou começar.

Elis limpou a garganta, enquanto o barco ficava à deriva e se afastava lentamente da margem da lagoa.

– A família Craigson, a mãe, o pai e Suzanna, instalou-se aqui cerca de 100 anos atrás. Suzanna era filha única, muito amada pelos pais. A garota era introvertida e não fazia amigos facilmente, porque tinha uma pequena deficiência física. Na época, os moradores do bairro rejeitavam intrusos, principalmente os que eram um pouco diferentes. Um dia, porém, uma mulher foi até Gatefells para saber se os Craigson precisavam de uma governanta. A senhora Craigson ficou insegura no começo, pois conseguia cuidar muito bem da casa sozinha. Ela convidou a mulher para entrar e abriu a porta. Foi quando viu que a mulher também tinha uma filha da mesma idade de Suzanna. A mulher não mencionou nenhum marido, e a senhora Craigson, com pena das duas, contratou a mulher como governanta, provavelmente pensando que a garotinha poderia fazer companhia para sua própria filha.

– Ellen, a governanta, trabalhava com afinco o dia todo. A princípio, sua filha, Emma, ficava com ela na cozinha. Mas, depois, ela percebeu que Suzanna ficava sentada lá fora, olhando para a cozinha, como se esperasse a garota, e permitiu que Emma passasse algum tempo com Suzanna. As duas garotas logo se tornaram inseparáveis e o lar dos Craigson se encheu com as risadas delas. O senhor e a senhora Craigson ficaram encantados com a maneira como as coisas estavam progredindo. Um dia, quando Ellen servia o jantar, eles lhe agradeceram por ter ido a Gatefells e abençoaram o dia em que ela chegou ao bairro. Mas essas coisas nunca são o que parecem, não é?

Elis parou para pensar e olhou para Olívia.

– Assim como você também não é o que parece, Olívia, santinha do pau oco. Está assustada? Queria que sua amiga estivesse aqui?

Ela deu uma risadinha e empurrou o barco com o remo.

– Enfim, vamos voltar ao assunto em questão. Não parecia, mas Emma realmente carregava um grande fardo nos ombros. Ela era filha bastarda, e isso era um grande problema na época. Ela se sentia inferior a Suzanna e detestava ver a mãe trabalhar feito escrava o dia inteiro, fazendo de tudo para garantir o conforto dos Craigson. Então, ela bolou um plano muito simples e lógico, na minha opinião. Se você quer se livrar de alguém que por acaso tem uma lagoa praticamente na porta de casa, basta levar essa pessoa para passear perto da lagoa e afogá-la. Ela planejou tudo direitinho, nos mínimos detalhes. Com Suzanna fora de cena, o senhor e a senhora Craigson se tornariam cada vez mais apegados a ela, e provavelmente a adotariam! Embora ela não quisesse se separar da mãe, ser adotada significaria ser a herdeira, e ela e sua mãe nunca mais teriam que mendigar ou roubar.

– Ela sabia que o senhor e a senhora Craigson a adoravam, e ela fazia de tudo para bajulá-los e conquistar ainda mais o afeto deles. Na época, havia uma garagem de barcos aqui perto. Então, ela guardou algumas roupas secas na garagem, preparando-se para o que estava por vir. O senhor e a senhora Craigson tinham ido à cidade buscar o vestido que haviam mandado fazer para a festa de aniversário de Suzanna. Ela faria 14 anos de idade no dia seguinte, e eles planejavam levar as garotas a um restaurante chique recém-inaugurado no bairro vizinho. Emma ia usar um vestido que Suzanna não queria mais; estava em ótimo estado e caía muito bem nela. Mas, para Emma, isso foi a gota d'água.

– Então, ela decidiu que aquele seria o grande dia. Quando o senhor e a senhora Craigson estavam se arrumando naquela manhã, Emma fez questão de mostrar ao casal que estava com sua roupa de passeio. Emma disse que iria visitar a senhora Lawrence, pois sua mãe havia lhe contado que a

velhinha não estava passando muito bem, então ela queria levar um pouco de remédio para aliviar a tosse da senhora. O senhor e a senhora Craigson se despediram e ficaram imaginando como Emma era gentil.

– É engraçado como alguém consegue enganar tanta gente, não é? – disse Elis, voltando ao presente.

Olívia estava branca como um lençol. Lentamente, o barco foi derivando para o centro da lagoa e Olívia começou a sentir que seus pés estavam molhados.

– Oh! Não contei ainda? – Elis riu. – Fiz um buraco no fundo do barco. É um só, pequeno, mas é grande o bastante para afundar o barco em cerca de meia hora. Acho que é tempo suficiente para eu ter certeza de que você sentirá muito medo. Então, você vai sentir na própria pele o que a pobre Suzanna sentiu!

Olívia olhou para baixo e viu que era verdade: havia um buraco na outra ponta do barco, e uma pequena poça tinha se formado ali.

– Elis, por favor – ela implorou. – Eu não entendo, não entendo mesmo. O que tudo isso tem a ver comigo? Por que você está me fazendo pagar pela morte da Suzanna? Não tive nada a ver com isso. Isso aconteceu antes de eu nascer! Elis, ajude-me, por favor!

Mas parecia que Elis estava olhando para outro lugar. Seus olhos, que Natasha considerava tão belos, agora pareciam frios como aço. Olívia sabia, no fundo, que ela jamais a ajudaria. Elis parecia ter perdido completamente a sanidade.

– Natasha... – Olívia murmurou quase em silêncio. – Preciso de você. Por favor, ajude-me!

Uma lágrima solitária começou a escorrer em seu rosto.

Capítulo 9

Natasha se arrastou e conseguiu se levantar. Seus olhos estavam se acostumando com a escuridão, e ela viu que estava com um corte profundo na mão. Ela tirou uma meia, colocou o tênis de novo e amarrou a meia em volta da mão o mais forte possível. Os ratos que ela achou que tinha ouvido se esconderam na escuridão, ou talvez fossem apenas camundongos, que estavam sem dúvida mais assustados com ela do que ela com eles. Ela tentou pensar. Não conseguia imaginar por que Elis estava fazendo aquilo. Ela só sabia que precisava sair dali rápido. Olívia podia ter se metido em uma encrenca das grandes. O lugar começou a esfriar ainda mais, pois não havia janelas e a luz do sol não penetrava no local. Então, com um sobressalto, Natasha descobriu o motivo do frio repentino. O vulto esguio de Suzanna Craigson havia surgido no canto do cômodo. Com medo, Natasha mancou para trás, até que suas costas estivessem fortemente pressionadas contra a parede e ela não conseguisse mais recuar.

– Natasha, por favor, não tenha medo – Suzanna começou. Ela estendeu a mão para a garota apavorada. – Por favor, acredite em mim! Estou aqui para ajudá-la. Você precisa sair daqui logo. Ela está com a Olívia.

– Elis está com Olívia? Onde? – Natasha perguntou, tentando se mover. Ela chutou a parede, frustrada, esquecendo momentaneamente o tornozelo inchado e retraindo-se de dor. – Caramba! Como posso sair daqui? Não há janelas. Não consigo forçar a porta. O que devo fazer?

Em alguma parte racional de sua mente, ela pensou:

“Estou conversando com um fantasma... Agora eu fiquei louca de vez. Estou falando com um fantasma!”

Naquela hora, porém, os pensamentos racionais ficaram em segundo plano, pois ela precisava sair daquele porão escuro e encontrar a amiga. Suzanna falou de novo.

– Natasha, você precisa me ouvir. Ouça com atenção: eu morei nesta casa há muito tempo e conheço as passagens secretas. Se você seguir as minhas instruções, posso tirá-la daqui. Mas você precisa me ouvir com muita atenção.

Natasha concordou.

– Continue – ela disse.

Suzanna se virou para a parede oposta à porta e apontou para uma grande pedra que se destacava entre as outras.

– Se você pressionar aquela pedra, ela vai abrir uma passagem que leva à cozinha. Logo na saída, antes de prosseguir para a passagem, coloque a mão para a esquerda e você encontrará uma vela e alguns fósforos. Eles estão ali desde que eu morava nesta casa, e agora você deve usá-los.

Suzanna deu mais orientações e Natasha ouviu tudo com muita atenção, tentando em vão ignorar a dor na mão e no tornozelo.

– Depressa, Natasha – o vulto de Suzanna começou a sumir. – Você precisa se apressar. Não há tempo a perder.

Quando a garota desapareceu completamente, Natasha se moveu em direção à pedra e a pressionou com força. Como Suzanna havia dito, a parede começou a se mexer lentamente, pois havia muitos anos que ninguém a movia. Uma passagem larga foi surgindo. Ela apalpou à esquerda, pegou a vela e a acendeu com um fósforo. Em seguida, ela começou a mancar pela passagem o mais rápido que podia.

O barco já estava começando a encher. Desesperada, Olívia tentava não entrar em pânico, pois sabia que qualquer movimento só pioraria a situação. Enquanto isso, Elis continuava sua história.

– E assim Emma esperou. Esperou até os Craigson sumirem de vista. Antes de voltar para casa, ela trocou de roupa e foi procurar Suzanna. Ela a encontrou do lado de fora e rapidamente colocou seu plano em ação. Convidou a garota para um pequeno passeio no barco, que estava sempre amarrado à beira da lagoa. Suzanna disse que estava com medo, pois não sabia nadar, mas Emma a tranquilizou e lhe garantiu que tudo ficaria bem. Será que ela deixaria algo acontecer com sua melhor amiga? Suzanna estava sorrindo, estava sendo boba, claro. Ela achava que Emma cuidaria dela, como sempre.

– As garotas foram para a lagoa e subiram no pequeno barco: cada uma pegou um remo. Emma começou a cantar “Rema, rema, rema o barco” e Suzanna a acompanhou. As duas riram juntas até se aproximarem do centro da lagoa. Então, bem na parte mais funda, Emma desafiou Suzanna a ficar em pé, dizendo que também se levantaria. Depois de hesitar um pouco, a jovem confiante fez o que foi pedido. Mas, ao se levantar, Emma agarrou a garota com força e tentou empurrá-la para fora do barco, nas águas turvas. Suzanna tentou se defender, com os olhos arregalados de medo e de incredulidade, mas ela era uma garota magra, enfraquecida pela doença e pela deficiência, e sua força não se comparava à de Emma. Um último empurrão e ela estava na água. Emma não esperou para ver se a garota colocaria a cabeça para fora d’água ou não. Ela simplesmente remou para o outro lado da lagoa o mais rápido que conseguiu e foi colocar a roupa seca que tinha guardado na garagem de barcos naquela manhã.

– Suzanna voltou à superfície pelo menos duas vezes, debatendo-se para respirar, tentando chamar seus queridos pais, lutando por sua vida. A última visão que teve, com os pulmões quase cheios de água, foi a de sua amiga arrastando o barco à margem da lagoa. A última emoção que ela sentiu foi a da traição.

– Traição, Olívia. É isso o que você está sentindo agora? Que eu traí a sua amizade? Espero que você esteja sentindo isso. Espero que você esteja sentindo um medo terrível, horrendo, porque sabe que jamais vou ajudá-la.

Chorando em silêncio, Olívia olhou para a garota no outro lado da lagoa e não disse nada.

Elis começou a falar de novo.

– Claro que não deu certo – ela continuou. – Os Craigson ficaram tão desolados com a morte da pobre filha que não suportavam sequer olhar para Emma, pois ela lhes lembrava muito Suzanna. O pior aconteceu algumas semanas depois, quando Emma experimentou o vestido que Suzanna usaria em sua festa de aniversário de 14 anos. Ela achava que o senhor e a senhora Craigson fossem gostar de vê-la com o vestido e que o coração deles amoleceria ao verem que ela ficava tão bela nele. Claro, a tola criatura só os deixou ainda mais angustiados. A senhora Craigson quase ficou histérica de tristeza e o senhor Craigson se isolou no escritório. Então, Ellen castigou a filha por ser tão vaidosa e insensata. Ela estava ciente dos erros da filha e sabia que a garota podia ser vaidosa, gananciosa e rancorosa. Às vezes, Ellen até se perguntava se sua filha não estaria envolvida no acidente de barco, mas ela sempre tentava tirar esse pensamento da cabeça. A tristeza dos Craigson era tanta que Ellen se sentia uma completa estranha, e a presença de sua filha era uma recordação constante de Suzanna para eles. Ela foi embora semanas depois, mudou-se para uma cidade a centenas de

quilômetros de distância dali. Emma Goulden: esse nome não significa nada para você, Olívia?

Olívia espantou-se.

– Goulden? É um sobrenome muito comum, Elis, porque deveria significar algo para mim?

– Porque ela era sua parente, é por isso, Olívia. Ela conquistou ardilosamente o coração de Suzanna e a descartou assim que teve vontade. Sabe qual era o nome de solteira da minha mãe, Olívia? Craigson. Isso mesmo, Craigson! Suzanna era, ou teria sido, tataravó dela, mas a sua parente gananciosa resolveu acabar com a vida dela, sumir com ela, para tentar ser herdeira do dinheiro dela. Triste, não é? Só que não deu certo, Olívia. Mas nós, os Craigson, somos resistentes. Os pais de Suzanna tinham irmãos espalhados pela região, e um dos irmãos mais novos veio morar com a esposa em Gatefells, para garantir que a linhagem da família continuasse. Então, aqui estou eu. E aí está você.

Elis olhou para Olívia.

“Não vai demorar muito” – Elis pensou. “O barco está quase afundando.”

– Olívia, aguente firme, estou chegando!

Olívia olhou na direção da voz. Márcia corria em direção a ela acompanhada por um homem. Olívia percebeu que era o pai de Márcia. Elis olhou para cima, decepcionada, e ficou mais decepcionada ainda ao ver que Natasha também havia escapado e vinha mancando em direção à lagoa. O pai de Márcia mergulhou na lagoa e nadou até o barco quase naufragado. Ele então tirou Olívia do barco e a levou até a margem. Ele a segurou gentilmente nos braços enquanto ela chorava.

Capítulo 10

No dia seguinte, as garotas descobriram que Elis tinha ligado para a Márcia às nove horas e dito a ela que o almoço em Gatefells havia sido cancelado e que ela não precisaria ir até lá. Só que Márcia voltou do shopping com a mãe e telefonou para Natasha, pois queria encontrá-la naquela tarde. Assim, ela ficou sabendo pela senhora Morris que Natasha e Olívia estavam em Gatefells! Como sempre desconfiou de Elis, Márcia suspeitou que alguma coisa estivesse acontecendo e pediu para seu pai levá-la até lá.

Natasha e Olívia colocaram pequenos buquês de flores no túmulo e se sentaram calmamente por algum tempo. Depois, elas se levantaram e saíram do cemitério.

– Adeus, Suzanna – cochichou Olívia. – E obrigada por tudo.

Natasha saiu de braços dados com a melhor e mais querida amiga.

– Pena que ninguém conseguiu salvá-la a tempo. Acho que não era para ser. Pelo menos, ainda temos você – ela sorriu e abraçou Olívia.

Natasha ainda mancava ligeiramente por causa da queda no porão. O médico disse que era apenas uma torção muito feia e que ela deveria descansar o máximo possível.

– Nada de hóquei por algumas semanas – Natasha brincou.

– O que acha que vai acontecer com a Elis? – perguntou Olívia.

– Quem sabe... Provavelmente vai para um reformatório ou algo assim.

Exatamente o que ela merece – Natasha respondeu.

Olívia virou-se para fechar o portão do cemitério e reparou que havia uma sepultura coberta com flores recentes. Ela ergueu os olhos para ver a lápide. Havia apenas duas palavras inscritas lá: Emma Goulden.

Esperamos que você tenha gostado desta história de Edgar J. Hyde.
Aqui estão outros títulos da série *Hora do espanto* para você colecionar:

A colheita das almas

O doutor Morte

O escritor fantasma

O espantalho

Feliz dia das bruxas

O piano

A COLHEITA DAS ALMAS

Os Grimaldi, uma assustadora família com maus comportamentos e que sempre se veste inteiramente de preto, mudam-se para a vizinhança de Billy e Alice.

Logo depois, a mãe, o pai e seus vizinhos começam a agir de maneira muito estranha, como se de repente eles se tornassem malvados. As crianças e seus amigos, Ricky e Alex, logo são as únicas pessoas normais que sobram no bairro, em meio a ladrões, encenqueiros e matadores.

A cidade toda, controlada pelos Grimaldi, não demora a perseguir as quatro crianças para capturar suas almas e completar a “colheita”.

O DOUTOR MORTE

Alguma vez você já foi ao médico com uma doença sem importância só para descobrir que iria piorar muito em seguida?

É exatamente isso o que acontece com Josh Stevens e seus amigos. Eles deixam de ser uma turma de adolescentes saudáveis para se tornarem despojos pustulentos, fedidos e enebados, depois que, por coincidência, passam por uma consulta com o encantador e elegante doutor Blair. As espinhas medonhas de Josh vão colocar em perigo o futuro encontro dele com a adorável Karen, mas existem “remédios” muito mais sinistros no armário do “bom” médico.

Será que Josh e seus amigos conseguirão impedir o doutor Morte de realizar seu plano funesto?

O ESCRITOR FANTASMA

Charlie é um aluno com talento para escrever, mas nem mesmo ele consegue se lembrar de ter escrito todas aquelas palavras que aparecem em seu bloco de notas!

Parece que uma história está sendo contada nas páginas do texto manuscrito, mas quem está fazendo a narrativa e por quê?

O diretor da escola de Charlie está se mostrando um pouco interessado demais no bloco de notas e não parece muito contente. Conforme Charlie investiga, descobre que as coisas são piores do que ele jamais poderia imaginar. Você alguma vez já se assustou com o diretor de sua escola?

Eu quero dizer: ficou realmente assustado?

O ESPANTALHO

Não é raro pessoas se tornarem fortemente apegadas ao lugar onde nasceram... Mas um espantalho?

Uma série de acidentes misteriosos na nova fazenda da família Davis faz David suspeitar de que há uma relação entre eles. Será que existe alguém, ou alguma coisa, por trás desses eventos macabros?

Quanto mais David investiga, mais ele quer manter a boca calada... Até que o terrível segredo do espantalho seja revelado!

FELIZ DIA DAS BRUXAS

Samanta, Tiago e Mandy são irmãos. Os pais deles decidem descansar um pouco em uma tranquila aldeia no fim de semana do Dia das Bruxas. Os adolescentes estão muito preocupados, pois ficar em uma aldeia chata vai estragar a brincadeira de travessuras ou gostosuras.

Com certeza, o Dia das Bruxas será bem diferente do normal, mas longe de ser uma chatice!

Samanta descobre um velho livro de feitiçaria e rapidamente percebe que é capaz de controlar perigosos poderes. Então, ela é levada para um mundo terrível e sinistro de magos e bruxos, e precisa escapar de lá ou perderá a vida.

O PIANO

A família Houston acredita ter encontrado uma grande pechincha quando compra um belo piano por um preço muito baixo.

Mas o piano parece ter vontade própria. Na verdade, não importa qual música as pessoas tentem tocar, ele sempre executa sua própria e triste melodia.

O que o piano tenta dizer ao mundo?

Será que os Houston levaram algo mais além da pechincha?

E quem seria o compositor da bela, mas perturbadora, música que o piano insiste em tocar?

HORA DO ESPANTO

O COVEIRO



EDGAR J. HYDE

O COVEIRO

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

O coveiro [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

112p.; ePUB ; 1,3MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-726-8(Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-870

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior-CRB-8/9949

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura juvenil028.5

2.Literatura juvenil82-93

© 2015 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *The Gravedigger*

© 2015 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 1

A cada nova trovoadas, a sombra de Jamie era projetada contra a parede. Os raios iluminavam o quarto dele por uma fração de segundo, antes que o manto de escuridão cobrisse mais uma vez o ambiente. Lá fora, o vento frio da noite rodopiava em torno do cemitério, uivava no meio das lápides e percorria as velhas trilhas gastas que passavam pelas árvores até a casa no pé da colina.

Dentro da casa, o breu era total. A tempestade havia danificado a rede de energia duas horas antes, deixando Jamie; Paula, a irmã mais nova do garoto; e Andrew, o pai, tateando às escuras pela casa nova, tropeçando em caixas fechadas. Como sempre acontece nessas circunstâncias, eles tentavam dar sustos de arrepiar uns nos outros.

Jamie parou no início da longa escada em espiral que levava aos quartos no andar de cima. Ele ouviu alguma coisa se arrastar para lá e para cá, rangendo as tábuas do assoalho sem mobília no quarto do pai.

“Deve ser o pai...” – ele pensou. “A Paula é leve demais para fazer esse barulho, mesmo em um cômodo sem móveis.”

Lentamente, começou a subir os degraus, esperando encontrar Paula adiante. Ele tinha uma ideia de onde o pai estava, mas Paula podia estar escondida em qualquer lugar: dentro de um armário, atrás de uma cortina, debaixo da cama... pronta para atacar.

Nesse momento, a tempestade lá fora piorou. Jamie passava perto da janela quando o clarão de outro relâmpago iluminou a escada e um vulto alto e escuro que se arrastava nos degraus atrás dele. Jamie continuou a

subir os degraus, sem perceber o fantasmagórico intruso que flutuava atrás dele. Quando chegou ao topo da escada, ele parou um segundo para pensar, espreitando com cuidado.

A porta do quarto do pai estava entreaberta, mas não o suficiente para Jamie ver o lado de dentro. Conhecendo sua família como conhecia, ele sabia que alguém dentro do quarto o esperava para assustá-lo gritando escandalosamente.

Então, Jamie ouviu uma respiração. Ele virou-se rapidamente e viu... a escuridão. O vulto alto, escuro e ameaçador que flutuava atrás dele nos degraus havia desaparecido. A casa inteira estava em silêncio, um silêncio sinistro.

O rangido da porta do banheiro quebrou o silêncio e, num segundo, Jamie correu para o quarto de sua irmãzinha, deixando a porta um pouco aberta para continuar a ver o lado de fora.

Então, ele viu o vulto alto e esguio que o acompanhava furtivamente desde o andar de baixo passar pela porta do banheiro, virar e seguir pelo corredor em direção a ele.

O homem vestia uma longa capa preta e usava o cabelo penteado para trás, e seus dentes brilhavam à luz da lua sempre que ele passava por uma janela.

Antes que ele chegasse ao quarto do pai, a porta se abriu, fazendo surgir um rosto familiar. Era Paula.

O homem misterioso se esgueirou pelo corredor em direção a ela. Paula, alheia ao que estava acontecendo diante de seu nariz, saiu do quarto e seguiu pelo corredor na ponta dos pés.

De trás da porta do quarto de Paula, Jamie observava tudo, e o coração dele batia cada vez mais rápido. O homem se aproximava cada vez mais.

De repente, Paula parou.

O quarto de Jamie ficava exatamente do lado oposto do corredor. Paula abriu a porta com todo cuidado (o que era bem difícil, pois a porta rangia alto ao menor movimento), entrou e fechou a porta.

Jamie conseguia ouvir seu coração bater forte enquanto observava o vulto escuro pairar do lado de fora da porta com sua longa capa preta e seus reluzentes dentes brancos. Jamie podia jurar que aquele vulto era um vampiro.

O vampiro esperou algum tempo, atravessou a porta e seguiu Paula. Jamie saiu do quarto dela, foi para o corredor, respirou fundo e se preparou para atacar.

Ele sabia o que precisava fazer.

– Um, dois, três – ele contou, correndo o mais rápido que suas pernas permitiam, e jogou-se contra a porta...

– Aaaahhhh! – ele gritou enquanto corria direto para o meio do quarto.

– Uuuáááááá!!!

Seis vozes diferentes gritaram para ele!

Jamie olhou ao redor. Seu pai, Andrew, estava em pé ao lado de Paula. Os dois estavam acompanhados de um vampiro, uma múmia, um lobisomem e um homem que carregava a própria cabeça embaixo do braço... E todos riam muito. Jamie olhou para eles e explodiu em gargalhadas também.

Bem-vindos ao lar da família Price.

Os Price não são uma família normal. Famílias normais geralmente se assustam com fantasmas. Mas os fantasmas não assustam Jamie, nem a irmã nem o pai dele. Na verdade, existem alguns que são mais do que amigos dos Price. Eles fazem parte da família!

É o caso do conde Félix, um vampiro singular que detesta ver sangue, tampouco suporta o gosto; da Múmia, que em várias ocasiões encantou Jamie e sua família até tarde da noite com suas histórias sobre o Egito Antigo, e que os diverte ainda mais sempre que se enrosca em suas faixas.

Há também o Wolfie, o único lobisomem vegetariano do mundo. Toda vez que se olha no espelho, ele sai correndo apavorado. E o último, mas não menos importante, é Lex

Killon, um honrado cavaleiro que estava no Titanic quando o navio afundou. Agora, Lex carrega a própria cabeça embaixo do braço e cospe água do mar acidentalmente toda vez que abre a boca.

Juntos, eles são os únicos quatro fantasmas que Jamie, seu pai e sua irmã não sepultaram. Não apenas porque são bons amigos, mas porque ainda ajudam Andrew, o pai de Jamie, a ganhar a vida escrevendo livros de suspense e terror.

Não basta ter capacidade psíquica de ver fantasmas para escrever boas histórias de terror. O pai de Jamie confia em seus quatro fantasmas camaradas para obter todas as informações necessárias sobre fantasmas de verdade e o que os torna marcantes. É isso que deixa os romances de Andrew Price tão bons, tenebrosos e reais.

Na verdade, foi por essa razão que o pai de Jamie comprou uma casa no meio do cemitério, apesar da oposição de Jamie e Paula: para sua própria inspiração. Embora não tenham medo de fantasmas, Jamie e Paula perceberam que, assim que os novos colegas de escola soubessem que eles moravam num cemitério, passariam a vê-los como estranhos ou assustadores. Mas, claro, o pai deles é igual a qualquer pai: quando coloca alguma ideia na cabeça, não há nada que o faça desistir.

Sempre que Jamie ou Paula manifestavam seus receios ao pai, ele simplesmente sorria, dava uma piscadinha e dizia: “Confiem em mim”, o que significava que tudo estava de acordo com o plano dele.

– Quase pegamos você, Jamie – disse o pai, alegre. Naquele momento, todos pararam e começaram a rir alto. Alguns, como Lex Killon, riam descontroladamente.

– Nada disso – retrucou Jamie. – Eu sabia que todos vocês estavam aqui. Eu só queria assustar vocês primeiro.

– Bem, você não me assustou nadinha. Acho que você deu um susto em você mesmo! – disse Paula.

O pai concordou:

– Verdade, Jamie, você também não me assustou. E você, conde Félix?

O conde Félix flutuava no meio do quarto e continuava rindo.

– Bem – ele disse –, como não teve nada com sangue, eu não me assustei nem um pouco.

– E você, Múmia? – perguntou Andrew.

– Não! – afirmou a Múmia, com a voz abafada. – Foi a coisa mais engraçada dos últimos 2 mil anos!

Jamie ficou um pouco frustrado. Ele sabia que não tinha ficado com medo, mas ninguém mais no quarto acreditava nele.

– Vocês não me assustaram – ele disse, tentando convencê-los. – E, Múmia, se essa foi a coisa mais engraçada dos últimos 2 mil anos, você deveria sair mais vezes.

As palavras mal saíram da boca de Jamie, e o quarto voltou a se encher de risos.

– É, Múmia, você precisa sair mais! – gritou Wolfie.

– É mesmo? – a Múmia respondeu. – Você é que precisa se olhar mais no espelho.

Todos no quarto estavam com o rosto vermelho e riam histericamente.

“Gostaria que faltasse luz todas as noites”

– pensou Jamie. “É muito divertido.”

Lá fora, o vento continuava a girar e rodopiar em torno do cemitério, e a chuva ainda castigava as janelas.

Dentro de casa, Jamie e os demais foram para o andar de baixo, ainda com o rosto vermelho de tanto rirem. Então, uma trovoada iluminou o cemitério, e um vulto alto e fantasmagórico surgiu de pé, embaixo de uma árvore no fundo do jardim.

Era Ebenezer Krim, o jardineiro do cemitério. Ele estava na chuva observando a casa fazia algum tempo, sem enxergar lá dentro por causa da falta de luz. Ficou ali parado, só de olho, sem rir, sem sorrir.

Capítulo 2

Com um forte baque, o pai de Jamie derrubou um livro na mesa, espalhando para todos os lados a poeira que estava entre as páginas. O barulho ecoou pelas altas pilhas de livros e pôde ser ouvido no outro lado da biblioteca.

– Silêncio! – disse o senhor sentado na mesa da frente, e essa não havia sido a primeira vez. Na verdade, era a quinta vez que Andrew fazia barulho. Da última vez, recebera um olhar irritado da bibliotecária para ser mais discreto.

– Perdão! – desculpou-se Andrew, olhando as outras mesas ao redor para ver se ninguém mais estava se incomodando com ele. Então, continuou a arrastar ruidosamente sua cadeira pelo piso de madeira.

Jamie e Paula se esforçaram para não rir. O melhor que Jamie conseguiu fazer foi colocar a mão na frente da boca, fazendo um barulho muito alto que mais parecia o ronco de um porco, o que provocou mais um pedido de silêncio do homem na outra mesa.

– Vocês dois, fiquem quietos. Estão fazendo barulho demais! – repreendeu Andrew.

– Nós devemos ficar quietos? – perguntou Paula, incrédula. – Foi você quem levou bronca pelo barulho que estava fazendo.

– Não levei bronca – retrucou o pai. – Estava tendo uma conversa de adultos com a bibliotecária. É o que os adultos fazem.

– É verdade, Paula – emendou Jamie. – O papai estava tendo uma conversa de gente grande com aquela senhora.

– Obrigado, Jamie – disse o pai, mas, antes que ele continuasse, Jamie o interrompeu.

– Ela disse para ele calar a boca ou cair fora!

Não era preciso muito para fazer a Paula rir. O último comentário de Jamie não foi exceção, e ela foi forçada a dar gargalhadas, despertando a atenção de todos na biblioteca e causando um pedido de silêncio de outra mesa, o que resultou em um novo pedido de desculpas do pai.

– Quando podemos voltar para casa? – Jamie perguntou ao pai, quase implorando.

– Quando eu encontrar o que vim procurar – o pai retrucou, ríspido.

– Bem, o que você está procurando exatamente? – perguntou Paula, tentando parecer útil. Mas, assim como Jamie, ela também não via a hora de ir para casa.

– Estou à procura de algo suspeito sobre a nossa casa nova, algum registro de atividades de espectros, ou talvez detalhes de um passado fantasmagórico – disse o pai, fazendo o possível para deixá-los interessados. Então, Paula começou a prestar mais atenção.

– Acha que podem existir corpos enterrados na nossa casa?

– Nossa! Espere um pouco... – respondeu Jamie. – Nós moramos numa casa no meio de um cemitério. Sabe, Paula, acho que você pode estar certa. Acho que, se procurarmos bem, conseguiremos encontrar alguns corpos enterrados em algum lugar.

Paula odiava quando Jamie a fazia de boba, mas isso era algo que ele adorava fazer com a caçula sempre que tinha chance.

– Jamie, pare de zombar da sua irmã – o pai repreendeu-o, zangado. – Faça alguma coisa útil e comece a procurar nesses recortes de jornais antigos.

Jamie não queria, mas no fim resolveu ajudar, para voltar logo para casa.

As horas passaram rapidamente enquanto Jamie, o pai e a irmã pesquisavam em livros de História, fuçavam recortes de jornais e procuravam a história de algumas pessoas enterradas no cemitério. Foi tudo em vão. Nenhuma história pavorosa, nenhum registro de espectros, nada de histórias de fantasmas ou de assombrações. Nada.

O pai de Jamie fechou bruscamente o último livro, levantando poeira na direção de seu nariz. Ele tentou se segurar, mas o espirro escapou pelo ar frio da biblioteca. Jamie e Paula estavam dormindo com a cabeça na mesa, pois já tinham desistido de encontrar algo minimamente fantasmagórico.

– Jamie, acorde – o pai chamou, tentando sussurrar um grito.

Jamie levantou a cabeça e, com o cabelo amassado de um lado e com os olhos entreabertos, murmurou:

– O que foi? O que você descobriu?

– Nada – foi a decepcionante resposta do pai. – Já está na hora de voltar para casa. A biblioteca está fechando.

Jamie sacudiu Paula para acordá-la. Ela estava tão cansada que nem sentiu nada. Muito pelo contrário, só virou a cabeça para o outro lado, soltando um rosnado alto enquanto Jamie insistia em sacudi-la e puxar o cabelo dela. Por fim, ele conseguiu trazê-la de volta derrubando uma enciclopédia sobre a mesa a poucos centímetros da cabeça dela.

Quando eles se dirigiram para a saída, a bibliotecária já segurava a porta aberta, esperando que eles saíssem para trancar a porta.

– Obrigado – disse Andrew ao passar pela porta.

– De nada – respondeu a bibliotecária, obviamente feliz de ver Jamie e sua família indo embora. – Vocês voltam amanhã?

– Não, não, acho que já conseguimos dar uma olhada em tudo o que queríamos – disse Andrew, segurando a porta para Jamie e Paula.

Ao saírem no ar frio da noite, Jamie se lembrou de que eles tinham chegado à biblioteca quando ainda era dia e de que o pai tinha afirmado que eles não demorariam muito. O garoto deu uma olhada no relógio e percebeu que eles tinham ficado quase seis horas lá.

A casa já era fantasmagórica o suficiente durante o dia, mas à noite ficava ainda mais assustadora. À medida que o pai de Jamie entrava na garagem, o vento ficava mais forte, soprando para o alto as folhas caídas das árvores. Paula fechou o casaco e se preparou para descer do carro em meio ao vento gelado que uivava e zunia ao redor deles. Jamie olhou para as folhas que voavam descontroladas no céu escuro da noite.

“Até as árvores parecem assustadoras” – Jamie pensou, enquanto saía do carro e corria para a porta da frente da casa.

A porta abriu rangendo lentamente, e, um a um, Jamie, Paula e Andrew entraram no corredor da casa. Quando o pai de Jamie empurrou a porta para fechá-la, algumas folhas foram sopradas para dentro e pousaram nos pés de Paula.

– Vocês dois, subam e coloquem o pijama, enquanto eu ponho a chaleira no fogo – bufou o pai.

Jamie e Paula começaram a subir a longa escada em espiral quando ouviram o pai gritar de dentro da cozinha:

– Jamie, Paula, venham aqui um segundo.

– O que foi agora? – murmurou Paula enquanto ela e Jamie voltavam para o andar de baixo.

Dentro da cozinha, o conde Félix, a Múmia, Wolfie e Lex estavam sentados ao redor da mesa. Jamie já tinha visto isso antes. Significava que era hora de conferência: ou os fantasmas tinham feito alguma coisa, ou estavam prestes a fazer algo. Não demorou muito para ele descobrir que já tinham feito.

– Não fizemos por mal! – exclamou o conde Félix. – Só queríamos nos divertir.

– É verdade, estávamos só brincando. Foi um acidente – continuou Lex.

– O que aconteceu exatamente? – perguntou Andrew.

– Bem, sabem brincar de pula sela? – Wolfie perguntou.

– Sim – responderam Jamie, a irmã e o pai ao mesmo tempo.

– Ah, era algo desse tipo, só que não pulávamos uns sobre os outros.

– Então vocês pulavam por cima do quê? – indagou Jamie.

– Lápides – foi a resposta abafada da Múmia.

– Lápides?! – gritou Andrew. – Ficaram malucos?

Wolfie começou a ficar muito agitado.

– A culpa é dela – ele disse, apontando para a Múmia. – Estávamos nos divertindo até essa coisa desajeitada se enroscar nas faixas e cair em cima de uma lápide.

– Bem, se vocês derrubaram a lápide, suponho que eu vou ter que levantá-la – disse

Andrew, furioso.

– É que não foi só uma... – o conde Félix interrompeu.

– Então quantas foram? – Jamie perguntou.

– E-eu a-acho que o total está na casa dos 23 – gaguejou Lex.

– Como vocês conseguiram derrubar 23 lápides? – gritou Andrew.

– Foi um pouco parecido com dominó, sabe quando você coloca um monte de peças em pé em fila e empurra a primeira? – murmurou a Múmia, timidamente.

– Por acaso alguém viu vocês? – Paula perguntou.

Os quatro se entreolharam com expressões muito vagas. Na verdade, nenhum deles reparou se estava sendo observado, então eles não tinham certeza.

– Vocês quatro vão ter que evitar muito chamar atenção, mas MUITO mesmo, pelos próximos dias – Andrew esbravejou. – Concordam?

– Sim – foi a resposta sem graça em coro.

– E isso deve começar agora!

Um a um, eles se levantaram da mesa e atravessaram a parede, desculpando-se quando saíam.

Jamie olhou para Paula.

– Foi um longo dia – ele disse.

– Foi mesmo! – Paula retrucou. – Estou com a estranha sensação de que não ouvimos nem metade da missa...

Capítulo 3

Os eventos da noite anterior não passaram despercebidos no dia seguinte. Todos na casa pareciam no limite, como se estivessem esperando alguma coisa acontecer.

Os quatro “acusados” não deram as caras, obviamente porque não queriam chamar a atenção.

Jamie estava na sala de estar, assistindo a reprises de desenhos animados antigos que não eram nada engraçados. O pai estava na cozinha, lavando a pia cheia de louça do café da manhã. Ele parecia estar a 1.000 quilômetros dali, pois olhava fixamente pela janela com uma estranha expressão no rosto.

Paula estava no quarto fazendo exercícios de dança. A música alta e o sapateado dela podiam ser ouvidos do andar de baixo. Jamie levantou-se e foi até a janela. Lá fora estava um dia bastante chato, e nenhum vestígio de luz solar ultrapassava as nuvens escuras que pareciam ficar suspensas sobre o cemitério o dia todo. Toda vez que Jamie olhava pela janela, ele tinha a sensação de que, de algum lugar entre as árvores e as lápides cobertas de musgo, ele estava sendo observado por alguém.

“Maravilha” – pensou ele. “Até durante o dia esse lugar me dá arrepios.”

Então ele virou e se afastou da janela. De repente, o som da campainha ecoou por toda a casa. Até Paula escutou, apesar da batida contínua da música.

“Estranho... Para chegar à porta da frente, a pessoa precisa passar pela janela, e eu estava lá e não vi ninguém chegar pelo portão” – pensou Jamie.

– Será que alguém pode atender a porta, por favor? – gritou Andrew da cozinha.

– Deixa comigo! – Paula gritou, enquanto descia a escada pulando alguns degraus.

Jamie e Paula gostavam de competir um com o outro em tudo. Por mais boba que fosse a tarefa, um deles tinha que ser o mais rápido, o mais inteligente ou o mais engraçado, contanto que fosse melhor do que o outro em alguma coisa.

Dessa vez foi diferente. Paula venceu a corrida para atender a porta, porque Jamie ficou parado, já que não sabia o que poderia estar do outro lado. Então, não fez questão de atender. Paula pulou os dois últimos degraus e chegou à porta.

– Cheguei primeiro, Jamie – ela disse, olhando para trás para confirmar se Jamie tinha escutado.

Jamie continuou na sala de estar. Paula escancarou a grande porta de madeira e, quando ia dar um passo para fora, deu de cara com um homem alto e magro. A cabeça de Paula estava na altura da cintura do homem, e ela foi erguendo os olhos lentamente.

Ele estava usando robustas botas pretas cobertas de lama e uma calça preta remendada no joelho por dentro das botas. Ela reparou que o casaco dele estava sujo e desfiado na parte de baixo, mas estava difícil enxergar direito, pois o homem usava uma capa preta impermeável muito fedorenta que ia até os joelhos.

Paula olhou para o estranho, mas era difícil ver o rosto dele, porque ele estava com um chapéu preto que fazia sombra. O homem se curvou em

direção a Paula, chegando perto do rosto dela. A pele dele era muito pálida, quase fantasmagórica; e o nariz, comprido, pontudo e fino, com grandes narinas.

Paula sentiu um calafrio percorrer sua espinha.

– O seu pai está? – ele perguntou, chegando tão perto do rosto dela que ela sentiu nas bochechas o ar quente da respiração dele. O mau hálito do homem penetrou no nariz dela, e ela viu as manchas amarelas de seus dentes.

– Quem é, filha? – indagou o grito tranquilizador do pai, vindo da cozinha.

– É para você, pai! – ela respondeu, afastando-se do estranho e indo para o corredor.

Jamie foi até a porta da frente. Na mesma hora, o pai veio da cozinha, secando as mãos com uma toalha e pediu a Jamie para segurá-la.

– Permita que eu me apresente – disse o homem ao pai de Jamie. – Meu nome é Ebenezer Krim.

Paula olhou para Jamie. Foi uma das raras ocasiões em que ele viu sua irmã com medo.

– Como vai? Sou Andrew Price – respondeu o pai de Jamie, com educação.

– Vou muito bem, obrigado. Sou o jardineiro do cemitério – ele explicou.

– Como chegou à porta da frente? – perguntou Jamie.

– Vim direto pelo caminho e passei pela janela – disse o homem.

– Não passou, não – Jamie retrucou.

– Você não me viu? – o homem disse. – Eu vi você.

A ideia de que aquele homem o havia observado sem ele saber fez Jamie gelar.

– Quer entrar? Aceita um chá ou um café? – perguntou o pai.

Jamie olhou desesperado para o pai. Por que diabos ele estava convidando aquele homem para entrar na casa deles?

– Eu adoraria tomar um café – foi a resposta.

– Jamie, vá até a cozinha e acenda a chaleira para mim – disse o pai.

Ebenezer Krim entrou no corredor e esfregou os pés no capacho, soltando grandes pedaços de lama seca. Andrew fechou a porta com um baque forte.

Enquanto o senhor Krim ia para a sala de estar, Jamie puxou o pai pelo braço e cochichou:

– Pai, não sei o que acontece com esse homem, mas alguma coisa não está certa.

O pai parecia irritado com ele.

– Cuidado – ele disse –, o senhor Krim pode ouvir.

– Por que você o convidou para entrar? – Jamie indagou.

– Não sei se você está vendo algo que eu não estou, mas para mim o homem parece perfeitamente normal – o pai argumentou.

– Mas ele está mentindo, ele não passou pela janela.

Jamie começou a ficar decepcionado com o pai. Para ele, era óbvio que o senhor Krim era um homem estranho.

– Jamie, se ele não passou pela janela, como chegou à porta da frente? – o pai perguntou.

– Não sei – Jamie respondeu. – É isso que é assustador nele.

– Chega! – disse o pai, com firmeza. – Não há nada de errado com o senhor Krim, você mal o conhece.

– Mas... – disse Jamie, tentando interromper o pai.

– Nada de “mas” – continuou o pai. – Vá esquentar a água como pedi e volte para se juntar a nós na sala de estar.

Jamie não discutiu. Ele sabia que o pai não gostava de ser contrariado. Então, ele foi para a cozinha fazer o que Andrew pediu.

Cerca de dez minutos depois, Jamie voltou da cozinha trazendo uma bandeja com quatro xícaras. Quando entrou na sala de estar, viu o pai sentado numa poltrona; e Paula, em outra.

“Que legal” – ele pensou. “Vou ter que sentar no sofá, ao lado do senhor Krim.”

Ele colocou a bandeja na mesa e escolheu sentar-se na outra ponta do sofá, onde o senhor Krim estava.

Enquanto o pai servia o café, o homem misterioso começou a falar.

– Sabe, algumas pessoas por aqui dizem coisas a meu respeito que não são verdade. São pessoas que gostam de espalhar boatos.

– É mesmo? – perguntou Andrew.

– Sim – continuou Ebenezer Krim. – Só fazem isso porque não me conhecem. Geralmente, são crianças. Elas me chamam de assustador ou estranho.

– Não consigo entender por quê... – disse Jamie, tentando parecer sincero. Então, ele percebeu um olhar fulminante do pai para que ele se calasse. Ebenezer Krim aparentemente não notou e continuou.

– Na maioria das vezes, as crianças dizem coisas para esconder a própria culpa.

– Como assim? – perguntou o pai de Jamie.

– Bem, às vezes elas fazem algo que não deveriam, alguma coisa errada. Então, mentem a meu respeito para que eu leve a culpa, e elas escapem da

encrenca.

– Que coisa horrível! – disse Andrew.

– Eu sei. E isso me leva ao motivo desta visita. Na noite passada, tivemos problemas no cemitério.

Jamie e Paula se entreolharam, com medo do que o senhor Krim diria em seguida.

– Algumas lápides foram derrubadas – ele continuou.

– Quantas? – perguntou Andrew, tentando agir como se não soubesse de nada.

– Foram 23 no total – respondeu o senhor Krim. – Onde estavam os seus filhos na noite passada, senhor Price? – ele perguntou, desconfiado.

– Meus filhos? – disse Andrew, um tanto confuso. – Jamie e Paula estavam comigo na biblioteca o tempo todo.

– E a que horas vocês chegaram em casa? – o senhor Krim continuou a perguntar, encarando Jamie e Paula com aqueles olhos pequenos e penetrantes.

– Não gosto do que está insinuando, senhor Krim – disse Andrew.

– Nem eu – continuou Jamie. Paula permaneceu em silêncio.

– Os meus filhos ficaram comigo a noite toda – Andrew prosseguiu. – E em nenhum momento eu os perdi de vista. Logo, não foram eles que derrubaram as lápides.

Ebenezer Krim não disse nada. Houve um longo silêncio que deixou Jamie, Paula e o pai muito incomodados. O senhor Krim continuou sentado, encarando todos. Seus olhos lentamente se moviam de Andrew para Paula, e dela para Jamie. Então, ele olhou para a garota.

– Foi você, não foi? – ele gritou. Paula parecia assustada na poltrona sem dizer nada.

– Acho que você precisa ir embora – gritou o pai de Jamie para o senhor Krim. – Já ouvimos o suficiente.

O senhor Krim parecia não escutar. Seus olhos e sua atenção estavam fixos em Paula.

– Você fez isso para se divertir, não foi? – ele disse a ela.

– Não! Não fui eu! – retrucou Paula. – E, só para você saber, foi um acidente.

Jamie estremeceu.

– Bingo! – o senhor Krim gritou, triunfante. – Então foi mesmo você!

Paula ficou nervosa, com medo de ter falado demais.

– Deixe-a em paz – Jamie gritou para o senhor Krim.

Mas o senhor Krim o ignorou mais uma vez.

– Já lhe disse para ir embora – repetiu o pai de Jamie.

– Por que fez isso? – o senhor Krim rosnou para Paula.

– Já disse que não fui eu – ela gritou em resposta.

– Então quem foi? O seu irmão?

Paula não aguentava mais.

– Não, também não foi o Jamie! Foram os fantasmas! – ela gritou para o senhor Krim.

Todos ficaram em silêncio.

– Os fantasmas? – o senhor Krim questionou, com um sorriso malicioso. – Está querendo me dizer que fantasmas malvados derrubaram as lápides?

– Eles não são fantasmas malvados, são bons e são nossos amigos.

– Paula, fique quieta! – Jamie gritou para ela.

O senhor Krim olhou em volta da sala. Os olhares de Jamie e do pai fizeram o homem acreditar que Paula dizia a verdade.

– Eu lhe disse para ir embora, senhor Krim
– insistiu Andrew.

Ebenezer Krim não retrucou. Levantou-se, colocou a xícara na mesa e seguiu para a porta da frente. Ao chegar à entrada, virou-se para o pai de Jamie.

– Acredite, senhor Price, essa não foi a última vez que você ouviu a minha voz! – ele afirmou antes de bater a porta.

Todos na sala de estar se sentaram em silêncio, refletindo sobre o que tinha acabado de acontecer.

Agora, o senhor Krim sabia de tudo. Andrew olhou para os filhos e disse:

– Precisamos conversar. Acho que nossos problemas com o senhor Krim estão só começando.

Capítulo 4

– Isso não é nada bom – comentou conde Félix.

Havia vários rostos preocupados à mesa da cozinha, nem todos de seres humanos.

Andrew havia acabado de contar o que tinha acontecido no dia anterior (o dia da visita de Ebenezer Krim), e agora os fantasmas estavam começando a perceber que a brincadeira de pular a sela na lápide custaria caro.

Como sempre, quando alguma coisa importante precisava ser resolvida, todos se reuniam em volta da mesa da cozinha, e uma grande discussão começava.

– A culpa é toda minha – murmurou a Múmia pelas faixas de seu rosto.

– Não é não! – disse Jamie. – Acidentes acontecem. A culpa não é de ninguém.

– Sim, mas se eu não fosse tão boca aberta, não estaríamos nesta encrenca – lamentou Paula.

O pai a consolou com um abraço.

– Jamie está certo, filha – ele disse. – A culpa não é de ninguém. Essas coisas acontecem. Só precisamos encontrar um jeito de sair dessa.

Os outros concordaram.

– Acho que o melhor plano seria simplesmente procurar o tal do Krim e pedir desculpas – disse Lex Killon.

– Acho que é tarde demais para isso – Jamie retrucou. – O senhor Krim parecia muito bravo quando foi embora.

O pai de Jamie concordou.

– Sim, acho que Ebenezer Krim quer que todos saibam que ele não tem nada a ver com o que aconteceu com as lápides.

– Então, o que vamos fazer? – perguntou Wolfie.

– Acho que temos que esperar para ver o que acontece – respondeu o pai de Jamie. – O senhor Krim disse que não seria a última vez que o veríamos. Ele descobriu coisas a nosso respeito, então agora cabe a ele decidir o que quer fazer com isso.

Paula levantou da mesa e começou a andar em círculos. Com certeza, ela tinha alguma coisa em mente.

– O que foi, Paula? – Jamie perguntou.

– Estou só pensando... – ela retrucou. – Se as outras crianças da minha classe souberem que conversamos com fantasmas, não falarão mais comigo. Vão achar que sou esquisita.

– Provavelmente já acham – disse Jamie.

– Não tem graça – Paula retrucou.

Jamie às vezes fazia piadas na hora errada, e aquela hora era muito errada.

– Isso não importa agora, Paula – disse o pai. – Não sabemos o que vai acontecer.

– E se eu fosse até a casa do senhor Krim para dar um susto nele? – sugeriu Wolfie.

– Se a casa tiver espelhos, você pode acabar mais assustado do que ele – retrucou o conde Félix.

– Temos que fazer alguma coisa – disse Jamie. – Não podemos simplesmente ficar aqui sentados, esperando que ele chame a polícia ou algo assim.

– Não acho que alguém acreditaria nele – murmurou a Múmia.

Lex Killon tentou dizer alguma coisa, mas, assim que abriu a boca, cuspiu um pouco de água salgada na caneca de café de Andrew.

– Nossa! Sinto muito – ele disse.

O pai de Jamie esvaziou a caneca na pia e sorriu.

– Sem problemas – ele disse.

– Não tenho tanta certeza disso – acrescentou Lex Killon. – Pensando bem, isso é meio improvável.

– Como assim? – perguntou Andrew.

– Veja do ponto de vista das outras pessoas: você comprou uma casa no meio de um cemitério, é uma atitude meio estranha.

Os outros queriam discordar, mas sabiam que Lex estava certo.

– E o chefe da família escreve livros de terror.

Pela primeira vez desde que todos se sentaram, ficou um silêncio na cozinha. Lex fez todos perceberem que o senhor Krim podia mesmo complicar as coisas para o lado deles na nova cidade.

– Acho que a melhor coisa que nós quatro podemos fazer é encontrar outro lugar para ficar – disse o conde Félix.

As palavras dele soaram bem alto por causa do silêncio da cozinha, apesar de ele raramente elevar sua voz.

– Acho que você está certo – concordou Wolfie. – Se formos embora já, talvez as coisas não fiquem tão ruins com o senhor Krim.

– Não! – gritou Jamie, em pânico. – Não queremos que vocês vão embora. Queremos que fiquem aqui conosco.

Jamie quase nunca perdia a calma. Ele não era do tipo que se assustava ou entrava em pânico facilmente. Na verdade, era preciso muito para assustá-lo, mas o olhar estampado no rosto dele dizia a todos ao redor que ele estava com medo de ser abandonado por seus amigos fantasmas.

– Concordo com o Jamie – afirmou o pai. – Temos que ficar juntos. Vocês fazem parte da nossa família, por isso, queremos que fiquem.

– Vocês vão ficar? – Paula perguntou.

Lentamente, um a um, conde Félix, Wolfie, a Múmia e Lex Killon aceitaram ficar, acenando com a cabeça. Eles não disseram nada, mas Jamie percebeu que eles estavam contentes.

– Temos que tomar muito cuidado nos próximos dias – disse o pai de Jamie. – Então, vamos fazer o seguinte...

Jamie se inclinou para a frente na mesa, como os demais, esperando para ouvir o que o pai tinha a dizer.

– Por enquanto, nada de assombrações. Wolfie, se você quiser um hambúrguer vegetariano, vamos buscar para você. Não chegue perto do supermercado.

– Sem problemas! – retrucou Wolfie.

O pai de Jamie continuou:

– Múmia, você precisa ficar longe do Museu do Egito Antigo.

– Mas eu só vou lá para visitar meus primos – ela disse.

– Eu sei – disse Andrew. – Mas não podemos arriscar, alguém pode ver você. O mesmo vale para conde Félix e Lex.

Conde Félix concordou em silêncio. Lex pegou a cabeça com as mãos e também concordou. Depois, recolocou a cabeça sobre a mesa.

Enquanto o pai de Jamie continuava dando instruções para o resto da família, lá de fora Ebenezer Krim os observava.

Muito tempo depois que conde Félix e os outros fantasmas tinham saído, Ebenezer continuava parado no escuro, do lado de fora da casa. Não se mexeu nem uma vez, apenas ficou ali, tomando chuva, observando a casa.

Foi só depois que a luz do quarto de Andrew se apagou que o senhor Krim deu meia-volta e foi embora. Arrastando-se na lama, ele se virou e murmurou:

– Amanhã vocês me pagam. Ah, se me pagam...

Capítulo 5

A porta do escritório da Gazeta de Blackheath se abriu com força e bateu no arquivo, quando a inconfundível figura de Ebenezer Krim entrou com suas botas lamacentas e apertou o sino que ficava sob o balcão.

Seus pequenos olhos redondos examinaram cada milímetro do escritório, passaram por recortes de jornais antigos colados em murais na parede, pilhas de jornais amarrados na mesa, computadores, impressoras, telefones e, por fim, pararam numa manchete emoldurada que dizia “Famoso escritor de terror muda-se para Blackheath”, um artigo do jornal da semana anterior a respeito de Andrew Price.

A expressão no rosto de Ebenezer mudava a cada palavra que ele lia. Ele sentia que estava prestes a explodir de raiva. Seus olhos ficaram visivelmente menores com a ira.

– Posso ajudar? – disse uma voz do outro lado do balcão.

Ebenezer levantou o rosto maligno e olhou para o homem. Era óbvio que o homem estava com medo dele.

– Gostaria de fornecer algumas informações para uma reportagem. Meu nome é Ebenezer Krim.

– Sei quem você é – disse o outro homem. – Eu sou Mike Philips, repórter da Gazeta de Blackheath.

O senhor Philips nunca tinha encontrado Ebenezer Krim, nem falado com ele, mas o repórter sabia exatamente quem ele era. Não havia uma só pessoa em toda a cidade de Blackheath que não soubesse quem era Ebenezer Krim.

– Bem, se você é repórter, então é a pessoa que estou procurando – Ebenezer disse a ele. – Acabei de ler esse artigo do jornal da semana passada a respeito do senhor Price.

– Sim, foi uma bela reportagem nossa. Não é todo dia que um escritor famoso e sua família se mudam para Blackheath – o senhor Philips comentou.

Ebenezer Krim não disse nada, apenas inclinou a cabeça para trás, para que seus olhos espiassem o senhor Philips sob o chapéu. Ele encarou o repórter e disse:

– É o seguinte... – seu olhar maligno e o jeito como ele falou provocaram um calafrio na espinha do senhor Philips. – O senhor Andrew Price e o resto da família não são tão gente boa como todos imaginam.

– É mesmo? – retrucou Mike Philips, tentando parecer calmo. – E como é que eles são?

Ebenezer olhou ao redor no escritório e, mais uma vez, parou no artigo sobre Andrew Price.

– E se eu lhe contasse uma história que deixaria todos em Blackheath com vontade de expulsar a família Price daqui?

– Eu lhe pediria para me dar mais detalhes – respondeu o senhor Philips. Agora, o medo dele tinha desaparecido e foi substituído pela curiosidade.

– Vou lhe dizer o que Andrew Price e seus dois pirralhos são: seres com poderes sobrenaturais – continuou Ebenezer Krim. – Eles são amigos de fantasmas do outro mundo.

Atrás do balcão, o rosto do senhor Philips parecia decepcionado e um pouco irritado com o que Ebenezer tinha acabado de lhe dizer.

– Deixe-me ver se entendi – ele disse. – Você está me dizendo que um escritor respeitado e sua família, que acabaram de se mudar para a casa que você queria comprar, conversam com fantasmas? E como exatamente eles fazem isso, senhor Krim? – ele perguntou.

– Não sei! – disse Ebenezer. – Eles devem ter poderes estranhos ou algo assim.

– Uau, isso está ficando cada vez melhor. Eles não só falam com fantasmas, como também são feiticeiros ou algo do tipo – disse o senhor Philips, zombando do senhor Krim.

Ebenezer se inclinou sobre o balcão. A pele branca e pálida de seu rosto ficou tão próxima de Mike Philips que o repórter conseguia ver seu próprio reflexo nos olhos de Ebenezer.

– Espero que você não esteja zombando de mim – disse Ebenezer, cerrando os dentes.

– N-na-não... – o senhor Philips gaguejou, nervoso. – Só acho que poucas pessoas vão acreditar na sua história. Você precisa de provas.

Ebenezer recuou um pouco.

– Provas? – ele estranhou. – Que tipo de provas?

– Alguma coisa que possa fundamentar a sua história – o senhor Philips respondeu. – Como fotos, ou conversas gravadas, coisas assim. Como foi que você descobriu tudo isso?

Ebenezer pensou por um segundo antes de responder:

– Você ficou sabendo do incidente com as lápides alguns dias atrás? – ele perguntou.

– Sim – disse Mike Philips.

– Pois bem, os responsáveis foram os fantasmas amigos da família Price.

– Mais uma vez, senhor Krim, o senhor tem alguma prova? – questionou o senhor Philips.

– Claro que sim! – gritou Ebenezer Krim, começando a ficar irritado com o repórter do outro lado do balcão. – A menina caçula me contou isso na frente dos outros dois.

Mike Philips recuou um passo e respirou fundo. Ele não queria dizer a Ebenezer Krim que essa prova não era suficiente.

– Pense da seguinte maneira, senhor Krim – ele começou. – Existem muitas pessoas nesta cidade que acham você muito esquisito. Algumas pessoas até dizem que você é fantasmagórico.

As narinas de Ebenezer começaram a se alargar de raiva.

– Esse não é o meu caso – disse o senhor Philips, tentando acalmá-lo um pouco –, mas algumas pessoas acham. Agora, se eu publicasse uma matéria chamando o senhor Price e sua família de “amigos de seres de outro mundo” só porque você me contou, ninguém acreditaria.

– É o que vamos descobrir! – anunciou Ebenezer Krim.

– Não posso fazer isso. Preciso de mais provas. Você está interessado em comprar a casa deles, e as pessoas não vão acreditar nas palavras de uma garota de apenas 8 anos de idade.

– E as lápides? – argumentou Ebenezer.

– Quase todos nesta cidade acham que foi você quem derrubou as lápides – respondeu Mike Philips.

Ebenezer lentamente se inclinou sobre o balcão. Gotas de suor escorriam do rosto do senhor Philips.

– Então você está me dizendo – Ebenezer perguntou lentamente – que não vai publicar a história?

– Estou dizendo que não posso – retrucou o senhor Philips, num tom de voz nervoso e rouco.

– Bem, já que você não vai me ajudar a me livrar dessas pessoas, terei que fazer isso sozinho – disse Ebenezer Krim.

Ele lançou um olhar longo e maligno para Mike Philips antes de se virar e sair do escritório.

Assim que ele foi embora, o senhor Philips sentou-se numa cadeira e deu um suspiro alto. Ele esperava que aquela fosse a última vez que veria Ebenezer Krim.

– Boa sorte, senhor Price – ele sussurrou. – Você vai precisar.

Capítulo 6

Era a primeira vez que Andrew via o sol desde que eles se mudaram para a casa nova. Ele havia passado a manhã inteira trabalhando em seu novo livro e resolveu fazer uma pausa.

Enquanto perambulava pelo jardim, ele olhou para o céu, que estava azulzinho, sem nenhuma nuvem à vista.

“Já era hora” – ele pensou. “Até agora só tivemos nuvens escuras, chuvas, raios e trovões todos os dias desde a semana passada.”

Os fantasmas não apareceram durante todo o dia. Andrew preparou um café e esperou que eles ficassem longe de encrencas, o que é difícil para quatro fantasmas camaradas com muito tempo ocioso.

Andrew reclinou-se na espreguiçadeira, pegou o jornal e relaxou no sol quente da manhã. Em poucos minutos, estava cochilando.

Jamie costumava brincar sobre a capacidade que seu pai tinha de dormir a qualquer hora do dia. Mesmo depois de uma boa noite de sono, ele conseguia voltar a dormir em poucos minutos.

– Coisas de pais... – Paula dizia. – Se não dormisse o tempo todo, ele não seria um pai normal.

Claro que Jamie discordava, o pai deles nunca foi normal.

– Aaaaahhhh! – os gritos penetraram nos ouvidos de Andrew, que dormia na espreguiçadeira do jardim e despertou no mesmo instante.

Assim que se levantou, ainda tentando acordar, ele olhou ao redor numa tentativa desesperada de ouvir de onde os gritos tinham vindo. Os gritos eram inconfundíveis. Era o Wolfie.

Porém, não foram só os gritos que o despertaram, mas um estrondo distante que se tornava cada vez mais alto. Quando olhou para cima, Andrew viu o que estava fazendo o barulho.

O céu azul havia ficado cinza. Lá no alto, uma imensa nuvem negra que rolava no céu estava vindo na direção dele. Ela se aproximava cada vez mais dele, e os gritos de pavor de Wolfie, conde Félix, Múmia e Lex Killon ficavam cada vez mais altos.

Surgindo do nada, conde Félix passou pela parede e voou pelo jardim em direção a Andrew.

– Ele está vindo atrás de nós! – gritou o conde.

– Quem está atrás de vocês? – Andrew perguntou.

Antes que conde Félix pudesse responder, Lex Killon passou pela parede gritando, seguido pela Múmia. Enquanto eles corriam pelo jardim, Lex deixou a cabeça cair, e a Múmia tropeçou nas faixas.

– Ele está bem atrás de nós! – gritou Lex.

– Vá para dentro! – gritou a Múmia.

– O que está acontecendo? – perguntou Andrew novamente.

– Não dá tempo de explicar – disse o conde Félix. – Entre, agora!

Eles seguiram em direção à porta dos fundos que levava à cozinha. Os gritos de Wolfie podiam ser ouvidos de longe.

– Corra, Wolfie, corra! – gritou Lex Killon. Andrew o empurrou porta adentro, bateu a porta e a trancou.

– E o Wolfie? – perguntou a Múmia. – Como ele vai entrar?

– Do mesmo jeito de sempre: passando através dela – respondeu Andrew, correndo direto para a janela. – Contem a verdade, agora! O que vocês fizeram e quem está perseguindo vocês?

– Não fizemos nada! – gritou o conde Félix. – É Ebenezer Krim, ele está atrás de nós.

– Ele está tentando nos sugar com uma máquina enorme! – disse a Múmia.

Wolfie continuou correndo pela grama a toda velocidade, e nuvens escuras cobriram completamente a casa. Quando Wolfie correu em direção à porta, Andrew percebeu que havia alguma coisa atrás da parede sugando tudo em sua direção. Só podia ser Ebenezer Krim. As árvores do jardim se curvavam para trás com o poderoso aspirador, que arrancava as folhas dos galhos e puxava Wolfie para trás no gramado em direção àquela coisa estranha.

– Continue correndo, Wolfie! – gritou Andrew. – Corra!

E foi assim, correndo quase sem sair do lugar, que Wolfie lentamente chegou à porta dos fundos. De dentro da cozinha, todos os outros viram primeiro as mãos e, em seguida, a cabeça de Wolfie passarem pela porta.

A Múmia correu até ele, agarrou-o pelas orelhas e o puxou para dentro. Com o esforço, ambos caíram no chão.

Andrew se virou e olhou de novo pela janela. Lá fora, as coisas estavam se acalmando. As árvores voltaram à posição normal, e era possível ver apenas algumas coisas sendo sugadas atrás do muro.

Então, de repente, tudo ficou em silêncio.

Andrew conseguia ouvir a própria respiração. Ele se virou e olhou para os outros. Wolfie já tinha se levantado e estava de costas para a porta, ofegante e exausto.

Lá fora, a luz do dia foi sumindo e aos poucos foi substituída pela escuridão. Parecia que alguém estava apagando as luzes lentamente.

Um rosto maligno, conhecido, apareceu em cima do muro. Era Ebenezer Krim. Seu rosto comprido e pálido parecia ainda mais ameaçador do que antes, quando ele subiu no muro segurando uma máquina grande e preta ao lado dele.

O objeto em si parecia ser tão perigoso quanto um aspirador normal, mas tinha mais luzes e fazia mais barulho. Andrew imaginou que aquela era a máquina que Ebenezer estava usando para sugar tudo.

– O que aconteceu lá fora? – perguntou Andrew, voltando-se para os demais.

– Estávamos vindo para cá – respondeu conde Félix –, e ele apareceu do nada, chacoalhando aquela máquina e gritando que iria nos pegar.

– E vocês não estavam causando nenhuma encrenca? – perguntou Andrew, continuando a questioná-los.

– Não, estávamos cuidando da nossa vida! – retrucou Wolfie.

– Acha que ele também consegue ver fantasmas, como Jamie, Paula e eu?

– Não, ele é igual aos outros humanos – respondeu conde Félix. – Só consegue nos ver durante períodos bem curtos.

– Sei que vocês estão aí! – veio o grito da escuridão lá fora. Ebenezer Krim estava sentado no muro segurando a máquina. – Gostaram do meu caça-fantasmas caseiro? Poderoso, não é? – ele riu. Até a risada dele soava horrorosa e terrível, como a gargalhada de um bruxo.

– Esse homem me assusta – disse a Múmia.

Andrew olhou para os outros na cozinha. Eles concordavam com a Múmia. A única pessoa que parecia não ter medo de Ebenezer Krim era Andrew.

– O que você quer, senhor Krim? – gritou Andrew pela janela.

– É bem simples – ele retrucou. – Quero que todos os fantasmas venham até aqui, um por um.

– Por que quer que eles saiam? – perguntou Andrew. – Quer falar com eles?

– Não, senhor Price – foi a resposta. – Quero destruí-los.

Wolfie, o conde Félix, a Múmia e Lex Killon se entreolharam. Ninguém disse nada, mas todos estavam pensando a mesma coisa e não conseguiam esconder: estavam apavorados.

– Nesse caso, senhor Krim, eles não vão sair! – gritou Andrew.

O senhor Krim pareceu não se incomodar.

– Tudo bem – ele respondeu –, posso esperar. A noite toda, se for preciso.

Andrew virou para os demais e disse:

– Nada de pânico, ele está blefando. Vai embora em algumas horas.

Lex Killon tentou falar, mas, como sempre, só conseguiu cuspir um pouco de água salgada no chão.

– Desculpem – ele murmurou.

– Não tem problema – todos murmuraram de volta.

Lex continuou:

– Não tenho tanta certeza. O senhor Krim parece ser um cara bem determinado.

– Bem – retrucou Andrew –, só precisamos ficar aqui até ele resolver ir embora.

– Quanto tempo acha que vai demorar? – perguntou a Múmia.

– O tempo que for preciso – Andrew respondeu.

No dia seguinte, os raios de sol no rosto de Jamie finalmente o acordaram. Sonolento, ele olhou ao redor da cozinha e viu todos dormindo:

o pai na cadeira, Paula na mesa e os fantasmas em qualquer lugar que houvesse espaço. Ao voltarem da aula um dia antes, Jamie e Paula não tiveram escolha: ficaram presos com os outros em casa e não podiam sair, porque Ebenezer Krim estava do lado de fora.

Jamie levantou-se e foi até a janela, a tempo de ver o senhor Krim descer do muro e arrastar a máquina pela grama colina acima.

Quando chegou ao topo da colina, ele se virou e viu Jamie na janela. Foram apenas alguns segundos que, para Jamie, pareceram uma eternidade.

Mesmo de longe, Jamie conseguia sentir o riso perverso daquele homem, que se virou e continuou andando.

“Com certeza nos veremos de novo, senhor Krim” – Jamie pensou.

Capítulo 7

Ebenezer Krim não sabia que estava sendo observado. Quando se sentou em sua sala de estar pequena e suja de pó, cheia de ratos que andavam pelo chão e entravam em cada fenda nas paredes, ele desconhecia completamente que, sentado do outro lado da mesa, estava um fantasma.

Não era o conde Félix, nem a Múmia, Lex Killon, ou Wolfie. Era um fantasma que Ebenezer não tinha visto nem conseguia ver agora.

O fantasma tinha dedos compridos, magros e pálidos, o corpo esguio e alongado, o rosto cheio de rugas e marcado por cicatrizes, com buracos pretos no lugar dos olhos.

Ebenezer estava lustrando a máquina e se preparando para destruir alguns fantasmas, como tinha tentado fazer na noite anterior na casa de Jamie. De repente, ele escutou o barulho de arranhões do outro lado da mesa. Imediatamente, parou o que estava fazendo e prestou atenção.

O fantasma que ele não conseguia ver levantou-se da cadeira, flutuou sobre a mesa, indo na direção de Krim, e parou a poucos milímetros de seu rosto.

Ebenezer Krim sabia que havia alguma coisa ali, mas não sabia exatamente o quê.

Então, ele ouviu os arranhões de novo. O fantasma arrastava as unhas compridas pela mesa na frente de Ebenezer, deixando marcas na madeira.

O senhor Krim olhou para os arranhões que estavam aparecendo na mesa e, imediatamente, compreendeu que havia um fantasma na sua frente.

Ebenezer deu um puxão na corrente da máquina de sugar e a colocou para funcionar. Ele chutou a cadeira para trás, apontou o cano na direção do fantasma e apertou o botão de sucção.

Pratos e xícaras quebradas começaram a voar pela sala, com quadros e enfeites. Tudo o que não estivesse preso com parafusos era sugado para dentro do longo cano preto que Ebenezer segurava na mão.

– Hora de morrer, senhor Fantasma! – ele gritou o mais alto possível, enquanto boa parte de sua sala de estar desaparecia dentro da máquina. Mesmo depois que ele desligou a máquina, a sala demorou alguns minutos para voltar ao normal.

Ebenezer estava no meio da sala, com a respiração ofegante e o coração palpitando, e o suor gotejava pela ponta de seu nariz quando ele desligou a máquina.

O rosto dele exibiu um sorriso medonho. Foi a primeira vez que Ebenezer usou a máquina num fantasma. Ele tinha certeza de que a alma penada estava ali dentro.

Então, ele voltou a ouvir o ruído de arranhões, mas desta vez atrás dele. Ebenezer Krim ficou muito bravo.

– Vou rasgá-lo em mil pedaços! – ele gritou, tentando ligar a máquina mais uma vez.

Antes que a máquina começasse a sugar, Ebenezer voou pela sala, arremessado contra a parede, e caiu no chão.

Ele se levantou, cambaleando.

– Onde você está? – ele gritou do outro lado da sala.

Num piscar de olhos, o fantasma surgiu na frente dele, dando-lhe um susto tão grande que ele cambaleou para trás e caiu de novo.

– Nem pense em usar essa máquina de novo! – disse o fantasma.

– Quem é você? – Ebenezer perguntou.

– Sou um antigo funcionário deste cemitério – o fantasma respondeu. –

Eu era o Coveiro.

Ebenezer ficou em pé de novo.

– O que você quer? – ele perguntou.

– Quero ajuda para me livrar desses Price – o Coveiro retrucou.

Ebenezer sentou-se, sem tirar os olhos do fantasma por um segundo. Ele odiava fantasmas, mas estava começando a odiar Jamie e sua família muito mais.

– Prossiga... – disse Krim, curioso para ouvir o que o fantasma tinha para dizer.

– Ontem eu percebi o quanto você conseguiu deixar a família Price assustada. Eu achava que nada poderia espantar essa família. Pelo menos fantasmas não conseguiriam – disse o Coveiro.

– Você estava lá ontem? – Ebenezer perguntou. – Nunca vi você.

– Você nunca me viu porque eu não queria que você nem os Price me vissem – continuou o Coveiro.

– Mas os Price veem todo tipo de fantasmas – disse Ebenezer.

– É verdade – disse o Coveiro. – Eles teriam me visto se eu não tivesse aprendido a me esconder. As pessoas só me veem quando eu quero ser visto.

– E os fantasmas? Eles conseguem ver você, não é? – Ebenezer perguntou.

– Conseguem – ele retrucou –, mas eu também posso me transformar em outros fantasmas. Posso me tornar o conde Félix, e ninguém vai saber.

Ebenezer sentou-se por alguns segundos, pensando no que o Coveiro havia acabado de dizer. Então, ele perguntou:

– Por que você quer se livrar da família Price?

O Coveiro flutuou em direção a Ebenezer Krim.

– Quero me livrar deles – ele disse –, porque, desde que se mudaram para aquela casa, eles transformaram a minha vida num inferno! Tudo era muito tranquilo antes de eles chegarem.

O senhor Krim concordou. Pelo menos havia alguém que pensava como ele.

– Se quiser se livrar dos fantasmas que moram com eles, não perca seu tempo com máquinas bobas. Você só precisa se livrar dos Price. Os fantasmas vão segui-los para qualquer lugar – disse o Coveiro.

– Mas os Price não procuram fantasmas como você e depois dão um fim neles? – Ebenezer interrompeu.

– Deixe que eu me preocupo com isso – foi a resposta do Coveiro. – Então, o que me diz? Vai me ajudar a me livrar deles?

Ebenezer olhou para ele com aqueles pequenos olhos malignos e disse:

– E se eu não quiser ajudar?

O Coveiro chegou bem perto do rosto de Ebenezer e respondeu:

– Eu expulso você também.

Pela primeira vez na vida, Ebenezer Krim ficou apavorado e assustado.

– Como vamos nos livrar deles? – o senhor Krim perguntou.

– Na verdade, é muito simples: vamos derrotá-los botando medo neles ou colocando todos para fora!

O Coveiro riu alto, e Ebenezer sentiu que muitas coisas terríveis estavam prestes a acontecer.

Capítulo 8

– Jamie Price, você poderia prestar atenção e parar de olhar pela janela? – gritou a professora pela quarta vez naquela manhã.

Jamie sempre teve problemas de concentração na escola, e a aula de Biologia não era muito animadora.

Ele olhou para a professora e murmurou:

– Desculpe.

A professora aceitou o pedido de desculpas e virou-se para a lousa. Jamie voltou-se novamente para a janela, a fim de ver os outros alunos na aula de Educação Física.

Jamie estava mais do que apavorado pelo que havia acontecido nos últimos dois dias. Ele sabia lidar com fantasmas, mas, com um ser humano esquisito como o senhor Krim, a coisa era totalmente diferente.

Paula também estava assim. No caminho para a aula naquela manhã, ela confessou que tinha a sensação de que alguma coisa ruim estava prestes a acontecer. Jamie lhe disse que era apenas imaginação. O que ele não contou a ela era que ele tinha a mesma sensação.

Enquanto Jamie observava as outras classes, um vulto alto e escuro no canto da quadra chamou a atenção dele. Assim que Jamie percebeu quem era, seu sangue gelou: era Ebenezer Krim.

Ebenezer começou a andar na direção de Jamie, sem desviar seu olhar aterrorizante. O coração de Jamie começou a bater mais rápido, disparando dentro de seu peito. Ele voltou a olhar para a professora, mas ela estava de costas, escrevendo na lousa.

Jamie olhou de novo para Ebenezer Krim. Ele estava tão perto que Jamie conseguia ver o sorriso maligno do homem.

– Jamie Price, pela última vez, preste atenção, por favor! – gritou a professora.

– Por favor, professora! Tem um homem esquisito olhando para mim pela janela. É Ebenezer Krim.

Toda a classe de Jamie se assustou. Todas as crianças da classe sabiam quem era Ebenezer Krim, assim como a professora. Ela atravessou a sala de aula em direção à carteira de Jamie e parou ao lado dele.

– Onde ele está, Jamie? – ela perguntou.

Jamie se virou para a janela, mas Ebenezer tinha ido embora.

– Ele estava bem ali – disse Jamie, apontando para onde o senhor Krim estava.

– Isso é algum tipo de brincadeira, Jamie? – perguntou a professora.

– Não, professora, é verdade – disse Jamie, jurando inocência.

A professora olhou desconfiada para ele e retornou a seu posto na sala de aula.

Jamie olhou de novo para a janela, onde havia visto Ebenezer Krim. Ele não estava em lugar nenhum.

“Mas ele estava lá!” – pensou. “Tenho certeza de que vi o rosto dele.”

Enquanto isso, na casa de Jamie, o pai estava montando umas prateleiras na sala de estar. Havia sido uma manhã calma para ele, sem nenhum fantasma por perto. Eles também estavam ocupados demais tentando se esconder para não encontrar Ebenezer Krim e sua máquina de sugar fantasmas.

– Olá! – disse uma voz atrás do pai.

Andrew virou e viu o conde Félix flutuando no meio da sala.

– Oi, conde! Onde está o resto da turma? – ele perguntou.

– Não tenho certeza – respondeu o conde, olhando para o outro lado.

“Que estranho” – pensou o pai de Jamie. “Eles sempre sabem onde os outros estão.”

– Gostaria de ter uma palavrinha com você, se possível – disse o conde Félix.

– Claro – respondeu Andrew. – Sobre o que quer conversar?

– Quero conversar sobre mudar de casa – disse o conde Félix. – Andei pensando se não deveríamos nos mudar de novo logo.

Andrew abaixou o martelo e encarou o conde.

– Por que está dizendo isso?

– Para ser sincero, não gosto daqui – ele disse. – Acho que todos ficariam muito mais felizes se a gente se mudasse.

– É muito estranho ouvir isso de você – comentou Andrew. – Normalmente você se adapta bem a uma casa nova.

O conde Félix virou as costas para ele.

– Eu não gosto desta casa. Desde que nos mudamos para cá, foi uma encrenca atrás da outra.

– Isso tem algo a ver com Ebenezer Krim? – perguntou Andrew.

– Naquele dia, eu achei que ele fosse mesmo me destruir – respondeu o conde.

O pai de Jamie percebeu que o conde estava agindo de modo muito estranho.

– Por que não esperamos mais algumas semanas? – ele perguntou. – Pelo menos até a poeira dessa história do Ebenezer Krim baixar um pouco.

O conde Félix virou-se e olhou para Andrew, que já estava martelando outras prateleiras. Antes que o conde pudesse responder, Andrew deu uma

martelada na ponta do dedo, que começou a sangrar.

– Aaaiii! – ele gritou. E o sangue continuou escorrendo.

– Você está bem? – perguntou o conde.

– Sim, estou ótimo – disse Andrew. – Foi só uma martelada, nada de mais.

– Já que você está bem, vou seguir o meu caminho – disse o conde, que se virou e saiu pela porta.

Foi só depois que o conde saiu que Andrew percebeu que ele não havia desmaiado ao ver o sangue.

“Deve ser porque ele estava preocupado” – ele pensou. “Ele não parecia ser ele mesmo hoje.”

Do outro lado da porta, o conde Félix pairou por alguns segundos. Ele desapareceu quase instantaneamente e, em seu lugar, surgiu o terrível Coveiro. Não era mesmo o conde Félix, era o Coveiro fingindo ser o conde. Por isso, ele não desmaiou quando viu sangue.

O Coveiro voltou a olhar para Andrew através da porta. “Um dia, vou me livrar de vocês de algum jeito” – ele pensou.

Jamie esperou Paula no portão da escola como fazia todos os dias. As aulas da garota não terminavam mais tarde que as do irmão, mas ela sempre ficava muito tempo conversando com as amigas.

Jamie não falou muito no caminho para casa. Ele estava muito preocupado pensando na aula em que tinha visto Ebenezer Krim da janela. Mas Paula sempre percebia quando alguma coisa o incomodava.

– Algo errado, Jamie? – ela perguntou.

– Não – ele respondeu.

Paula já estava bastante assustada com Ebenezer Krim. Jamie não queria piorar a situação.

– É óbvio que tem alguma coisa errada – ela continuou. – Você não disse nenhuma palavra durante todo o caminho para casa e normalmente você não para de falar!

Em qualquer outro dia, Jamie teria respondido ao comentário da irmã com alguma observação engraçada e, antes que alguém percebesse, uma confusão total estaria armada, mas não naquele dia.

– Já disse que não tem nada de errado comigo – ele repetiu.

Quando eles chegaram à entrada do cemitério, Jamie olhou ao redor e mais uma vez viu o assustador Ebenezer Krim vindo na direção dele.

– Paula, está vendo o senhor Krim ali? – disse Jamie, apontando na direção do homem.

Paula ficou de queixo caído de tanto medo.

– Sim – ela respondeu arrepiada.

Agora Jamie sabia que não estava ficando maluco. Ebenezer começou a correr em direção a eles, rindo e gritando para assustá-los.

– Corra, Paula! – gritou Jamie, agarrando o braço dela e saindo em disparada colina abaixo em direção ao cemitério enquanto o senhor Krim os perseguia.

– Pai, socorro! – Paula gritou quando eles chegaram ao portão dos fundos.

O pai saiu da casa correndo.

– Qual o problema? – ele gritou correndo em direção aos filhos.

– Ebenezer Krim está nos perseguindo! – gritou Jamie fechando o portão. Mas, assim como na aula de Biologia, Ebenezer já tinha desaparecido quando Jamie se virou.

– Ele não está em lugar nenhum – disse o pai. – Tem certeza de que vocês o viram?

– Sim, ele estava lá! – respondeu Jamie. – Pergunte para a Paula.

Ambos se viraram para perguntar para Paula, mas ela já estava dentro de casa, olhando para eles pela janela da cozinha.

– Jamie, não tem ninguém lá – acrescentou o pai.

– Estou dizendo, pai, ele estava lá! – disse Jamie, tentando convencê-lo. Andrew olhou para Jamie.

– Acalme-se, Jamie. Ele já foi embora, não tem ninguém lá. Acho que ele nem estava lá. Você deve estar vendo coisas.

Então, Andrew abraçou o filho e o levou para dentro de casa. Jamie sabia que não havia jeito de convencer o pai de que Ebenezer Krim o perseguia. Quando eles chegaram à porta dos fundos, ele olhou para trás, na direção em que Ebenezer Krim deveria estar. Não havia ninguém lá.

Capítulo 9

O cheiro dos hambúrgueres vegetarianos e de linguiça encheu a cozinha do Jamie. Naquela manhã, era a vez de Jamie preparar o café da manhã, e, um a um, os convidados começaram a chegar.

Andrew foi o primeiro. Ninguém gostava tanto de um café da manhã bem preparado quanto ele.

– Hum! – ele disse assim que tomou seu lugar à mesa. – O cheiro está ótimo, Jamie.

Paula e Lex Killon, quem segurou a porta para ela, chegaram na mesma hora.

– Bom dia, Lex! – ela disse, passando rapidamente por ele.

Lex tentou responder, mas, como de costume, só conseguiu cuspir um pouco de água salgada. Ele não precisou se desculpar. Antes que tivesse a chance, todos sabiam o que estava por vir e disseram: “Não tem problema”.

– Alguém viu Ebenezer Krim, aquele cara medonho, recentemente? – perguntou Lex, puxando a cadeira.

– Jamie acha que o viu algumas vezes ontem – o pai respondeu.

– Eu o vi – disse Jamie, virando os hambúrgueres de linguiça na frigideira, de costas para os outros que estavam à mesa.

– Quem você viu? – perguntou a Múmia enquanto deslizava pela porta dos fundos até uma cadeira.

– Ebenezer Krim – Paula respondeu.

– Ora, eu não ligaria se não o visse nos próximos 2 mil anos – a Múmia murmurou através de suas faixas.

O conde Félix se juntou a eles na cozinha.

– O café da manhã está com um cheiro bom hoje, Jamie – ele disse antes de sentar-se à mesa também.

– Fica pronto num segundo – retrucou Jamie.

– Ontem, fomos perseguidos por Ebenezer Krim da escola até em casa – Paula anunciou.

– O quê? – retrucou o conde Félix. – Ele perseguiu vocês até em casa?

– Paula, discutimos isso na noite passada. Não temos certeza se foi Ebenezer Krim que seguiu vocês – disse o pai.

– Foi ele sim! – Jamie afirmou com convicção.

O último a se juntar ao grupo do café da manhã foi Wolfie. Ele deslizou em silêncio e sentou-se à mesa sem dizer nada, o que era estranho para ele, que sempre tinha muito a dizer, mesmo que fosse de manhã.

Jamie andou em direção à mesa com uma pilha de hambúrgueres vegetarianos e de linguiça no prato.

– Sirvam-se todos! – Jamie disse, colocando o prato no meio da mesa.

– Qual o problema, Wolfie? Está deprimido? – perguntou Lex Killon.

– Acho que estou de saco cheio... – respondeu Wolfie.

– Com o que exatamente? – perguntou o pai.

– Com tudo, na verdade – ele disse. – Com esta casa nova, com Ebenezer Krim tentando nos pegar, com tudo.

– Não deixe isso afetar você, Wolfie – disse o conde Félix. – Uma hora, você se acostuma.

Andrew parecia confuso. No dia anterior, ele tivera a mesma conversa com o conde Félix, ou com quem ele achava que era o conde Félix, e agora ele estava agindo de modo totalmente diferente.

– Você mudou de ideia rápido... – disse Andrew para o conde, que ficou confuso.

– O que quer dizer? – perguntou o conde.

– Você não queria se mudar também?

O conde olhou para Andrew.

– Quando eu disse isso? – ele perguntou, parecendo ainda mais confuso.

– Posso pegar um desses hambúrgueres? – berrou Wolfie, bem mais alto do que precisava, tentando mudar de assunto, como se tivesse alguma coisa para esconder.

– Claro que pode – Paula retrucou. – Você não precisa pedir, sabe disso.

Jamie olhou desconfiado para o Wolfie. Ele sabia que alguma coisa estava errada, mas não sabia exatamente o quê.

Wolfie se esticou e pegou um hambúrguer do prato de Paula.

Sem pensar, deu uma mordida e começou a mastigar.

– Wolfie! – a Múmia gritou.

– O que foi? – ele retrucou.

– Você está comendo um hambúrguer de linguiça!

– E daí? – perguntou Wolfie.

– Não é um hambúrguer vegetariano! – retrucou a Múmia. – E você é vegetariano.

Wolfie olhou para todos ao redor da mesa. Todos o encararam.

Jamie sabia que alguma coisa não batia, mas, antes que ele pudesse questionar Wolfie, o fantasma se levantou da mesa e correu para a porta berrando:

– Acho que vou vomitar.

Todos, menos Jamie, riram da estupidez de Wolfie.

– Tem alguma coisa acontecendo aqui – Jamie disse para os outros.

– É mesmo! – retrucou Paula. – Ele comeu metade de um hambúrguer de linguiça e agora está passando mal. Que bobo...

Quando Wolfie voltou, parecia outro. Para Jamie, era óbvio que não era o mesmo que tinha saído pela porta. Esse Wolfie parecia bem, mas um pouco assustado com toda a atenção que havia despertado.

– Você está bem agora? – perguntou Andrew.

– Estou ótimo, obrigado – respondeu Wolfie, parecendo confuso.

– Ainda está se sentindo enjoado? – Lex Killon perguntou a ele.

– Enjoado? – estranhou Wolfie. – Por que eu estaria enjoado?

– Essa não! – disse Paula. – Ele comeu tanto que está se esquecendo das coisas.

Os outros riram. Até Wolfie riu, embora não soubesse exatamente do que estava rindo. Mas, de qualquer forma, ele riu.

Lá fora, Ebenezer Krim estava observando a casa de novo. O Coveiro surgiu ao lado dele, com a mesma aparência do Wolfie. Não foi o Wolfie quem deu a mordida no hambúrguer de linguiça, foi o Coveiro fingindo ser ele.

– Acho que precisamos tomar uma providência mais drástica – disse o Coveiro num tom de voz ameaçador. – Eles estão ficando desconfiados agora, e eu os quero fora dessa casa hoje à noite.

Ebenezer Krim não disse nada, apenas virou e observou a casa, com aquele sorriso medonho e assustador lentamente se abrindo no rosto. Não demorou para que começasse a dar gargalhadas.

Capítulo 10

Os relâmpagos iluminavam a janela do quarto de Paula, que foi forçada a puxar as cobertas até o queixo.

Assim como na primeira noite em que eles chegaram, houve outro corte de energia. Mas, desta vez, todos estavam cansados demais para brincar de esconde-esconde. Então, resolveram ir dormir cedo, já que não podiam assistir à televisão.

Paula não quis contar nada para Jamie quando eles subiram a longa escada em espiral, mas ela havia ficado o dia todo com uma terrível sensação de que algo terrível aconteceria naquela noite.

Talvez, se ela tivesse dito alguma coisa, Jamie poderia ter lhe contado que teve exatamente a mesma sensação. Ela deitou na cama em meio à escuridão total, contando os segundos entre os relâmpagos e as trovoadas.

Paula não estava contente na casa nova, mas ela, assim como Jamie, continuava se esforçando para agradar ao pai. Conforme ela virava a cabeça para o lado, a cada relâmpago ela via a chuva escorrendo fininha pelo vidro da janela. Seus olhos foram ficando pesados, muito pesados. O sono tomou conta de Paula, que começou a cochilar.

Não foi apenas o estrondo que a acordou, mas também o fato de que algo havia se mexido embaixo da cama dela. Enquanto ela abria os olhos lentamente, sentiu a mesma coisa.

A cama de Paula levantou um pouco e caiu de novo no carpete. Ela se sentou, e a cabeceira da cama começou a levantar cada vez mais alto e a descer cada vez mais rápido.

Então, aquilo parou subitamente.

“Eu sabia” – pensou Paula. “Deve ser o Wolfie ou a Múmia embaixo da cama tentando me assustar.”

Lentamente, ela engatinhou até o pé da cama, puxou os lençóis o mais rápido que pôde e enfiou a cabeça embaixo da cama.

– Peguei você! – ela gritou, esperando ver um dos seus amigos fantasmas. Mas não havia ninguém embaixo da cama dela.

“Aonde ele foi?” – ela pensou, enquanto se sentava. Em seguida, sentiu a mesma coisa.

Desta vez, a cama levantou bem alto e caiu de volta com um baque forte. Paula começou a ficar assustada.

“Se é um fantasma, por que não posso vê- -lo?” – ela pensou.

– Quem está aí? – ela gritou, mas a resposta foi o silêncio, não houve nenhum barulho.

Como Paula estava mais atenta a ruídos estranhos, ela não percebeu quando a cabeceira de sua cama começou a levantar de novo. Então, a cama caiu com um baque forte; levantou e caiu de novo, levantou e caiu, levantou e caiu.

– Pai! Jamie! Socorro! – Paula gritou várias vezes. Então, a porta foi escancarada, e imediatamente a cama caiu no chão e não mexeu mais.

O pai estava na soleira da porta, e Jamie, atrás dele.

– O que foi, Paula? – ele gritou, enquanto os dois corriam até a cama dela.

– Tem alguma coisa embaixo da minha cama, pai. Não sei o que é, não consigo ver – ela disse.

Jamie olhou embaixo da cama e não viu nada lá.

– Não tem nada embaixo da sua cama, Paula – ele disse para a irmã mais nova.

O pai segurou Paula nos braços.

– Você teve um pesadelo, Paula, só isso – ele tentou acalmá-la. – Todos têm pesadelos.

– Não foi um pesadelo, pai – ela disse. – Foi real: a cama estava levantando e caindo muito rápido.

O pai viu os olhos dela cheio de lágrimas e disse:

– Não foi real, Paula, apenas parecia real, só isso.

Jamie deu outra olhada embaixo da cama, mas desta vez olhou por mais tempo. Sem levantar a cabeça, ele disse ao pai:

– Pai, acho que você deve dar uma olhada nisso.

O pai de Jamie se abaixou ao lado de Jamie e olhou embaixo da cama. Jamie apontava para as marcas que os pés da cama haviam feito no carpete. Eram muitas. Obviamente, a cama da Paula havia se mexido muito.

– Paula, não quero que entre em pânico – disse o pai. – Devagar, saia da cama e fique atrás de mim.

Jamie e o pai se levantaram e, lentamente, começaram a andar em direção à porta, com Paula logo atrás deles. O quarto continuava escuro, e era muito difícil ver o caminho. A cada relâmpago, Jamie podia, por uma fração de segundo, ver o quarto inteiro iluminado. Quando Jamie se virou para ver o pai e a irmã, um relâmpago iluminou alguma coisa que estava flutuando na outra ponta do quarto.

Jamie não conseguiu ver o que era, mas sabia que aquilo estava se aproximando cada vez mais.

– Cuidado, filho! – gritou o pai, empurrando Jamie para fora do caminho.

Jamie caiu e escutou uma pancada, e o pai caiu em cima dele. Jamie viu que um vaso havia acertado seu pai, que ficou inconsciente. Paula parou no meio do quarto, gritando a plenos pulmões. Todas as coisas ao redor dela estavam sendo atiradas nas paredes: porta-retratos, enfeites, brinquedos.

– Socorro, Jamie! – ela gritou.

– Não posso ajudar, Paula, estou preso. O papai caiu em cima de mim e não consigo sair – ele gritou em resposta.

No meio da confusão, Jamie ficou feliz ao ver o rosto de um amigo: era Lex Killon.

– Vou ajudar você! – ele gritou, tentando tirar Andrew de cima de Jamie.

Logo atrás do garoto, algo escancarou a porta do quarto de Paula, e na soleira da porta estava Ebenezer Krim com sua máquina amarrada nele.

– Deixe-nos em paz! – gritou Jamie.

Ele olhou para Jamie e Lex Killon no chão, e depois para Paula, que estava gritando no meio do quarto.

– Não era para ninguém se machucar, Coveiro – gritou Ebenezer em meio ao barulho.

– Saia daqui, Krim! – bradou uma voz grave em meio à escuridão do quarto de Paula, e algo bateu e fechou porta do quarto de novo.

Jamie viu que Ebenezer Krim havia bloqueado a porta com o pé. Ebenezer desatou a máquina do corpo, ligou e a jogou para Jamie dentro do quarto.

– Jamie, use isso! – ele gritou.

– O que eu faço? – Jamie perguntou.

– Aperte o botão e aponte para o Coveiro.

Jamie esticou a mão, mas não conseguiu alcançar a máquina. Ele teve que empurrar o pai um pouco para finalmente conseguir pegá-la. Ao girar a máquina ao seu redor, ele viu dois Lex Killon lado a lado. O da esquerda gritou:

– Jamie, mate o outro! Eu sou o verdadeiro Lex!

– Não, Jamie – o da direita gritou. – Eu sou o verdadeiro Lex!

Paula gritava desesperadamente. Jamie olhou para um Lex e depois para o outro, mas não conseguiu distingui-los.

– Vamos, Jamie. Mate-o agora! – gritou o Lex da esquerda.

Jamie apontou a máquina para o outro.

– Não sei quem é quem! – Jamie gritou para o senhor Krim.

– Então, sugue os dois... – ele gritou.

Enquanto Jamie se preparava para ligar a máquina, o Lex da direita tentava dizer alguma coisa. Um forte relâmpago iluminou o quarto, e Jamie o viu cuspir um pouco de água salgada.

– Isso é o suficiente! – ele gritou, apertando o botão e apontando a máquina para o da esquerda, sugando-o antes que ele pudesse escapar.

– Desligue isso! – gritou o verdadeiro Lex Killon, que se segurava no guarda-roupa de Paula para não ser sugado para dentro da máquina também.

Jamie desligou a máquina, o quarto ficou em silêncio. Paula parou de gritar, e o pai acordou. Jamie virou-se para Ebenezer Krim e disse uma coisa que jamais pensou que diria:

– Obrigado.

Capítulo 11

– Essa é a última – disse Andrew, enquanto colocava a última caixa no bagageiro do carro.

Jamie e Paula estavam contentes. E não era só porque o Coveiro tinha sumido. Todos, inclusive os fantasmas, estavam aliviados, pois não teriam mais que morar naquela casa.

Como uma forma de agradecer a Ebenezer Krim, que salvou a vida deles, o pai de Jamie concordou em vender a casa do cemitério para ele.

Quando o carro saiu da garagem pela última vez, com Jamie, o pai e a irmã dentro, Jamie olhou para trás e viu a casa que tinha sido seu lar por tão pouco tempo.

Ele não estava triste por ir embora. Queria apenas dar uma última olhada. Ebenezer Krim estava no portão, vendo a família Price partir.

Mesmo tendo a casa que sempre quis, ele não sorriu. Apenas ficou parado no portão, olhando para os Price.

– Então, pai, onde fica a casa nova? – Paula perguntou.

– A mais ou menos uns 2 quilômetros daqui – respondeu o pai. – E é surpresa!

– Não pode nos dizer mais nada? – Jamie quis saber.

– Só vou contar uma coisa – ele disse. – Antes, ela era uma igreja antiga.

– Uma igreja antiga! – Jamie e Paula gritaram juntos.

– Você ficou louco? – perguntou Jamie.

O pai riu. Olhou para eles pelo retrovisor, deu aquele velho sorriso bobo, deu uma piscadinha e disse:

– Puxa, crianças... Confiem em mim!

Jamie e Paula se entreolharam, incrédulos.

– Essa não! – disse Paula. – Lá vamos nós de novo...

Esperamos que você tenha gostado desta história de Edgar J. Hyde.
Aqui estão outros títulos da série *Hora do espanto* para você colecionar:

A colheita das almas

O doutor Morte

O escritor fantasma

O espantalho

Feliz dia das bruxas

O piano

A COLHEITA DAS ALMAS

Os Grimaldi, uma assustadora família com maus comportamentos e que sempre se veste inteiramente de preto, mudam-se para a vizinhança de Billy e Alice.

Logo depois, a mãe, o pai e seus vizinhos começam a agir de maneira muito estranha, como se de repente eles se tornassem malvados. As crianças e seus amigos, Ricky e Alex, logo são as únicas pessoas normais que sobram no bairro, em meio a ladrões, encenqueiros e matadores.

A cidade toda, controlada pelos Grimaldi, não demora a perseguir as quatro crianças para capturar suas almas e completar a “colheita”.

O DOUTOR MORTE

Alguma vez você já foi ao médico com uma doença sem importância só para descobrir que iria piorar muito em seguida?

É exatamente isso o que acontece com Josh Stevens e seus amigos. Eles deixam de ser uma turma de adolescentes saudáveis para se tornarem despojos pustulentos, fedidos e enebados, depois que, por coincidência, passam por uma consulta com o encantador e elegante doutor Blair. As espinhas medonhas de Josh vão colocar em perigo o futuro encontro dele com a adorável Karen, mas existem “remédios” muito mais sinistros no armário do “bom” médico.

Será que Josh e seus amigos conseguirão impedir o doutor Morte de realizar seu plano funesto?

O ESCRITOR FANTASMA

Charlie é um aluno com talento para escrever, mas nem mesmo ele consegue se lembrar de ter escrito todas aquelas palavras que aparecem em seu bloco de notas!

Parece que uma história está sendo contada nas páginas do texto manuscrito, mas quem está fazendo a narrativa e por quê?

O diretor da escola de Charlie está se mostrando um pouco interessado demais no bloco de notas e não parece muito contente. Conforme Charlie investiga, descobre que as coisas são piores do que ele jamais poderia imaginar. Você alguma vez já se assustou com o diretor de sua escola?

Eu quero dizer: ficou realmente assustado?

O ESPANTALHO

Não é raro pessoas se tornarem fortemente apegadas ao lugar onde nasceram... Mas um espantalho?

Uma série de acidentes misteriosos na nova fazenda da família Davis faz David suspeitar de que há uma relação entre eles. Será que existe alguém, ou alguma coisa, por trás desses eventos macabros?

Quanto mais David investiga, mais ele quer manter a boca calada... Até que o terrível segredo do espantalho seja revelado!

FELIZ DIA DAS BRUXAS

Samanta, Tiago e Mandy são irmãos. Os pais deles decidem descansar um pouco em uma tranquila aldeia no fim de semana do Dia das Bruxas. Os adolescentes estão muito preocupados, pois ficar em uma aldeia chata vai estragar a brincadeira de travessuras ou gostosuras.

Com certeza, o Dia das Bruxas será bem diferente do normal, mas longe de ser uma chatice!

Samanta descobre um velho livro de feitiçaria e rapidamente percebe que é capaz de controlar perigosos poderes. Então, ela é levada para um mundo terrível e sinistro de magos e bruxos, e precisa escapar de lá ou perderá a vida.

O PIANO

A família Houston acredita ter encontrado uma grande pechincha quando compra um belo piano por um preço muito baixo.

Mas o piano parece ter vontade própria. Na verdade, não importa qual música as pessoas tentem tocar, ele sempre executa sua própria e triste melodia.

O que o piano tenta dizer ao mundo?

Será que os Houston levaram algo mais além da pechincha?

E quem seria o compositor da bela, mas perturbadora, música que o piano insiste em tocar?

HORA DO ESPANTO

A CADEIRA DE BALANÇO



EDGAR J. HYDE

A CADEIRA DE BALANÇO

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

A cadeira de balanço[recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

112p.; ePUB ; 1,2 MB.-(Hora do espanto)

ISBN 978-65-5500-723-7(Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror.I. Antunha, Silvio. II. Título.III. Série.

2021-867

CDD 028.5

CDU82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior-CRB-8/9949

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura juvenil028.5

2.Literatura juvenil82-93

© 2015 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *The Rocking Chair*

© 2015 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 1

Gerry virou-se e olhou em direção à janela de seu quarto. As cortinas estavam menores, porque sua mãe decidiu lavá-las na máquina, em vez de levá-las à lavanderia, como normalmente fazia. O forte feixe de luz amarela do poste brilhava de maneira irritante através do espaço que agora existia entre as duas cortinas, iluminando o canto oposto ao da cama de Gerry. Exatamente o canto onde estava o alienígena inflável, que vigiava o quarto com seus olhos malignos. Gerry tinha adorado o alienígena na loja. Achou que seria ótimo para assustar sua irmã caçula. Ela se assustava com absolutamente tudo. Mas agora aquilo também lhe causava arrepios, principalmente naquela noite, com aquele estranho brilho amarelo. Parecia que a qualquer momento ele levantaria do chão, saltaria na cama e explodiria Gerry com um raio laser lançado de seus olhos.

Gerry puxou a coberta para cobrir a cabeça, virou-se e tentou pensar em outras coisas: no time de futebol, no gol marcado na última semana, na menina nova que tinha acabado de se mudar para a rua (ele fingia ignorá-la, mas dava um jeito de passar pela casa dela pelo menos seis vezes por dia). Era inútil. Gerry sentia o olhar vigilante do alienígena atravessar a coberta e penetrar em suas costas. Ele tirou a coberta lentamente, esperando ver o alienígena bem perto dele, pronto para atacar. Olhou para o canto. Nada! O alienígena tinha sumido! O coração de Gerry começou a disparar.

Gerry levantou a cabeça devagar e olhou ao redor, tentando encontrar o horripilante saco de ar quente, que agora ameaçava sua vida. Gerry puxou a

coberta e colocou os pés no chão, olhando as cortinas do quarto, que estavam balançando de um jeito estranho para a frente e para trás.

“Então aí está você!” – pensou. Ele começou a planejar como levaria a melhor sobre seu inimigo extraterrestre. Aquele pedaço de plástico não o derrotaria de jeito nenhum. Afinal de contas, foi ele que passou meia hora enchendo a criatura de ar, depois que o pai ignorou seu pedido para fazer isso por ele.

Gerry levantou-se e estendeu a mão para puxar um dardo do alvo pendurado em cima da cama.

“Isso vai dar um jeito em você” – Gerry pensou, olhando para a janela novamente. As cortinas continuavam balançando devagar. Gerry não era muito bom com dardos. Os buracos na parede ao redor do alvo eram a prova disso. As cortinas estavam muito longe dele, e ele mal conseguia acertar o alvo a uma distância bem menor que essa. Ele precisava se aproximar, mas não tinha muito tempo. Tinha certeza de que, se ele começasse a andar em direção à janela, o alienígena o atingiria como um raio, e tudo estaria perdido. Ele decidiu que daria dois passos rápidos, levaria o braço para trás e lançaria o dardo fatal, tudo em um só movimento.

Gerry respirou fundo, concentrando-se para o desafio. Tinha certeza de que só teria uma chance. Se errasse, ele estaria perdido, e sua família seria a próxima. Ele precisava conseguir, precisava acertar. Mas suas pernas pareciam pregadas no chão.

“Vamos, Gerry, acalme-se. Você consegue” – ele pensou, tentando criar coragem.

Ele pulou para a frente, levantou o braço e caiu, com um baque, em cima de algo que estava no chão, com as pernas enroscadas em um

obstáculo desconhecido. O dardo voou alto e acertou o olho direito de Gerry em uma foto pendurada na parede.

Gerry ficou no chão. Virou a cabeça e deu de cara com o olhar penetrante e familiar de seu inimigo inflado, que estava mais sem vida do que nunca. A coisa inútil tinha apenas escorregado inofensivamente no chão. Gerry olhou para as cortinas. Ele podia sentir a brisa entrando no quarto através da janela ligeiramente aberta, fazendo as cortinas balançarem de um lado para o outro.

“Mas que idiota!” – Gerry pensou conforme se levantava. – De manhã, meu inimigo alienígena, você vai para o lixo – ele murmurou enquanto pegava a criatura cinza e a colocava de volta no canto do quarto.

Ele olhou para aquilo mais uma vez. A sombra amarelada da luz da rua ameaçava criar novamente um clima sinistro.

Gerry foi até a janela, agarrou e puxou as duas cortinas, tentando bloquear a luz. Mas, por mais que tentasse, ele não conseguia fechá-las completamente. Era inútil. Elas estavam pequenas demais. Sua mãe as havia arruinado. Gerry olhou para a desagradável lâmpada da rua e imaginou se alguém perceberia se ele atirasse uma pedra nela de manhã, dando um fim a seu sofrimento. “Talvez não seja uma ideia tão boa” – ele pensou, lembrando que tinha acabado de se livrar de seu último castigo por ter arranhado o carro novo do pai, graças à sua bicicleta, que não parou a tempo durante uma corrida com seu vizinho Stevie.

Gerry olhou pela janela. A lâmpada iluminava a rua inteira com um estranho brilho amarelado. O carro do pai estava na frente da casa. O pai havia parado o carro ali por puro orgulho, pois era um dos primeiros automóveis da vizinhança. Gerry olhou para o outro lado da rua, onde sua irmã tinha marcado com giz o nome de todos os amigos. Ele só conseguia

distinguir Sally James, a garota da casa número 14. Gerry olhou para o outro lado. A casa do outro lado da rua estava vazia desde que sua família tinha se mudado. Estava péssima, praticamente caindo aos pedaços. A mãe tinha avisado Gerry e a irmã para ficarem longe dali, e eles já tinham ouvido histórias de todo tipo a respeito do lugar. Gerry olhou com atenção. Alguma coisa parecia estar se mexendo. Ele abriu mais as cortinas e colocou o rosto na janela. Definitivamente, alguma coisa se mexia. Gerry forçou os olhos, a claridade da lâmpada da rua mal chegava até a frente da casa do outro lado.

Aos poucos, Gerry começou a enxergar melhor. Na varanda da velha casa abandonada, ele conseguia ver claramente um senhor balançando para a frente e para trás, sentado numa cadeira de balanço. Gerry olhou para o relógio da cabeceira. Eram duas da manhã. O que estava acontecendo? Ele olhou bem, tentando descobrir quem seria aquele senhor. Então, de repente, viu o velho se virar e olhar diretamente para a janela dele. Um sorriso estranho surgiu no rosto daquele senhor de idade, um sorriso que fez Gerry paralisar. O velho olhava fixamente, e seus olhos estreitos penetravam a penumbra.

Pela segunda vez naquela noite, as pernas de Gerry congelaram. Ele não conseguia desviar o olhar daquela figura que o encarava. De repente, o velho ergueu a mão e começou a acenar como se chamasse Gerry para ir ao encontro dele. O braço do velho parecia se esticar, tornando-se cada vez maior e aproximando-se cada vez mais de Gerry, até que ele teve a impressão de que a mão enrugada estava a apenas alguns centímetros da janela do seu quarto. Gerry sentiu que cambaleava para trás e caía, caía... Seus lábios mal conseguiam pronunciar: “Pai... pai... pai!”.

– Gerry... Gerry, acorde! Está tudo bem, filho. Foi só um pesadelo. Não se preocupe.

Gerry abriu os olhos e viu o pai inclinado sobre ele, segurando seus ombros com força, tentando consolá-lo.

– Está tudo bem, filho. Acalme-se. Você estava sonhando – disse o senhor Tooms baixinho, tentando acalmar o filho, que tremia.

Gerry olhou ao redor. Estava deitado em sua cama. A enorme figura do pai ocupava quase todo o seu campo de visão.

– Mas que barulho você fez, filho... Como se tivesse visto um fantasma! Volte a dormir agora, você vai ficar bem – completou o senhor Tooms, levantando-se e dirigindo-se à porta do quarto.

– Eu disse que o alienígena era uma má ideia. Isso vai lhe servir de lição – o senhor Tooms brincou ao fechar a porta. – Durma bem, filho.

Gerry esperou um momento e saiu da cama, olhou de relance para o amigo extraterrestre cinza que estava no canto e foi até a janela do quarto. Olhou para a velha casa do outro lado da rua. A varanda estava vazia. Nenhuma cadeira de balanço, nenhum velho. Ele balançou a cabeça.

“Mas que noite!” – pensou. – De manhã, você vai definitivamente para o lixo – ele sussurrou enquanto batia na cabeça do inocente alienígena e voltava para a cama.

Quando Gerry fechou os olhos, rindo de sua estupidez, ele não percebeu a sombra que balançava na parede de seu quarto... A sombra inconfundível de uma cadeira de balanço!

Capítulo 2

– Vamos, Gerry, vai ser divertido. Ninguém vai descobrir. Sua mãe está fazendo compras com a sua irmã, e seu pai não vai chegar tão cedo em casa.

Stevie Murphy era o melhor amigo de Gerry e morava no número 22, na casa ao lado. Ele sempre aprontava e colocava Gerry em apuros. Foi Stevie quem soltou uma bomba de fedor na escola no ano anterior, fazendo todo o segundo andar ser evacuado. Foi Stevie quem jogou a mochila da irmã de Gerry num ônibus que estava passando. Eles demoraram três dias para pegar a mochila de volta na empresa de ônibus. A mãe de Gerry não achou graça nenhuma.

– Vamos, Gerry! – Stevie gritou enquanto os dois subiam a rua em direção a suas casas.

– Nunca fomos lá. Vamos explorar – ele continuou, atravessando a rua e indo para o número 19, a velha casa abandonada que ficava em frente à deles.

– Se formos pegos, vamos nos dar mal dessa vez, Stevie – Gerry retrucou, tentando fazer o amigo desistir.

Os dois garotos ficaram parados do lado de fora da velha construção em ruínas, olhando pelas janelas quebradas e sujas, tentando criar coragem. Gerry não pensou mais no sonho da semana anterior. Seu pai disse que ele sempre falava dormindo e também que era propenso a eventuais episódios de sonambulismo. Com o tempo, isso acabaria, foi o que lhe disseram.

Gerry tinha mais medo de ver o rosto de sua mãe do que o de um homem velho imaginário.

– Então vamos, depressa. Vamos dar a volta pela lateral, para ficarmos fora de vista. Entraremos por ali – Gerry disse pouco antes de pular a frágil cerca do jardim e entrar pela lateral da casa.

Na parte do fundo, o jardim estava completamente coberto pelo mato. A grama estava quase da altura dos meninos. Ao lado da casa, havia um barracão velho e uma calha antiga caída.

– Stevie, por aqui – Gerry já tinha começado a escalar a calha na parede e estava quase no telhado do barracão. Dali, Gerry podia alcançar uma janela na lateral da casa, há muito tempo sem vidro, por causa dos inúmeros “mísseis” atirados pelos meninos da rua.

Em poucos segundos, os garotos estavam dentro da casa.

– Mas que cheiro! – Stevie cochichou, tampando o nariz.

– Isso me lembra as suas famosas bombas de fedor, Stevie – Gerry retrucou, socando o braço do amigo.

Os meninos olharam ao redor para a estrutura vazia da casa.

– Dê uma olhada aqui. Vou para o andar de baixo. Avise se descobrir algo – Gerry orientou, indo para a escada.

Gerry desceu os degraus. A disposição da casa parecia exatamente igual à da sua própria casa. Ele atravessou a cozinha e foi para a sala de jantar adjacente. Nada. O lugar estava completamente vazio. De lá, ele voltou pelo corredor e foi até a sala de estar, na frente. Então, caminhou até a grande janela que dava acesso à varanda. Ele queria saber se ainda não havia nenhum sinal de sua mãe. Ela podia chegar em casa a qualquer momento.

Aproximou-se da janela e, com a manga da blusa, limpou um pouco da sujeira acumulada ali. Sua mãe o mataria quando visse a cor daquilo. Ele encostou o rosto na janela. Mas não viu nada além de uma nuca.

– Stevie, como chegou aí? – Gerry gritou, batendo na janela. – Stevie, volte aqui! Minha mãe vai chegar a qualquer momento. Ela vai ver você.

Mas não houve resposta. Gerry olhou com mais atenção. Limpou um pouco mais a sujeira da janela. Estava começando a ter aquela “sensação” de novo. Aquela em que suas pernas ficavam bambas e ele ficava preso no chão.

Stevie não tinha cabelo grisalho. Nem usava um casaco velho de lã cinza.

“Essa não!” – Gerry pensou.

Lentamente, a cabeça virou. Ele começou a reconhecer o rosto do velho da semana anterior. O homem sorriu para ele. Gerry cambaleou para trás. Saiu da sala pelo corredor e subiu a escada, pulando vários degraus.

No andar de cima, Gerry esbarrou em Stevie, que estava saindo de um quarto. Os dois caíram no chão.

– Mas o que... – Stevie resmungou, deitado de costas no chão.

– Vamos dar o fora daqui agora! Eu disse AGORA! – Gerry gritou, puxando o amigo.

Em segundos, eles estavam no telhado do barracão. Desceram rapidamente pela calha e dispararam rua abaixo, rumo à casa de Gerry. Os dois não pararam até chegarem ao quarto de Gerry.

– O que deu em você, seu maluco? – Stevie falou, com dificuldade para recuperar o fôlego – Não há nem sinal de sua mãe por perto.

Gerry hesitou. Não podia contar a Stevie o que tinha visto. O amigo iria rir dele.

– Aquele lugar só me deu arrepios. De qualquer forma, estava chato. Venha, vamos jogar futebol no parque – Gerry disse, tentando parecer o mais calmo e sereno possível.

Os garotos desceram a rua em direção ao parque, e a mente de Gerry não parou nem por um instante. O que estava acontecendo? Será que estava ficando louco? Ele não conseguiu resistir, tinha que dar uma última olhada. Espiou ao redor. Lá estava o velho. Acenando. Balançando para a frente e para trás em sua cadeira de balanço, com um sorriso estranho e desconcertante.

– Vamos, Stevie... O último a chegar é uma garotinha! – Gerry gritou, nervoso, enquanto escapava em alta velocidade, vários metros à frente do amigo desavisado.

Naquela noite, Gerry não conseguiu dormir. Da cama, ele olhava em direção à janela, mas não tinha coragem suficiente para ir até lá e espiar novamente. Mais cedo, quando estava voltando do parque, pensou em mostrar a Stevie o que tinha visto. Mas, quando ele chegou em casa e olhou para a casa abandonada, não havia nada lá. O velho tinha desaparecido de novo.

Gerry olhou mais uma vez para a janela.

“Isso é loucura” – ele pensou. “Deve existir alguma explicação para isso.”

Ele puxou a coberta de lado e lentamente caminhou até a janela. Sem tocar nas cortinas, ele se inclinou e olhou através do espaço. Lá estava o velho, já olhando para cima, acenando. Gerry recuou, fechou os olhos e balançou a cabeça. Foi para a frente e olhou de novo. O velho ainda estava lá, mas agora estava sentado, lendo jornal, ainda balançando para a frente e para trás. Por alguma razão, Gerry se sentiu menos ameaçado. Talvez porque não podia mais ver o rosto do velho, escondido atrás do jornal aberto. Estranhamente, embora a luz da varanda fosse muito fraca, Gerry

podia ver a capa do jornal com nitidez. As palavras pareciam ter um estranho poder luminoso que penetrava na escuridão da noite.

Era como se a manchete do jornal tivesse algum tipo de mensagem para Gerry, que começou a cochichar as palavras.

– “Acidente com ônibus escolar. Cinco feridos.”

O velho abaixou o jornal e olhou em direção à janela de Gerry, com o mesmo sorriso bizarro estampado no rosto. Então, ele ergueu a mão e começou a acenar. Por algum motivo, Gerry se sentiu menos ameaçado, menos assustado. Enquanto ele olhava para a casa, a imagem do velho começou a sumir diante de seus olhos. Em pouco tempo, ele desapareceu. A varanda ficou vazia. Gerry continuou a olhar para fora por mais algum tempo, mas nada mudou.

Gerry virou-se e voltou para a cama, repetindo a manchete do jornal várias vezes em sua cabeça, até não aguentar mais e adormecer.

– Acidente com ônibus escolar. Cinco feridos... Acidente com ônibus escolar. Cinco feridos... Acidente com ônibus escolar. Cinco feridos... Acidente com ônibus escolar. Cinco feridos...

Capítulo 3

Quatro dias se passaram desde que Gerry viu o velho na varanda pela última vez. Desde então, ele não conseguiu dormir direito, levantando-se seis ou sete vezes à noite para olhar a velha casa do outro lado da rua. Ele não viu nada, nenhuma vez. Estava começando a achar que tudo não havia passado de um pesadelo, ou pior, que algum velho vagabundo tinha usado o lugar como abrigo temporário.

Gerry olhou para o relógio na parede da sala de aula: três e quarenta e cinco da tarde. Faltavam 15 minutos para ir embora. Treino de futebol à noite. Ótimo. Ele tinha sido selecionado de novo para o time principal e estava ansioso para o grande jogo da Copa no sábado.

Por fim, o sinal tocou, e a correria louca e caótica começou.

– Não corram. Devagar! – a professora Martin gritava em vão, sacudindo a cabeça.

Gerry começou a correr e viu sua irmã, Susie. Ao passar por ela, ele conseguiu puxar seu cabelo, derrubar a mochila do ombro dela e fazê-la tropeçar, tudo no mesmo movimento habilidoso, uma manobra muito bem treinada.

– Até mais tarde, irmãzinha. Avise a mamãe que vou chegar tarde em casa depois do futebol – Gerry gritou. Então, ele desapareceu correndo e driblando como se estivesse numa partida de futebol.

Susie se recuperou e pensou em ir atrás dele, mas ele já tinha ido embora.

– Tudo bem, vou avisar a mamãe. Vou contar que você é um idiota! – ela murmurou.

Gerry marcou dois gols, mas conseguiu perder três pênaltis durante o treino. Ou seja, se o jogo da Copa fosse para os pênaltis, ele sabia que seus serviços não seriam solicitados.

– Mas o goleiro se mexeu – Gerry reclamou para o técnico.

– O que você queria que ele fizesse? Que ficasse parado, deixando você marcar no canto, filho? – o professor Andrews retrucou, sorrindo para ele. – Mais treino, Gerry, concentre-se na bola.

Gerry e Stevie subiram a rua em direção às suas casas, lembrando as boas jogadas, as faltas e os gols da noite. Gerry olhou para a velha casa abandonada. Nada, ainda bem. Ele sorriu.

– Até amanhã, Gerry. Lembre-se: cabeça fria... – Stevie cutucou.

– Até mais, Stevie. Não esquenta, tomar sete gols não é tão ruim! – Gerry brincou, empurrando o amigo para longe, de brincadeira.

Gerry abriu o portão da frente e entrou. Olhou para a casa. Estranhamente, tudo estava na mais completa escuridão. Aonde todos tinham ido? Ele olhou para o relógio: seis e meia da tarde. Todos deveriam estar lá. O pai normalmente chegava em casa às seis. A aula de música da Susie era na terça-feira. Então, todos deveriam estar em casa.

– Olá... Tem alguém aí? – ele gritou, em vão. Ninguém respondeu. A casa estava vazia.

– Aaah... Mas que droga! – Gerry murmurou. Ele sabia o que aconteceria agora. Os pais ainda não tinham lhe dado uma cópia da chave. Ele teria que ficar sentado nos degraus da varanda até alguém chegar em casa.

“Mas aonde eles foram?” – ele pensou.

Estava faminto. Sua mãe sabia que ele sempre chegava com fome depois do treino.

– Que droga! – ele gritou, sentando-se no degrau mais alto e pegando uma revista de futebol na mochila.

Gerry não teve que esperar muito. Cerca de cinco minutos depois, ele ouviu o ruído familiar do carro do pai subindo a rua. Levantou-se, determinado a demonstrar o pior humor possível. Exibiu sua melhor cara de irritação.

Porém, assim que ele viu sua mãe sair do carro, a expressão em seu rosto mudou. Ele sabia que algo estava errado.

A mãe carregava Susie no colo, enrolada num cobertor. Com certeza, as duas tinham chorado. O senhor Tooms, pai de Gerry, parecia sério. Ele abriu o portão e todos entraram. O pai notou o filho em pé nos degraus da varanda e percebeu o olhar de preocupação em seu rosto.

– Está tudo bem, filho. Ela vai ficar bem. Ela só passou por um choque desagradável. Todos nós passamos... – o senhor Tooms declarou, em tom solene.

– Mas o que aconteceu? – Gerry indagou, enquanto eles caminhavam até a porta.

– Claro, você não ficou sabendo por causa do treino de futebol. Foi terrível, meu filho. O ônibus escolar bateu num caminhão quando sua irmã estava voltando para casa. Foi um acidente feio. A Susie está bem, mas cinco colegas da classe dela vão passar a noite no hospital. Eles tiveram sorte. Poderia ter sido muito pior – o senhor Tooms explicou, abrindo a porta.

As palavras atingiram Gerry imediatamente. Ele virou-se e olhou para a varanda em frente. Lá estava o velho, balançando para a frente e para trás,

sorrindo. Gerry ficou com a garganta seca.

– Pai, pai... – ele começou. Mas o senhor Tooms tinha seguido com a mulher e a filha para dentro. Num instante, o velho tinha desaparecido, e a varanda estava vazia.

As palavras estavam nítidas na cabeça de Gerry: “Acidente com ônibus escolar. Cinco feridos”. A imagem da manchete do jornal ardia em sua cabeça.

“Será que foi coincidência?” – Gerry pensou, tentando encontrar algum sentido para a situação. A mãe e o pai estavam muito preocupados com Susie para ouvirem qualquer história esquisita dele. Sem chance de contar a eles o que tinha visto, ou o que achava que tinha visto. Eles diriam que era loucura. Ele entrou e resolveu pensar nisso mais tarde. Seu estômago ainda implorava por comida e, naquele momento, falava mais alto que as preocupações em sua mente.

Gerry ficou na janela de seu quarto e olhou para o outro lado da rua. Era a terceira vez que ele acordava. Ele não conseguia tirar a manchete do jornal da cabeça. Olhou de novo. Lá estava o homem, finalmente. A cadeira lentamente balançava para a frente e para trás. O velho olhou para cima e sorriu. Então, recostou-se e levantou o jornal de novo. Como antes, as palavras na primeira página pareciam penetrar a escuridão e eram tão claras como se fossem luzes de neon.

– “Vitória da escola local na Copa: 5 a 4 na cobrança de pênaltis” – Gerry leu.

Embaixo da manchete, havia uma foto que Gerry conseguiu enxergar. Era de um time de futebol. Gerry conseguia distinguir as familiares camisas listradas em preto e branco. Era o time dele!

A imagem do velho começou a sumir. Antes de desaparecer, ele deu um último sorriso para Gerry.

– Isso é loucura! – Gerry falou em voz alta. Mas seus pensamentos imediatamente se voltaram para o sábado, dia da grande partida da Copa contra o time da cidade vizinha. Sua escola não tinha vencido ainda. A partida era sempre arrasadora.

– Não... Isso é impossível! – ele cochichou enquanto voltava para a cama. – Impossível...

O sábado demorou para chegar. A escola inteira estava animada, e os meninos foram dispensados da aula para treinarem para a grande partida. Gerry não conseguia decidir se contava para Stevie ou não. Como ele poderia dizer que recebeu uma mensagem de que sua escola iria vencer um time invicto há 25 anos? Ridículo. Como ele explicaria a mensagem recebida?

Por fim, o grande dia chegou. Gerry parou no meio de campo. Parecia que toda a escola estava lá. O barulho era tremendo. Gerry olhou para Stevie no gol.

– Três já são o suficiente, Gerry. Você consegue! – Stevie gritou para o amigo, com as mãos em forma de megafone ao redor da boca.

O jogo pareceu passar num piscar de olhos. Ataque depois de ataque e defesa depois de defesa. Mas o segundo tempo acabou e ninguém marcou. Começou a prorrogação. Todos foram ficando cada vez mais nervosos e não demorou para o juiz apitar o final do jogo. Pênaltis.

Um a um, os pênaltis foram cobrados, até que o placar ficou 4 a 4. Ninguém tinha errado. O centroavante do time adversário se posicionou, colocou a bola na marca e recuou alguns passos. Stevie agachou, balançando o corpo de um lado para o outro. O grande número 9 correu

para a frente e bateu a bola à esquerda de Stevie. O resto do time observava do meio de campo. Tudo parecia estar em câmara lenta. Stevie esticou o corpo e o braço para a esquerda. A bola estava indo para o canto inferior. Parecia um gol certo, até que Stevie bloqueou a passagem da bola e a desviou para a trave. A torcida foi à loucura... Aplausos, gritaria e, logo em seguida, silêncio. Havia mais um pênalti a ser cobrado. Parecia que todos estavam prendendo a respiração.

O professor Andrews caminhou até Gerry e deu um tapinha no ombro dele.

– Sua vez, filho. Dê o melhor de si.

– Mas, mas... – Gerry balbuciou.

– Basta manter a cabeça fria... Você consegue! – o professor Andrews incentivou, empurrando Gerry para a frente.

Gerry pegou a bola e seguiu para a grande área. A caminhada do meio de campo até a grande área durou uma eternidade. As pernas dele pareciam gelatina.

“Por que eu?” – ele pensou.

Ele sabia o que o jornal do velho tinha dito, mas não levava jeito nos pênaltis.

Gerry posicionou a bola, recuou, respirou fundo, correu para a frente, fechou os olhos e chutou. Um segundo depois, o barulho era ensurdecedor. Quando ele abriu os olhos, o goleiro estava estatelado no chão, e a bola, no fundo da rede: 5 a 4. Eles tinham conseguido!

Enquanto Gerry era carregado nos ombros pelos companheiros de time, ele pensava no velho da varanda. Tudo aquilo era muito estranho, muito estranho...

Capítulo 4

Nas semanas seguintes, Gerry viu o velho mais quatro vezes. Toda vez, o velho levantava o jornal e mostrava uma manchete diferente a Gerry, e todas as vezes, poucos dias depois, a manchete se tornava verdade.

Primeiro, aconteceu um incêndio na fazenda dos Beacons. Depois, uma senhora da rua de baixo caiu misteriosamente da escada e morreu. Em seguida, houve um estranho relato de barulhos fantasmagóricos no salão da igreja. E o último incidente foi o de um homem que tinha sido confrontado por alguns “seres” no caminho para casa, tarde da noite. Ele estava muito assustado, mas ninguém acreditou nele. Todos acharam que ele provavelmente tinha parado em algum boteco no meio do caminho.

Todos esses fatos tinham sido manchetes no jornal do velho da varanda, alguns dias antes de acontecerem e de serem publicadas no jornal local, exatamente com as mesmas palavras do jornal do velho.

Gerry não podia mais guardar essas informações para si. Mas, sem provas, ninguém acreditaria na história dele. Ele achou melhor esperar até ver outra manchete do velho. Então, ele contaria ao editor do jornal local, e, quando a manchete se tornasse verdade, todos entenderiam os estranhos poderes do velho da casa do outro lado da rua.

Gerry não teve que esperar muito pela próxima notícia. Logo na noite seguinte, ao espiar pela janela do quarto, ele viu a imagem do velho aparecer. O velho olhou para cima, diretamente para Gerry. Era como se ele pudesse ler a mente de Gerry. O velho não estava sorrindo desta vez. Ele

começou a sacudir a cabeça. Gerry se perguntou por que o velho estava agindo de modo diferente.

O velho levantou o jornal de novo e revelou a manchete para Gerry. Mais uma vez, as palavras eram claras: “Relógio da cidade atingido por raio à meia-noite de domingo”.

A mensagem era óbvia. No dia seguinte, depois da escola, ele foi direto para o escritório do jornal local, Notícias da Semana. O editor concordou em vê-lo. Gerry não contou ao editor nada a respeito do velho, mas explicou que estava convencido de que tinha um jeito de prever o futuro. O editor ouviu o garoto e educadamente sugeriu que ele contasse a seus pais sobre esse “dom” único. Gerry insistiu e, no final, o editor concordou em colocar um fotógrafo de plantão no domingo à noite para registrar a queda do raio, caso isso viesse a acontecer. O editor pediu que Gerry fosse para casa e voltasse a vê-lo na segunda-feira. Até lá, eles saberiam se alguma coisa havia acontecido.

Na noite de domingo, Gerry não conseguia dormir. Silenciosamente, ele se trocou, desceu a escada e saiu pela porta da frente. Tinha que ver aquilo pessoalmente. Caminhou depressa até a praça da cidade. Ele viu o fotógrafo montando seu equipamento na praça. Era uma noite fria e ele podia ouvir o fotógrafo resmungar, obviamente descontente por ter sido escalado para o que ele achava que seria uma roubada. Gerry caminhou na direção dele.

– Olá! – Gerry cochichou.

– Minha nossa! Que susto! – o fotógrafo balbuciou, obviamente assustado com a abordagem de Gerry. – O que está fazendo aqui? O que você quer?

– Estou aqui para ver o raio – Gerry respondeu, sorrindo.

– Como você sabe sobre o... – o fotógrafo hesitou, mas depois continuou. – Aaah! Você deve ser o garoto que me colocou nessa furada. Veio ver pessoalmente como é idiota. Veja... Não tem nenhuma nuvem no céu! Não vai cair nenhum raio de lá! – o fotógrafo disse, acenando com a cabeça para o céu.

Gerry olhou para o céu, completamente limpo. Pela primeira vez, ele começou a se preocupar a respeito de sua previsão. Com certeza, o velho não o deixaria na mão. Olhou para o relógio. Faltavam dez minutos.

Os minutos passaram lentamente, e então Gerry observou a mão pronta para clicar. Meia-noite. Nada. Nem raio, nem trovão, nenhum indício de nada. Gerry e o fotógrafo se entreolharam e olharam para o céu. Nada. Os dois esperaram. Até que, depois de uns 20 minutos, o fotógrafo falou:

– Vá para casa agora. Tire essas ideias loucas da cabeça, antes que você se torne motivo de chacota.

O fotógrafo guardou o equipamento e foi embora. Gerry voltou para casa. Estava confuso. Era a primeira vez que a manchete do velho estava errada. Por quê? Por que tudo deu errado? Ninguém acreditaria nele agora.

Quando chegou à rua onde morava, ele olhou para a velha casa abandonada. A varanda estava vazia. Por que o velho tinha deixado Gerry na mão dessa vez? Ele então lembrou do velho sacudindo a cabeça. Será que ele estava avisando que dessa vez a manchete não era verdade? E por que ele mostrou a manchete assim mesmo? Então, Gerry matou a charada: foi a primeira vez que ele tentou contar a alguém. Ele não tinha contado a ninguém sobre as outras manchetes.

Mas, se ele não podia contar a ninguém sobre as manchetes, como ele faria alguém acreditar nele? Seria impossível.

Gerry se arrastou de volta para casa e caiu na cama. O que faria agora? Ele virou e revirou na cama, depois teve uma ideia. Poderia dar certo. Da próxima vez que o velho lhe mostrasse uma manchete, ele não diria nada a ninguém. Na vez seguinte, contaria a Stevie. Se a primeira acontecesse e a segunda não, ele saberia que estava preso sozinho nesse pesadelo, incapaz de fazer alguém acreditar nele.

Na noite seguinte, o velho estava lá na cadeira de balanço, na varanda em frente. Ele segurava o jornal.

“Trem local descarrila. Estranho fluido verde encontrado nos trilhos.”

Gerry ficou preocupado. Muitas pessoas poderiam ficar feridas. Mas o que ele podia fazer? Se ele contasse a alguém, ninguém acreditaria nele, e o fato provavelmente não aconteceria. Mas em que situação ele estava!

Gerry passou os dias seguintes nervoso, assistindo aos noticiários. Então, aconteceu. O programa de TV que ele e a irmã estavam vendo foi interrompido pelo Plantão de Notícias.

O apresentador anunciou solenemente:

– Interrompemos a nossa programação para informar sobre um grave acidente de trem nos arredores da vila de Carswell. Várias pessoas ficaram gravemente feridas. A causa do acidente é desconhecida até o momento. Mais notícias em breve.

Na manhã seguinte, Gerry pegou o jornal local assim que foi entregue.

“Trem local descarrila. Estranho fluido verde encontrado nos trilhos”. Lá estava. Exatamente como estava escrito no jornal do velho. A teoria dele parecia certa até então.

Alguns dias depois, o velho apareceu de novo. Desta vez, a manchete dizia:

“Professor gravemente queimado em incêndio misterioso”. Embaixo da manchete, uma foto de Andrews, o professor de Educação Física da escola.

No dia seguinte, assim que viu Stevie, Gerry contou ao amigo que acreditava que podia prever o futuro. Mais uma vez, não mencionou nada sobre o velho. Ele sabia que corria o risco de parecer um completo idiota para seu melhor amigo, mas não tinha escolha. Se ele estivesse certo, nada aconteceria ao professor Andrews, porque Gerry teria contado a Stevie. Gerry pareceria maluco, mas pelo menos o professor Andrews estaria seguro e sua teoria estaria comprovada.

Gerry disse para Stevie que o professor Andrews ficaria gravemente ferido num incêndio e contou que estava convencido de que isso aconteceria nos próximos dias. Stevie, claro, pensou que Gerry estivesse falando bobagem e apenas riu da história. Mas Stevie não queria ferir demais os sentimentos de seu melhor amigo, por isso não disse nada a ninguém.

Os dias se passavam e o professor Andrews ia ao trabalho normalmente dia após dia, são e salvo e sem ferimentos. Depois de uma semana, Gerry estava convencido. As manchetes do velho só se tornavam verdade se continuassem em segredo. Se alguém mais soubesse, elas simplesmente não aconteciam. Stevie não disse mais nada ao melhor amigo. Se ele queria agir como louco, era problema dele.

Gerry voltou a seu quarto naquele dia. Quando escureceu, ele foi até a janela. O velho estava sentado na varanda, balançando. Desta vez não havia jornal. O velho apenas olhou para cima e sorriu. Em seguida, sumiu.

– E agora? – Gerry perguntou a si mesmo. Ele não precisaria esperar muito para descobrir.

Capítulo 5

– Susie, quer abaixar isso, por favor? Mas que barulho! – Gerry gritou. – Estou tentando fazer a lição de casa!

– Não! Faça a sua lição de casa no andar de baixo – Susie gritou de volta, petulante.

– Mãe, fala para ela parar? – Gerry gritou, indo até o alto da escada.

– Vocês dois, parem de gritar! Minha nossa, eu só queria um pouco de paz e sossego! – a senhora Tooms respondeu, quase quebrando a barreira do som.

Gerry e Susie reconheceram o tom de voz estressado e cada um voltou para seu quarto e fechou a porta.

A senhora Tooms voltou para a sala de estar, mas, antes que conseguisse sentar e pegar o jornal de novo, a campainha tocou.

– Que droga! Não posso ter um momento de paz? – ela murmurou, indo para a porta da frente.

– Em que posso ajudar? – a senhora Tooms perguntou, exibindo seu melhor sorriso de boas-vindas.

– Senhora Tooms? – o visitante perguntou de volta.

– Sim, sou eu. O que deseja? – ela retrucou.

O visitante tirou o crachá de identificação do bolso e mostrou a ela.

– Zebediah Moot, do Notícias da Semana. Gostaria de falar com o seu filho, se possível.

A senhora Tooms olhou para o crachá de identificação e depois para o homem à porta. Ela sorriu, pois se lembrava das fotos de Gerry publicadas

algumas semanas antes. Seu filho havia se tornado um herói local depois da cobrança daquele pênalti.

– Vou chamá-lo. Aguarde um momento, por favor – ela disse.

Ela se afastou e começou a se sentir uma celebridade.

A senhora Tooms subiu os degraus e abriu a porta do quarto do filho.

– Gerry, Gerry, desça, o jornal local quer falar com você. Isso é tão emocionante! – disse ela, um pouco agitada.

Gerry olhou para a mãe, intrigado.

– O que eles querem? – ele perguntou.

– Como vou saber? Provavelmente algo sobre a partida de futebol. Vamos, depressa, o homem está esperando – a senhora Tooms disse, empurrando-o para fora do quarto.

Gerry desceu a escada e foi para a sala de estar, seguindo a mãe. Olhou para o visitante, que estava parado olhando pela janela. Lentamente, o homem virou-se.

– Olá, Gerry! – ele disse, sorrindo.

Gerry congelou. Seu queixo quase caiu. O mesmo cabelo grisalho, o mesmo casaco cinza. Era o velho que ficava do outro lado da rua.

– O que há de errado com você, Gerry? Onde está a sua educação? – esbravejou a mãe.

Gerry não conseguia falar.

– Não se preocupe, senhora Tooms. O rapaz ainda não se acostumou a ser o centro das atenções. Só está nervoso. Não é todo dia que o seu nome sai nos jornais, não é, garoto? – o senhor Moot interrompeu.

Gerry balançou a cabeça. Não conseguia acreditar que a imagem que ele tinha visto tantas vezes à noite estava agora na sala da sua casa.

– A senhora se importa se eu levar o jovem Gerry até o escritório? Preciso conversar com ele, fazer algumas perguntas, sabe? – o senhor Moot disse, colocando o braço ao redor do garoto, que tremia.

– Claro que não, senhor Moot! Gerry, conte ao senhor Moot tudo o que ele precisa saber. E seja educado! – disse a senhora Tooms, cheia de emoção.

Gerry achou que talvez fosse melhor sair correndo. Ele não fazia ideia do que esse tal de senhor Moot queria. Mas, mesmo que ele quisesse correr, Moot ainda o segurava firme.

Gerry pensou na situação. Apesar dos estranhos acontecimentos das últimas semanas, o velho não havia causado nenhum problema até então. Se Gerry não fosse com ele, talvez jamais descobrisse o que estava acontecendo.

– Não se preocupe, ninguém vai machucar você – Moot disse, olhando diretamente nos olhos de Gerry, com o mesmo sorriso que o garoto estava acostumado a ver da janela do quarto. Isso não o tranquilizou muito.

Gerry abriu a boca e balbuciou, nervoso.

– Tudo bem... Va-va-vamos.

Ainda segurando no ombro de Gerry, Moot saiu com o garoto pela porta da frente, a caminho do jardim. Gerry olhou nervoso para a mãe, que ficou sorrindo, sem saber da situação ou do estado de espírito do filho.

Quando os dois desapareceram na esquina, Gerry virou-se, tirando o braço de Moot de seus ombros.

– Muito bem, então. Qual é a sua? – Gerry perguntou, tentando esconder o medo que estava consumindo seu corpo.

Mas o velho apenas sorriu.

– Isso não é nada engraçado... Não tem graça nenhuma! – Gerry continuou. – O que você quer?

O velho olhou para Gerry.

– Quero você, é claro.

Então, ele recomeçou a andar.

Gerry ficou parado, olhando abalado e confuso para o velho, que seguia pela rua.

“Eu?” – ele pensou. “Como assim, eu?”

Gerry ficou mais preocupado, mas não podia deixar o velho ir embora. Começou a correr e logo o alcançou.

– O que quer dizer com isso? O que você está tramando? – Gerry perguntou, parado diante do velho, bloqueando o caminho.

– Calma, filho, tenha paciência. Siga-me – Moot disse, dando um passo para desviar do menino e seguindo rua abaixo.

Gerry o seguiu, mas ficou alguns passos atrás dele. Nada mais foi dito.

Depois de cerca de dez minutos de caminhada, Moot virou a esquina e parou diante de uma porta grande. Gerry olhou a placa na porta: Notícias da Semana.

Era o escritório do jornal local. Moot pegou uma chave, destrancou a porta e entrou. Gerry o seguiu.

Eles subiram a escada principal e passaram pelas fileiras de mesas. Gerry percebeu que o local estava vazio, completamente vazio. Não havia uma alma viva no lugar.

Gerry olhou para o relógio: sete e dez.

“Claro, acabou o expediente. Todos devem ter ido para casa” – ele pensou.

Por fim, Moot abriu a porta de um grande escritório e entrou. Novamente, Gerry o seguiu. Moot deu a volta em uma mesa de madeira e se jogou numa enorme poltrona de couro, de encosto alto.

Gerry olhou para a mesa, onde havia uma placa triangular de madeira com a palavra “Editor” gravada.

– O que estamos fazendo aqui? – Gerry perguntou, enfim criando coragem para falar de novo.

– Este é o meu escritório, Gerry, fique à vontade. Puxe uma cadeira – Moot respondeu, sorrindo de maneira presunçosa e acendendo um charuto.

– Mas esse... Esse é... – Gerry balbuciou.

– É o meu escritório – Moot se inclinou para a frente. Seu sorriso desapareceu. – Agora ouça, Gerry, o que vou lhe dizer pode parecer inacreditável, mas é tudo verdade, cada palavra. Você precisa acreditar em mim.

Gerry olhou para o velho. De repente, o rosto dele ficou sério, com uma expressão menos ameaçadora, menos firme. Seu tom de voz era mais articulado.

Moot continuou:

– Fui o editor daqui por um tempo, aliás um grande editor, até que ELE me pegou – Moot pareceu acenar com a cabeça um pouco para cima, sem definir uma direção, como se indicasse algum inimigo invisível.

– Eu sabia que ele estava tramando alguma coisa, quase o peguei. Mas ele me pegou primeiro. Não sei como, mas ele conseguiu.

– Do que você está falando? – Gerry interrompeu. As palavras do velho não faziam nenhum sentido para ele.

– O Fantasma da Pensão Carswell! – Moot exclamou, esmurrando a mesa e fazendo Gerry quase saltar da cadeira.

– Quem? – Gerry perguntou.

– O Fantasma da Pensão Carswell, garoto. Eu sabia que tinha algo errado com ele, tive que fazê-lo parar. Ele estava aterrorizando a cidade inteira. Estava se tornando impossível de se viver aqui. Dê uma olhada nisto.

Moot abriu a gaveta da mesa, pegou alguns pedaços de papel e os jogou para Gerry. O garoto começou a observar. Eram recortes de jornais velhos. Gerry leu as manchetes, uma a uma: “Família morre em incêndio não esclarecido”, “Doença estranha mata criança”, “Vacas morrem afogadas em rio”, “Torre de igreja desaba, muitos feridos”.

– Tudo levava a ele. Ele foi o culpado disso e de muito mais. Isso é só uma amostra.

Moot virou-se, com as mãos no rosto. Gerry começou a ver lágrimas escorrendo pelas bochechas do velho.

Moot virou-se novamente.

– Todos acharam que eu estava louco... Ninguém acreditou em mim. Mas ele precisava ser detido. As pessoas estavam indo embora da cidade. Achavam que era uma maldição ou algo assim. Mas eu o vi. Falei com ele. Era ele ou eu. Achei que tinha me livrado dele, mas ele me pegou! Ele me matou quando eu estava sentado na minha cadeira de balanço, na minha própria casa, e agora ele voltou!

Gerry viu que o velho falava sério. Ele engoliu em seco.

– Mas, mas... O que isso tudo tem a ver comigo? – ele perguntou, de certa forma temendo ouvir a resposta.

– A cidade está em perigo de novo, Gerry. Ninguém está seguro. Eu era o caça-fantasmas, Gerry, e falhei. Estou fraco demais – Moot disse lentamente, e sua voz foi se transformando em um sussurro.

– Agora, você deve ser o caça-fantasmas – ele continuou. – A segurança da cidade está em suas mãos.

Capítulo 6

As palavras de Moot ainda ecoavam na mente de Gerry, que lentamente caminhava de volta para casa. Eles mal terminaram a conversa e Moot desapareceu, deixando Gerry sozinho na sala do editor. A história de Moot parecia ridícula. Mas, ainda assim, Gerry tinha que acreditar nela. Aquele senhor fantasmagórico era definitivamente real. Gerry sabia que não estava imaginando coisas.

Com certeza, alguns acontecimentos recentes na cidade tinham sido muito estranhos. As pessoas estavam começando a falar de novo sobre uma maldição. Ele mesmo tinha ouvido a mãe e o pai conversarem sobre isso dias antes. Escutou o pai rir de histórias contadas por senhoras. Mas agora havia outra explicação, muito mais sinistra. A situação toda era inacreditável, e Gerry estava no olho do furacão. Ele lembrou da noite em que sua irmã quase morreu no acidente de ônibus.

O motorista do caminhão envolvido no acidente disse que o volante parecia ter vontade própria e virou com tudo, jogando o pesado caminhão na direção do ônibus escolar. Ninguém conseguia explicar.

Quanto mais Gerry pensava nisso, mais ele percebia que as pessoas corriam perigo. Sua própria família estava em perigo. O medo dele começou a se transformar em raiva. Ele pensou de novo na irmã chorando e na mãe chocada ao levá-la para casa. Mais uma vez, ele ouviu as palavras de Zebediah Moot: “Agora, você deve ser o caça-fantasmas”.

Gerry começou a andar mais rápido, com mais firmeza. Ele começou a se sentir forte, corajoso e especial, de certa forma, escolhido. Gerry seguiu

em frente, sem perceber a estranha sombra escura que o seguia, espreitando dos muros das construções onde as luzes da rua não conseguiam chegar. Escureceu rapidamente, e a lua lutava para sair de trás das nuvens negras que cobriam o céu.

Gerry olhou ao redor. Não tinha ideia de quanto tempo fazia que ele estava longe de casa. Achava que tinha ficado apenas alguns minutos na redação do jornal, mas pareciam ter passado algumas horas. De repente, ele se sentiu vulnerável de novo. Seguiu em frente. Dessa vez, ele teve uma sensação estranha. Começou a andar mais rápido. Sentia uma presença. Era uma sensação desconfortável. Parou e olhou ao redor. Nada. Apertou mais ainda o passo. As lâmpadas da rua mais uma vez lançavam um brilho sinistro no caminho. Ele começou a correr. Ele corria o mais rápido possível, mas não chegava a lugar nenhum. Parou, virou-se e olhou para o outro lado da rua. Enfim, conseguiu ver a sombra escura, que parecia pairar, e depois deslizar tranquilamente. Gerry não conseguia se mexer. Seus músculos se recusavam a reagir. O medo tinha tomado conta de seu corpo de novo. A sombra começou a se mover em direção a ele e tomou forma: um capuz preto, uma capa comprida. Começou a se mover cada vez mais rápido, deslizando em silêncio pela rua, indo na direção dele. Gerry estava paralisado de medo. A estranha visão estava a apenas alguns metros dele. De repente, ela parou, e começou a pairar bem na frente dele. Gerry tentou falar, mas estava com a garganta e a boca totalmente secas.

Lentamente, o vulto escuro ergueu o braço e começou a tirar o capuz. Gerry esbugalhou os olhos, apavorado. Na frente dele, surgiu um rosto, metade esqueleto e metade carne podre, a pele soltando dos ossos. O cheiro era insuportável. Quando ele abriu a boca, saíram milhares de formigas pretas. A criatura começou a rir, cada vez mais alto, até o barulho encher a

cabeça de Gerry. Sua mente parecia girar. A visão de Gerry ficou desfocada e suas pernas começaram a cambalear. Ele perdeu a consciência e caiu no chão.

Gerry não fazia ideia de quanto tempo tinha ficado desacordado. Ao se levantar, ele olhou em volta. A rua estava em silêncio. Não havia sinal de ninguém. Ele passou a mão na parte de trás da cabeça. Podia sentir um galo começando a crescer onde sua cabeça tinha batido no chão. O coração ainda estava disparado. A rua agora estava mais clara. Gerry olhou para cima. As nuvens tinham desaparecido e a lua resplandecia. Ele seguiu na direção de sua casa, abalado e perturbado com os acontecimentos da noite. Sua determinação inicial de lidar com aquelas coisas misteriosas foi prejudicada pela estranha visita que ele tinha acabado de receber.

Quando entrou na rua onde morava, Gerry olhou para a velha casa abandonada. Ele viu a cadeira de balanço em movimento. Apertou os olhos para identificar a figura do velho. Mas não viu o habitual cabelo grisalho. Tudo parecia tão escuro. Gerry andou em direção à casa. Precisava obter mais respostas de Moot. Mas, ao se aproximar, ele congelou. A imagem na cadeira de balanço começou a lhe parecer familiar. O mesmo espectro encapuzado que ele tinha visto poucos momentos antes estava sentado na cadeira. Ele se levantou e virou em direção a Gerry. O capuz caiu para trás aos poucos. Era Moot.

– Se quiser assumir o meu lugar, Gerry, você terá que ser mais forte e mais corajoso – o velho afirmou, sacudindo a cabeça.

– Era... você! – Gerry gritou, dando um soco no ar.

– Você precisa ficar mais forte, filho, para ter alguma chance de vencer. Vá para casa. Fique mais forte. Prepare-se. Vou testá-lo mais vezes. Quando

estiver pronto, lutaremos contra os fantasmas – Moot declarou, sentando-se na cadeira, balançando para a frente e para trás.

Gerry começou a se afastar lentamente, de costas, pois não queria desviar o olhar do velho. Por fim, deu meia-volta e olhou para sua casa. As luzes dos quartos pareciam muito acolhedoras. Ele precisava se sentir seguro. Olhou de novo para a casa velha. Moot tinha ido embora. A varanda estava vazia. Gerry atravessou a rua e foi para casa, onde se sentia seguro.

Capítulo 7

– Gerry, qual é a resposta? Estamos todos esperando – a professora Martin questionou, impaciente. – Você está me ouvindo?

Gerry estava em outro mundo. Não tinha conseguido se concentrar a manhã inteira. Não tinha trocado uma palavra com Stevie no caminho para a escola e agora sua cabeça estava dominada pelos estranhos acontecimentos do dia anterior.

– Gerry! – a professora perdeu a paciência.

Gerry olhou para cima. O feitiço que o prendia parecia ter sido quebrado.

– Perdão, professora. O que disse? – perguntou, ao perceber que estava incomodando.

– Gerry, não sei o que há de errado com você hoje. O seu projeto escolar... Lembra? Finlândia? Qual é a capital?

Gerry tentou se concentrar e não pensar em mais nada.

– Helsinque, professora – ele respondeu, ajeitando-se na carteira e tentando demonstrar o máximo de atenção.

– Até que enfim! Obrigada, Gerry – a professora comentou, obviamente pouco impressionada com o comportamento dele.

– Muito bem, turma! Peguem suas apostilas: hora de Álgebra – ela anunciou, limpando a lousa.

Houve um burburinho generalizado na classe. Álgebra não era uma matéria muito popular. A professora Martin gostava de testar todos os alunos com equações pavorosas, que só um ou dois acertavam. Gerry

sorriu. Ele era um dos poucos escolhidos. Adorava Álgebra. Hora de se concentrar. Ele tinha certeza de que acertaria mais do que Stevie.

Então, ele levantou a tampa de sua carteira escolar desgastada e soltou um grito. Centenas de ratos cinzentos e imundos saíram correndo da carteira e começaram a subir nele, nos braços, nas pernas, no rosto e na cabeça. Gerry se debateu, tentando afastar aquelas criaturas. Mas, quanto mais ele as afastava, mais surgiam da carteira. Estavam todas em cima dele. Ele não conseguia se livrar delas. Caiu e rolou no chão, gritando por socorro a plenos pulmões. Os ratos pareciam estar em todos os lugares. Corriam por dentro e por fora da calça e da blusa de Gerry. Ele sentia sua pele sendo rasgada, mordida por dentes minúsculos e afiados. Os gritos e chiados dos animais eram ensurdecedores para ele.

Em um instante, os ratos desapareceram, tão rapidamente quanto surgiram. O ruído parou de repente. Gerry olhou ao redor. A classe inteira olhava para ele, num silêncio estarrecedor. Ele olhou para cima. A professora Martin estava parada diante dele, com as mãos na cintura e o rosto distorcido por uma careta feroz.

– Mas o que está acontecendo, Gerry? Isso é algum tipo de piada? – a professora indagou, com a paciência esgotada. Ela olhou para a posição ridícula em que o menino se encontrava: a cabeça e os ombros embaixo da carteira, a cadeira chutada para longe, os pés e as pernas esparramados no chão.

– Levante-se. Espere lá fora da sala. Vou ter uma conversinha com você num instante – ela ordenou, apontando para a porta.

Gerry ficou em pé e se limpou. Ele percebeu o deboche e os risos dos colegas de classe. Sentiu o rosto corado de vergonha. Ninguém havia visto nada. Tudo tinha acontecido na cabeça dele, ou tinha sido algum truque

preparado por Moot novamente. Ele queria sair da sala o mais rápido possível. Foi em direção à porta, com as pernas ainda bambas. Quando abriu a porta da sala, ele olhou para trás. Eles estavam vindo atrás dele de novo. Centenas de ratos correndo em direção a ele. Ele bateu a porta e segurou-a com força. Gerry fechou os olhos e tentou se acalmar. Ele mal conseguia respirar.

O corredor estava tranquilo, em silêncio. Gerry olhou para a esquerda... Nada. Olhou para a direita, bem a tempo de ver o velho virando a esquina.

– Moot! – Gerry falou, cerrando os dentes.

Tudo aquilo tinha sido outro teste, outra visão para amedrontá-lo. Moot tentava prepará-lo, fortalecê-lo. Gerry não se sentia nem um pouco forte. Estava uma pilha de nervos. Começou a andar de um lado para o outro no corredor, tentando organizar os pensamentos. Moot estava claramente tentando assustá-lo. Era seu jeito de fortalecê-lo. Se Gerry quisesse enfrentar aquele fantasma, teria de lidar melhor com o medo. Teria de ser capaz de lidar com qualquer coisa que pudesse ver. Pela maneira como Moot descreveu o fantasma, estava claro que ele era muito perigoso. Se Gerry não soubesse se controlar ao enfrentar o fantasma, não haveria chance de vencê-lo.

Gerry começou a se sentir melhor. Precisava controlar melhor as emoções. Moot tentaria assustá-lo de novo. Da próxima vez, ele estaria preparado, seria mais forte. Estava começando a sentir que voltava ao normal, quando ouviu a porta da sala de aula se abrir e viu a professora Martin sair.

Depois da aula, Gerry sentou-se nos degraus da entrada principal. E ficou pensando no sermão que tinha acabado de levar da diretora.

“Você precisa se concentrar, rapaz... Precisa tirar essas coisas absurdas da cabeça... Precisa parar com essas maluquices... É uma fase importante da sua vida.”

Seus pensamentos foram interrompidos pelos gritos de seu amigo Stevie, que estava parado no portão da escola, com uma bola de futebol embaixo do braço.

– Ei, Gerry, mexa-se, garoto! Vamos nos atrasar. O treino começa em cinco minutos – Stevie gritou, começando a brincar de cabecear a bola.

Gerry se recompôs. Seria bom bater uma bola por um tempo. Relaxaria sua mente. Ele foi olhando ao redor, enquanto atravessava o pátio da escola para se juntar ao amigo. Tinha de permanecer vigilante. Não queria que Moot o pegasse desprevenido de novo.

– Certo, então. Vamos lá! Passe a bola – Gerry pediu, estendendo a mão.

Stevie jogou a bola por cima. Gerry a observou em pleno ar, voando em direção a ele. Esticou-se para pegá-la antes que caísse. Assim que ele tocou na bola, ela mudou de forma. A esfera foi se tornando cada vez mais fina e comprida. Gerry olhou para a mão. Ele agora segurava na palma da mão uma cobra preta, sibilante, de cara distorcida, a boca aberta, exibindo enormes presas mortais.

Gerry estava prestes a pular e lançar a cobra para longe. Mas ele hesitou. Em vez disso, agarrou a cobra com força e a puxou para mais perto dele. Levou a cara da cobra até o rosto dele. Olhou nos olhos do animal.

– Desta vez, não! – ele cochichou, quase sibilando no mesmo tom da cobra. Atirou a cobra no chão. Antes de o animal cair no chão, a forma começou a mudar de novo.

Gerry observou a bola saltar pela rua. Virou-se para o amigo. Stevie não estava em lugar nenhum. Na frente dele, estava o velho, sorrindo como

sempre. Gerry estava ciente de que não havia ninguém por perto.

– Muito bem. Está aprendendo. Vá até a varanda hoje à noite, depois de escurecer. Então, conversaremos – Moot disse calmamente.

– Gerry, Gerry, mexa-se! – Gerry virou-se e viu Stevie correndo pela rua. Olhou para o velho.

– Vá em frente, não se preocupe... Estou de folga agora... Sem surpresas – ele avisou, sorrindo. – Lembre-se: hoje à noite. Vou ficar esperando.

Stevie foi até o amigo, tentando recuperar o fôlego.

– O que há com você esses dias? Todos estão no campo. Vamos!

Gerry virou-se e seguiu o amigo. Sentia-se bem. Estava ficando mais forte, conseguia se controlar. Estava realmente começando a curtir o desafio que teria pela frente.

Capítulo 8

Pareceu uma eternidade o tempo que Gerry ficou olhando pela janela. Os pais tinham ido para a cama fazia tempo. Seus olhos começaram a doer, de tanto espionar sob a luz fraca a casa do outro lado da rua. Finalmente, ele podia ver a imagem. Mas, dessa vez, ele manteve a calma. Ele realmente tinha se fortalecido nos últimos dias.

– Sente-se aqui, filho, aos meus pés. Fique fora de vista.

Moot acenou para Gerry, apontando para o chão perto da cadeira. Gerry sentou-se. O velho se inclinou para a frente. Falou lenta e deliberadamente.

– Gerry, preciso que você me ajude. Temos que destruí-lo de uma vez por todas. Como agora sou do mundo dos fantasmas, não posso fazer isso sozinho. Preciso da sua ajuda. Ele pode ver meus movimentos, mas não pode ver os seus.

Pela primeira vez, o velho tinha confirmado que era um fantasma. Isso não afetava mais Gerry. Afinal de contas, depois de tudo que tinha acontecido com ele nos últimos dias, nada mais o surpreendia. Ele realmente tinha se fortalecido nos últimos dias.

– Mas, quem é ele? O que ele é? Como vamos destruí-lo? O que devo fazer? – Gerry falou sem pensar, quase não conseguindo se conter.

– Uma coisa de cada vez, filho. Segure a onda. Escute-me por um momento. Vou explicar tudo – Moot interrompeu, colocando a mão no ombro de Gerry.

O garoto começou a sentir que podia confiar naquele homem, apesar de tudo o que havia passado por causa dele.

– Há vários séculos, o dono da Pensão Carswell, Ronald Carswell, foi assassinado. Ele foi morto pelos moradores da vila que ficava nos arredores da antiga pensão. Durante anos, ele atormentou os moradores, tratando-os mal, cobrando taxas elevadas de aluguel e, muitas vezes, despejando-os de seus lares pelos motivos mais fúteis. Famílias foram arruinadas por causa de seus atos malignos. Os moradores locais o odiavam e imploravam por um tratamento mais digno, mas ele os desprezava. Ele vivia num mundo de riquezas e privilégios. O povo não tinha a quem recorrer. A lei não os ajudava, pois o próprio Carswell era a lei. Ele controlava a polícia e todos os magistrados locais. Por fim, eles resolveram fazer justiça com as próprias mãos. Um grupo de homens invadiu a pensão tarde da noite. Eles capturaram Carswell, amarraram-no e o jogaram no lago. Ele morreu afogado. Contam que, um pouco antes de ele desaparecer embaixo d'água, jurou se vingar da cidade. Disse que não descansaria até destruí-la. Desde então, ele não descansou. De tempos em tempos, ele volta para prejudicar esta cidade e as pessoas que vivem aqui. Ele não descansará enquanto não destruir a cidade... Ou enquanto ninguém o fizer parar.

Gerry ouviu em silêncio a história do velho, prestando atenção em cada palavra.

– Eu estou atrás dele há muito tempo – Moot continuou. – Descobri como controlá-lo, matá-lo e fazê-lo descansar para sempre. Achei que eu tinha conseguido fazer isso, que tinha destruído aquele fantasma. Voltei para casa, para esta mesma casa, animado pelo que acreditava ter realizado. Mas, quando me sentei aqui na minha cadeira, há muito tempo, senti que ele ainda estava por perto. Foi a última coisa que senti. Ele me matou!

– Mas o que aconteceu? Onde você errou? – Gerry perguntou, impaciente.

– Não sei – o velho respondeu. – Simplesmente não sei. O segredo de lidar com ele, e com fantasmas como ele, é a luz. Eles não podem existir na luz. São fantasmas das trevas, que tiram a força da escuridão. São malignos. Quando alguém consegue pegá-los e mantê-los na luz, o poder deles enfraquece e mingua, até desaparecer. Então, os fantasmas morrem e nunca mais retornam. Eu tinha preparado tudo. Ele estava ali, na minha frente. O fantasma parecia definhar e morrer diante dos meus olhos. Mas, de alguma forma, ele deve ter sobrevivido.

– E o que vamos fazer agora? – Gerry perguntou.

– Tentaremos de novo. Só que, dessa vez, vamos garantir que tudo seja feito corretamente. Da última vez, não consegui segurá-lo na luz por muito tempo. Não quero cometer esse erro mais uma vez – Moot respondeu, apertando os punhos e batendo nos braços da cadeira.

– Mas o que você quer que eu faça? – Gerry perguntou, ainda um pouco intrigado com seu papel nesse caso.

– Primeiro, eu tenho um trabalho para você. Se você for até o porão desta casa, vai encontrar muitos espelhos grandes e meia dúzia de refletores. Também vai encontrar um pequeno gerador a diesel. Eu já verifiquei, ainda funciona. Preciso que leve tudo para a antiga pensão amanhã, logo depois da escola. Você vai ter que fazer várias viagens, então comece assim que chegar à sua casa. Temos que estar prontos antes que escureça – Moot orientou o menino.

– Entendo para que servem os refletores, mas e os espelhos? – Gerry perguntou.

– Esses fantasmas não suportam a própria imagem – o velho continuou.
– Temos que pendurar os espelhos nas portas e nas janelas da sala de estar da Pensão Carswell. É lá que vamos prendê-lo. Com os espelhos lá, ele não

conseguirá escapar pelas portas nem pelas janelas. Juntando as luzes com os espelhos, a luz ficará tão forte, e a imagem dele tão visível cada vez que ele se virar, que logo ele ficará sem poderes. Se conseguirmos mantê-lo assim por 60 segundos, a luz o destruirá, e ele irá embora para sempre.

– Mas ele é um fantasma. Será que não vai atravessar as paredes? Com certeza, ele não precisa de portas nem de janelas! – Gerry perguntou, confuso.

Moot começou a rir.

– Este é o mundo real, Gerry, não o do cinema. Ele é um fantasma, mas seu corpo é real. Você pode tocar nele, pode senti-lo. Ele tem muitos poderes, mas não pode atravessar paredes. Não estamos lidando com o Gasparzinho... – Moot disse, sacudindo a cabeça.

Gerry olhou para o velho. Seu velho rosto começou a ficar animado, decidido.

– E quanto a você, senhor Moot? O que vai acontecer com você? – o jovem perguntou, olhando para o velho na cadeira de balanço e começando a sentir pena dele.

– É por causa dele que estou preso aqui. Preso a esta cadeira, a esta casa, a esta rua, a esta cidade. Não posso descansar até que ele se vá. Livre-se dele e você se livrará de mim também. Dois pelo preço de um. Nada mal, não é? – Moot retrucou, aproximando-se e segurando no ombro de Gerry.

Gerry deu um sorriso e concordou com a cabeça. Sentiu a tristeza do velho.

– Agora, preste atenção em mais detalhes do nosso plano. Quando você for para a pensão amanhã, quero que você...

Por mais uma hora, Moot repetiu as instruções para Gerry, várias vezes. Quando ele terminou, Gerry voltou para casa com a cabeça cheia. Moot

tinha avisado para ele como a missão era perigosa. Ele foi para a cama com a certeza de que ficaria acordado a noite inteira, repassando o plano até a manhã seguinte inúmeras vezes em sua cabeça. Porém, não percebeu o quanto estava exausto e pegou no sono em segundos. Ele também não percebeu a sombra da cadeira de balanço na parede. Desta vez, o velho parecia cuidar dele, protegendo-o.

Capítulo 9

No dia seguinte, ele conseguiu evitar mais problemas com a professora Martin. Na aula, prestou atenção apenas o suficiente para não ficar encrencado, mas foi muito difícil. Como podia se concentrar em algo com a noite que teria pela frente? Várias vezes, ele quase contou tudo a Stevie, mas conseguiu se conter. Assim que as aulas terminaram, ele foi direto para casa, trocou de roupa, pegou a bicicleta e foi para a velha casa abandonada, para começar seu trabalho.

A Pensão Carswell ficava atrás de algumas árvores, na parte mais distante do parque, no fim da rua de Gerry. Ele já tinha passado por lá muitas vezes quando ia jogar futebol com os colegas no campo, mas nunca tinha chegado muito perto. Era um daqueles lugares de que ninguém queria se aproximar. Embora a pensão estivesse vazia havia anos, a administração da cidade a tinha conservado razoavelmente bem, na esperança de vendê-la para algum comerciante rico ou para algum empreendedor que pudesse transformá-la em um centro de lazer, spa, hotel ou alguma coisa similar. Mas nunca conseguiram vendê-la. Por alguma razão, nenhuma venda se concretizava. Sempre que o comprador em potencial chegava perto de fechar a compra, ele misteriosamente desistia.

Gerry fez sete viagens de ida e volta à pensão, puxando um carrinho acoplado atrás de sua bicicleta, para levar todos os equipamentos do porão de Moot até o local. Ele demorou mais do que o planejado, pois precisava verificar se seus pais não estavam por perto. Ele lhes havia dito que iria ao cinema com Stevie.

Quando deixou a última carga em frente à enorme porta principal da pensão, ele olhou para o relógio: seis e meia da tarde. Estava atrasado. Levaria uma hora, pelo menos, para montar tudo. Às oito horas, tudo estaria escuro. Moot avisou que cada coisa deveria estar no lugar certo antes que escurecesse. Ele falou muito sério a respeito disso. Seria um trabalho difícil. Ele abriu a porta grande. Teve que usar toda sua força para se espremer e entrar. Já do outro lado, abriu um pouco mais a porta, para ter espaço suficiente para levar todo o equipamento para dentro. O rangido da porta ecoou pela casa vazia.

Gerry olhou ao redor. De repente, sentiu-se muito só. Em frente a ele, um grande salão de entrada levava à base de uma ampla escadaria. No topo da escadaria, olhando diretamente para a porta de entrada, estava pendurado o enorme retrato de um homem de aparência feroz, montado num maravilhoso cavalo branco. A imagem parecia dominar todo o salão. Gerry imaginou que o retrato seria de Ronald Carswell, o patrão assassinado.

À esquerda do salão, ficava a sala de estar. Era lá que Gerry devia instalar o equipamento. Ele caminhou em direção à enorme porta. Entrou lentamente. A sala estava escura. Havia uma grande janela na frente da sala, duas portas que davam para o salão de entrada e outra que dava para a biblioteca. Ou seja, quatro possíveis rotas de fuga para o fantasma maligno. Gerry tinha que colocar os espelhos nesses pontos. Ele pregou um espelho na parte de trás de cada porta e dois na janela. As luzes tinham que ser posicionadas em todos os cantos da sala, apontando para o centro. Gerry trabalhou sem parar. A última coisa que fez foi ligar o cabo das luzes ao gerador. Isso foi mais difícil do que parecia, pois a tomada do gerador estava cheia de pó e o pino continuava caindo. Depois de Gerry limpar a tomada, o pino ficou no lugar. Tudo estava pronto, exatamente como Moot

havia orientado. Uma volta na chave do gerador, e o local estaria cheio de luz.

O garoto enfiou a mão no bolso. Moot tinha pedido para que ele deixasse a chave em posição, pronta para o momento certo. Não havia nada lá. Gerry tentou o outro bolso. Nenhuma chave!

O coração de Gerry estava batendo tão forte que parecia que iria explodir.

– Mas onde foi que... – ele cochichou, ficando bravo com ele mesmo.

Como podia ser tão descuidado e estúpido? Gerry correu para o salão de entrada e saiu pela porta principal. Correu até o carrinho, procurando a chave. Nem sinal dela. Ele precisava encontrá-la. De repente, alguma coisa se mexeu no arbusto à esquerda dele. Gerry congelou. Abaixou-se atrás do velho carrinho. A passos curtos, um pequeno gato preto saiu de trás do arbusto, olhou para Gerry e foi embora.

Gerry deixou escapar um suspiro alto e se levantou. Ele mal conseguiu enxergar o gato indo embora. De repente, percebeu que já havia escurecido. Entrou pela porta de novo. Mas, assim que fez isso, ele viu o vulto parado no topo da escadaria. Quem quer que fosse, não percebeu a presença de Gerry. Ele estava em pé de frente para o enorme retrato. O menino deslizou silenciosamente para trás de um armário ao lado da porta.

Gerry espiou da lateral do armário. Analisou o homem no topo da escadaria. Era o mesmo homem do retrato, com as mesmas botas pretas de cano longo, calças de montaria, casaco vermelho e chapéu emplumado. Gerry não conseguia ver o rosto, mas tinha certeza de que era ele, Ronald Carswell.

Gerry olhou para a sala de estar. Não havia jeito de ele ir até lá sem Carswell reparar nele. Sabia que agora estava de fato em apuros. Tentou

pensar, mas, ao se inclinar para trás, ele bateu com a cabeça numa espada que estava pendurada na parede atrás dele. O barulho estrondoso ecoou pela sala. Carswell se virou. Gerry se encolheu atrás do armário.

– Quem está aí? – Carswell perguntou, enquanto seus olhos examinavam o salão abaixo dele. – Apareça e morra, quem quer que tenha se atrevido a entrar na minha casa.

Gerry não conseguia parar de tremer. Seria seu fim, com certeza.

Ele podia ouvir Carswell descendo a escadaria, suas pesadas botas de montaria emitindo um arrepiante eco por toda a casa.

De repente, a porta principal se escancarou. Gerry olhou e só conseguiu ver as pernas de alguém que estava parado na entrada.

– Ah... Moot. Você de novo? Vá embora, saia da minha casa, seu verme – Carswell zombou.

Gerry estava assustado demais para olhar.

– Carswell, a sua hora chegou. Desta vez, não vou falhar – Moot disse, com a voz cheia de autoridade.

– Não me faça rir, velhote. Vá embora e me deixe em paz, estou cansado de você. Saia da minha frente! – Carswell exigiu.

Gerry colocou a cabeça para fora. Moot começou a andar em direção a Carswell, que tinha descido o último degrau.

Os dois inimigos se encararam. Então, sem qualquer aviso, Carswell ergueu o braço e acertou o rosto do velho, derrubando-o no chão.

Carswell começou a rir. Uma gargalhada alta de arrepiar que encheu a casa inteira. Carswell levantou o velho e o atirou com força contra a parede.

– Não posso matá-lo novamente, mas posso fazer o seu corpo doer até você implorar por misericórdia.

Carswell gritou, em cima de Moot, pronto para atacá-lo de novo.

Gerry não aguentava mais ver aquilo. Tinha que fazer alguma coisa. Saiu de trás do armário e correu para a porta da sala de estar.

Carswell se virou bem no momento em que Gerry saltou pela porta.

– O que é isso, mais um intruso? Você também vai morrer – Carswell esbravejou. Ele olhou para Moot e rosnou: – Cuido de você mais tarde...

Gerry se escondeu atrás de um sofá grande, e Carswell entrou na sala de estar, que estava muito escura. Gerry começou a engatinhar lentamente para longe da porta, tentando permanecer escondido. Quando ele apalpava o caminho com os dedos, de repente tocou em alguma coisa fria. Olhou para baixo: era a chave do gerador, que devia ter caído de seu bolso quando ele estava preparando a sala. Ele a agarrou com força.

Carswell inspecionou a sala, tentando encontrar o intruso. Começou a identificar as estranhas peças do equipamento espalhadas na frente dele.

– Vocês estão perdendo tempo, seus idiotas. Apareçam, seus covardes! – o velho fantasma maligno gritou em tom ameaçador, começando a perceber o que os intrusos haviam preparado.

Gerry ficou tenso, com a chave na mão. Ele tinha de chegar ao gerador. Carswell estava na porta, ao lado do gerador, encoberto pela escuridão.

De repente, Carswell começou a voar. Ele abriu os braços e as pernas e se atirou ao chão. Moot entrou cambaleante pela porta, com um atizador de fogo na mão. Ele se jogou em cima de Carswell.

– Rápido, Gerry, as luzes! – Moot gritou.

Gerry aproveitou a oportunidade. Num piscar de olhos, estava perto do gerador. Ele inseriu e girou a chave. O motor ganhou vida. Num instante, a sala ficou cheia de luz. Gerry cobriu os olhos. A claridade o cegava.

Carswell gritou. Foi um grito mortal, agonizante. Ele levantou Moot e jogou-o do outro lado da sala. Gerry só conseguia ver um vulto cambaleante

se contorcendo no meio da sala. Para qualquer lado que Carswell virasse, havia luzes. Os raios de luz penetraram seu corpo, no fundo de sua alma. O fantasma perturbado saltou para a janela grande, planejando se atirar dela, mas recuou cambaleando ao se deparar com sua própria imagem maligna.

Gerry olhou para a porta da sala de estar. Ainda estava aberta. Carswell também percebeu e disparou do outro lado da sala, em busca da última saída possível. Parecia que ele estava voando. Gerry fechou a porta bem a tempo. Carswell gritou, enquanto seu rosto distorcido olhava para ele do espelho atrás da porta.

Gerry viu a imagem aterrorizante gemer e cambalear na frente dele.

Por fim, o fantasma caiu no chão, com o rosto retorcido em agonia. Aos poucos, a imagem começou a sumir, derretendo, até finalmente desaparecer, sem deixar vestígios. O barulho dos berros de Carswell cessou, e a sala ficou em silêncio. Gerry esperou, prendendo a respiração. Ele precisava ter certeza. As luzes brilhantes continuavam acesas.

– Acabou, garoto. Ele se foi. Você conseguiu – Moot falou com a voz embargada, levantando-se. – Depois de 300 anos, a vila está livre dele.

Gerry não conseguia se mexer. Seu corpo estava paralisado, pregado na parede da sala de estar.

O velho abraçou o jovem caça-fantasmas.

– Vamos, Gerry. Vamos para casa.

Capítulo 10

Gerry inclinou-se na cadeira e voltou a pensar naquela noite. Não tinha esquecido aquela aventura de quase 50 anos atrás, quando ele derrotou o fantasma maligno da Pensão Carswell. Ainda se sentia bem com isso, orgulhava-se muito disso. “Já faz tanto tempo” – ele pensou.

Olhou o recorte de jornal na parede de seu escritório: “Vitória da escola local na Copa: 5 a 4 na cobrança de pênaltis”.

Gerry sorriu. As memórias tomavam conta de sua cabeça.

A porta abriu. Uma criança entrou correndo, perturbando os pensamentos de Gerry.

– Senhor editor, senhor editor... Houve um arrombamento na fábrica de computadores. Acabamos de ouvir no rádio da polícia.

– Jimmy, vá cobrir isso. Já está na hora de você fazer uma reportagem – Gerry disse, acenando para o rapaz sair.

– Obrigado, senhor editor, não vou decepcioná-lo – o jovem aspirante a repórter respondeu animado.

– Jimmy, não me chame de senhor editor. Quantas vezes vou ter que repetir? É Gerry – ele informou.

– Sim, senhor, senhor editor – Jimmy respondeu, correndo para a porta.

Gerry observou o jovem repórter e sorriu. Lembrou-se de sua primeira tarefa. Foi uma reportagem sobre uma epidemia de sarampo na velha escola. Ele próprio acabou adoecendo. Ficou de cama uma semana. O antigo editor já suspeitava que isso fosse acontecer.

A senhorita Cullen, secretária de Gerry, enfiou a cabeça no vão da porta.

– Precisamos de mais gente, Gerry. Não estamos dando conta. Está um caos aqui. Ah! Era o senhor Collins do antiquário no telefone. Ele vai entregar a cadeira de balanço na sua casa em 20 minutos.

– Obrigado, Linda. Estou de saída agora. Prometo reforçar a equipe em breve – Gerry disse, arrumando sua mala, tentando acalmar a secretária.

No fim de semana anterior, Gerry tinha visto uma velha cadeira de balanço que parecia exatamente a que o senhor Moot possuía anos atrás. Ele não resistiu e a comprou. Desde então, não conseguiu mais parar de pensar em sua aventura de caça-fantasmas com Moot na velha pensão. Era estranho, já que ele não havia pensado naquilo por muitos anos. De fato, a última vez que a história lhe tinha passado pela cabeça tinha sido 20 anos antes, quando ele comprou e reformou a velha casa de Moot em frente à casa de seus pais. Agora, ele parecia obcecado por tudo aquilo de novo. Não conseguia tirar aquelas coisas da cabeça.

– Certo, vou embora, Linda. Até amanhã – Gerry acenou e saiu do escritório.

– Tchau, Gerry – a senhorita Cullen respondeu sem levantar a cabeça.

Gerry chegou em casa bem a tempo de ver o senhor Collins descarregar a cadeira de sua van.

– Por aqui, Stan, na varanda – Gerry apontou para o lugar onde a cadeira devia ficar.

– Essa coisa pesa uma tonelada, Gerry. É madeira maciça, dura como a sua cabeça – o senhor Collins gemeu enquanto levava a cadeira para a varanda.

– Foi feita para durar uma eternidade, Stan, assim como eu – Gerry disse, batendo na cabeça alegremente.

– Vai durar muito mais tempo que você. acredite em mim – o senhor Collins acrescentou, enxugando o suor da testa.

– Muito obrigado, Stan. Estes velhos ossos ainda têm muita vida pela frente. Eu até apostaria uma corrida com você, valendo dinheiro... Que tal?

– Gerry desafiou o bom amigo.

– Está brincando? Estou exausto, e só levantei uma cadeira. Estou fora!
– o senhor Collins respondeu, sacudindo a cabeça e subindo na van.

– Tchau, Stan. Muito obrigado! – Gerry gritou, acenando para ele.

Gerry foi para a varanda, prestes a experimentar a nova aquisição, quando o telefone começou a tocar.

– Caramba... – ele murmurou, entrando em casa.

– Gerry Tooms – ele atendeu.

– Senhor Tooms, aqui é o Sammy. Desculpe incomodá-lo em casa, senhor, mas não sei o que fazer.

Sammy era o subeditor de Gerry e estava cobrindo o turno da noite no escritório.

– O que foi, Sammy, não dá para esperar? – Gerry perguntou, irritado por ter de trabalhar até em casa.

– Senhor Tooms, recebemos relatos de problemas na antiga Pensão Carswell. Os operários que estavam trabalhando lá estão relatando acontecimentos estranhos de todo tipo. Um deles está desaparecido. Quero enviar alguém até lá, mas não temos ninguém. O que devo fazer, senhor?

Gerry começou a rir.

– Sammy, quantas vezes já fomos àquela velha casa ao longo dos anos por causa de todo tipo de histórias estranhas e fantasiosas? Será inútil, como sempre. Os fantasmas de lá foram embora há muito tempo... – ele disse, sorrindo e pensando em suas façanhas anteriores.

– Mas... senhor... – Sammy insistiu.

– Deixe quieto por enquanto, Sammy. Vamos mandar alguém de manhã. Isso pode esperar até lá – Gerry interrompeu.

– Certo, chefe – Sammy concordou, relutante.

Gerry desligou o telefone. Seu sorriso desapareceu. A Pensão Carswell ainda lhe dava arrepios. Nos últimos dias, ocorreu uma série de relatos intrigantes de várias pessoas, descrevendo visões e sons estranhos. Era normal ouvir um ou dois relatos por ano sobre a pensão desde que ele havia começado a trabalhar no jornal. Mas eram sempre trotes. De repente, o número e a frequência dos relatos começaram a aumentar. Talvez fosse hora de investigar melhor.

Gerry pensou na equipe. Acontece que não havia gente suficiente para a tarefa. Ele decidiu que estava na hora de conseguir mais ajuda. Ele sorriu.

“Precisamos de um novo caça-fantasmas ou, pelo menos, de um caçador de histórias de fantasmas” – ele pensou.

Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho na varanda. Gerry foi ver o que era. Não havia ninguém lá. Gerry olhou para a cadeira de balanço recém-adquirida. Ela balançava para a frente e para trás.

“Engraçado” – Gerry pensou. “Não há um sopro de vento no ar.”

– Hora de colocar os pés para o alto e descansar esses ossos velhos – ele murmurou, enquanto se sentava na antiga cadeira.

Ele começou a balançar a cadeira lentamente. O movimento relaxante foi limpando sua mente, as pálpebras dele começaram a fechar devagar sobre os olhos cansados. Ele começou a sentir tontura e o estômago embrulhando. Sentiu uma dor irritante no pescoço, uma dor que passou logo em seguida. Seus olhos começaram a fechar.

Antes de apagar completamente, olhou ao redor. Viu um menino observá-lo da janela do outro lado da rua. Um garoto assustado, de aparência familiar, olhava para ele por trás das cortinas.

Capítulo 11

Gerry acordou de repente. Não se sentia muito bem. Olhou o relógio. Estava parado. Ele devia ter dormido na cadeira a noite toda. Rapidamente se trocou e se arrumou para ir ao trabalho. Perambulando pela casa, ele sentiu que alguma coisa estava diferente. Ele se sentia muito diferente. Havia um estranho cheiro de mofo no ar. Gerry olhou em volta. A casa parecia totalmente suja, desarrumada. A decoração, de certa forma, parecia velha e antiquada. Gerry sacudiu a cabeça.

“Esse lugar precisa de uma boa limpeza” – ele pensou, andando até a porta e trancando-a.

Conforme ele andava pelo jardim, percebia o mato crescido, a grama muito alta.

“Tenho passado tempo demais no trabalho” – ele pensou.

Vinte minutos depois, Gerry estava em sua mesa. O escritório principal estava movimentado, mas ninguém tinha reparado nele. Era uma mudança notável. Normalmente sua sala se enchia de gente assim que ele entrava pela porta. Ele gostou da paz e do sossego daquela manhã. Ele parecia outra pessoa, não se sentia bem desde que acordou. Fechou os olhos, tentando impedir a cabeça de girar.

– O que estamos fazendo aqui?

Gerry abriu os olhos. Diante dele, havia um rapaz que parecia um pouco hesitante. Ele tentou organizar seus pensamentos. Estava em busca de novos funcionários. A senhorita Cullen provavelmente tinha marcado alguma entrevista. Ele sentou-se e apontou para uma cadeira no canto.

– Esta é a minha sala, garoto. Sinta-se em casa. Puxe uma cadeira – Gerry disse, de modo automático.

Essas palavras soaram familiares, mas Gerry não conseguia explicar o porquê. Ele olhou para o jovem na frente dele. Tinha certeza de que estava reconhecendo o menino de algum lugar, mas não se lembrava de onde. Sua cabeça ainda girava.

Algo muito estranho estava acontecendo. O que havia de errado com ele? Era como se ele estivesse flutuando, parecia um sonho.

Gerry olhou para fora da janela de sua sala, na direção do escritório principal, atrás do menino. O local estava agitado. Ele conseguia ver Linda parada em frente à mesa, falando com um repórter. Gerry começou a gritar para ela:

– Linda, você pode vir aqui um minuto? – ele estava com a garganta seca e precisava beber algo. – Linda, venha cá, por favor.

Ela não se mexeu. Continuou a conversar com o repórter. Parecia agitada, aborrecida.

Gerry sentou-se de novo em sua poltrona e fechou os olhos. Alguma coisa estava errada com ele. Olhou para o garoto.

– Vá para casa, garoto. Aconteceu alguma coisa. Entrarei em contato quando precisar de você – Gerry disse sem abrir os olhos.

Ele ouviu o barulho da porta. Estava sozinho.

Gerry levantou-se e foi até a porta.

– Linda, um minuto, por favor – ele chamou a secretária.

Ainda assim, ela continuou conversando.

– Linda, pelo amor de Deus! – Gerry ergueu a voz, impaciente, indo até a mesa dela.

A senhorita Cullen não reagiu. Ele se inclinou para tocá-la, mas sua mão passou direto através dela. Ele tentou de novo: a mesma coisa. Era como se ele estivesse num sonho. Ele não conseguia acreditar naquilo! Ela não parecia notar que ele estava ali. Ele olhou o escritório à sua volta. Ninguém parecia saber que ele estava lá. Era como se ele fosse invisível.

– Alguém está me ouvindo? – Gerry gritou a plenos pulmões.

Ninguém esboçou a menor reação. Gerry reparou em duas ou três mulheres chorando, consolando umas às outras. Ele correu na direção delas.

– O que foi? O que aconteceu? – ele perguntou.

Era inútil. Elas não conseguiam ouvi-lo.

Gerry estava confuso. Era como se ele estivesse em outro mundo, num mundo sombrio. Ele fechou os olhos. Sacudiu a cabeça, tentando acordar do pesadelo em que parecia estar. Não adiantou. Ele se jogou numa cadeira próxima e apoiou a cabeça nas mãos. Quando olhou na mesa, as palavras impressas no jornal o atingiram como um raio.

“Editor morre em acidente estranho. Cai da cadeira de balanço e quebra o pescoço.”

Gerry ficou pasmo. Embaixo da manchete estava sua própria foto.

– Não... NÃO! – ele gritou, esmurrando a mesa.

Gerry se levantou. Ele não conseguia acreditar naquilo. Com certeza era alguma piada, algum pesadelo. Ele atravessou o escritório e saiu no salão de entrada.

Ele escancarou a porta do banheiro, encontrou uma pia e abriu a torneira. Sentia-se mal, começou a jogar água fria e refrescante no rosto. Sentiu-se melhor. Olhou no espelho. Ele estava horrível. Seu rosto estava cinzento, e os olhos, inchados. Viu o crachá de identificação pendurado no bolso da camisa. O sobrenome dele refletido no espelho lhe pareceu

estranho. Observou melhor. Ele conseguiu ler claramente “TOOM S” no reflexo. Não era possível.

O sangue se esvaiu de seu rosto. Ele removeu o crachá e segurou-o nas mãos: “TOOMS” havia se tornado “Z MOOT”.

“Mas... isso é impossível!” – Gerry pensou.

– Não, não é. É bem possível – uma voz fria cochichou em seu ouvido.

Gerry se virou. A figura diante dele era inconfundível.

– Carswell... Você? Não pode ser... – Gerry tentou falar, com as palavras grudadas na garganta.

– Sim, sou eu mesmo. É a nossa vez de novo – Carswell disse, com o rosto distorcido por uma carranca medonha.

A cabeça de Gerry começou a girar. Ele tinha que escapar, tinha que fugir dali. Sua visão ficou desfocada. Ele sentiu que ia desmaiar. Quando abriu os olhos novamente, a escuridão era total. Ele estava sentado em sua cadeira de balanço, na velha varanda abandonada. A luz amarela do poste lançava um brilho estranho na rua. Ele olhou na janela em frente. Gerry conseguia vê-lo parado lá. Ele sabia exatamente como o menino se sentia e o que pensava. Ele se lembrava muito bem. O garoto olhou de novo. Gerry precisaria da ajuda dele. Teria que entrar em contato com ele. Sorriu para o menino, ergueu a mão e começou a acenar lentamente.

A hora havia chegado de novo. A história tinha recomeçado.

Esperamos que você tenha gostado desta história de Edgar J. Hyde.
Aqui estão outros títulos da série *Hora do espanto* para você colecionar:

A colheita das almas

O doutor Morte

O escritor fantasma

O espantalho

Feliz dia das bruxas

O piano

A COLHEITA DAS ALMAS

Os Grimaldi, uma assustadora família com maus comportamentos e que sempre se veste inteiramente de preto, mudam-se para a vizinhança de Billy e Alice.

Logo depois, a mãe, o pai e seus vizinhos começam a agir de maneira muito estranha, como se de repente eles se tornassem malvados. As crianças e seus amigos, Ricky e Alex, logo são as únicas pessoas normais que sobram no bairro, em meio a ladrões, encenqueiros e matadores.

A cidade toda, controlada pelos Grimaldi, não demora a perseguir as quatro crianças para capturar suas almas e completar a “colheita”.

O DOUTOR MORTE

Alguma vez você já foi ao médico com uma doença sem importância só para descobrir que iria piorar muito em seguida?

É exatamente isso o que acontece com Josh Stevens e seus amigos. Eles deixam de ser uma turma de adolescentes saudáveis para se tornarem despojos pustulentos, fedidos e enebados, depois que, por coincidência, passam por uma consulta com o encantador e elegante doutor Blair. As espinhas medonhas de Josh vão colocar em perigo o futuro encontro dele com a adorável Karen, mas existem “remédios” muito mais sinistros no armário do “bom” médico.

Será que Josh e seus amigos conseguirão impedir o doutor Morte de realizar seu plano funesto?

O ESCRITOR FANTASMA

Charlie é um aluno com talento para escrever, mas nem mesmo ele consegue se lembrar de ter escrito todas aquelas palavras que aparecem em seu bloco de notas!

Parece que uma história está sendo contada nas páginas do texto manuscrito, mas quem está fazendo a narrativa e por quê?

O diretor da escola de Charlie está se mostrando um pouco interessado demais no bloco de notas e não parece muito contente. Conforme Charlie investiga, descobre que as coisas são piores do que ele jamais poderia imaginar. Você alguma vez já se assustou com o diretor de sua escola?

Eu quero dizer: ficou realmente assustado?

O ESPANTALHO

Não é raro pessoas se tornarem fortemente apegadas ao lugar onde nasceram... Mas um espantalho?

Uma série de acidentes misteriosos na nova fazenda da família Davis faz David suspeitar de que há uma relação entre eles. Será que existe alguém, ou alguma coisa, por trás desses eventos macabros?

Quanto mais David investiga, mais ele quer manter a boca calada... Até que o terrível segredo do espantalho seja revelado!

FELIZ DIA DAS BRUXAS

Samanta, Tiago e Mandy são irmãos. Os pais deles decidem descansar um pouco em uma tranquila aldeia no fim de semana do Dia das Bruxas. Os adolescentes estão muito preocupados, pois ficar em uma aldeia chata vai estragar a brincadeira de travessuras ou gostosuras.

Com certeza, o Dia das Bruxas será bem diferente do normal, mas longe de ser uma chatice!

Samanta descobre um velho livro de feitiçaria e rapidamente percebe que é capaz de controlar perigosos poderes. Então, ela é levada para um mundo terrível e sinistro de magos e bruxos, e precisa escapar de lá ou perderá a vida.

O PIANO

A família Houston acredita ter encontrado uma grande pechincha quando compra um belo piano por um preço muito baixo.

Mas o piano parece ter vontade própria. Na verdade, não importa qual música as pessoas tentem tocar, ele sempre executa sua própria e triste melodia.

O que o piano tenta dizer ao mundo?

Será que os Houston levaram algo mais além da pechincha?

E quem seria o compositor da bela, mas perturbadora, música que o piano insiste em tocar?

HORA DO ESPANTO

O MISTÉRIO DA CARROÇA



EDGAR J. HYDE

O MISTÉRIO DA CARROÇA

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

O mistério da carroça[recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. -
Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

112p.; ePUB ; 1,3MB.-(Hora do espanto)

ISBN 978-65-5500-725-1(Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror.I. Antunha, Silvio. II. Título.III. Série.

2021-871

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior-CRB-8/9949

Índices para catálogo sistemático:

1.Literatura juvenil028.5

2.Literatura juvenil82-93

© 2015 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Rag and Bone Man*

© 2015 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 1

Era sexta-feira à tarde. Cindy, Bryan e Dave estavam com pressa para fazerem as malas. Teriam que sair de carro às quatro e já passava das três e meia.

Naquele dia, ao chegarem da escola, eles foram informados que a sua tia-avó Hattie havia falecido alguns dias antes, sem deixar testamento. Os pais deles eram os parentes mais próximos de Hattie e precisariam viajar para providenciar o funeral e fazer o inventário dos bens dela. Eles só receberam a notícia da morte de Hattie naquela manhã, quando Cindy, Bryan e Dave já estavam na escola. Então, depois da aula, as crianças tiveram que juntar algumas roupas e sacos de dormir para a estadia na remota vila onde Hattie havia morado.

Bryan tinha 14 anos e era o mais velho. Ele tinha olhos castanho-escuros e cabelos castanhos curtos. Cindy e Dave eram gêmeos de 13 anos de idade, mas não poderiam ser mais diferentes. Cindy tinha olhos azuis, era alta e loira, com cabelos que chegavam até o ombro. Dave era ruivo e menor que a irmã, com muitas sardas no rosto.

Como sempre, Cindy e Dave estavam discutindo. Desta vez, por causa de um minigame.

– Dave! Você não vai levar isso. Você fica sempre jogando essa coisa e esquece de cumprir suas obrigações! – Cindy gritou.

– Minhas obrigações? Como brincar com as suas bonecas? – Dave retrucou, sabendo que esse era o ponto fraco de Cindy.

– Eu não brinco com elas! – ela gritou em resposta, com as bochechas vermelhas de raiva.

– Brinca, sim! – caçoou Dave. – Que patético! Alguém da sua idade brincando com bonequinhas.

Cindy se atirou contra Dave, com os punhos prontos para bater nele. Dave se esquivou e Cindy passou direto por ele, escorregou no minigame e caiu na caixa de bonecas.

– Meu minigame! – exclamou Dave. – Você quebrou!

– E as minhas bonecas, elas já eram! – gritou Cindy. – Jane perdeu o braço, e veja a perna do Paul! Tudo culpa sua!

Quando Bryan entrou no quarto, encontrou Cindy correndo atrás de Dave, batendo nele com uma boneca, e Dave fugindo, apertando o minigame quebrado contra o peito e gritando:

– Isso me custou todas as minhas economias, e agora veja só – ele se abaixou quando Cindy o atacou e desviou para a esquerda. – Era da edição especial, por isso custou o dobro do preço normal!

Dave tropeçou e Cindy caiu sobre ele, golpeando-o com uma boneca sem cabeça.

Bryan decidiu intervir e resolver as coisas.

– Ahn...

Foi o máximo que conseguiu dizer, antes de ser golpeado pelo braço de uma boneca e ficar com uma marca vermelha na testa. Ele andou na direção de Cindy e a segurou, dando para Dave a chance de escapar do quarto.

– A mãe falou que está na hora de ir – foi tudo o que ele disse antes de sair do quarto, esfregando a testa.

Às quatro e dez, todos estavam no carro.

– Todos estão aí? – perguntou o pai. – Ninguém esqueceu nada?

– Não, pai – foi a resposta do Bryan.

– Uau! – disse o pai, satisfeito. – Pela primeira vez o Dave não trouxe o minigame. Por que não, Dave?

– Ah... Achei melhor não – disse Dave, com calma, sabendo que estaria em apuros se contasse sobre o minigame quebrado. O pai deu um olhar significativo para o filho pelo espelho retrovisor, sem acreditar na explicação de Dave.

A viagem demorou cerca de cinco horas. Eles chegaram à velha casa isolada que estava em uma péssima situação, na remota vila, por volta das dez horas da noite. Bryan lia seu livro. Dave e Cindy adormeceram, deitados um sobre o outro, depois de esquecerem a briga de cinco horas antes.

– Chegamos! – gritou o pai, acordando Dave e Cindy com um susto.

– Não vejo a hora de dormir – Bryan bocejou.

Dave e Cindy, que não estavam cansados, decidiram explorar a casa antes de dormirem. A mãe e o pai não se importaram. Era fim de semana e normalmente eles deixavam os filhos irem para a cama a hora que quisessem às sextas-feiras. Além disso, eles quase sempre iam para a cama cedo, por estarem cansados da longa semana na escola.

Cindy e Dave quase subiram um no outro para saírem do carro. Bryan desceu pelo outro lado. As crianças olharam para a casa impressionadas. Parecia uma casa de filme de terror. Tinha três andares com janelas compridas e estreitas, que refletiam a lua cheia de maneira assustadora. As paredes externas estavam revestidas de cal, mas precisavam de uma reforma, porque estavam muito sujas.

– Vamos lá! – disse o pai, com alegria.

Capítulo 2

Todos seguiram para a porta da frente, percorrendo o longo e estreito caminho coberto de vegetação. O pai tirou a chave do envelope que havia recebido e a testou na porta. A fechadura fez um barulho quando a chave foi girada, fazendo todos se arrepiarem. A porta rangeu e eles entraram ao mesmo tempo, fugindo do ar gelado da noite.

– Vou ligar a eletricidade e o aquecimento. Então, poderemos tomar uma xícara de chá – sugeriu o pai.

– Boa ideia – disse a mãe, tremendo de frio.

As crianças ficaram em silêncio no corredor. Ninguém conseguia pensar em nada para dizer. Finalmente, Cindy sugeriu:

– Vamos ver os quartos.

– Tudo bem! – disse Bryan. – Você vai na frente.

– Eu? – balbuciou Cindy. – Por que não você, que é o mais velho?

– Está bem – Bryan concordou, relutante.

Bryan, seguido pelos gêmeos, andou pelo corredor iluminado pela lua, pisando com cuidado. Chegou à escada e colocou o pé no primeiro degrau, que rangeu um pouco com o peso. Colocou o outro pé no degrau seguinte, que também rangeu. Ele chegou ao topo depois de 15 rangidos. Cindy e Dave subiram com ele.

– Por que você parou? – Cindy perguntou, sussurrando.

– Xiii! – disse Bryan. – Ouçam.

– Não estou ouvindo nada...

De repente, todos ouviram. Era um som constante de tique-taque. Depois, um passo pesado. Uma sombra se mexeu na soleira da porta, seguida por...

– Pai! – Bryan exclamou.

Uma luz forte de repente brilhou em seu rosto.

– Até que enfim! – disse o pai. – Consegui fazer a lanterna funcionar.

Todos soltaram um suspiro de alívio.

– O que há de errado com vocês? – perguntou o pai. – Parece que viram um fantasma!

– Nada, pai. O que você está fazendo aqui? – perguntou Dave.

– Subi para procurar a caixa de fusíveis. Estão procurando os quartos?

– Sim – respondeu Dave. – Quanto tempo vai demorar para acender as luzes?

– Já encontrei a caixa de eletricidade. Agora só falta achar a chave.

– O que podemos usar como luz por enquanto? – perguntou Bryan. – Não quero andar para cima e para baixo em corredores iluminados pela lua a noite inteira.

– Tome, pegue isto. É a lanterna do meu chaveiro – respondeu o pai.

As três crianças seguiram pelo corredor de novo, agora enxergando melhor, graças à pequena lanterna, que lançava um estreito feixe de luz ao longo do corredor empoeirado. Bryan parou na terceira porta.

– Seria bom começar a escolher os quartos – ele disse.

Dave e Cindy pararam atrás dele. Quando Bryan girou a maçaneta, ela fez um som alto e estridente. Ele abriu a porta, que soou como se nunca tivesse sido lubrificada desde que havia sido instalada ali. O quarto era iluminado pela lua e tudo o que o luar tocava tinha uma cor branca fantasmagórica. Todos os móveis estavam cobertos com lençóis

empoeirados. Bryan foi até a parede mais distante, puxou um lençol e iluminou com a lanterna o que havia embaixo. Ele encontrou uma estante com prateleiras cheias de livros. O quarto deve ter sido uma pequena biblioteca. Bryan gostaria de ter ficado para olhar melhor os livros, mas Cindy e Dave estavam ficando inquietos. Eles queriam encontrar seus quartos o quanto antes para poderem desfazer as malas. Ele cobriu a estante de novo com o lençol e saiu, esperando poder voltar de manhã para analisar melhor a biblioteca.

Dave e Cindy continuaram a seguir Bryan pelo corredor até chegarem às duas últimas portas, que ficavam uma de frente para a outra. Bryan abriu bruscamente a porta à direita, fazendo-a bater contra a parede do quarto. Ele entrou, e Cindy e Dave o acompanharam de perto.

Esse quarto tinha duas camas de solteiro separadas por um criado-mudo. À esquerda, havia uma janela alta e estreita com vista para a estrada deserta. Os esqueletos de árvores mortas cercavam a janela. Bryan, Cindy e Dave foram para o centro do quarto e olharam em volta.

– Este quarto é ideal para vocês dois – disse Bryan.

– Onde você vai dormir? – Cindy perguntou.

– Vou ver como é o outro quarto – Bryan respondeu.

Bryan saiu do quarto e atravessou o corredor escuro até o quarto oposto. Dave e Cindy olharam um para o outro e decidiram seguir Bryan até o outro quarto.

O quarto também tinha duas camas. Era quase idêntico ao primeiro.

– Vou ficar neste quarto – disse Bryan, virando para os gêmeos.

– Bem, agora que escolhemos os quartos, precisamos apenas que o pai acenda as luzes – disse Dave.

Ele ficou arrepiado. De repente, o quarto tinha ficado ainda mais frio. Dave começou a tremer. Olhou para os irmãos. Eles também pareciam desconfortáveis. Então, ouviram um som regular de batida.

– Pai? É você? – perguntou Dave, com a voz trêmula.

– Está vindo de lá de fora – disse Cindy, com o rosto mais pálido que o normal.

Devagar, as três crianças foram até a janela estreita. Do fim da rua, vinha uma sombra escura, que se movia lentamente em direção à casa.

À medida que a sombra se aproximava, eles perceberam o que parecia ser um cavalo e uma carroça, com o vulto de um homem curvado no assento. Na lateral da carroça, havia um letreiro pintado à mão: “Sucata”. E ouvia-se uma voz distante, abafada, anunciando:

– Sucata! Sucata!

As crianças ficaram fascinadas com a aparição. A carroça com o vulto curvado passou de maneira sinistra pela casa e desceu a rua devagar, até desaparecer misteriosamente.

De repente, surgiu uma luz forte. As crianças pularam e, em seguida, relaxaram: finalmente o pai havia resolvido o problema da eletricidade.

– Será que isso realmente aconteceu? – Dave perguntou, em choque.

– Deve ter acontecido, porque todos nós vimos – respondeu Cindy com a voz rouca.

– Acho que não devemos falar nada sobre isso – disse Bryan. – Pelo menos por enquanto.

Cindy e Dave concordaram.

– Você tem razão – afirmou Cindy.

– Boa ideia – confirmou Dave.

A decisão das crianças pode ter salvado a vida delas naquela noite, pois existia uma lenda a respeito de uma carroça. Se alguém visse a carroça depois de uma morte e revelasse isso, essa pessoa morreria.

Capítulo 3

Eles jantaram tarde naquela noite, na cozinha quente e aconchegante, que poderia abrigar pelo menos dez cozinheiros. Enquanto eles comiam, a aparição começou a ficar cada vez menos real. Depois da refeição, eles contavam piadas alegremente, e Dave e Cindy tiveram um pequeno desentendimento sobre quem ficaria na cama perto do aquecedor.

Agora que as luzes funcionavam, os corredores sombrios pareciam só uma memória distante. Eles estavam bem iluminados e nada assustadores. No fundo, Bryan, Cindy e Dave ficaram um pouco envergonhados por terem sentido medo uma hora antes e foram para a cama felizes e despreocupados. Mesmo assim, os três insistiram em deixar as luzes do corredor acesas e as portas abertas quando foram para a cama. A desculpa: assim eles poderiam conversar até pegarem no sono. Em ambos os quartos, as cortinas estavam bem fechadas antes mesmo de as crianças irem para a cama.

Bryan acordou primeiro. Ele se sentou, bocejou e se espreguiçou, tudo no mesmo movimento. Afastou as cobertas ainda sonolento e quase caiu da cama. Cambaleou alguns passos, ainda semiacordado, e tropeçou na mala, caindo e batendo o queixo no chão. Ele sacudiu a cabeça para se livrar das luzes e das estrelinhas, e resmungou. Olhou para o relógio e viu que marcava oito horas. Resmungou de novo, com mais intensidade dessa vez. Oito horas em plena manhã de sábado!

Bem, agora ele já estava acordado. Ainda grogue e ligeiramente mal-humorado, ele foi ao banheiro com algo em mente. Tirou as escovas e

pastas de dentes do pote e o encheu com água. Foi para o quarto dos gêmeos e derramou o conteúdo do pote sobre o tranquilo rosto adormecido de Dave, que havia perdido a briga e estava na cama mais próxima da porta e mais distante do aquecedor.

Dave acordou bruscamente. Ficou em estado de choque. Olhou ao redor, com água pingando do rosto. Viu Bryan com o pote cheio d'água derramando o conteúdo em cima da figura adormecida de Cindy, que também acordou surpresa. Por fim, Dave se recuperou e xingou Bryan, que estava rolando no chão de tanto rir.

Dave saiu da cama e pegou o pote, com a intenção de jogar água no risonho Bryan. Cindy o viu com o pote e saltou da cama, achando que Dave tinha jogado água nela. Ela avançou no irmão gêmeo, mas tropeçou em Bryan, que continuava no chão, recuperando-se do ataque de riso. Cindy e Dave se entreolharam. Os dois se entenderam e logo saíram do quarto. Voltaram segundos mais tarde com um penico antigo de porcelana, cheio de água. Juntos, eles derramaram a água na cabeça de Bryan. Ele engasgou, pareceu estar irritado por um segundo, depois teve mais um ataque de riso. Dave e Cindy também começaram a rir, e foi assim que os pais os encontraram quando foram acordá-los: rolando no chão de tanto rir, totalmente encharcados.

Os pais viram o que tinha acontecido e começaram a rir também. Isso durou alguns minutos, até que a mãe se recuperou e disse:

– O café da manhã está pronto. É uma fritada.

De repente, ela se mostrou chocada.

– Essa não! – ela exclamou. – Não desliguei o fogo. Vai ficar tudo queimado!

Ela correu para a cozinha, com o roupão voando como uma capa. Todos no quarto dos gêmeos se entreolharam e recomeçaram a rir ao mesmo tempo.

No final, eles tiveram que se contentar com cereais. Os ovos com bacon, as linguiças, os cogumelos e os tomates fritos ficaram tão queimados que ninguém conseguiu comer.

Naquele dia, todos tinham alguma coisa para fazer. Os gêmeos precisavam estocar suprimentos para o fim de semana e para a semana seguinte, que era o período das férias escolares. Bryan estava em êxtase, olhando todos os livros da biblioteca e procurando coisas sobre a vila em que estavam. A mãe e o pai estavam ocupados organizando o funeral e providenciando os documentos. Uma descoberta foi particularmente animadora: eles descobriram, em uma correspondência recente, que as ações que a tia havia comprado 40 anos antes estavam valendo mais de 50 mil libras! Resolveram contar para as crianças no jantar daquela noite.

Na biblioteca, Bryan não tinha conhecimento do que acontecia ao redor. Ele estava lendo um livro particularmente interessante, a respeito de mitos e lendas locais. Assim como ele, Cindy e Dave tinham esquecido completamente o que tinha acontecido na noite anterior. Bryan virou uma página do livro e teve um choque enorme. Na página, havia a foto de um cavalo com uma carroça antiga, tirada na virada do século. Bryan ficou surpreso ao perceber que era a mesma carroça que ele e os gêmeos tinham visto na noite anterior, com a palavra “Sucata” escrita na lateral. Perto do cavalo, segurando as rédeas, havia um homem de meia-idade, com uma boina e casaco de lã. Ele sorria exibindo dentes tortos, que seguravam um velho cachimbo de barro. Embaixo da foto, Bryan leu as seguintes palavras:

“Acredita-se que a lenda tenha se originado num acidente de 1910, quando um homem morreu em circunstâncias trágicas. Ele caiu do assento de sua carroça e foi esmagado pela roda, que passou em cima de sua cabeça. Testemunhas disseram ter visto o homem descer a rua com o cavalo e a carroça, tarde da noite, após alguma morte. A lenda conta que quem afirmar ter visto a carroça do homem morrerá em seguida. Assim, por muitos anos, a vila tem concordado em manter silêncio, pois todos têm medo de confirmar a aparição. Houve muitos casos de pessoas cétricas. Mas elas quase sempre descobriam que estavam erradas e ficavam quietas depois de verem a carroça. Por isso, o mistério continua.”

Bryan se sentou, com uma expressão atordoada no rosto. A morte de sua tia-avó deveria ter alguma conexão com a aparição da noite passada. Ele precisava avisar Cindy e Dave. Embora eles tivessem prometido não falar da aparição, ele sabia que os gêmeos eram propensos a deixarem escapar segredos, como já tinham feito antes.

Capítulo 4

Cindy e Dave caminharam lentamente pela tranquila rua principal, curtindo o sol agradável e conversando à toa.

Eles entraram na mercearia local e começaram a selecionar os itens da lista de compra que a mãe tinha feito para eles. Pegaram tudo e levaram a cesta para o caixa. A velha senhora que estava no caixa somou tudo na antiga caixa registradora, que parecia indestrutível.

– Quatorze e cinquenta – ela disse com um sorriso.

Cindy pagou a senhora com três notas de cinco. A velha senhora apertou um botão na caixa registradora, fazendo a pesada gaveta de ferro fundido se abrir com um tremendo estrondo e o som de uma sineta: ting!

– Faltam os 50 centavos de troco, querida – ela disse, entregando o dinheiro a Cindy.

– São vocês que estão na velha casa da Hattie? – a senhora perguntou.

– Sim, somos – respondeu Cindy. – A senhora a conhecia?

– Sim, querida. Ela era uma boa mulher, mas a saúde dela era ruim, embora ela nunca demonstrasse.

– Faz muito tempo que vocês se conheciam? – perguntou Dave.

– Claro, muitos anos, querido. Digam-me uma coisa: vocês não viram nada estranho, viram? – ela perguntou, mudando de assunto de repente.

– Bem, já que mencionou, vimos sim – começou Dave.

– Então, não contem para ninguém, ninguém mesmo! Não se quiserem continuar a viver – disse a senhora, insistente. – Vivo aqui há muitos anos e

sei que, se vocês virem algo depois de uma morte, não contem para ninguém e vocês continuarão vivos.

Com isso, ela se virou bruscamente com o rosto pálido e os olhos azuis-claros cheios de lágrimas, passou pela cortina de contas e foi para os fundos da loja, murmurando baixinho:

– É uma pena! Crianças tão pequenas...

Cindy olhou para Dave, que olhou para ela. Concordaram em silêncio, como se um estivesse lendo os pensamentos do outro.

– Temos que avisar o Bryan antes que ele conte para alguém – disse a irmã.

– É – Dave retrucou e saiu da loja correndo. Cindy foi atrás dele, gritando:

– A casa fica para o outro lado!

Dave derrapou e correu de volta, passando pela loja, e Cindy se juntou a ele. Eles correram de volta para a casa e irromperam pela porta da frente.

– Para a biblioteca! – gritou Dave.

Ambos correram para a biblioteca e se atiraram pela porta recentemente lubrificada. Bryan levantou os olhos e disse para Cindy e Dave:

– Por favor...

– ... não conte para ninguém! – finalizaram Dave e Cindy juntos.

Capítulo 5

Bryan olhou para os gêmeos.

– Vocês sabiam? – ele perguntou, surpreso, com as sobrancelhas erguidas.

– Sim, a senhora da mercearia nos contou, ou nos avisou ou algo assim

– Dave respondeu. – De qualquer forma, ela parecia muito assustada.

– Como você ficou sabendo? – Cindy interrompeu.

– Li a respeito num livro de lendas antigas – respondeu Bryan.

– Claro. Mas a questão é: a lenda é verdadeira? – perguntou Dave.

– Não sei – retrucou Bryan. – Mas acho que é. Tenho certeza de que não estávamos vendo coisas na noite passada.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Cindy, olhando para Bryan. Dave também olhou para ele.

– Acho que a primeira coisa a fazer é tentar descobrir algo mais. Por exemplo, a biblioteca local deve ter mais informações sobre o homem da carroça – respondeu Bryan.

– Será que é seguro falar sobre isso? – Cindy interrompeu.

– Não estamos divulgando e, além disso, já tocamos no assunto. Não temos nada a perder – Bryan afirmou.

– Você tem razão. Vamos para a biblioteca agora? – disse Dave.

– Não, acho que devemos esperar até depois do almoço. Assim, passaremos a tarde toda na biblioteca para descobrir tudo sobre a lenda – Bryan sugeriu.

– Que lenda? – perguntou a mãe, entrando no quarto.

– Ah, estamos apenas procurando algumas histórias da vila, mãe – respondeu Bryan, com sinceridade.

– Isso é ótimo, mas receio que seus irmãos não vão poder ajudá-lo à tarde. Uma velhinha simpática da mercearia trouxe vários mantimentos. Ela disse que os dois esqueceram as coisas na loja. Só Deus sabe o que vocês estavam pensando. Coitadinha.

– Essa não! – exclamou Dave. – Na correria, esquecemos completamente das compras!

– Por que estavam correndo? – perguntou a mãe, intrigada.

– Eles queriam me contar uma piada que inventaram na loja – disse Bryan.

– Bem, essa falta de cuidado vai lhes custar uma tarde de trabalho, vão ter que nos ajudar a organizar móveis antigos.

– Ah, mããeee! – resmungou Cindy. – Foi um acidente!

– Difícil – a mãe disse, brava. Ela então mudou o tom de voz, agora estava novamente intrigada. – A senhora também me entregou uma carta.

Bryan, Cindy e Dave entreolharam-se agitados. O fato de os gêmeos terem deixado as mercadorias na loja tinha seu lado bom e seu lado ruim. A mãe desviou o olhar das crianças e continuou:

– Eu ia abrir a carta, mas ela insistiu para que eu a entregasse aos dois – ela disse, observando os gêmeos e entregando a carta para Cindy. A mãe olhou para ela esperando que a filha a abrisse.

– É para nós, e não para você – disse Cindy.

– Bem, nesse caso vocês podem lê-la depois – respondeu a mãe, pegando a carta de volta. – Agora, vocês vão me ajudar com uma coisa.

– E o almoço? – perguntou Dave.

– Vocês vão fazer o almoço! – disse a mãe, triunfante.

Os gêmeos olharam um para o outro e resmungaram.

Naquela tarde, enquanto os gêmeos estavam trabalhando, Bryan teve a oportunidade de ir à biblioteca.

A biblioteca era escura e empoeirada. A única pessoa que estava lá era a bibliotecária, que estava dormindo na cadeira atrás do balcão na recepção. Bryan passou por ali em silêncio e foi para a seção de história local, que tinha poucos livros. Ele teve que limpar a poeira de alguns livros só para ler as lombadas. Encontrou o livro que tinha lido naquela manhã e também outro, mais volumoso, com o título *Nossa vila: história, lendas e folclore*. Bryan sentou-se à mesinha da seção de leitura da biblioteca e abriu o livro na página do sumário.

A formatação do título, estranha e rebuscada, mostrava que o livro era velho. Era mesmo, porque a data na parte inferior da página mostrava 1925. Ele encontrou a parte sobre lendas e virou as páginas até chegar ao capítulo. Folheou a seção, até chegar ao título: *O homem da carroça volta para os mortos*.

Bryan se arrepiou ao ler o título, compreendendo que aquela lenda não era falsa. Ele leu:

“Embora recente, essa lenda é possivelmente a mais popular de todas, e por isso é narrada nesta seção. A lenda conta que, quando uma pessoa morre nesta pequena vila, um parente dessa pessoa pode presenciar uma carroça fantasmagórica descendo a rua.”

– Então são os parentes que veem – murmurou Bryan. Ele continuou a ler:

“Se o parente relatar que viu o espectro, esse parente com certeza vai morrer. Algumas pessoas dizem que a origem dessa lenda surgiu quando um homem foi amaldiçoado por uma cigana e morreu ao cair da carroça, que passou por cima da cabeça dele. Outras pessoas afirmam que o espectro é uma criatura das trevas disfarçada. O que quer que essa aparição seja, uma coisa é certa: quem relatar o que viu será a próxima pessoa da família a morrer. O

corpo do homem da carroça, de acordo com a lenda, jaz no cemitério local, na quadra norte. Alguns dizem que o único jeito de acabar com a maldição do homem da carroça está no túmulo dele. Quem encontrar o túmulo estará a meio caminho de resolver o mistério. A primeira pessoa que relatou a assustadora imagem foi James Grey, em 1910, algumas semanas depois do acidente do homem da carroça. James, um contador jovem e saudável, morreu de uma doença desconhecida poucos dias depois de relatar o que tinha visto. Dias antes de morrer, ele ficou completamente louco. A única coisa inteligível que ele escreveu durante essa loucura foi algo que parecia um enigma. O enigma foi preservado pela esposa dele, Mary, e diz o seguinte:

Onde estou enterrado? Eu não estou lá.
Se você me desenterrar,
será que vai me encontrar?
Você pode me encontrar com uma pedra,
o caminho a coruja vai indicar.
Amaldiçoado e enterrado
onde eu não deveria estar.”

O enigma estava assinado por Samuel Kert, o homem da carroça.

Bryan esfregou os olhos. Com cuidado, ele copiou o enigma num pedaço de papel velho que estava sobre a mesa e voltou a se sentar, pensativo. Ele se levantou, colocou o livro na prateleira e olhou pela janela. Parecia escuro. Olhou no relógio: ainda eram quinze para as seis.

De repente, ele escutou uma trovoada e o céu se iluminou quando um imenso relâmpago o atravessou como uma cobra enorme. Ele piscou e se virou. Droga, teria que voltar para casa na chuva.

Bryan foi até a porta da biblioteca e saiu sob a chuva torrencial. Era quase impossível enxergar. Ele logo percebeu que estava perdido.

Ele chegou a um portão e decidiu entrar para ver se encontrava uma casa onde pudesse pedir informações. De repente, ele tropeçou numa pedra e caiu de cara na lama. Quando se levantou, ele viu uma pedra lisa e alta, com uma inscrição gravada. Aproximou-se e leu as palavras:

Em memória de Richard Groats

1908-1970

Ele partiu, mas não foi esquecido

Essa não! Ele entrou em um cemitério, e não na casa de alguém.

Olhou ao redor para encontrar o caminho por onde havia entrado, mas a chuva estava ainda mais forte e ele não enxergava direito nem um metro à frente.

Uma espessa névoa branca subia do chão e sombras surgiam da repentina escuridão, como enormes fantasmas.

Bryan caminhou na direção que ele acreditava ser a certa, tateando o caminho para não tropeçar em mais nenhuma lápide. Ainda assim, tropeçou mais duas vezes.

Por fim, chegou a um muro.

– Ótimo – ele começou a falar sozinho. – Agora vou encontrar o caminho para o portão.

Ele continuou ao longo do muro, seguindo para o oeste. De repente, escorregou e caiu na lama, revestindo suas roupas enlameadas com mais lama. Olhou para a lápide diante dele, que dizia:

Samuel Kert

Morreu na flor da idade

1870-1910

Bryan piscou. Na mesma hora, enfiou a mão no bolso e tirou o papel com o enigma. Ele mal conseguia ler o borrão que estava escrito, mas o nome de Samuel Kert ainda era legível. Ele não acreditou. A coincidência

era enorme, mas havia ali algo mais do que os olhos podiam ver. O garoto olhou ao redor em busca de alguma coisa para marcar o caminho. Olhou para baixo, pegou um pouco de lama e sujou a parede. Depois disso, ele se levantou e deu um passo adiante. O pé dele afundou direto no solo encharcado até o tornozelo. Ele olhou para baixo com medo, pois o ar se tornava abafado, e percebeu que seu pé estava afundado bem em frente à lápide. Isso só podia significar uma coisa. Com a respiração acelerada, ele se curvou e seu pé afundou mais na lama. Hesitante, ele colocou a mão no buraco e sentiu alguma coisa sólida e plana. Alguma coisa sólida e plana como madeira...

Com determinação, enfiou a mão no túmulo e procurou o corpo com as mãos. Não havia nada ali, nenhum corpo, nada. De repente, sua mão bateu em alguma coisa macia, parecida com plástico. Com crescente pavor, ele gradualmente retirou o que parecia ser uma boneca de cera. Ele a virou com as mãos. Ela era malfeita e tinha apenas alguns fios de cabelo preto presos na cabeça. Tinha um anel colado na frente e algumas gravuras pretas desbotadas nas costas. Embora estivesse chovendo, Bryan derretia de tanto suor. Não havia nenhum corpo naquilo que parecia ser um caixão e que estava enterrado a menos de um palmo de profundidade. Havia apenas uma boneca esquisita. Deveria ser magia negra. De repente, com um poderoso clarão, um raio atingiu a cabeça da boneca. O choque fez o garoto voar para trás e bater em uma lápide, ficando inconsciente. A boneca caiu de volta no buraco, que se encheu de lama segundos depois.

Bryan estava caído em cima da lápide, completamente desmaiado. Quando acordou, uma hora depois, o sol brilhava e não havia sinal de chuva ou de queda de raio em lugar nenhum. Ele olhou para suas roupas, que estavam completamente limpas e secas. O garoto se levantou e coçou a

cabeça. Então, ele abriu a mão, e alguns fios de cabelo preto caíram na terra seca e rachada do chão. Bryan ajoelhou-se e os apanhou, empolgado. Com cuidado, ele os colocou no papel onde estava escrito o enigma. A escrita estava completamente legível e sem borrões. Ele dobrou o papel, embrulhando os fios de cabelo na dobra.

O jovem colocou o papel no bolso e olhou para o túmulo de Samuel Kert, que estava completamente intacto, sem nenhum sinal de buracos ao redor ou nas proximidades. Ele deitou e bateu com força no chão, várias vezes. Não conseguiu ouvir um som oco. Num lampejo, como o raio que o havia atingido, Bryan examinou as três primeiras linhas do enigma:

Onde estou enterrado? Eu não estou lá.
Se você me desenterrar,
será que vai me encontrar?

É claro que Samuel Kert não estava enterrado em seu túmulo, ele tinha sido transferido. Onde estaria enterrado agora? O enigma mencionava uma coruja...

Bryan decidiu examinar o resto do enigma depois. Ele tinha que voltar para casa antes que as pessoas começassem a ficar preocupadas. A entrada para o cemitério estava bem visível agora, e ele seguiu para lá rapidamente. Enquanto caminhava para casa, Bryan estudava o enigma em sua cabeça.

Capítulo 6

Os gêmeos tiveram que trabalhar a tarde inteira, até que finalmente a mãe decidiu que o castigo tinha acabado. Ela entregou a carta para eles e saiu do quarto, sabendo que eles não a abririam enquanto ela estivesse lá.

Os gêmeos resolveram esperar Bryan voltar para abrirem a carta, pois de certa forma sabiam que ela teria algo a ver com o homem da carroça.

Às seis da tarde, Bryan finalmente chegou em casa, parecendo extremamente pensativo. Os gêmeos estavam no corredor com a carta, mas Bryan passou direto e subiu a escada para a pequena biblioteca sem reparar neles.

Intrigados, Cindy e Dave o seguiram e o encontraram vasculhando uma pilha de livros.

– Não vai falar com a gente? – perguntou Cindy.

Bryan olhou surpreso.

– Eu ia mesmo procurar vocês para me ajudarem a encontrar informações sobre um pomar – ele respondeu.

– Você passou direto por nós no corredor – disse Dave.

– Passei? – Bryan respondeu. – Ah, eu estava preocupado.

– Percebi – disse Dave. – Encontrou algo interessante?

– Sim, mas é uma longa história – Bryan comentou.

– Temos uma semana, então seria bom você começar agora – disse Dave, decidido.

Bryan começou a falar:

– Tudo começou quando...

Ele contou sobre a visita à biblioteca e o enigma que encontrou. Quando ele falou da violenta tempestade, Dave e Cindy ficaram confusos.

– Tempestade? – Dave perguntou, incrédulo.

– Sim, aconteceu por volta das cinco e meia.

– Não teve tempestade nenhuma, foi um dia ensolarado na vila inteira.

Dave saiu para buscar algumas coisas na mercearia às cinco e ficou lá até umas quinze para as seis – disse Cindy.

– Então, o que significa isso? – Bryan estranhou.

– Significa que você deve terminar a sua história para entendermos o que está acontecendo – emendou Cindy.

Bryan finalizou sua história enquanto Cindy e Dave o ouviam, atônitos. Quando ele acabou, Cindy disse:

– Talvez seja melhor lermos a carta, ela pode esclarecer o assunto.

– A carta! – Bryan exclamou. – Como fomos esquecer?

Dave pegou a carta no bolso de trás da calça. Rasgou o envelope e retirou um pedaço de papel dobrado. Abriu o papel e o colocou sobre a mesa, enquanto todos puxavam cadeiras para dar uma olhada naquilo. Dave leu em voz alta:

– Se quiserem saber mais a respeito dele, encontrem-me na loja amanhã, às nove da manhã. Lembrem-se do que eu disse: não mencionem para mais ninguém que o viram. Se fizerem isso, vocês vão morrer. De Beth Giby.

– É só isso? – perguntou Bryan.

– Sim – respondeu Dave.

– Bem, então já sei o que vamos fazer amanhã – disse Bryan. – Vamos nos encontrar com a senhora Beth.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Cindy.

– Nada, por enquanto – retrucou Bryan. – A menos que queiram decifrar o enigma.

– Então mostre-me esse pedaço de papel e vou ver o que posso fazer – disse Cindy.

Bryan entregou a ela o papel com o enigma. Cindy o leu várias vezes e disse:

– Está vendo essa referência à coruja?

– Sim – disse Bryan.

– Bem, acho que ela não deve ser uma coruja real, pode ser uma coruja de pedra.

– Acho que é algo assim – disse Bryan. – É! Deve ser isso! E o pedaço de pedra? Como vamos encontrá-lo com uma pedra?

– Não sei – disse Cindy.

– Encontrá-lo com uma pedra? – disse Dave. – Acho que significa encontrá-lo por meio de uma pedra, tipo “perto de”.

Bryan e Cindy olharam para ele.

– É claro! – disse Bryan por fim. – Dave tem razão.

Dave sorriu e olhou para o relógio.

– Bem, acho que é hora de jantar.

Bryan olhou para seu relógio.

– Sim, é melhor descermos. Estou faminto.

Depois do jantar, as crianças voltaram para a biblioteca, que tinha se tornado uma espécie de sala de reuniões. Eles ficaram lendo livros por muito tempo, e foram para a cama por volta das dez.

Capítulo 7

No dia seguinte, as crianças dormiram até as oito da manhã. Bryan acordou primeiro e olhou para o relógio. Levantou-se rapidamente, correu para o outro quarto e acordou os gêmeos. Os três desceram as escadas correndo e engoliram o café da manhã, então saíram correndo na direção da mercearia. Chegaram às nove e entraram. Beth, a dona da loja, estava sentada atrás do balcão lendo um jornal. Ela ergueu os olhos quando a sineta da loja fez “ting”.

– Olá! – ela sorriu.

As crianças a cumprimentaram e Cindy disse:

– Você queria nos ver...

– Sim, querida – retrucou Beth. – Eu queria contar uma coisa sobre o homem da carroça.

– Samuel Kert? – perguntou Bryan.

– Sim, esse é o nome dele, querido. E você, quem é?

– Sou o Bryan – ele respondeu.

– Bem, Bryan, esse era o nome dele. E ele morreu num terrível acidente. A cabeça dele foi esmagada pela roda da carroça.

– E ele não foi amaldiçoado por uma cigana? – perguntou Dave.

– Isso mesmo, querido. Dizem que ela amaldiçoou o corpo depois de enterrado. Dizem que ela trocou o corpo por um boneco de vodu. Ninguém teve coragem de ver se isso aconteceu ou não. Tudo o que as pessoas sabem é que não se pode falar sobre aquilo que se vê.

– O que mais você sabe? – perguntou Cindy.

– Também sei onde o velho Sam foi realmente enterrado.

– Como? – perguntou Bryan.

– Minha mãe viu quando o enterraram ao lado das pedras verticais, no Morro do Corvo.

– Morro do Corvo? Onde fica? – perguntou Dave.

– Logo na saída da vila, perto da fazenda abandonada – respondeu Beth.

– Sei onde fica. Vi quando chegamos à vila! – exclamou Bryan.

– As pedras estão atrás da fazenda. Os fazendeiros costumavam acreditar que elas davam sorte.

– Sorte? – perguntou Cindy.

– Sim, querida, sorte. Os fazendeiros achavam que as pedras ajudavam a produzir boas colheitas.

De repente, a sineta da loja tocou e um senhor idoso entrou. Ele olhou para as crianças e foi mancando para os fundos da loja. Parecia que ele estava resmungando e murmurando. O homem usava um casaco de lã sujo, uma calça marrom imunda e uma boina velha. Ele tinha um cachimbo curto e grosso pendendo no canto da boca e estava com a barba por fazer.

Ele pegou uma enorme faca de pão da prateleira nos fundos da loja e se virou. Voltou para a frente da loja, com firmeza, em direção às crianças. Ele chegou perto delas e virou de frente para o balcão.

– Um pouco de tabaco – ele grunhiu.

Beth ergueu uma sobrancelha, mas pegou um pacote de tabaco na prateleira atrás dela. Ela mexeu na caixa registradora e disse para o homem:

– Quatro e cinquenta, Bill.

Bill pagou enquanto murmurava:

– Ah, isso é um assalto. No meu tempo, não se pagava mais do que 60 centavos por um pedaço de tabaco.

– Não se esqueça que você também comprou uma faca, Bill – retrucou Beth, bem-humorada.

– E uma faca não custava quase nada.

– Se você diz... – Beth disse, cedendo.

– Não tenha pena de mim, mulher! – ele exclamou.

Então, ele olhou para as crianças, esbarrou nelas e saiu resmungando:

– E vocês, crianças, deveriam estar na escola! No meu tempo, apanhariam por cabular aula.

Bill desceu a rua. As crianças puderam ver que ele continuava falando sozinho.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Dave, incrédulo.

– Não se preocupe com ele, querido. Ele é sempre assim – respondeu Beth.

– Sempre? – questionou Bryan.

– É um idoso, querido, está ficando meio maluco.

– Meio? – Dave ironizou.

Bryan olhou para o relógio:

– Bem, é melhor voltarmos logo – ele disse. – A mãe e o pai provavelmente vão ficar bravos. Esquecemos completamente de dizer aonde íamos.

– Essa não! – gritou Cindy. – Temos que ir embora. Não quero passar mais um dia arrumando a casa.

– Queridos! – disse Beth. – Vou dar algumas barras de chocolate para vocês. Se eles perguntarem, digam que sentiram vontade de comer uma guloseima.

– Não! Não podemos aceitar – Bryan falou.

– Eu insisto, querido – Beth o interrompeu. – Recebam como um agradecimento por terem vindo falar comigo. Quase não tenho visitantes, e é sempre uma alegria falar com pessoas que têm tempo.

– Obrigada! – disse Cindy, agradecida. – De verdade.

– Obrigado! – Dave concordou. – É muito gentil da sua parte.

– Agora vamos, senão a mãe e o pai vão enlouquecer. Até mais, Beth.

Cindy riu e disse:

– Tchau, Beth. Voltaremos mais vezes. Obrigada.

– Tchau! – Dave e Bryan disseram juntos.

– Tchau! – disse Beth. – Foi bom conversar com vocês.

As crianças se apressaram e saíram correndo.

Enquanto eles corriam, Bryan perguntou a Cindy:

– O que achou tão engraçado?

– Quando você disse que a mãe e o pai iam enlouquecer, eu pensei: que nem o velho Bill.

Bryan e Dave acharam estranho, mas deram de ombros.

– Ligue para nós quando estiver no mesmo planeta que nós – disse Dave.

Cindy e Dave se entreolharam. Dave de repente apertou o passo quando Cindy foi para cima dele. Dave disparou na frente, seguido por Cindy, que estava logo atrás.

Bryan viu Cindy pegar Dave pelo braço. Ela o girou e bateu no outro braço dele em um só movimento.

– Ai! – Dave gritou. – Pare com isso! Eu só estava brincando!

– Peça desculpas – gritou Cindy.

– Não! Ai! Desculpe, desculpe, pare com isso!

Cindy voltou a acompanhar Bryan enquanto Dave esfregava os machucados. Bryan e Cindy voltaram a correr. Dave foi atrás deles gritando:

– Parem! Parem! Esperem por mim!

As crianças chegaram em casa às dez horas e atravessaram a porta da frente quando o pai descia a escada.

– Bom dia, crianças – ele cumprimentou. – Não sabia que estavam acordados. Querem uma xícara de chá?

– Por favor, pai... – disse Bryan.

Dave e Cindy concordaram com a cabeça.

Eles seguiram o pai até a cozinha enquanto ele colocava no fogo uma velha chaleira de ferro fundido e conversava.

Alguns minutos depois, o chá ficou pronto. Eles sentaram-se ao redor da velha mesa de madeira e tomaram o chá, agradecidos.

Todos pareciam distraídos e pensativos, curtindo o sol matinal que entrava pela janela.

A cozinha estava tranquila e não se ouvia nada além do canto dos pássaros.

De repente, o pai sorriu e disse:

– Foi engraçado, sabiam? Ontem à noite, a mãe de vocês me contou que viu alguma coisa estranha lá fora na noite em que chegamos. Ela disse que tinha visto uma carroça velha circulando na frente da casa. Eu disse que ela só podia estar vendo coisas.

Ele olhou para as crianças.

– O que há com vocês? Parece que viram um fantasma – ele brincou.

De repente, houve um forte barulho. As crianças e o pai foram para o corredor.

A mãe estava caída no chão, inconsciente, com uma bandeja e xícaras quebradas ao redor dela.

– Essa não! – as crianças cochicharam entre si.

O pai correu em direção à mãe e pediu para Bryan chamar uma ambulância. O filho pegou o telefone e discou o número do serviço de emergência.

Bryan informou a situação e o endereço à pessoa do outro lado da linha, enquanto Cindy chorava e Dave simplesmente estava sem ação, pálido.

– Leve a Cindy para a cozinha – Bryan ordenou a Dave.

Dave concordou e colocou o braço em volta do ombro da irmã.

– Ela vai ficar bem? – Dave perguntou, tremendo.

– Claro! – respondeu Bryan, esperançoso. – Ela deve ter batido a cabeça.

– Mas e quanto ao... – Dave começou a falar.

– Olhe, não fale sobre isso. Vá para a cozinha, agora! – Bryan gritou.

Dave concordou com a cabeça e foi para a cozinha, com a Cindy chorando em seu ombro.

Minutos depois, as crianças se amontoaram quando os paramédicos levaram a mãe para fora de casa em uma maca, com uma máscara de oxigênio na boca. O pai a acompanhou e subiu na ambulância. Ele chamou Bryan e lhe deu dinheiro e as chaves da casa. Pediu para o filho ficar de olho nos gêmeos e não deixar que eles pensassem no acidente.

As portas foram fechadas. A ambulância foi embora deixando para trás uma nuvem de poeira.

Bryan ficou parado observando a ambulância se afastar. Dave e Cindy ficaram ao lado dele, um de cada lado. Ele olhou para os irmãos e sorriu sem graça, depois voltou para dentro de casa seguido pelos gêmeos.

Os dois acompanharam Bryan até o quarto dele e se sentaram na cama vazia.

– A mãe vai morrer, não é? – disse Cindy, soluçando.

– Sim, não, não sei! – respondeu Bryan, totalmente confuso. – Não! – ele declarou com firmeza. – Nós vamos salvá-la.

– Como? – perguntou Dave, surpreso, com o ânimo ligeiramente recuperado.

Se Bryan acreditava que eles podiam salvá-la, talvez eles conseguissem.

– Vamos fazer o que tínhamos planejado: cavar e enterrar Samuel Kert e acabar com essa maldição antes que a mãe morra.

Cindy olhou para Bryan, incrédula, e suas lágrimas secaram.

– Será que vai dar certo? – ela perguntou. – Será que vai dar certo mesmo?

Bryan ficou em silêncio por um segundo, como se estivesse pensando em algo. Ele não tinha certeza de nada, estava apenas consolando os irmãos. Ele precisava parecer seguro de si mesmo. Então, ele disse:

– Sim, vai dar certo!

Capítulo 8

As crianças estavam procurando o equipamento necessário para escavar os restos mortais de Sam, quando o celular começou a tocar. Bryan atendeu.

– Alô? – ele disse.

– É você, Bryan? – foi a resposta. Era o pai.

– Pai! Como está a mãe? – perguntou Bryan, agitado. – Quando poderemos visitá-la?

– Talvez hoje à noite – respondeu o pai. – No momento, acham que ela está em coma, embora não entendam o porquê.

– Não foi porque ela caiu da escada? – Bryan perguntou, surpreso.

– Eu pensei que fosse, mas ela quase não tem ferimentos na cabeça. Ela bateu a cabeça quando caiu, mas o médico disse que, pelas marcas na cabeça, a queda não pode ter causado o coma.

– Eles acham que ela vai acordar? – perguntou Bryan, apreensivo.

– A situação não parece nada boa, filho... – disse o pai. – Sinto muito, mas o médico falou que a situação dela está piorando.

Bryan tentou conter as lágrimas quando perguntou:

– Então eu devo contar para os meninos?

– Sim, temos que ser honestos, não podemos dar falsas esperanças a eles.

– Tudo bem, pai. Vamos visitá-la à noite então – disse Bryan, soluçando. – Tchau.

– Tchau, filho – disse o pai. A linha ficou muda.

Bryan se virou exatamente na hora em que Dave e Cindy chegaram.

– Era o pai? – perguntou Dave.

– Era – respondeu Bryan, inexpressivo.

– E aí? Como está a mãe? – Cindy perguntou, esperançosa.

– Ela não está bem – Bryan lamentou. – Ela está em coma, está piorando.

– Essa não! – disse Dave, tentando segurar as lágrimas. – Temos que desenterrar Sam o mais rápido possível, antes que ela morra.

Cindy começou a chorar desesperadamente. Bryan, que já tinha se recuperado, abraçou a irmã.

– Ela não vai morrer, entendeu? Não importa o que o médico diga, ela vai viver!

Cindy enxugou as lágrimas e olhou surpresa para Bryan.

– Tem certeza? – ela perguntou. – Mesmo?

Bryan apenas concordou em silêncio.

– Afinal, vamos ou não? – perguntou Dave, quebrando o silêncio.

Bryan sacudiu a cabeça, tentando limpar a mente. Então, ele concordou.

– Vamos nessa! – ele disse simplesmente. – Vamos desenterrar um corpo.

Por fim, eles juntaram os equipamentos. Bryan verificou tudo:

– Só duas pás? Por que não três? – ele perguntou.

– Foi o que consegui encontrar – respondeu Dave.

– Tudo bem, então. O que mais nós temos? Mapa, corda, telefone... tudo.

– Ahn... nem tudo – disse a irmã.

Bryan e Dave olharam para ela.

– O que falta? – perguntou Bryan. – Já verifiquei tudo. Do que mais precisamos?

– De alguma coisa para carregar o Sam até o cemitério – respondeu Cindy.

Bryan ficou em silêncio por alguns segundos e disse:

– Muito bem, maninha.

Ele se aproximou e lhe deu um grande beijo na testa.

– *Mia sorella* é uma *ragazza* fantástica! – ele disse com sotaque italiano.

Cindy riu.

– Seu bobo! – ela disse, caindo na gargalhada.

De repente, eles se lembraram da situação e ficaram sérios.

– Vou ver se encontro um carrinho de mão no jardim – disse Bryan.

Cinco minutos depois, os gêmeos escutaram o barulho de um rangido, que ficava cada vez mais alto.

Lá estava Bryan, virando a esquina da casa, trazendo um carrinho de mão enferrujado, com um pneu quase murcho preso no eixo.

Os meninos amontoaram as pás, o mapa e a corda no carrinho, enquanto Cindy guardava o telefone no bolso. Por fim, o carrinho estava cheio.

Eles partiram em ritmo acelerado pela estrada que saía da vila. Viraram à direita e depois novamente à direita. Aos poucos, passavam por uma rua estreita e sinuosa, sempre no acostamento, pois às vezes aparecia algum carro.

As crianças viraram à esquerda e seguiram até a estrada que dava acesso à casa velha e abandonada de uma fazenda.

As molduras das janelas estavam vazias e não havia porta da frente. A maior parte do telhado havia desabado sobre um lado da casa, e a parte que não havia caído estava coberta de musgos e fungos.

As crianças tiveram que pular o portão do pátio, pois ele estava emperrado de tanta ferrugem. Eles tiveram que esvaziar o carrinho de mão e passar tudo para o outro lado, uma coisa por vez.

O antigo pátio da fazenda estava em ruínas e coberto de vegetação. Havia restos de arreios de cavalos amontoados num canto. O couro estava torcido e rachado, por causa da constante exposição ao sol, à chuva e à neve.

As crianças seguiram com pressa pelo pátio da fazenda e depois pelos fundos, que tinham grandes campos verdes.

Era impossível não ver as pedras, pois elas dominavam a paisagem. As crianças lentamente caminharam em direção às pedras antigas.

Eram quatro pedras, dispostas mais ou menos em um quadrado. Eles chegaram e se jogaram perto da pedra mais próxima, exaustos.

Depois de alguns minutos, Bryan se levantou, foi até o lugar onde tinha deixado o carrinho de mão e pegou uma pá. Caminhou ao redor das pedras examinando-as, enquanto ainda segurava a pá.

– Procurem uma coruja ou coisa parecida marcada numa pedra – ele disse aos irmãos.

Cindy e Dave começaram a examinar as pedras. Poucos minutos depois, Dave de repente berrou:

– Achei!

– Maravilha! – gritou Bryan, correndo até a pedra de Dave. – Onde?

– Bem ali, olhe – disse Dave, apontando para uma imagem malfeita de algo que parecia ser uma coruja.

– Vamos cavar! – Bryan gritou, animado.

– Espere – disse Cindy. – O enigma não dizia que a coruja indicava o caminho?

– Minha irmã é muito inteligente – disse Bryan, num tom de voz de tédio. – Só tenho a aprender com ela, um gênio.

– Tudo bem, não precisa zombar de mim só porque sou inteligente.

– E muito modesta. Impressionante! – continuou Bryan.

Cindy sorriu e depois disse num tom mais sério:

– A coruja está apontando para lá, em direção àquela pedra. O meu palpite é que existe outra coruja naquela pedra, apontando para cá.

– O cérebro dela vai superaquecer! Temos que salvá-la! – disse Bryan, rindo. – Nossa! Você está certa! Tem outra coruja apontando para cá.

– Bem, então vamos cavar – disse Dave.

Relutantes, os meninos cavaram o solo grosso cheio de barro enquanto Cindy os observava. Algum tempo depois, eles ouviram uma forte pancada. Os meninos se entreolharam e começaram a cavar com mais cuidado.

Uma das pás tinha batido em um objeto coberto com uma lona suja.

De repente, um vento forte veio do nada e houve o estrondo de uma trovoada. Uma chuva torrencial repentina caiu, encharcando completamente as crianças.

– Ah, não! – gritou Bryan. – De novo, não!

– De novo? – Dave gritou.

– Foi exatamente assim da última vez! – Bryan lembrou.

– Essa não! – gritou Cindy. – O que vamos fazer?

– Não podemos fazer nada! – respondeu Bryan.

– O que é aquilo? – Dave perguntou, apontando para a névoa.

Uma sombra se aproximava lentamente. Ela se transformou em um vulto e parecia estar lutando contra o vento. Cindy arquejou:

– É o Bill, da loja! – ela gritou.

– O que ele está fazendo aqui? – perguntou Bryan.

– Vamos descobrir em breve – respondeu Dave.

Quando Bill se aproximou, Bryan olhou para ele de perto pela primeira vez e ficou pensativo.

– Ele parece familiar – Bryan disse. – Já o vi antes.

– Agora que você falou, ele parece mesmo familiar – concordou Dave.

– O que acha, Cindy?

– Sim, ele parece familiar. Mas também estamos sozinhos aqui com ele – respondeu ela.

Bill alcançou as crianças e disse, ríspido:

– O que estão fazendo aqui?

– Ahn... Estamos perdidos... – balbuciou Dave.

– Desenterrando o velho Sam? – Bill perguntou. – Ele não está aí.

As crianças engasgaram.

– Como sabe a respeito de Sam? – perguntou Bryan. – E como sabe que ele não está aqui?

– Eu sei disso porque todos na vila sabem. E sei que ele não está aí embaixo porque ele está enterrado no cemitério.

– Quer dizer que... estamos fazendo papel de idiotas? – perguntou Bryan.

– Não, vocês estavam procurando a coisa errada, só isso.

– Como assim? – perguntou Bryan.

– Vocês deveriam ter procurado outra coisa... Aqui, você pode me emprestar uma pá?

Bill cavou em volta do objeto que os meninos estavam cavando, que era menor do que as crianças imaginavam. Bill se agachou, pegou o objeto e colocou-o no chão. Desembrulhou a lona, revelando uma caixa de madeira. Abriu a tampa e tentou ver o que havia ali dentro, enquanto as crianças

espiavam por cima do ombro dele. Era outro tipo de boneco de vodu, mas este tinha uma espécie de ossinho preso no peito.

– Mas a Beth disse que a mãe dela viu os ciganos enterrarem o Sam – disse Bryan, confuso.

– A mãe da Beth sempre exagerava – disse Bill. – Ela só viu alguma coisa sendo enterrada. Na época, as pessoas achavam que ela estava mentindo, então ninguém tentou descobrir o que estava enterrado no morro.

– A questão é: como podemos acabar com a maldição? – perguntou Bryan.

– Isso é fácil – respondeu Bill. – Leve o boneco para o cemitério e remova o osso. Em seguida, queime o boneco. Depois, você só precisa enterrar o osso ao lado da lápide de Sam.

– Só isso? – perguntou Dave.

– Acha pouco? Não vai ser fácil. Vocês estão agindo contra as forças das trevas, filho. Eles vão tentar impedi-los.

– Quem?

– Você verá – respondeu Bill, que entregou o boneco a Dave, virou-se e voltou para a névoa.

– Então, acho que é isso – disse Cindy. – Vamos fazer o que ele disse.

– Forças das trevas! – zombou Dave. – Só acredito vendo.

Quando Dave terminou de falar, um raio atingiu o chão ao lado dele. Em vez de desaparecer instantaneamente, o relâmpago permaneceu, estalando e soltando faíscas. Dave saiu do caminho, pois o relâmpago estalava em sua direção, queimando o solo úmido com torrentes de vapor. Ele olhou para o boneco em sua mão.

– Retiro o que eu disse – ele exclamou e jogou o boneco para Bryan, que o pegou em um ritmo lento, antes de acelerar para longe das pedras,

seguido pelo relâmpago.

Cindy e Dave observaram Bryan correr e desaparecer na névoa. Depois, ele voltou alguns metros e foi seguido de perto pelo raio.

Bryan jogou o boneco no carrinho de mão e saiu do caminho do raio enquanto o relâmpago estalava em direção ao carrinho e o atingia com um poderoso clarão.

As crianças se aproximaram do carrinho de mão e olharam os objetos que estavam lá dentro. O boneco intacto estava cercado por pedaços de corda carbonizada e uma coisa estranha, que as crianças acreditavam ser o que restou do frasco.

– O que acontece com essas forças das trevas que sempre parecem querer fritar as pessoas com relâmpagos e raios? – perguntou Bryan, irônico. – Por que elas não pensam em alguma coisa mais original e mais difícil de vencer do que um simples raio?

Cindy olhou para ele, incrédula. Ele tinha acabado de escapar de um ataque de milhões de volts de eletricidade e estava fazendo piadinhas. Ela balançou a cabeça.

Ambos perceberam a mudança na expressão de Dave.

– O que foi, Dave? – perguntou Bryan.

– Você não deseja nunca ter dito isso? – retrucou Dave.

– Não entendi – disse Bryan.

– Silêncio! Ouçam... Estão ouvindo isso?

– Ouvindo o q... – começou Bryan, quando de repente ouviu um ruído vindo das profundezas da terra. – Corram! – ele gritou.

Ele agarrou o boneco que estava no carrinho de mão e correu, e Cindy e Dave foram atrás dele, bem no momento em que a terra se abriu, ao redor das pedras. Uma explosão lançou terra para cima com um estrondo

ameaçador. Conforme as crianças corriam, mais terra era lançada, cobrindo suas costas de lama.

– Vamos! – gritou Bryan. – É a nossa única esperança! – ele continuou, enquanto os gêmeos se posicionavam ao lado dele.

Quando as crianças se separaram, a erupção continuou lançando pedaços de terra e lama. As explosões continuaram seguindo Bryan, que estava com o boneco.

Bryan correu para o pátio da fazenda e parou para respirar, apoiando-se na parede. Olhou para trás e viu as erupções chegando. Apavorado, ele continuou correndo pelo cimento. Chegou ao portão e começou a escalá-lo. Quando se sentou na cerca, ele olhou para trás. As explosões tinham parado. Cindy e Dave pararam no portão, atrás de Bryan.

– Não pare! – gritou Cindy.

– As explosões pararam – disse Bryan, pulando de volta no pátio da fazenda. – Essa “coisa” que está causando as erupções não consegue atravessar o cimento. Acho que, se tentarmos sair do pátio da fazenda, as erupções vão nos seguir.

Parecia que a “coisa” tinha ouvido as palavras de Bryan. O chão irrompeu no caminho de cascalho, bombardeando as crianças com pedras. A terra entrou em erupção numa espiral longa e contínua que subia cada vez mais alto, como um tornado. O tornado saiu do buraco e foi em direção à cerca, quebrando-a em pedaços com facilidade.

– Ou talvez eu esteja errado... Talvez as erupções se transformem em um redemoinho gigante e nos detone em 1 milhão de pedacinhos – disse Bryan, ainda com humor na voz.

Cindy achou incrível como Bryan conseguia manter o bom humor, mesmo sob circunstâncias que ameaçavam sua vida.

As crianças resolveram se separar de novo. O tornado seguiu Bryan pelo pátio até que o garoto ficou encurralado num canto.

“Para onde vou?” – pensou Bryan freneticamente. “Para cima? Para baixo? Não!”

De repente, Dave correu em direção a Bryan, antes que o tornado o sugasse.

– Jogue o boneco para mim! – gritou Dave.

Bryan atirou o boneco de qualquer jeito para Dave. O tornado imediatamente mudou de direção, Dave correu pelo pátio da fazenda e pulou os restos do portão destruído. O tornado o perseguiu, com Bryan e Cindy logo atrás. Dave correu para a estrada, e o tornado quase o sugou. Ele arremessou o boneco no ar, na vã esperança de que Bryan ou Cindy o pegassem. Bryan deu um mergulho e o agarrou. Antes de cair, ele lançou o boneco para Cindy, que o pegou enquanto corria a toda velocidade.

Aquele “jogo de rúgbi mortal” continuou estrada abaixo: de um lado, as crianças, e do outro, o tornado, que tentava atacá-las a qualquer custo para capturar a bola.

Apavorada e com a adrenalina à flor da pele, Cindy não parava de correr. Ela sabia que não conseguiria manter o ritmo por muito tempo e que estava ficando para trás.

Ela começou a tropeçar, exausta. Com cuidado, ela virou para a esquerda até que de repente caiu no fosso à beira da estrada.

Ela estava segurando o boneco na hora, mas conseguiu jogá-lo a tempo para Dave, que também estava ficando cansado.

Ele aumentou o ritmo um pouco, mas ainda conseguiu olhar para Cindy. Se ele pudesse apenas...

– Esqueça! – gritou Bryan, interrompendo os pensamentos de Dave, como se pudesse lê-los. – Isso é mais importante!

– Mais importante do que a Cindy? – Dave retrucou.

– Ela está bem! – respondeu Bryan. – Ela vai nos alcançar.

E assim os meninos continuaram pela estrada de terra. Quando eles chegaram a uma encruzilhada deserta, o tornado parou de repente. Os garotos derraparam e pararam para recuperar o fôlego. Bryan falou primeiro.

– Vamos nessa! – disse, ofegante.

– Não... Não devemos esperar a Cindy? – Dave perguntou, arfando.

– Ela vai conseguir – respondeu Bryan. – Temos que continuar. Pela mãe, lembra?

Dave baixou os olhos, depois olhou para cima, determinado:

– Você está certo, não podemos desapontar a mãe. Vamos!

Os meninos corriam cambaleando pelas tortuosas pistas da estrada.

Tinham deixado para trás a monstruosa tempestade quando fugiram da fazenda minutos antes, minutos que pareceram horas.

Embora fosse um pouco depois do meio-dia, o céu estava muito escuro, e as sombrias cercas vivas pareciam encurralar os dois garotos cansados.

Bryan sacudiu a cabeça e piscou. Estava tão cansado que pensou ter visto uma raiz grossa se mexendo na estrada à frente deles.

Quando reabriu os olhos, a raiz continuava lá, mexendo-se como uma cobra em direção a eles.

Dave também tinha visto a raiz e parou. Ouviu um ruído e olhou para trás. Parou, como se estivesse plantado naquele ponto.

Atrás deles, toda a estrada estava coberta de vegetação e bloqueada por um paredão de galhos e raízes torcidos e retorcidos, que desciam da copa

das árvores até o asfalto.

Os meninos se entreolharam e viraram lentamente em perfeita sincronia.

A estrada à frente deles também estava quase toda coberta de vegetação.

– Rápido! Passe pela fenda! – gritou Bryan, passando por uma fenda que estava a um metro do chão, antes que ela se fechasse por completo.

Então, ele se virou para ver se Dave tinha conseguido. Bryan não viu sinal do irmão, mas o boneco estava no chão. Ele o pegou e colocou-o no bolso.

– Droga! – Bryan praguejou em voz baixa.

Dave estava preso na armadilha de galhos e raízes. Bryan estava completamente sozinho.

Sabia que a responsabilidade agora era toda dele. Tinha que usar toda sua inteligência se quisesse resolver aquilo e rever o irmão, a irmã e a mãe.

Ele tinha que acabar com a maldição para salvar a mãe, Cindy, Dave, Bill, Beth e toda a vila.

As pernas de Bryan estavam doendo muito. Ele precisava descansar.

Ao lado da estrada, havia uma cama de musgo, macia e seca. Parecia muito convidativa. Tudo o que ele precisava fazer era se deitar e adormecer.

Não! Era isso o que eles queriam: que ele adormecesse e imaginasse que tudo não passava de um sonho.

Ele tinha que ficar acordado. Precisava manter a mente ocupada.

Agora, por que Bryan se referiu a “eles” quando pensou na “coisa” que estava perseguindo as crianças?

Quem seriam “eles”? Talvez fosse “ele”, como um espírito do mal. Ou uma criatura das trevas, ou talvez fosse uma força e não um ser, uma composição maligna, uma força de pura maldade, perturbando a humanidade...

Não. Bryan sabia que estava pensando nisso à toa, então resolveu pensar em outra coisa.

O velho Bill. Como ele sabia tanta coisa? Como sabia o que as crianças estavam fazendo?

Bryan olhou para cima e viu uma placa indicando que a vila ficava a meio quilômetro de distância. Com uma súbita energia, ele apertou o passo. Ele calculou que chegaria à vila em cerca de dez minutos.

O caminho ficou mais fácil nesse meio quilômetro. Bryan se permitiu relaxar pela primeira vez desde o momento em que havia encontrado o boneco. Ele só não aproveitou a corrida por causa da carga de responsabilidade que pesava sobre seus ombros.

Agora a estrada estava mais larga do que antes e tinha uma nova camada de asfalto.

O percurso também estava mais fácil, e as pernas de Bryan doíam menos, agora que ele estava com os pés apoiados numa superfície plana, finalmente.

De repente, ele diminuiu o ritmo. Sentiu que estava andando sobre alguma coisa melada.

Ele olhou para os pés e viu o porquê: o asfalto estava derretendo e se tornando pegajoso. Um vapor subiu do chão, e o asfalto começou a borbulhar.

– E agora, o que será isso? – Bryan se perguntou, ofegante.

Bryan percebeu o que estava acontecendo. A estrada estava esquentando cada vez mais. A sola dos tênis já estava começando a queimar, e seus pés estavam se tornando insuportavelmente quentes.

Bryan olhou ao redor, em busca de um lugar onde ele pudesse pisar. Viu uma longa fila de pedras brancas alinhadas no canto da estrada, à esquerda

dele. As pedras tinham meio metro de distância umas das outras.

Bryan saltou para a pedra mais próxima e se equilibrou.

Com cuidado, ele pulou para a pedra seguinte e, depois, para a outra, enquanto o chão ao redor começava a cozinhar e a borbulhar. Em cinco minutos, o asfalto tinha ficado líquido como água. Bryan continuou avançando lentamente pela estrada, até que não havia mais pedras.

Ele olhou ao redor em busca de outro lugar onde pudesse pisar, para seguir pela estrada em ebulição. Ele percebeu que havia um muro de aproximadamente 2 metros de altura ao lado da estrada. Bryan saltou da pedra onde estava e agarrou-se ao muro de pedra, antes de escalá-lo freneticamente até o topo e subir nele.

Bryan correu ao longo do muro pelo resto do caminho. À medida que ele se aproximava da vila, o solo esfriava. Pelo menos o suficiente para que ele, mais uma vez, conseguisse andar com os pés no chão.

Capítulo 9

O percurso ficou mais fácil, agora que Bryan estava na vila. Mas ele já estava esgotado da longa corrida que havia feito desde a fazenda abandonada e teve que caminhar, cedendo aos seus músculos doloridos.

Ao redor de Bryan, a vila estava escura. Ele caminhava arrepiado pelas ruas e avenidas na direção do cemitério. As janelas das casas pareciam ficar mais escuras quando ele passava. Também não parecia haver ninguém por lá, o que era estranho, pois, embora a vila fosse tranquila, sempre havia pelo menos uma pessoa fazendo alguma coisa na rua, fosse limpando a calha ou levando o cachorro para passear. Mas, desta vez, não havia ninguém.

Bryan virou a esquina e relaxou um pouco ao ver uma mulher com um carrinho de bebê na rua. Mas havia algo estranho com a mulher, algo que ele não conseguia entender. Ele logo percebeu o que era quando se aproximou.

A mulher não se mexia. Ela não estava simplesmente parada, ela parecia estar congelada no local.

Ao se aproximar da mulher, Bryan viu que ela havia sido congelada quando estava caminhando. Ele olhou para o carrinho e viu um bebê de menos de 1 ano de idade. O bebê estava tão rígido quanto a mãe.

O garoto ficou arrepiado e andou em volta da mulher e do bebê. Ele continuou andando e viu outras pessoas congeladas. E isso não aconteceu só com as pessoas, aconteceu com cães, gatos, esquilos e até com insetos.

Bryan estava a apenas cinco minutos do cemitério, mas estava apreensivo, pois sabia que encontraria pelo menos mais um obstáculo antes

de chegar lá.

Esse obstáculo logo apareceu.

Bryan estava virando a última esquina antes do cemitério quando viu alguma coisa se mexer rápido. Ele nem teria percebido se tudo não estivesse tão parado. O movimento tinha vindo de uma cerca do outro lado da rua. Quando Bryan se aproximou da cerca, ele ouviu um choro e, ao passar para o outro lado, ele viu um menininho, de uns 4 anos de idade, chorando. O garoto olhou para Bryan.

– Cadê a minha mãe? – ele perguntou, baixinho.

Bryan parou, surpreso. Ele não imaginava que o obstáculo seria uma criança.

– E-eu não sei – ele respondeu, gaguejando.

– Quero a minha mãe agora! – exigiu a criança, brava.

– Qual é o seu nome? – perguntou Bryan, ignorando o pedido da criança.

– George – respondeu o menino, emburrado. – Você vai me levar para a minha mãe?

– Não posso – respondeu Bryan, da forma mais gentil possível. – Mas se esperar aqui, voltarei para buscar você.

– Quero ver a minha mãe agora! AGORA!

Houve um som de roupas rasgando, e o menino começou a crescer enquanto seus traços se tornavam distorcidos e sua pele ficava com um tom forte de vermelho. A cabeça do menino se partiu ao meio, revelando um rosto retorcido que vociferava, com olhos amarelos e dentes longos e pontudos da cor do carvão. Em cinco segundos, aquela criancinha meiga tinha se transformado em uma criatura horrenda com imensos chifres

curvados que saíam de suas têmporas. A voz tinha mudado de um suave balbuciar infantil para uma voz profunda e pavorosa cheia de desdém.

– Prepare-se para morrer! – gritou a criatura para Bryan.

Bryan saiu do caminho quando a criatura apontou o dedo para ele, soltando uma chama brilhante e alaranjada. A chama atingiu a cerca, que explodiu em chamas.

– Fique parado e prepare-se para sentir a minha ira!

Ela disparou outra bola de fogo alaranjada em direção a Bryan, que desviou da chama mergulhando atrás de um muro.

Bryan olhou por cima do muro e se abaixou novamente quando a poderosa criatura apontou para o muro, rindo com escárnio.

– Muahahaha! Seu verme desprezível, você acha que pode escapar do mais profundo abismo do submundo? Você está errado!

O dedo acendeu e a criatura lançou mais uma bola de fogo. O muro derreteu no mesmo instante, deixando Bryan exposto.

– Seu mortal tolo, você jamais escapará de mim – a criatura zombou, triunfante. – Você mal reagiu. Eu esperava bem mais que isso do grande Bryan!

– Grande Bryan? Não sou grande, sou um cara normal.

– Normal? Acha que eu vou acreditar nisso? Vindo de você, o grande inimigo do senhor do submundo? Impossível!

– Grande inimigo? Acho que você me confundiu com outra pessoa.

– Eu nunca me engano! Posso ver o futuro! Você é inimigo de todo o submundo! Agora, prepare-se para morrer!

Mais faíscas saíram da ponta dos dedos daquela criatura medonha, deixando uma trilha flamejante na grama. Porém, Bryan não estava no lugar

atingido pelas faíscas. Muito ágil, ele saltou para um pilar de ferro que parecia seguro.

– O metal não pode me conter! Você já era! – gritou a criatura, com a insanidade brilhando nos olhos.

Bryan olhou ao redor em busca de algo que o salvasse, mas infelizmente ele estava sem opções. A menos que...

O garoto pensou e calculou que a igreja estava a apenas 50 metros dali, talvez ele conseguisse chegar lá. Na mesma hora, um plano se formou em sua mente.

Sem qualquer aviso, Bryan saiu de trás do pilar de ferro e disparou em direção à igreja. Ao redor dele, chamas e raios crepitavam e estalavam.

Assim que Bryan chegou à porta aberta da igreja, a criatura mirou uma bola de fogo bem nas costas do menino.

Quando a bola de fogo se aproximou de Bryan, ele tinha acabado de passar pela entrada. Ele se virou, bem a tempo de ver a bola de fogo de repente ficar achatada, como se tivesse batido em um vidro, e sumir.

– Não! – bradou a criatura.

Bryan soltou um suspiro de alívio. O plano tinha dado certo: aquela criatura das trevas não tinha nenhum poder na igreja.

– Vou ficar esperando – rugiu a criatura. – Você não vai ficar aí para sempre. Não adianta procurar um caminho de volta, vou pegá-lo onde você estiver.

– É aí que você se engana – retrucou Bryan.

– Engano? – riu a criatura. – Engano? Veremos!

Bryan deu de ombros e foi rapidamente para o altar. Olhou ao redor em busca de algum tipo de recipiente, caneca, copo, qualquer coisa.

Encontrou a taça de metal usada nas missas para servir o vinho. Então, foi até a fonte, encheu a taça com água benta e aproveitou para jogar um pouco de água benta no corpo.

Bryan sorriu. Isso ia dar um susto naquela criatura.

Ele seguiu para a porta de novo e olhou para fora. A criatura estava sentada num muro, olhando atentamente para a igreja. Ela se levantou e disse:

– Está se divertindo? Vou esperar, você sabe.

– Eu sei que vai – Bryan respondeu. – Mas estou entediado. Vou sair.

Bryan andou calmamente na direção da criatura, que estava parada, sem saber o que fazer. Ela percebeu o que Bryan estava fazendo, mas era tarde demais. Ela ergueu os braços e gritou, apavorada, mas não conseguiu fazer nada para impedir que o menino derramasse a taça cheia de água benta em cima dela.

Torrentes de vapor emanaram da criatura, e a pele começou a formar bolhas e descamar. Chamas irromperam por todo o corpo daquele ser, que gritava suas últimas palavras:

– Vingança! Matem Bryan, o inimigo do submundo!

Ela desapareceu em uma nuvem de fumaça com um zunido breve e estridente, parecido com fogos de artifício.

Daquela horrível criatura, sobraram apenas restos de fuligem e duas pegadas incandescentes no caminho de pedra, fundidas no local onde ela tinha perecido. Em uma das pegadas com garras, ainda havia uma unha carbonizada.

– Eu sou o grande Bryan, cara! – disse Bryan, sarcástico.

Bryan saracoteou pelo caminho, deixando para trás a fuligem e as pegadas. Ele pensou no que havia acontecido e decidiu voltar à igreja para

encher a taça de novo. Saiu do terreno da igreja, virou à direita e entrou no cemitério um minuto depois. Rapidamente, ele se dirigiu ao túmulo certo e colocou a taça na pedra. Então, tirou o boneco do bolso. O boneco parecia ter um brilho interno, como se possuísse uma vasta riqueza de poder. Bryan inclinou a cabeça para o lado e, com cuidado, tirou o osso do centro do boneco e o colocou perto da água. Em seguida, pôs a mão no bolso e pegou um isqueiro. Depois de tentar acender o isqueiro algumas vezes, ele conseguiu produzir uma chama. Colocou o isqueiro embaixo do boneco e o viu derreter e pingar. O som de um grito distante pareceu sair da boca do boneco, que ficou distorcido e irreconhecível.

Lentamente, uma poça se formou no chão em frente a Bryan. Fios de cabelo e galhos flutuavam na poça. À medida que a massa de cera na mão dele diminuía, o grito se tornava mais alto, até ficar quase insuportável. Quando o último pedaço do boneco derreteu, houve um clarão, e três figuras apareceram diante dele.

Elas se pareciam com a terrível criatura que ele havia enfrentado na igreja, exceto a do centro, que era mais alta e parecia mais feroz.

A criatura do meio olhou para Bryan, como se enxergasse a alma do menino, que olhou de volta com ar de coragem. Ele tinha certeza que estava olhando para o senhor do submundo.

– Você destruiu o meu amigo! Ele será vingado! – disse aquele ser malvado, com ferocidade.

Bryan não respondeu, apenas pulou para a lápide e pegou a taça de água benta. As criaturas menores recuaram com medo, mas o senhor do submundo se manteve firme e olhou para Bryan com desprezo.

– Você não pode me destruir com isso – ele zombou. – Minha essência continuará e eu voltarei.

– Você está certo, mas posso atrasá-lo, destruindo o seu corpo atual – retrucou Bryan, espirrando água benta nas três criaturas com a maior naturalidade. Bryan notou, alegre, que pequenas explosões de vapor saíam da pele delas quando a água benta espirrava nelas.

– Acho que ainda estou em desvantagem – disse Bryan, jogando água benta em uma das criaturas menores, que começou a soltar fumaça e chamas, até finalmente desaparecer em uma nuvem de fumaça. Só restaram as pegadas incandescentes e o montinho de fuligem.

– Sua vez! – falou Bryan, provocando a outra criatura.

– Vá embora – o senhor do submundo disse para a outra criatura, que desapareceu com um clarão.

– Você tornou o meu trabalho muito mais fácil – disse o garoto para o malvado.

– Você já era! – gritou a criatura.

– Engraçado! O seu amigo disse a mesma coisa lá na igreja, e veja só o fim que ele levou... – respondeu Bryan.

O vilão ergueu uma sobrancelha, e um raio foi disparado de seu olho, atingindo a taça de água benta. A taça explodiu, regando Bryan e o senhor do submundo com água benta. A pele da criatura empolou e derreteu quando a água benta tocou nele, mas ele se chacoalhou e sobreviveu ao ataque.

– Você não tem para onde ir, não tem mais chance, você já era! – rugiu o senhor do submundo, alegre. – Você não foi bem-sucedido, só quebrou metade da maldição. Agora, ela será instável e imprevisível. E a culpa é toda sua!

– E os meus irmãos? – perguntou Bryan. – E a minha mãe?

– Sua mãe? Não sei. Seus irmãos devem estar voltando para a vila – a criatura maligna pôs a cabeça de lado, parecia que estava se concentrando em outra coisa. – Sim, parece que eles estão salvos. Por enquanto. Eles estão vindo pela estrada de terra, que gracinha! Pena que não chegarão a tempo de salvar você.

Bryan olhou para o senhor do submundo e disse:

– Você não pode me matar.

O malvado olhou surpreso para Bryan e ergueu uma sobrancelha:

– Posso sim.

Ele apontou um dedo para Bryan e disparou uma chama vermelha, que atingiu Bryan no peito e o fez voar e bater no tronco de uma árvore. Ele deslizou pelo tronco e caiu em cima do braço com um estalo forte. O braço quebrou, fora isso, Bryan estava bem. A água benta deve tê-lo protegido.

Bryan levantou-se cambaleando e olhou para a criatura do mal com ar desafiador.

– Você não pode me matar – repetiu Bryan.

– Posso esmagá-lo até você virar picadinho. E é o que vou fazer: picadinho de você – disse o malvado, lançando chamas de fogo na direção do menino.

Bryan desviou meio desajeitado, evitando por pouco o fogo que incinerou uma árvore perto dele. Infelizmente, o garoto tropeçou numa lápide e se estatelou no chão. O senhor do submundo derreteu a lápide e parou diante dele.

– Prepare-se para ser esmagado até a morte!

O dedo da criatura lançou um forte feixe de fogo, que imobilizou Bryan. A chama não o feria, mas a pressão sobre ele era forte demais. Ele ouviu o

ruído de uma costela quebrando e começou a se sentir tonto. A pressão da chama continuou, e ele quase desmaiou.

De repente, a pressão diminuiu. Bryan olhou perplexo e ouviu a voz de Dave.

– Tome isso! – gritou Dave, acertando as costas do senhor do submundo com uma barra de metal.

Isso só serviu para irritar mais a criatura feroz, mas foi o suficiente para Bryan se levantar e gritar:

– Rápido! Para a igreja!

Bryan passou correndo pelo senhor do submundo e agarrou o irmão pelo ombro. Ele viu Cindy se aproximar do portão e gritou:

– Para a igreja!

O malvado a princípio estava espantado demais para esboçar qualquer reação. Mas ele logo se recuperou, disparando um raio contra as crianças, que já estavam saindo do cemitério. O raio atingiu o poste do portão com uma forte explosão.

Bryan parou, após virar a esquina do cemitério, e disse para os gêmeos:

– Eu vou ficar bem. Vocês dois, vão para a igreja e ficarão a salvo. Peguem o máximo de água benta possível para jogar nesse ser, e joguem no corpo de vocês também.

Dave ia dizer algo, mas Bryan o empurrou. O senhor do submundo virou a esquina e sorriu para Bryan.

– Seus irmãos abandonaram você? – ele perguntou, triunfante.

– Sim – Bryan mentiu.

– Eles também vão morrer.

De repente, Bryan teve uma ideia.

– Não me mate! – ele disse.

– Por que não? – perguntou o malvado, dissimulado.

– Porque posso ajudá-lo – respondeu Bryan.

– Pode me ajudar? – ele questionou, com desprezo.

Cindy e Dave viraram a esquina, trazendo taças com água benta nas mãos.

– Isso! Posso ajudá-lo a morrer! – respondeu Bryan, saindo da frente do senhor do submundo.

Os gêmeos jogaram toda a água benta em cima dele, que sucumbiu num monte de fumaça e chamas. Ele praguejava e agarrava as queimaduras que corroíam sua carne. De repente, ele foi engolido por uma chama vermelha brilhante. Uma imagem semitransparente do senhor do submundo se levantou do monte e olhou com raiva para as crianças.

– Vocês venceram. Com certeza, vão quebrar a maldição e salvar o dia – a imagem dele sacudiu a cabeça. – Vocês foram os primeiros a me derrotar. Nunca mais me verão.

Com uma explosão, a imagem desapareceu, abandonando a carcaça enrugada do corpo da criatura.

As crianças ficaram quietas por alguns minutos, até que Bryan disse:

– Vamos quebrar a maldição!

As crianças entraram em silêncio no cemitério e ficaram ao redor do túmulo de Samuel Kert.

Dave se ajoelhou e cavou um pequeno buraco com os dedos. Bryan colocou o osso no buraco e Cindy o fechou. Os três ficaram curvados em volta do buraco por alguns minutos, depois caminharam para o portão e saíram do cemitério.

De repente, com um ímpeto, a vila inteira voltou à vida. As pessoas continuaram a andar, como se nada tivesse acontecido. Os pássaros

cantavam e as crianças brincavam.

Bryan percebeu que ninguém tinha reparado no corpo da criatura. Ele olhou na direção do corpo, que já não estava mais lá. Ele correu para a igreja e olhou espantado para a rua, que estava perfeitamente normal.

Exceto que...

As pegadas ainda estavam lá. Bryan parou em cima delas e olhou para baixo. Lentamente as pegadas sumiram, e a superfície áspera do caminho voltou. Só a garra permaneceu, encravada como uma pedra na calçada.

Ele sacudiu a cabeça e voltou para casa, acompanhado por Cindy e Dave.

Cada um deles sabia que tinham acabado com a maldição da vila e que tudo estava bem.

Capítulo 10

Bryan acordou logo depois das oito. Fez uma careta ao mexer o braço e se lembrou do dia anterior. Que dia!

As três crianças chegaram exaustas em casa. Os gêmeos desabaram na cama extra do quarto de Bryan, que se deitou em sua própria cama. Os três conversaram calmos por alguns minutos quando, de repente, o telefone tocou. Com um susto, Cindy atendeu o telefone.

– Alô? – um olhar de alegria surgiu em seu rosto. – Pai! Ela está bem? Que ótimo!

Os meninos se agruparam ao redor dela, tentando escutar a voz fraca do outro lado da linha. Depois de alguns minutos de conversa, Cindy desligou o telefone e disse para os irmãos:

– A mãe está melhor e o pai está vindo nos pegar agora.

– Fantástico! – gritaram os irmãos com alegria.

– E você pode pedir para examinarem seu braço e suas costelas – continuou Cindy. – Deveríamos ter ido direto ao médico.

– Eu sei – retrucou Bryan. – Mas eu queria ter notícias do pai primeiro, para saber se a mãe estava bem.

– Ela está. Então, agora você pode se cuidar. Ouviu o que eu disse para o pai, não é?

– Sim, que eu caí de uma árvore – respondeu Bryan, com um sorriso no rosto. – Quanto tempo ele vai demorar para chegar?

– Uns dez minutos. O hospital não fica longe – respondeu Cindy.

– Ótimo. Mal posso esperar para ver a mãe. Ah! E para consertar os meus ossos também – Bryan emendou.

– Seu mentiroso... A dor deve estar insuportável – disse Cindy, dando um tapa de brincadeira em Bryan.

– Aaaaaiiii! – gritou Bryan. – Minhas costelas!

Cindy mostrou um ar de preocupação.

– Desculpe! – ela disse. – Eu não queria acertar aí.

– Tudo bem – disse Bryan, com o suor pingando da testa e o coração batendo umas mil vezes por segundo. – Ne-nem doeu.

– Você me surpreende, Bryan, de verdade! – disse Cindy.

– Ele só é estranho – disse Dave. – E um doido varrido!

As crianças continuavam rindo quando o pai parou o carro na calçada alguns minutos depois. Os irmãos estavam na porta antes mesmo de o pai sair do carro. Dave viu Bryan ir mancando até a calçada, apoiado em Cindy.

Quando todos estavam no carro, o pai perguntou o que tinham feito e como Bryan tinha caído de uma árvore. As crianças inventaram a história no caminho, e o pai acreditou em tudo.

No hospital, Bryan foi levado para a enfermaria, para examinarem o braço e as costelas dele. Ele reclamou um pouco, pois queria ver a mãe primeiro, mas a enfermeira se recusou a ouvir qualquer argumento. Ela o repreendeu por causa dos ferimentos, mas ela era tão simpática que Bryan não conseguia ficar bravo com ela.

Depois de uma hora colocando bandagens e gesso, a enfermeira autorizou Bryan a ir até o quarto da mãe. A moça o advertiu quando ele foi embora e recomendou que ele não fizesse muito esforço e descansasse até que as bandagens e o gesso fossem removidos.

Bryan entrou no quarto da mãe e foi direto para a cama dela. Havia tubos ligados em várias partes do corpo dela, e ela estava um pouco estranha sem maquiagem. Cindy, Dave e o pai estavam sentados perto da cama. Eles ficaram quietos e deixaram a mãe falar. Ela disse:

– Então, nós dois fomos para a guerra, não é mesmo?

Bryan sorriu e respondeu:

– Acho que a pior parte sobrou para você, mãe.

– Não, claro que não, eu só sofri uns arranhões. Vou ficar boa num instante.

– Esse instante vai demorar uns cinco dias, mãe.

– Vou sair em dois dias, querido. Vou criar a maior confusão, e eles vão ter que me botar para fora daqui.

Todos começaram a rir e logo estavam contando piadas. Bryan precisou sair do quarto, porque as costelas quebradas doíam muito quando ele ria. Ele voltou depois de um ou dois minutos, assim que parou de rir, mas logo tudo recomeçou e ele teve que suportar o sofrimento.

O pai e as crianças foram embora duas horas depois. Quando chegaram em casa, foram direto para a cama, para descansar daquele dia longo e cansativo.

Bryan se levantou, foi ao banheiro e olhou para si mesmo no espelho. A aparência dele estava simplesmente horrível, com as bandagens enroladas ao redor do peito e o braço na tipoia.

Ele foi para o quarto ao lado e acordou Cindy e Dave.

– O que você está fazendo? Ainda é cedo – Dave resmungou.

– Não é cedo – provocou Bryan, olhando o relógio. – Veja: oito e dez!

– Por que você nos acordou tão cedo, Bryan? – bocejou Cindy.

– Sei lá – respondeu Bryan, sério de repente. – Acho que não estou cansado.

– Que bom para você, mas nós ainda estamos cansados – resmungou Dave, mal-humorado.

– Em breve você estará bem acordado – retrucou Bryan. – E poderá preparar o café da manhã para o seu irmão inválido.

– Ah! Então é isso o que você quer – sorriu Cindy, de repente. – Acho que podemos fazer isso pelo Grande Bryan, destruidor das criaturas das trevas!

Bryan sorriu e seguiu Cindy até o andar de baixo. Dave resmungou e seguiu os dois.

Em pouco tempo, Cindy já estava fritando bacon, ovos e linguiça, e Dave atendia aos intermináveis pedidos do irmão mais velho. Ele havia voltado ao normal e ria feliz com Bryan e Cindy. O pai desceu, e todos se deliciaram com a magnífica fritada.

Depois de arrumar a cozinha, Cindy sugeriu que eles fossem à mercearia contar as boas- -novas para Beth. O pai voltou para o andar de cima para se arrumar. As crianças rapidamente trocaram de roupa e gritaram para o pai que estavam de saída. Não sabiam se ele tinha respondido, porque bateram a porta da frente imediatamente depois de gritarem a mensagem.

Os gêmeos tiveram que andar devagar para que Bryan os acompanhasse. Quando andava muito rápido, ele sentia uma dor insuportável nas costelas.

As crianças chegaram à loja e ficaram surpresas, porque o lugar parecia completamente diferente. Elas entraram e ficaram chocadas ao perceberem que a loja estava irreconhecível. Aquela loja que antes era esquisita e fora

de moda agora era moderna e bem iluminada com luz fluorescente. No caixa, havia um homem de meia-idade, sentado numa cadeira e lendo jornal. Ele olhou para as crianças por cima do jornal e estranhou as expressões chocadas.

– O que aconteceu com vocês? Parece que viram um fantasma – disse o homem.

– Onde está a Beth? – Cindy perguntou.

– Beth? Quem é Beth? – perguntou o homem.

– A dona – Cindy respondeu. – Beth Giby.

– Eu sou o dono – disse o homem. – Vocês têm certeza que entraram na loja certa?

Em silêncio, as crianças confirmaram.

– Engraçado... – continuou o homem. – Acho que lembro de ter visto esse nome em algum lugar. Ah! Esperem um segundo, vou buscar os documentos.

Segundos depois, o homem voltou e disse:

– Vocês estavam certos sobre a Beth. Ela era a dona da loja. Só que ela vendeu o negócio há 40 anos. O mais provável é que ela já tenha morrido – o homem ergueu a sobrancelha, desconfiado. – Vocês não estão de brincadeira comigo, não é? É claro que estão! E pensar que eu acreditei na história de vocês. É melhor vocês darem o fora daqui, seus pirralhos!

Os gêmeos saíram correndo da loja. Bryan saiu por último, apertando o peito de dor.

– E não voltem mais! – gritou o homem atrás deles.

As crianças pararam na esquina para respirar e trocaram olhares espantados. Todos sabiam o que tinha acontecido e estavam chocados.

De repente, Bryan disse:

– Já sei!

– Sabe o quê? – Cindy perguntou, desanimada.

– O Bill! Eu disse que ele parecia familiar, e agora sei com quem ele se parecia, e quem ele era!

– Quem ele era? – perguntou Dave.

– Samuel Kert! – exclamou Bryan. – O velho Bill era na verdade o velho Sam!

Esperamos que você tenha gostado desta história de Edgar J. Hyde.
Aqui estão outros títulos da série *Hora do espanto* para você colecionar:

A colheita das almas

O doutor Morte

O escritor fantasma

O espantalho

Feliz dia das bruxas

O piano

HORA DO ESPANTO

O TEATRO DAS BRUXAS



EDGAR J. HYDE

O TEATRO DAS BRUXAS

Edgar J. Hyde



Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hyde, Edgar J.

O teatro das bruxas [recurso eletrônico] / Edgar J. Hyde; traduzido por Silvio Antunha. -
Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2021.

112p.; ePUB ; 1,48MB.-(Hora do espanto)

ISBN: 978-65-5500-724-4(Ebook)

1. Literatura juvenil. 2. Ficção. 3. Terror. I. Antunha, Silvio. II. Título. III. Série.

2021-872

CDD 028.5

CDU82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior-CRB-8/9949

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 82-93

© 2015 Robin K. Smith

Esta edição de *Hora do Espanto* foi publicada
em acordo com Books Noir Ltd.

Título original: *Stage Fright!*

© 2015 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Tradução: Silvio Antunha

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Livro digital: Lucas Camargo e Gabriela Fazoli

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 1

As mãos deformadas e enrugadas da bruxa agarraram a colher de pau com firmeza e mexeram o conteúdo do caldeirão. Ela era a mais velha e também a mais feia das três. Seu imenso nariz em forma de gancho quase encostava no lábio superior e, quando ela falava, era possível ver os poucos dentes remanescentes, escurecidos e quebrados com a idade. Ela tinha perdido um olho alguns anos antes, numa batalha com uma bruxa do bem. Mas, em vez de usar tapa-olho, ela simplesmente deixava a cavidade ocular exposta para todos verem.

Ela começou a murmurar enquanto continuava mexendo.

– Cauda de gerbo fresca, fígado de filhote de cachorro, coração de cordeiro recém-nascido – ela gargalhava e olhava para suas duas irmãs. – Por enquanto, tudo bem... – ela comentou com a boca retorcida, fazendo mais uma careta do que sorrindo. – Uma de vocês, traga-me o livro de feitiços. Rápido, preciso verificar os outros ingredientes.

A bruxa mais próxima tratou de se mexer, roçando seu enorme vestido preto no chão. Como as outras, ela estava toda de preto, da ponta do chapéu pontudo até os pés supergrandes, que calçavam enormes sapatos pretos de fivela.

Assim como a maioria das bruxas, ela tinha várias verrugas espalhadas pelo rosto, e a maior ficava na ponta do nariz. Ao contrário das irmãs, ela não tinha os olhos pequenos e redondos. Eram de uma cor prateada penetrante e brilharam enquanto ela procurava o livro de feitiços perdido.

– Ali – disse a outra irmã, apontando para o livro.

Mas não foi com o dedo que ela apontou, já que ela também tinha lutado e perdido uma difícil batalha contra a mesma bruxa do bem anos atrás, ficando sem a mão direita e parte do braço no combate. Por isso, a mão e o braço dela eram feitos de metal puro. A princípio, a bruxa se sentia em desvantagem, mas agora ela era capaz de realizar a maioria das tarefas com maior destreza.

Era ela quem reunia os ingredientes mais complexos, pois com sua mão de metal era fácil capturar até os animais mais rápidos.

Ela viu os olhos prateados da irmã brilharem na escuridão quando se curvou para pegar o livro de feitiços e levá-lo até a fogueira onde o caldeirão borbulhava.

Foi então que houve um enorme relâmpago e o céu ficou ainda mais escuro do que antes. Os raios serpentearam no céu e as três bruxas gargalharam juntas ao pensarem na tempestade iminente.

– Uma noite perfeita, irmãs – disse a primeira, com um hálito podre que se misturava com o ar da noite enquanto ela falava.

Ela parou de virar as páginas quando chegou ao feitiço que procurava. Percorreu com a unha enegrecida a página de alto a baixo, até chegar ao próximo ingrediente que devia colocar no caldeirão.

– Ha, ha, ha! – ela sorriu com ironia. – Isso aqui eu vou adorar. Uma mecha de cabelo recém-cortado de um menino – ela olhou para as irmãs, que também riram. – Tragam-no até mim!

As duas irmãs olharam alegremente uma para a outra e saíram, sob o brilho alaranjado das chamas, em direção ao bosque que rodeava a clareira onde elas tinham feito a fogueira. O menino chorou quando elas se aproximaram. Ele fugiu ao ver as bruxas e correu pela floresta, mas acabou tropeçando e caindo sobre espinhos. Foi o momento perfeito. As bruxas o

capturaram e amarraram os braços e as pernas dele. A franja loira cobria-lhe a testa, seu rosto estava coberto de lágrimas. Ele tinha tentado ser corajoso. Afinal de contas, garotos de 10 anos de idade não choram, mas ele simplesmente não pôde evitar. Estava com muito medo.

A bruxa de olhos prateados olhava fixamente para ele, parecia queimá-lo por dentro, como se ela visse a alma dele. A outra se curvou e desamarrou a corda dos pés do menino com um rápido movimento de sua mão de metal.

Ele ficou arrepiado.

– Levante-se, menino – ela ordenou, arrastando-o.

O menino retraiu-se, em parte pela dor do puxão, mas também pelo forte odor que exalava das bruxas.

“Mesmo se viver até os 100 anos, jamais vou esquecer esse fedor... Isto é, se eu sobreviver” – ele pensou, enquanto uma das bruxas o empurrava.

Ele foi obrigado a andar em direção ao caldeirão. Enquanto isso, trovejava e raios rasgavam o céu o tempo todo. Ao chegar mais perto da fogueira, ele viu que a bruxa mais velha tinha se curvado para desembrulhar alguma coisa. Ela abriu um grande pedaço de pano preto, expondo uma coleção completa de facas e tesouras de aço brilhantes. De repente, o menino prendeu a respiração. Em seguida, começou a tremer, descontrolado.

A bruxa parecia incapaz de decidir qual tesoura usar, e se mostrava muito indecisa entre duas em particular.

Quando ele chegou perto o suficiente, as duas sequestradoras começaram a desamarrar as mãos dele. A outra bruxa ainda olhava as tesouras.

– Se me permite uma sugestão, irmã – uma delas começou a falar. – Se está tendo dificuldades para escolher, posso cortar o cabelo agora mesmo – e ela estalou os dedos de metal no ar.

O menino desatou a chorar.

– Fique quieto, seu chorão! – disse a bruxa, escolhendo finalmente a tesoura e levantando-a no ar com um floreio.

Ela pediu às irmãs que trouxessem o garoto para mais perto, pois queria escolher a melhor mecha.

– Por favor! – ele soluçava e implorava. – Por favor, não me machuquem!

Irritada com a resistência e os apelos do menino, a bruxa levantou a tesoura no ar.

– Prontas? – ela perguntou às irmãs, que seguravam o menino, uma de cada lado.

Elas acenaram que sim. Quando a tesoura se aproximou do cabelo do menino, ele gritou e tentou esquivar-se, em vão. O aço frio brilhou quando fez contato com o cabelo dele, que ficou intacto nas mãos da bruxa, brilhando feito ouro. O menino desmaiou, e as bruxas o deixaram caído sobre a grama, enquanto observavam a irmã empolgada jogar fio a fio a mecha no caldeirão. Outra trovoadas veio em seguida. Elas bateram palmas de alegria e dançaram histericamente em volta da fogueira.

Duas moças vestidas com *collants* e sapatos iguais caminharam para a frente do caldeirão fumegante e mostraram um grande cartaz. Pouco antes de a cortina se fechar, a plateia pôde ler na placa: “FIM DO PRIMEIRO ATO”.

Capítulo 2

Agora sem as roupas, os chapéus e os sapatos pretos de bruxa, com uniformes escolares, as três garotas sentaram-se juntas no refeitório da escola para discutirem o ensaio.

– Não sei se essas verrugas de plástico foram uma boa ideia – resmungou Jo ao se olhar no espelho. – Essa aqui no meu queixo grudou demais. Onde você achou isso?

– Na loja de fantasias da cidade – respondeu Melissa. – O mesmo lugar onde achei o nosso figurino. Não é incrível?

– Não é tanto quanto essa rosquinha – disse Danny Cottrill ao passar pela mesa das garotas, roubando uma rosquinha.

– Ei! – gritou Jenny, pulando em cima dele. – Devolva isso.

Danny parou e virou-se para encarar as garotas.

– Por quê? Se eu não devolver, você vai lançar um feitiço em mim? – ele ironizou, enfiando metade da rosquinha roubada na boca.

– É! – gritou Jenny. – Cuidado, Danny Cottrill, ou vou pegar o meu livro de feitiços e transformar você num sapo feio e gordo. Ops! Quase esqueci, você já é um sapo feio e gordo... – ela riu e foi sentar ao lado das amigas.

Danny estava tão ocupado rindo da própria piada que nem ouviu o que Jenny falou por último. Ele continuou andando pelo refeitório lotado, dando tapas na nuca dos outros (que não queriam levar um tapa), fazendo as crianças menores que carregavam bandejas tropeçarem e pegando tudo o que estava a seu alcance.

– Idiota – murmurou Jo, voltando a olhar fixamente para o espelho e se esforçando para remover a desagradável verruga.

– Puxa vida, como eu queria que essa coisa saísse – ela resmungou, irritada, quando o pedaço de plástico se soltou de seu queixo e caiu na mesa diante dela.

– Dito e feito – Melissa sorriu. – E nem vi você fazer um feitiço!

Jo sorriu para a amiga.

– É que você não me ouviu pronunciar a palavra mágica “abracadabra”. Você pode desejar o que o seu coração quiser: uma pele maravilhosa sem espinhas, uma vaga no time de hóquei, um encontro com o Jonathan...

As três garotas suspiraram ao mesmo tempo.

– Imaginem só! – Melissa tomou fôlego. – O dia em que uma de nós conseguir marcar um encontro com o Jonathan será simplesmente um milagre...

Jenny esfregou as unhas. O esmalte preto que ela tinha acabado de remover havia deixado algumas pequenas manchas nas cutículas.

– Ótimo ensaio, meninas, não acham? – disse Jo. – Fiquei feliz quando a professora Debby escolheu essa peça, é bem dramática. Dava até para ouvir os alunos mais novos prenderem a respiração hoje quando ensaiamos o primeiro ato.

– Sim – Melissa concordou –, mas devo admitir que foi um alívio tirar o braço falso depois do ensaio. É bem difícil mexer os dedos.

– Podemos mudar isso, eu acho – disse Jenny. – Quer dizer, não existia um braço mecânico na peça original, mas a professora Debby achou que isso deixaria a peça *Oh, fantasmas, obedeçam-nos!* mais moderna.

– Não, ela está certa – disse Melissa, flexionando a mão e os dedos. – Vamos deixar assim. A peça fica um pouco mais moderna mesmo. Mas a

atuação do Jonathan foi brilhante hoje, não acham? Aqueles berros foram realmente de arrepiar, eu mesma quase acreditei nele. Enfim, de onde você disse que a professora tirou esse roteiro? – ela virou-se para Jo.

– Aparentemente, ela o encontrou quando limpava um armário velho na sala de teatro há algumas semanas – disse a amiga. – Ela o leu e gostou da história na hora. Quando olhou em registros antigos da escola, ela percebeu que, embora a peça tenha sido escrita por um ex-aluno cerca de 60 anos atrás, ela nunca foi encenada na escola. Disseram para ela que todas as tentativas anteriores de encenar a peça fracassaram, já que os alunos que faziam os papéis de inimigos das bruxas sempre ficavam com doenças misteriosas. Estranho, não acha?

– Com certeza, e meio assustador – concordou Jenny.

– Ora, não seja boba – disse Melissa. – Você está levando a sério demais essa conversa de fígados de cachorrinhos e corações de cordeiros. É só uma história.

No mesmo instante, o sinal começou a tocar, anunciando o fim do intervalo. Jenny se abaixou para recolher os livros que tinham caído e os colocou na mochila.

– Preciso ir – ela avisou, depois de beber o suco às pressas. – Duas aulas de História, eu acho... Vejo vocês às quatro.

Jo e Melissa se despediram da amiga e seguiram para o outro lado da escola.

– Duas aulas de Matemática, eca! – Melissa reclamou, quando as duas entraram na sala de aula.

– Sim – cochichou Jo. – Mas pelo menos a vista é boa.

As garotas se sentaram e apoiaram o queixo nas mãos, prontas para contemplarem Jonathan com um olhar sonhador pelo resto da aula.

Capítulo 3

Na manhã seguinte, as três amigas voltaram à sala de teatro, mas desta vez elas não estavam no palco, estavam repassando algumas mudanças na peça com a professora Debby.

– Odeio essas partes – murmurou Melissa, bem baixinho. – São muito chatas.

– O que foi, Melissa? – perguntou a professora. – Por favor, compartilhe com o resto da classe: o que está incomodando você?

Melissa limpou a garganta e levantou-se.

– Desculpe, professora, eu estava apenas dizendo para a Jenny que teria sido uma boa ideia se tivéssemos feito um ensaio geral ontem.

A professora ergueu as sobrancelhas, sem acreditar no que a garota disse.

– Tudo bem, Melissa, sente-se. Vamos continuar. Só temos duas semanas. A noite de estreia se aproxima.

Por fim, depois de muitas discussões sobre mudanças na iluminação, quem e quando deveria entrar e sair, a professora chamou as três garotas para o palco.

– Tudo bem, garotas, vamos ensaiar a cena do necrotério, quando as bruxas trazem um cadáver de volta à vida. Agora, lembrem-se: sejam intensas, quero horror, maldade. Vamos lá, quero ficar aterrorizada.

A professora se sentou com o resto da classe enquanto as três bruxas encenavam a história. Elas logo entraram nas personagens, e a professora teve que admitir que elas eram muito boas. Estavam incrivelmente realistas,

a ponto de ela se perguntar se a peça não seria assustadora demais para as crianças mais jovens da escola. Ela balançou a cabeça negativamente.

– Não – ela concluiu. – Hoje em dia, as crianças amadurecem tão rápido que seria preciso mais do que uma simples peça sobre bruxas para espantá-las. Tudo vai ficar bem.

No palco, as três garotas, de mãos dadas e olhos fechados, andavam em volta da cama mortuária (ou mesa, por enquanto, ela seria devidamente adaptada na noite de estreia), caminhando lentamente em volta do cadáver que jazia ali, imóvel, envolto num lençol branco. Elas murmuravam alguns feitiços enquanto a professora fazia uma anotação mental, para dizer a elas que falassem um pouco mais alto, pois não tinha certeza de qual cântico em particular elas estavam repetindo.

Ela reparou, de relance, nas janelas da sala do teatro e se admirou com o escurecimento repentino do céu.

“Acho que uma grande tempestade está por vir” – ela pensou ao voltar sua atenção para o palco.

“Elas realmente estão muito bem” – a professora pensou de novo, enquanto observava as garotas em ação. O clima estava tão tenso que era possível ouvir um alfinete cair no chão da sala.

As bruxas pararam de rodear o corpo e foram para seus lugares, uma em cada ponta do corpo e a outra no centro. Tocando diferentes partes do cadáver com as pontas dos dedos, elas começaram a sussurrar, gradualmente elevando o tom, até o barulho encher a sala inteira. Então, ao mesmo tempo, elas pararam.

– Ele já está quente – sorriu a bruxa no centro do corpo. – Vamos terminar o trabalho.

Elas deram as mãos e começaram a recitar as palavras que não diziam juntas havia centenas de anos.

– Da escuridão ordenamos que você se levante.
Ficará mais tempo na Terra de hoje em diante.
Para mais feitiços malignos podermos espalhar,
traga toda sua força para o mal eternizar.

Elas entoaram o feitiço muitas vezes, falando cada vez mais rápido, as palavras quase tropeçavam umas nas outras, até ficarem quase incompreensíveis. E o céu foi ficando cada vez mais escuro. A professora assistia ao espetáculo, fascinada, quando o “cadáver” começou a se levantar debaixo do lençol branco, como se atendessem ao feitiço das bruxas.

De repente, a janela do outro lado da sala quebrou, espalhando seus minúsculos estilhaços.

Uma das garotas, que assistia à peça e estava sentada perto da janela, pulou assustada e começou a chorar. Em choque, a professora Debby se recompôs e imediatamente acendeu a luz. A escuridão na sala era tanta que qualquer pessoa poderia jurar que mais parecia meia-noite do que meio-dia.

– Tudo bem, pessoal, acalmem-se – ela gritou, enquanto os alunos procuravam ver o que tinha acontecido com a janela. – Para trás. Não quero ninguém se cortando com vidro.

Ao se curvar para ver melhor, ela descobriu a razão de a janela ter quebrado. Um pequeno corvo, com apenas semanas de idade, estava em meio ao vidro estilhaçado.

“Ele deve ter saído do ninho antes da hora e bateu direto na janela” – ela pensou, sacudindo a cabeça. “Mas não acho que um pássaro tão pequeno conseguiria quebrar a janela. Provavelmente, o vidro estava rachado. Por isso, deve ter quebrado.”

Ela tirou o lenço do bolso e recolheu a pequena ave.

– Afastem-se, meninas. Está tudo bem agora.

Melissa, Jo e Jenny desceram do palco e se juntaram ao resto da classe, olhando para a janela quebrada com curiosidade. A professora Debby colocou o passarinho morto no cesto de lixo. Ela ia pedir ao zelador que o jogasse fora depois. Olhou para a mesa no palco, coberta com o lençol branco. Ela subiu os poucos degraus até o palco e ficou de frente para a classe.

– Muito bom, turma, foi uma ótima apresentação. Vejo vocês amanhã no ensaio extra.

Foi quando o sinal tocou. Ela ergueu a voz, tentando ser ouvida.

– Trolls e duendes, não se esqueçam de trazer amanhã os figurinos que estiverem prontos.

Enquanto a classe fazia barulho juntando as coisas e saindo da sala, a professora olhou novamente para o lençol branco. Ela podia jurar que alguma coisa tinha se mexido quando as garotas estavam entoando o feitiço, mas só podia ser bobagem. Ela tinha apenas ficado empolgada com o clima da peça, a escuridão do céu, os relâmpagos e a ameaça de tempestade. Apreensiva, ela foi em direção à mesa. Com cuidado, e sentindo mais medo do que ousaria admitir, ela levantou uma ponta do lençol e olhou por baixo; depois suspirou alto e percebeu que estava prendendo a respiração. Uma pilha de livros e um velho par de sapatos! Ela devia saber disso muito bem! Recolocou o lençol no lugar delicadamente e sorriu para si mesma, aliviada.

Foi só depois de fechar a porta da sala de teatro que ela percebeu como seu coração batia forte.

Capítulo 4

Jenny olhou desanimada para a prova diante dela. Ela detestava Álgebra! Por mais que tentasse, ela sentia que jamais entenderia aquilo, que seria sempre algo tão estranho quanto uma língua estrangeira.

– Puxa! Como eu queria entender isso – ela murmurou, enrolando o cabelo com os dedos e mastigando a ponta do lápis. Relutante, ela colocou o lápis no papel e começou a fazer a prova.

Dois dias depois, ao devolver-lhe a prova corrigida, o professor Carter deu um enorme sorriso para Jenny.

– Muito bem! – ele elogiou. – Você deve ter estudado muitas horas para tirar essa nota. Estou impressionado.

Jenny olhou para o resultado da prova e não acreditou: nove! Ela conferiu o nome no alto da folha, achando que o professor Carter tinha entregado a prova errada. Mas não, era dela mesmo. Jo olhou intrigada para Jenny, que lhe mostrou a prova.

– Uau! – cochichou a amiga. – Como você fez isso?

Jenny deu de ombros e abriu a apostila, pronta para a lição do dia. Tinha conseguido tirar um nove, quase dez, numa matéria que ela nunca tinha entendido. Talvez, ela estivesse finalmente começando a entender a matéria.

Algum tempo depois, quando as garotas fizeram uma retrospectiva dos eventos relacionados à peça, elas perceberam que seus desejos se realizavam rapidamente. Eram coisas bobas. Jo desejou que a verruga saísse, depois Jenny desejou ir bem em uma prova de Álgebra e, em seguida, Melissa desejou que sua mãe lhe comprasse um tênis novo.

Bastava elas manifestarem seus desejos, que as coisas aconteciam. Mas elas só começaram a ficar assustadas no dia em que desejaram mal a Danny Cottrill.

O sol brilhava e a maioria dos estudantes estava lá fora assistindo à gincana dos alunos do oitavo ano. Os eventos ocorriam em diferentes partes da quadra, mas as garotas assistiam à corrida de obstáculos, pois Jonathan, o herói delas, era o favorito para vencer. A largada foi dada e os meninos começaram a correr. Jonathan corria por fora, na pista externa e, à direita dele, vinha Danny Cottrill. Os dois disputaram grande parte da corrida lado a lado, até que Danny caiu, e pareceu que ele colocou o pé intencionalmente no caminho de Jonathan, fazendo com que Jonathan também caísse.

– Que babaca! – gritou Melissa. – Por que ele sempre tem que fazer isso? O Jonathan estava correndo muito bem. Ele com certeza venceria se esse idiota não o tivesse derrubado!

– Às vezes eu realmente queria que esse estúpido se machucasse para valer – concordou Jenny.

A corrida continuou, é claro, e Jonathan se levantou lentamente, verificando se havia algum ferimento. Ele tinha um corte no joelho, nada muito grave, e foi mancando em direção a Danny para oferecer ajuda. Danny não se mexia. Jonathan se inclinou para perto dele, assim que o enfermeiro da escola correu para a pista.

– Acho que ele bateu a cabeça quando caiu – disse Jonathan. – Talvez tenha tido uma concussão.

O enfermeiro analisou rapidamente o menino e decidiu que era melhor chamar uma ambulância. Levaram Danny de maca para fora da quadra e, com as luzes da ambulância piscando e a sirene tocando, ele foi levado direto para o hospital local.

Na manhã seguinte, o senhor Paul, o diretor, convocou uma reunião e comunicou à escola as lesões de Danny. Ele não só tinha quebrado as duas pernas como tinha sofrido algum tipo de hemorragia interna e entrou em coma. A família estava ao lado da cama do garoto e tinha sido avisada de que era possível que Danny sobrevivesse, mas que eles deveriam se preparar para o pior.

Jenny tapou a boca com as mãos.

– Minha nossa! – ela exclamou quando Melissa e Jo olharam para ela. – Eu desejei isso para ele. Vocês se lembram? Na quadra de esportes? Eu desejei que alguma coisa grave acontecesse com o Danny, e agora aconteceu.

– Ora, não seja boba, Jenny – Jo retrucou. – Você não pode desejar que alguém entre em coma!

– Será que não? – perguntou Jenny. – Não tenho tanta certeza. Vamos dar uma boa olhada no que vem acontecendo nas últimas semanas.

As garotas saíram do auditório e ficaram paradas aguardando a próxima aula. Com ajuda de Jenny, Melissa começou a lembrar de todas as coisas que elas tinham desejado e que se tornaram realidade. Elas estavam céticas a princípio, mas aconteceram tantas coisas que Jo teve que concordar que aquilo tudo poderia ser mais do que uma simples coincidência.

– Mas como... Eu não entendo por que de repente tudo isso passou a acontecer conosco – disse Jo. – Quantas vezes vocês fecharam os olhos e fizeram um desejo, meio sem esperanças de que ele se realizasse, e que, é claro, nunca se realizou, e agora, por uma razão inexplicável, estamos conseguindo tudo o que pedimos? Por quê?

– A peça – disse Jenny, calmamente. – Eu acho que tudo está ligado à peça de alguma forma. Pensem bem. Isso tudo começou a acontecer quando

aceitamos os papéis das bruxas.

A professora Karen se inclinou no batente da porta e olhou para as três garotas.

– Alguma coisa que eu deveria saber, garotas? Vocês foram dispensadas da minha aula e ninguém se preocupou em me comunicar? – ela perguntou.

– Perdão, professora, já estávamos entrando – gaguejou Melissa, enquanto as três garotas iam para a sala de aula.

Antes de se sentar, ela cochichou para as amigas:

– Lembrem-se do velho ditado: “Cuidado com o que deseja, pois pode se tornar realidade”. Acho que deveríamos começar a tomar cuidado com...

– MELISSA! – gritou a professora Karen. – Tem certeza de que você faz parte desta classe? Se sim, por favor, sente-se, pegue seus livros e preste atenção na aula de hoje.

O sinal que anunciaria o fim da aula pareceu demorar uma eternidade para tocar. As garotas se reuniram no portão da escola, e Melissa pegou a cópia do roteiro na mochila.

– Geraldine Somers – ela leu em voz alta. – Foi ela quem escreveu a peça, e acho que deveríamos começar a pesquisar sobre ela. Quanto mais eu penso nesses desejos, mais convencida eu fico de que eles têm alguma coisa a ver com a peça, e conhecer a autora parece um bom começo.

Jenny e Jo concordaram plenamente.

– Vamos ver, amanhã é sábado, então podemos ir à biblioteca de manhã para ver se conseguimos encontrar algum registro dela, o local onde ela mora e descobrir se ela escreveu outras peças e assim por diante.

– Mas lembrem-se – disse Jo –, essa peça foi escrita há pelo menos 60 anos. Se a Geraldine tivesse uns 13 ou 14 anos quando a escreveu, ela deve ser bem velhinha agora. Teremos que tomar muito cuidado se a

encontrarmos mesmo, não queremos perturbar uma senhora idosa sem motivo.

As garotas combinaram de se encontrar na manhã seguinte às nove em ponto na entrada da biblioteca, depois se separaram.

– Nove da manhã no sábado, lá se vai a minha soneca – resmungou Jenny.

Capítulo 5

As garotas pesquisaram sem sucesso durante mais de uma hora quando, de repente, Melissa encontrou o que procurava.

– Achei! – ela disse, empolgada, percorrendo a página com o dedo. – Olhem só: Geraldine Somers, nascida em sete de outubro de 1920. Isso significa que ela deve ter 79 anos agora. Então, se ela escreveu a peça aos 14 anos, a peça tem uns 65 anos. Ótimo. Agora, onde ela mora?

– Veja, Melissa – Jo disse calmamente, apontando para o outro lado da página. Embaixo da coluna mais distante, uma anotação havia sido escrita, mostrando que Geraldine Somers havia morrido no dia 14 de abril de 1982. Jo suspirou.

– Então é isso, não podemos falar com um fantasma – ela disse, resignada.

As três garotas ficaram em silêncio, observando as informações na página. O que elas podiam fazer, além de esquecer completamente a ideia de pesquisar? Jenny fechou o livro e o colocou de volta na prateleira.

– Vamos embora, gente. Não adianta ficarmos aqui – Jenny entrelaçou os braços com os das duas amigas, e as três saíram da biblioteca.

Melissa parou de repente.

– Espere um minuto – ela disse às amigas. – Podemos visitar o túmulo dela! Ela deve estar enterrada no cemitério local. O último endereço conhecido dela no livro era no nosso bairro. Então, faz sentido que ela esteja enterrada aqui. É, é isso aí – ela acenou com a cabeça, animada. – Vamos visitar o túmulo dela!

Jenny e Jo olharam uma para a outra, ambas muito menos entusiasmadas do que Melissa.

– Mas, Melissa, eu não vejo motivo nenhum... – Jo tentou argumentar.

– O que eu quero dizer é o seguinte – interrompeu Melissa –, esse é o único ponto de partida que temos. Vocês não entendem? Não temos alternativa. Precisamos visitar o túmulo se quisermos descobrir algo. Jenny?

– ela lançou um olhar de dúvida para a amiga.

– Bem – começou Jenny, lentamente –, acho que eu gostaria de ir a fundo nessa questão, mas não sei se...

– Então, está decidido – Melissa interrompeu de novo. – Vamos! Não temos que andar muito.

– Melissa, espere – disse Jenny. – Não posso ir agora. Tenho que fazer compras com a minha mãe hoje à tarde e, se eu for ao cemitério agora, não voltarei a tempo de me encontrar com ela. Tenho duas opções: ou eu fico de fora ou faço isso mais tarde.

Melissa olhou para Jo.

– Desculpe, Melissa, prometi levar a minha sobrinha para patinar hoje à tarde. Posso ir com você quando eu voltar. Devo chegar em casa lá pelas quatro.

Melissa respirou fundo, desapontada porque as amigas não podiam ir naquela hora. Ela não era uma pessoa muito paciente.

– Tudo bem – ela concordou, relutante. – Podemos nos encontrar no portão do cemitério às quatro e meia? Ainda estará claro, e teremos tempo suficiente para encontrar a lápide e verificar as coisas. E lembrem-se: levem blusa, faz muito frio por lá.

O cemitério local ficava bem no topo de uma colina íngreme e era um lugar muito frio, principalmente nas noites escuras de novembro. Jo tremia

por dentro só de pensar que elas iriam fazer isso ao entardecer, mas não disse nada, não queria estragar os planos de Melissa.

Quando elas novamente se separaram, Melissa virou para trás e gritou para uma das garotas levar uma lanterna. E uma estaca, só por precaução.

– Só por precaução por quê? – Jo olhou para Jenny, preocupada.

– Vampiros! – Jenny disse à amiga.

Então, ao ver o olhar de horror estampado no rosto da amiga, ela riu.

– Brincadeira! – Jenny sorriu.

– É verdade, ela só está brincando. Essas coisas não existem, Jo, você tem assistido a muitos filmes de terror – brincou Melissa.

Jo sorriu, tímida.

– Não, não, eu sabia o tempo todo, sabia que ela estava brincando. Verdade! Eu sabia – ela tentou convencer a amiga incrédula.

Jenny pegou no braço de Jo.

– Tudo bem, Jo, também não estou contente com essa história de cemitério. Mas vai ficar tudo bem, você vai ver.

Capítulo 6

Quatro e meia em ponto. Melissa olhou o relógio. Onde estavam as outras? Bem nesse momento, ela ouviu as amigas conversando enquanto chegavam ao topo da colina para se juntarem a ela.

– ... E isso aconteceu logo que tiveram que colocar um curativo em mim – finalizou Jo. – Que vergonha. Lá estava a Katy, patinando e rodopiando como uma profissional, e eu levei o maior tombo. E o sangramento simplesmente não parava, o que era ainda pior. Quando a atendente insistiu para que eu fosse à enfermaria, achei que ia morrer de vergonha. Quer dizer, 14 anos de idade e vou ficar com uma linda cicatriz enorme no joelho, ficará uma beleza no Baile de Natal. Que ótimo.

– Ei, Melissa, está aí há muito tempo? – perguntou Jenny.

Melissa mudava de posição, batendo os pés na tentativa de se manter aquecida.

– Não – ela sorriu, meio sem graça. – Acabei de chegar.

Realmente era uma tarde cruelmente gelada. Os caminhos levavam a diferentes direções e brilhavam na semiescuridão com a geada.

– Certo – disse Melissa, assumindo a liderança como sempre. – O plano é o seguinte: acho que devemos nos separar. Cada uma de nós procura em uma parte do cemitério até encontrarmos o túmulo. É a maneira mais rápida de fazermos isso, não faz sentido procurarmos no mesmo lugar. Então, o que acham de irmos sozinhas e voltarmos a nos reunir aqui às sete? Acho que é tempo suficiente.

– E se acharmos o túmulo antes disso? – Jenny perguntou.

– Ah, o cemitério não é tão grande assim – disse Melissa, pensativa. – Que tal nos encontrarmos no mausoléu às seis? Achar que é tempo suficiente?

Jenny se arrepiou com o uso da palavra “mausoléu”. O prédio grande e imponente que ficava no limite do cemitério tinha sido erguido 100 anos atrás pelo senhor Carruthers, em memória de sua esposa. A princípio, um imponente monumento à memória da senhora Carruthers, ele agora abrigava não só o corpo dela, mas também o do próprio senhor Carruthers e de muitos membros da família dele. Jenny admitiu, contrariada, que era uma bela construção, mas o mausoléu lhe causava arrepios, e ela passaria por ali o mais rápido possível se tivesse de ir por aquele caminho. Ela observou as altas cúpulas do edifício e, logo em seguida, desviou o olhar.

Naquele momento, o que ela realmente queria fazer era dar meia-volta e ir para casa. Ela detestava coisas e lugares assustadores, e também detestava ser tão fácil convencê-la a fazer coisas de que ela não gostava. Jenny suspirou. Apesar disso, ela gostava muito de Melissa e Jo e não queria abandonar as amigas nessa hora.

– Claro – ela disse, com falso entusiasmo. – Seis da tarde é um ótimo horário. Quem vai seguir por qual caminho?

Depois de decidirem, as garotas partiram, cada uma com seus pensamentos, e todas determinadas a encontrar a lápide. Jenny estava mais convencida do que as outras de que voltaria antes que o céu escurecesse totalmente. Ela queria que essa busca terminasse o quanto antes.

O cemitério se dividia em três caminhos, e cada garota seguiu por um deles. Jenny foi andando lentamente, examinando cada lápide enquanto passava.

– David Fisher, amado marido e pai. Nasceu em 1902, morreu em 1964 – ela leu na primeira. – Suzanna Bellingham, 7 anos de idade. Nossa bela filha foi se encontrar com os anjos. Nasceu em 1935, morreu em 1942.

Jenny parou e contemplou. “Que horror” – ela pensou. “Deve ser horrível perder um filho tão jovem.”

Ela se perguntava o que teria acontecido com a garotinha, talvez um acidente ou alguma doença que provavelmente teria cura nos dias de hoje, mas não em 1942. Ela se afastou e tentou se concentrar.

– Vamos, Jen – ela começou a falar sozinha. – Você não está aqui para refletir sobre a morte das pessoas. Está aqui para encontrar uma lápide em particular.

Ela prosseguiu, com os olhos concentrados no nome em cada lápide. Ela até viu a lápide de uma Geraldine, mas o sobrenome e as datas não correspondiam.

Ela passou por lápides tão antigas que haviam tombado, e também por outras recém-colocadas, com flores espalhadas na frente delas. Ela não conseguia decidir qual ela detestava mais.

Depois de uma hora, ela tinha percorrido um lado do caminho e virou para voltar pelo outro lado.

Estava ficando mais escuro, então ela achou melhor caminhar mais perto das sepulturas para ler as inscrições. Triste por não ter levado uma lanterna, ela se perguntava como as outras garotas estariam se virando.

Na metade do caminho de volta, ela sentiu alguns respingos de chuva.

“Ótimo” – ela pensou. “Era só o que faltava, ficar presa no cemitério numa noite fria de novembro, e debaixo de chuva!”

Ela olhou para o céu enegrecido. A chuva ficou mais forte e ela apertou o passo, indo em direção ao mausoléu. Com um pouco de sorte, Jo ou

Melissa já teria encontrado o túmulo, e todas poderiam sair daquele lugar.

Ela olhou as outras lápides de maneira superficial enquanto caminhava com pressa em direção ao mausoléu. Nem sinal das amigas. Jenny ficou lá fora por alguns minutos, com a chuva muito mais forte, pingando do casaco e ensopando as calças.

“Elas devem ter entrado” – ela pensou. “A pessoa tem que ser muito maluca para ficar aqui parada tomando chuva.”

Ela virou e subiu alguns degraus até o mausoléu e girou a maçaneta. Jenny abriu a porta pesada lentamente, fazendo com que ela rangesse. A menina prendeu a respiração. Lá dentro estava tão escuro quanto o lado de fora, e tudo cheirava a mofo e umidade. Ela deu um passo para a frente. À direita, via-se o túmulo erguido pelo senhor Carruthers em memória da esposa. O túmulo de mármore branco quase não era visível na escuridão, assim como as colunas de pedra colocadas em cada canto. Desenhos ornamentais e inscrições enfeitavam as paredes, embora Jenny não conseguisse ver exatamente o que eram.

– Melissa? Jo? – ela tentou chamar, embora sua voz não passasse de um sussurro.

Ela limpou a garganta e tentou de novo, chamando as amigas um pouco mais alto desta vez. Ela começou a seguir em frente, e reparou em outro enorme túmulo à esquerda, com a forma do corpo de um homem esculpida em mármore na parte de cima. Com os olhos cada vez mais acostumados à escuridão, Jenny conseguiu perceber a silhueta.

“Que bizarro” – ela pensou, incapaz de compreender por que alguém ia querer retratar a própria imagem em um local tão medonho como aquele, fedendo a carne podre.

Ela ouviu algo se arrastar perto de seus pés e pulou, encostando a mão em um dos túmulos ao fazer isso. Embora não tivesse certeza, ela achou que viu uma cauda desaparecer através de um buraco na parede.

“Essa não! Ratos!” – ela pensou, com a intenção de correr.

Ela se acalmou e tirou a mão do túmulo. Sentiu a mão úmida e pegajosa. Levou-a para mais perto do rosto e viu que estava coberta com um lodo que parecia se mexer. Eram larvas! Elas rastejavam por todo o túmulo e agora por sua mão! Tentou sacudir a mão para tirar as terríveis criaturas dali e mal conseguiu abafar um grito quando se virou para sair correndo daquele lugar horrível. Ela podia ver milhares de larvas saindo pelos olhos e pelo nariz da estátua de mármore no túmulo. Ela tinha que sair dali, rápido.

Nesse exato momento, a pesada porta de madeira bateu com força e se fechou.

Capítulo 7

– Jenny, aqui – ela ouviu a voz da amiga. – Estávamos esperando por você.

Ela olhou em volta e conseguiu reconhecer as imagens de Melissa e Jo.

– Ainda bem! – ela respirou, abafando um pequeno soluço enquanto corria em direção às amigas. – Estou tão feliz de ver vocês. Acabei de passar por uma experiência terrível. Acho que temos que sair daqui agora.

Melissa e Jo olharam na direção dela.

– Não seja boba – disse Melissa. – Está tudo bem agora. Vamos, venha e sente-se ao meu lado.

As duas garotas estavam sentadas num banco baixo na frente de uma plataforma elevada, quase como um altar. Melissa virou-se em direção à amiga e estendeu os braços para ela. Mas alguma coisa estava faltando.

– Sua mão! – gritou Jenny, recuando horrorizada. – O que aconteceu com a sua mão?

A mão de Melissa não estava mais lá! O braço dela parecia terminar logo na manga do casaco.

– Não entendo – Jenny resmungou. – Está de brincadeira comigo? Porque, se estiver, não estou achando graça nenhuma.

Ela virou-se para a outra amiga.

– Jo, Jo, fale comigo.

– Calma – Jo começou a falar. – Não precisa ficar histérica.

Jenny se virou para a amiga, então engasgou e gritou de horror. Jo estava sem o olho direito.

– Não grite, bobinha. É só uma cavidade ocular. Nossa, não sabia que você era tão medrosa.

Jenny cobriu o rosto com as mãos. Devia estar tendo um pesadelo, com certeza. Não havia outra explicação para aquilo. Ela abriu os olhos e se virou de novo para as amigas. Para seu horror, Melissa e Jo estavam sofrendo alguma transformação bizarra bem diante de seus olhos. A pele delas se tornou marrom e quebradiça e o rosto delas começou a descascar. Por baixo, surgiram rostos muito mais velhos, que Jenny reconheceu como pertencentes às bruxas da peça. Seus rostos estavam cobertos de verrugas, rugas, com enormes narizes em forma de gancho e dentes tortos enegrecidos. As roupas também tinham sido substituídas pelas capas pretas que Jenny já conhecia bem. O mau cheiro permeava o mausoléu e o terror de Jenny era completo.

Ela queria correr, mas sabia que teria de passar pelos túmulos, que continham corpos podres, e pelo chão, que parecia estar vivo, com tantas larvas se retorcendo. Ela sentiu uma cutucada nas costas e se virou para ver quem era. Ela prendeu o ar bruscamente. Era a terceira bruxa, aquela que ela representava na peça.

– O que estão fazendo? O que querem de mim? – ela perguntou, hesitante.

– Não queremos nada de você, querida – respondeu uma delas. – O que importa é o que você quer de nós, entendeu?

– Infelizmente, não – Jenny tentou falar sem tremer.

As três bruxas agora a rodeavam. A respiração fétida delas tocava no rosto de Jenny conforme elas caminhavam lentamente em volta da garota, arrastando as capas pretas no chão.

– Como você é inocente! – gargalhou a bruxa caolha. – A peça, meu amor, a peça. *Oh, fantasmas, obedecem-nos!*, lembra? Aquela que você está encenando na escola? Não sabe sobre o que ela é? Não sabe que é perigoso mexer com bruxaria quando não se entende nada a respeito disso?

– Mas... mas... é só uma peça – Jenny balbuciou, tentando desesperadamente manter a calma.

As bruxas pararam de andar.

– Só uma peça? – disse a primeira, num tom de voz baixo e ameaçador. – Você, garota burra, não sabe de nada? Você não pode simplesmente recitar feitiços, mexer com bruxaria, cortar mechas de cabelo e depois dar o fora. A bruxaria é uma coisa muito perigosa, sabia?

A bruxa aproximava o rosto cada vez mais de Jenny, que recuava conforme ela chegava perto, mas era empurrada para a frente de novo pelos dedos esqueléticos da bruxa atrás dela.

– Nós não cortamos o cabelo de verdade – ela gaguejou. – Só fingimos.

– Calada! – a bruxa vociferou. – Sou eu quem está falando.

Ela passou os dedos esqueléticos pelo cabelo de Jenny, fazendo a garota se arrepiar. Mas, apesar disso, ela aguentou firme.

– Ela é corajosa, não é? – gargalhou a bruxa quando a garota se manteve firme. – Por que acha que esperamos por você esta noite? Queríamos lhe oferecer uma coisa, minha querida.

A bruxa olhou para as colegas. Ambas concordaram e sorriram para a garota. Ela segurou as mãos de Jenny com a única mão que tinha. Os dedos da bruxa eram longos, esqueléticos e inacreditavelmente frios. Jenny queria tirar a mão dela das suas.

– Que tal se juntar a nós? – ela perguntou à garota. – Vire uma bruxa, uma bruxa de verdade, e não alguém que atua numa peça. Alguém que faça

as coisas acontecerem.

E ela cuspiu nos pés da garota. Jenny olhou para baixo e viu o cuspe se espalhar e crescer no chão do mausoléu antes de começar a ganhar forma. Primeiro, a cauda se formou, em seguida, veio o corpo longo e peludo, cheio de dentes afiados, até que aos poucos o cuspe se transformou num enorme rato marrom! Na verdade, o maior rato que Jenny já tinha visto. Ela recuou, mas notou que o rato não se afastava dela. Ele parecia contente de olhar para ela.

A bruxa deu um sorriso largo, quase sem dentes, e suas irmãs gargalharam. A bruxa que não tinha um olho bateu palmas.

– Muito bom, irmã, eu tinha até esquecido esse velho truque – e ela também cuspiu no chão.

O cuspe dela também se espalhou e cresceu antes de se transformar em outro rato, incrivelmente maior que o anterior. Para não ficar para trás, a terceira irmã repetiu o processo, e logo havia dezenas de ratos, alguns marrons, outros pretos, mas nenhum deles se mexia, e todos pareciam olhar fixamente para Jenny.

– Por favor, eu quero acordar – a jovem implorou. – Deixem-me abrir os olhos e acabar com esse pesadelo!

Jenny fechou os olhos por alguns segundos, mas, quando ela os abriu de novo, a cena era exatamente a mesma de antes.

– Ainda estamos aqui, querida – gargalhou a primeira bruxa, que parecia ler a mente da garota. – E ainda estamos à procura de recrutas. Vamos, meu amor – ela esfregou o dedo esquelético no queixo da garota. – Você vai se divertir muito. Vamos ver de quem mais você não gosta, além do jovem Danny Cottrill? Cuidamos dele para você, não foi? Ele ainda está respirando com a ajuda de aparelhos, mas você pode fazer a mágica, Jenny.

Você! Você pode lançar esses feitiços malignos. Nunca mais vai sentir medo de ninguém. Ninguém será capaz de machucar você, e nós podemos lhe dar esse poder. O que me diz?

Jenny estava horrorizada.

– Danny? Vocês fizeram isso com o Danny? Como puderam, que coisa horrível...

– Não, querida, você fez isso – a bruxa interrompeu. – Você desejou mal ao menino, não foi? E como nós temos que obedecer a você, de acordo com o título da peça, estávamos apenas realizando os seus desejos.

– Mas às vezes todos dizem coisas sem pensar – disse Jenny. – Eu não queria que nada de ruim acontecesse com o Danny.

Ela mexeu um pouco o pé, olhando para baixo. Os ratos ainda estavam olhando para a garota, mas nenhum deles se mexia.

– Então você deve tomar mais cuidado com o que deseja. Mas ainda não sei se consigo acreditar em você. Acho que você daria uma grande bruxa, e estamos precisando muito de sangue novo.

Ela andou em direção à garota e chutou um rato. O rato reagiu pela primeira vez, mordendo furiosamente o tornozelo de Jenny, como se a culpa fosse dela. A garota gritou e se curvou para esfregar o tornozelo.

– Por favor, deixem-me ir – ela implorou às bruxas. – Meus pais devem estar preocupados. Preciso voltar para casa, por favor.

– Não seja burra, não podemos deixar você ir agora. Você vai se tornar uma de nós. Tenha paciência, querida, só precisamos recitar um pequeno feitiço, não vai demorar. Venham, irmãs, deem as mãos, e você, querida, precisa se concentrar no que estamos dizendo, para se juntar a nós no final, e fazer o juramento para se tornar uma seguidora de todas as coisas malignas.

As bruxas começaram a entoar o feitiço, caminhando lentamente ao redor da garota. Os ratos começaram a correr em todas as direções, para escaparem dos chutes certos das bruxas. Jenny tremia da cabeça aos pés, tentando desesperadamente pensar num jeito de escapar. Se ao menos ela pudesse quebrar o círculo das mãos das bruxas e correr em direção à entrada do mausoléu, talvez ela conseguisse evitar os ratos, embora tivesse certeza de que encontraria milhões de larvas gosmentas espalhadas pelos túmulos e pelo chão. Ela engoliu em seco. Decidiu que suportaria as larvas. Ela tinha que sair dali.

Ao olhar em direção aos fundos do mausoléu, ela viu, horrorizada, que um dos túmulos estava se abrindo. Uma mão esquelética empurrou a tampa de mármore e ela viu a cabeça de um esqueleto aparecendo.

Jenny desmaiou.

Capítulo 8

Enquanto isso, lá fora no cemitério, Melissa e Jo (a verdadeira Melissa e a verdadeira Jo) tinham encontrado o túmulo de Geraldine Somers. Elas se encontraram justamente no mausoléu, depois de terem explorado todas as sepulturas do cemitério, quando por acaso observaram algumas sepulturas escondidas no canto logo ao lado da entrada. E, com certeza, lá estava ela, claramente gravada com o nome da autora. As garotas se inclinaram, limpando as gotas de chuva dos olhos.

– Geraldine Somers! Finalmente encontramos você – respirou Melissa.

Ela passou os dedos pelas letras da sepultura, observando as datas de nascimento e de morte da mulher, o tempo todo pensando em como a inscrição era simples e discreta quando comparada às outras. Havia um vaso com flores ao pé da sepultura, e Melissa se perguntou instintivamente quem as teria colocado ali.

– Então vocês me encontraram, garotas – disse uma voz suave e sussurrante.

Jo e Melissa olharam intrigadas uma para a outra.

– Quem disse isso? Jenny? – as garotas olharam ao redor.

O vento uivante e o constante barulho da chuva forte caindo ecoavam no ouvido das garotas. Melissa afastou o cabelo do rosto e sorriu para Jo.

– Estamos ouvindo coisas. O vento está brincando com a gente, é só isso.

Porém, a voz veio de novo, ainda suave, mas desta vez um pouco mais clara.

– Eu estava esperando vocês, garotas. Estou muito contente por finalmente estarem aqui.

As duas garotas se levantaram prontamente, quase caindo de tanta pressa, e se agarraram.

– De onde isso está vindo? – Jo perguntou. – Ouço uma voz, mas não vejo ninguém.

Ela se segurou em Melissa, apavorada.

– Por favor, não tenham medo, garotas – dizia a voz, agora mais forte e mais insistente. – Eu realmente preciso falar com vocês. Por favor, inclinem-se para perto da lápide de novo, preciso que vocês me escutem com muita atenção.

Melissa e Jo se entreolharam espantadas, mas, principalmente por não saber o que fazer, elas resolveram fazer o que lhes era pedido. Deram um passo à frente e se ajoelharam em frente à lápide de Geraldine Somers. Assim que as duas se ajoelharem na grama úmida, elas ouviram um suspiro de alívio.

– Obrigada, garotas, eu desejei muito que fossem vocês as pessoas que me ajudariam, então, por favor, ouçam com muita atenção o que eu vou dizer. Sou o fantasma de Geraldine Somers. Não tenho mais o poder de me materializar. O meu fantasma enfraqueceu bastante com o passar dos anos, e receio que vocês não consigam me ver. Vocês podem, no entanto, ouvir a minha voz e espero que, assim que eu tiver contado a minha história, vocês me ajudem.

A chuva caía sobre a sombra das garotas ajoelhadas e o céu estava completamente preto. Melissa e Jo estavam com medo. Não queriam mais ficar no cemitério. Queriam esquecer toda aquela ideia de encontrar o

túmulo da autora. Queriam esquecer a peça inteira. Mas, antes que as garotas conseguissem se mexer, a voz falou de novo.

– Vocês precisam saber que fui eu quem escreveu a peça *Oh, fantasmas, obedecem-nos!*. Sei que vocês duas e a sua amiga estão representando os papéis das três bruxas, e é por isso que preciso falar com vocês. Como vocês sabem, embora a peça tenha sido escrita há mais de 60 anos, ela jamais foi encenada no palco. Sempre há uma série de acidentes que recaem sobre quem tenta me ajudar a impedir as bruxas do mal de concluírem o plano delas. Todas as pessoas que já representaram os papéis das bruxas até agora ficaram felizes de realizarem seus desejos, e perderam completamente o interesse em me ajudar a quebrar a maldição das bruxas. Então, quando eu soube que vocês não ficaram felizes com os acontecimentos recentes, bem, foi como um sopro de vida – ela parou para pensar um pouco. – É tudo culpa minha – ela recomeçou. – Eu escrevi as palavras da peça e, querendo ou não, eu conjurei essas irmãs nefastas e somente eu posso devolvê-las para a escuridão à qual elas pertencem. Claro que não posso fazer isso pessoalmente, então me coloco à disposição de vocês e peço, ou melhor, imploro que vocês me ajudem.

– Mas o que podemos fazer? – Melissa perguntou. – As bruxas, ou fantasmas, não podem ser reais, não é?

Ela olhou para Jo. Jo não respondeu, mas seu olhar disse tudo.

– É, eu sei – Melissa concordou, com ironia. – Estou falando com uma lápide. As coisas não poderiam ser mais reais que isso.

– Não temos muito tempo, garotas – a voz recomeçou. – Então, por favor, ouçam o que tenho a dizer. No passado, as garotas que faziam os papéis das bruxas realmente incorporavam as personagens. Crianças decentes e bem-educadas transformavam-se em pessoas más, que se

acostumavam com o fato de seus desejos se tornarem realidade. No decorrer dos ensaios, qualquer pessoa que contrariasse essas garotas sofria algum acidente desagradável. Verifiquem nos registros da escola, vocês verão que estou falando a verdade. Porém, se a peça chegar à noite de estreia, ela não deve ser encenada da maneira como foi escrita. Se isso acontecer, toda a plateia ficará enfeitiçada. O que precisamos fazer, sem que ninguém mais saiba, é mudar algumas partes da peça, para quebrar o feitiço e enviar essas bruxas malvadas para outro lugar. Se fizerem isso, vocês conseguirão libertar o meu fantasma aprisionado. Não posso descansar enquanto as bruxas estiverem fazendo sua obra maligna.

Ela parou. Melissa enxugou um pouco de chuva no rosto e sentou-se novamente.

– Sei que é muita informação para vocês entenderem. E sei como essa história toda deve parecer inacreditável, mas eu imploro a vocês. Vocês vão me ajudar?

Antes que pudessem responder, as garotas ouviram um grito alto vindo do mausoléu. Elas se levantaram imediatamente.

– Jenny!

Capítulo 9

Melissa e Jo correram na direção da grande construção e rapidamente subiram os degraus. Quando empurraram a porta, ficaram horrorizadas com o que viram. Com os olhos já acostumados à escuridão, elas conseguiram ver claramente a amiga no outro lado do mausoléu. E ela não estava sozinha. Como Geraldine Somers havia dito, as três bruxas realmente perambulavam pela Terra, praticando feitiçaria. De fato, elas estavam bem ali, enfeitiçando a pobre amiga! Melissa agarrou forte na mão da Jo.

– Vamos logo! Temos que ajudá-la – Jo disse. – Melissa, olhe!

Melissa acompanhou o olhar fixo da amiga até o tapete de larvas que se movia à sua frente. Ela deu uma golfada de ar e colocou a mão na boca.

“Larvas não, larvas não, por favor” – Jo pensou.

Jo odiava larvas, e elas estavam por toda parte. Rastejavam sobre os túmulos e até subiam pelas colunas. Engolindo em seco, Melissa puxou a amiga pela mão.

– Temos que fazer isso – ela disse. – Vamos, Jo, temos que ajudar a Jenny.

Jo jamais esqueceria o barulho das larvas sendo esmagadas no momento em que as duas foram corajosamente em frente, até o centro do mausoléu.

Agora, as bruxas caminhavam em círculo em volta de Jenny. Melissa e Jo tentaram se esconder atrás de uma das muitas colunas, antes de decidirem qual a melhor forma de ajudar a amiga.

Quando Melissa escutou os ruídos aos seus pés, ela nem precisou olhar para baixo. Sabia que eram ratos. Jo abafou um grito e se agarrou com força

na amiga.

O cântico das bruxas foi ficando mais alto, e as garotas sabiam que teriam que agir rápido para ajudar Jenny. Assim como Jenny, Melissa e Jo também viram o túmulo se abrir. Mas enquanto Jenny desmaiava, as outras duas garotas não tiveram a mesma sorte. Elas foram tomadas pelo terror quando os olhos vermelhos brilhantes da caveira saíram do túmulo.

– O que está acontecendo aqui? – gritou uma voz no fundo do mausoléu.

Quando as garotas olharam, ambas as portas foram escancaradas e dois policiais corpulentos carregando lanternas entraram. No mesmo instante, a tampa do túmulo deslizou de volta a seu lugar, as larvas e os ratos desapareceram, e as bruxas simplesmente evaporaram em pleno ar. Melissa e Jo saíram do esconderijo, correram até onde a amiga estava e se ajoelharam ao lado dela.

Jo chacoalhou a amiga.

– Jenny, Jenny, você está me ouvindo? É a Jo. A Jo e a Melissa. Está tudo bem?

Jenny abriu os olhos bem lentamente.

– Elas foram embora? – ela perguntou, sussurrando.

– Sim, elas foram embora, Jenny – Jo tranquilizou-a. – Vai ficar tudo bem. Consegue ficar sentada?

Ajudada por Melissa e Jo, Jenny conseguiu se sentar. Um breve lampejo de medo passou por seu rosto.

– Vocês são a Jo e a Melissa de verdade? Vocês não vão se transformar naquelas bruxas horríveis de novo, vão?

Melissa estendeu os braços para abraçar a amiga.

– Somos nós mesmo, Jen – ela disse.

Jenny se inclinou para a frente para receber o abraço da amiga.

– Você tem as duas mãos, Melissa – ela sorriu. – É você mesmo!

Pouco antes de ela desmaiar pela segunda vez naquela noite, os dois policiais ainda a ouviram dizer:

– E você está com o olho de volta, Jo. Estou tão feliz porque você está com o olho de volta.

– Está em choque – um policial comentou com o outro. – Vamos levá-la embora.

Capítulo 10

– Você teve muita sorte, mocinha – disse a enfermeira no hospital ao colocar a bota no pé de Jenny. – Não sei se foi rato ou não, mas o bicho que mordeu o seu tornozelo só não conseguiu rasgar a sua pele por causa da bota.

– Eu também não tenho certeza – disse Jenny, no movimentado pronto-socorro para onde foi levada depois dos horrores do mausoléu.

Ela estava começando a se perguntar se não tinha imaginado aquilo tudo quando a enfermeira disse que havia uma marca em seu tornozelo, como se alguma coisa tivesse tentado mordê-la...

A enfermeira abriu o biombo. Melissa e Jo puderam ver a amiga.

– A sua mãe vai chegar logo – disse a enfermeira ao sair para atender o próximo paciente. – E, vocês, não se sentem na maca! – ela advertiu as outras garotas.

Melissa e Jo se levantaram e se posicionaram uma de cada lado da amiga.

– Puxa! Tudo o que fizemos hoje à noite terminou em encrenca – sorriu Melissa.

– Pois é – concordou Jo. – Mesmo assim, prefiro ter problemas com uma enfermeira a enfrentar três bruxas do mal num cemitério assustador.

– E agora? – perguntou Jenny.

– O que você não sabe é que, enquanto você estava sozinha no mausoléu, Jo e eu encontramos o túmulo de Geraldine Somers e conseguimos falar com ela – disse Melissa.

– Falar com ela? Como podem ter falado com um fantasma? – questionou Jenny, ainda se perguntando se estava em estado de choque mesmo.

Jo e Melissa trocaram olhares.

– Bem, sabemos que parece bizarro – disse Jo. – Mas realmente aconteceu.

E, revezando-se, as duas garotas recontaram palavra por palavra o que Geraldine Somers havia dito no túmulo.

Quando elas terminaram, Jenny concordou movendo a cabeça lentamente.

– Faz todo sentido, então! E eu não estava sonhando, não é? As bruxas, a peça, a mão e o olho faltando, tudo isso realmente aconteceu. Nossa! Bela encenação essa, não é?

– Pois é – disse Melissa. – A pergunta que temos que fazer agora é: vamos nos afastar de Geraldine e de todos os problemas que envolvem a peça ou vamos ajudá-la?

– E a todos os outros – Jo emendou. – Lembrem-se do que ela disse: se a peça estreiar exatamente como o roteiro foi escrito, toda a plateia será enfeitiçada. Na verdade, acho que não temos escolha.

– Mas faltam apenas alguns dias para a estreia – disse Jenny. – E o ensaio geral é na quinta-feira. Não podemos demorar para decidir como vamos sabotar a peça.

Melissa ficou pensativa.

– Geraldine disse que não podemos encenar a peça palavra por palavra. Mas e se nós modificarmos o texto? E se não recitarmos os feitiços exatamente como foram escritos? E se não entoarmos os cânticos como

deveríamos? Será que daria certo? – ela olhou com ar de dúvida para as amigas.

– Sim, isso pode funcionar, Melissa – Jenny concordou. – Mas, assim que dissermos algo errado, a professora Debby, ou alguém no palco, pode interromper a peça por esse motivo e nos corrigir. Como vamos lidar com esse problema?

Melissa pensou um pouco mais.

– Vamos faltar nos ensaios – ela disse lentamente. – Não percebem? A professora Debby nos corrige nos ensaios, mas ela não pode nos interromper e corrigir na noite de estreia. Não com o auditório lotado de pais e professores. Seria muito vergonhoso para ela admitir que as três protagonistas erraram!

– E como vamos nos desculpar pelas faltas nos ensaios? – Jo perguntou.

– Bem, a Jenny tem a desculpa perfeita, não é? Bateu a cabeça, machucou o tornozelo, precisa de alguns dias de descanso. Sem problemas. E você e eu? Hum, vamos ver, um resfriado? Dor de garganta? Qualquer mal-estar justificaria – disse Melissa. – A escolha é sua.

– E então todas estaremos milagrosamente recuperadas na noite de estreia – disse Jo. – Até lá, já teremos mudado os trechos necessários da peça e decorado as novas falas!

– Simples assim – sorriu Melissa. – Deixem que eu reescrevo o texto e chantageio o meu irmão para levar as novas falas para vocês. Se eu fingir que estou com dor de garganta, com certeza os meus pais não me deixarão sair de casa. Sabia que algum dia o meu irmão poderia ser útil.

– No cemitério? – elas ouviram uma voz na outra ponta do corredor.

– Essa não! A minha mãe – Jenny lamentou, sentindo-se ainda pior do que antes.

– Dentro do mausoléu? Mas o que ela fazia lá? Onde ela está? Deixem-me vê-la, por favor! Jenny? Jenny? Onde você está?

A mãe, com sua voz estridente ecoando pelo corredor do hospital, encontrou a filha no leito. Ela abraçou a garota com tanta força que Jenny mal conseguia respirar.

– Vamos embora, então – disse Jo, enquanto ela e Melissa saíam.

Jenny tentou acenar para as amigas, mas a mãe a tinha abraçado tão forte que ela não conseguia mexer os braços.

– Mãe, eu estou bem – ela se esforçava para falar. – Sério, foi só uma pequena queda. Não quebrei nada.

– Bem? Bem? – a mãe berrou. – Você faz ideia das coisas que passaram pela minha cabeça desde a hora em que a polícia apareceu em casa hoje à noite? E quando me contaram que acharam você no mausoléu? Está maluca? O que você fazia lá? Você, Jenny, a minha Jenny que se assusta com a própria sombra?

– É uma longa história, mãe, mas neste momento estou um pouco cansada. Podemos conversar mais tarde?

– Cansada? – a mãe questionou. – Mas você não pode dormir agora, querida, você pode ter sofrido uma concussão. Bateu a cabeça quando caiu? Espere aí, não se mexa. Vou ver com os médicos exatamente como você está. Acho que você não deve voltar para casa comigo esta noite. Talvez seja uma boa ideia passar a noite aqui, em observação.

Quando a mãe saiu do quarto, Jenny encostou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos. A mãe continuou a tagarelar. Mas, depois de toda a aflição daquela noite, ela achou aquela voz estridente estranhamente reconfortante. Talvez tivesse sido uma concussão mesmo...

Capítulo 11

– Jo, onde você está? – gritou o pai de Jo, do andar de baixo.

– No banheiro – a garota resmungou. – O que foi?

– O irmãozinho da Melissa trouxe um pacote para você, está na mesa do telefone. Venha pegar. Eu ia levar aí em cima, mas estou muito atrasado para o trabalho.

Jo apareceu no alto da escada.

– Tudo bem, pai. Vou descer num minuto. A Melissa disse que mandaria umas revistas para mim, não é nada importante.

– Certo, então. Preciso ir. Até mais tarde, querida! – o pai respondeu enquanto tentava soltar a corrente da porta.

– Não é melhor você deixar a pasta no chão primeiro? – sugeriu a filha.

Ele colocou a pasta no chão com uma mão e, com a outra mão, pôs metade de uma torrada na boca. Então, conseguiu soltar a corrente da porta.

– Tchau! – ele se despediu de novo e fechou a porta.

Jo balançou a cabeça.

“Pais...” – ela pensou. “Às vezes são piores que os filhos.”

Ela desceu a escada voando e pegou o envelope marrom que estava sobre a mesa. Dois dias haviam se passado desde o incidente do cemitério, e restava apenas um dia antes da estreia da peça. Jo foi para a cozinha, preparou chá fresco com torradas, colocou tudo numa bandeja e levou para seu quarto. Abriu um pouco as cortinas para deixar entrar um pouco da luz cinzenta do mês de novembro no quarto e sentou-se para ver as correções de Melissa.

Uma cena bem parecida ocorreu na casa de Jenny, quando ela examinou as páginas para ver as modificações que Melissa tinha feito. A amiga tinha usado um marca-texto amarelo para facilitar a leitura das alterações. Jenny começou a estudar as falas novas. Ela não poderia dizer as palavras corretas na noite de estreia. Ela precisava se concentrar e aprender os feitiços do jeito que Melissa tinha reescrito.

Enquanto isso, na escola, a professora Debby estava arrancando os cabelos.

– Não, não, não – ela advertiu. – Não é nesse momento que você deve sair. Você tem que esperar os trolls entrarem.

Ela passou os dedos no cabelo bagunçado e respirou fundo.

Ela devia ter escutado o diretor. Ele havia lhe alertado sobre a história da peça, e ela insistiu que era capaz de encenar o espetáculo com sucesso. Mas o que aconteceu foi: as três protagonistas estavam doentes, todas elas! E, além disso, ninguém parecia ter a menor ideia de onde ficar no palco ou o que dizer. Ela se perguntava se eles tinham alguma noção da peça que estavam estrelando!

– Pessoal, sei que é difícil – ela começou a falar em um tom mais elevado. – E principalmente agora que estamos sem as três bruxas, embora os pais delas tenham me garantido que elas estarão aqui na noite de estreia. Então, por enquanto, vamos simplesmente fingir que elas estão aqui. Usem um pouco a imaginação e se concentrem nas cenas em que vão atuar. Talvez assim possamos terminar isso antes que eu perca a paciência com vocês.

Alguns alunos riram, forçando a professora Debby a sorrir também.

– E poderemos realmente apresentar para os pais, professores e alunos, na noite de estreia, um espetáculo digno de aplausos!

Alguns atores pigarrearam, para limpar a garganta. Outros concordaram, balançando a cabeça.

– Tudo bem, Grant, do início da cena, por favor! E lembrem-se: duendes não mascam chiclete.

Capítulo 12

O buquê de flores estava na pequena pia do lavatório da sala do diretor. Ele o entregaria à professora Debby depois da peça naquela noite. Verificou no espelho se a gravata estava arrumada e tirou um pedacinho de chocolate do canto da boca. Esse era o problema das apresentações na escola: ele não conseguia resistir aos docinhos caseiros que as mães doavam para a escola, principalmente os biscoitos de chocolate feitos pela senhora Castle. Ele afrouxou um pouco o cinto, saiu de sua sala e seguiu a caminho do auditório.

Havia um clima de empolgação no ar enquanto as pessoas entravam no auditório. Todos os espectadores conheciam alguém que se apresentaria naquela noite, um familiar ou o filho de algum vizinho ou conhecido. Irmãos mais novos se retorciam em seus assentos, quase todos sendo controlados com barras de chocolate e refrigerantes, além da promessa de sorvete no intervalo.

O cenário montado no palco tinha sido feito por alunos do oitavo ano, com ajuda da professora Debby. A cor preta, obviamente, era a principal. Morcegos, aranhas e insetos assustadores de todos os tipos e formatos estavam suspensos no teto.

Algumas crianças da escola tinham feito a programação para vender às pessoas da plateia que entravam no auditório. Infelizmente, elas tinham usado cartuchos de tinta preta e laranja que não eram compatíveis com a velha impressora da escola, então a tinta ainda estava úmida, e grande parte

da plateia chegava a seus lugares com manchas alaranjadas e pretas no rosto e nas mãos.

O auditório logo ficou lotado. Melissa olhou por trás das pesadas cortinas e voltou correndo para dizer às amigas que estava quase na hora de começar. A pesada roupa preta que ela usava a impedia de correr, e o caminho estava obstruído por sapos estranhos e fadas ensaiando suas falas.

Quase todos foram à sala de maquiagem (a sala privativa da professora Debby fora do palco, onde ela e alguns alunos do nono ano exageraram um pouco na maquiagem, e os resultados se tornaram um espetáculo à parte).

Melissa encontrou as amigas. As três estavam nervosas, pois só tinham conseguido passar as novas falas uma vez, num encontro depois da escola naquele dia, quando voltavam para casa pelo parque.

Ela sorriu incentivando as outras duas amigas e segurou a mão delas.

– Vai dar tudo certo! – ela disse, confiante. – Vamos conseguir, vocês vão ver.

O som da música no auditório a impediu de falar mais alguma coisa. A professora Debby contou com a ajuda do professor Rankin, de Música, que fez uma fita com músicas fantasmagóricas para deixar o clima da peça mais assustador. O tema de abertura dominou o auditório e depois parou para que o diretor pudesse falar.

O diretor, o senhor Paul, deu as boas-vindas a todos e, como prometido, fez o discurso mais breve possível. A peça foi anunciada e, antes que as garotas percebessem, as cortinas se abriram e elas estavam no palco!

– Essa é para você, Geraldine – sussurrou Melissa ao tomar seu lugar.

Capítulo 13

A peça começava com a cena em que as três bruxas cortavam o cabelo de Jonathan. Não se ouvia um som na plateia e a professora Debby notou, com alguma satisfação, que a plateia parecia atenta a cada gesto, a cada palavra. Alguns gemidos puderam ser ouvidos quando o menino foi capturado, além de muitas vaias e assobios quando as bruxas faziam seus truques. As janelas nas laterais do auditório estavam escondidas por cortinas que iam do teto ao chão, de modo que, com exceção das luzes do palco, a escuridão era quase completa. A música assustadora fornecida pelo professor Rankin foi uma fonte de inspiração. A professora se parabenizou. O clima no auditório era eletrizante. Ela voltou a prestar atenção no palco, onde a cena da “ressurreição dos mortos” estava sendo realizada. Ela ouviu Jenny repetir sua fala:

– Ele já está quente. Vamos terminar o trabalho.

Então, as bruxas deram as mãos e começaram a recitar o feitiço:

– Da escuridão vocês se levantaram
e mais tempo na Terra também ficaram.
Não espalharão feitiços nem ideias más,
voltem para a escuridão e nos deixem em paz.

A professora olhou intrigada para as três garotas. Então, pegou sua cópia do roteiro embaixo da poltrona. Embora o texto encenado soasse familiar, havia alguma coisa naquela pequena declamação que não parecia muito certa. Ela percorreu o texto com o dedo, e os pais que estavam atrás

dela reclamaram do barulho. Ela rapidamente encontrou o trecho que procurava.

“Não espalharão feitiços nem ideias más”, foi o que elas disseram. Elas deveriam ter falado: “Para mais feitiços malignos podermos espalhar”. Ela olhou rapidamente para as pessoas mais próximas dela. Ninguém tinha percebido nada. Ela se tranquilizou. É claro que ninguém iria perceber, a menos que alguém conhecesse o roteiro, como ela. Quando estava achando que tudo ficaria bem, ela pensou naquela ironia: justamente quando ela tinha ficado contente de ver Melissa, Jo e Jenny voltarem para a escola, totalmente recuperadas, garantindo que não a decepcionariam naquela noite, elas conseguiram errar o texto!

Uma onda de risos invadiu a plateia com as travessuras que um dos trolls fazia no palco. A professora Debby relaxou. Na verdade, pouco importava se um dos feitiços estava um pouco diferente. Ela colocou o roteiro embaixo da poltrona de novo e aproveitou o resto da noite. O engraçado era que as três garotas tinham conseguido errar a mesma fala.

Parecia que a mãe de Jenny tinha sido a primeira pessoa a notar a mudança da temperatura. Em eventos desse porte, auditórios lotados com pessoas vestindo casacos, chapéus e botas de inverno normalmente esquentavam um pouco. Mas não naquela noite. Ela logo percebeu que estava tremendo de frio, então pegou o casaco que havia tirado e o colocou em volta dos ombros. A maioria das pessoas no auditório fez a mesma coisa, colocando cachecóis e até luvas. Então, o senhor Paul se levantou e foi verificar se o aquecedor estava ligado. O radiador estava gelado. Paul cochichou para o professor Rankin que iria procurar o zelador. Até os alunos que estavam no palco começaram a sentir o frio que fazia no auditório. Melissa e as amigas trocaram olhares.

– Acho que está dando certo – Melissa cochichou, enquanto batia os pés na vã tentativa de aquecê-los. – Os fantasmas estão demonstrando descontentamento. Temos que continuar.

O senhor Paul voltou para o auditório. Ele não tinha conseguido achar o zelador e também não entendia a complexidade do sistema de aquecimento. Assim que ele fechou a porta, um manto de ar quente começou a segui-lo pela sala. Ele tocou no radiador enquanto passava e se admirou ao ver que o aparelho estava quente. O professor Rankin sorriu e fez sinal de positivo com o polegar. O diretor sorriu de volta. Na verdade, ele não havia feito nada para resolver o problema do frio, mas o professor Rankin não precisava saber disso, não é?

“É a Geraldine” – Melissa pensou quando o ar quente chegou até ela. “Ela está revidando.”

Melissa sorriu e cruzou os dedos enquanto continuava com a peça.

O segundo e o terceiro atos passaram mais ou menos sem novidades, embora a professora Debby tenha percebido que as garotas eventualmente faziam alguma coisa errada. Nada muito importante, e nada que os outros pudessem notar. Talvez a última frase do feitiço estivesse incorreta, ou o cântico inteiro tivesse sido recitado ao contrário. Era muito estranho. Afinal de contas, apenas a Jenny tinha sofrido uma concussão.

O quarto e último ato começou muito bem. Era o que mostrava as bruxas conjurando todos os poderes do mau para banirem a bondade da Terra. As três sabiam que esse ato era o mais importante e que elas simplesmente não podiam errar... Ou melhor, acertar, para ser mais exato.

Quando as cortinas se abriram, o enorme caldeirão fumegante havia sido colocado no centro do palco e as três bruxas estavam ao lado dele. Os

trolls e os duendes, seus ajudantes, dançavam pelo palco, alternando caretas e gritos para a plateia.

As bruxas ficaram atrás do caldeirão e observaram o mar de rostos cheios de expectativa. O livro de feitiços tinha sido colocado num púlpito à direita, e uma das bruxas ficou ao lado dele e começou a ler.

– Para que este feitiço se manifeste adequadamente – ela começou a falar com voz rouca –, é importante que sejam usados apenas ingredientes frescos. Primeiro: a língua bifurcada de uma serpente viva. Segundo: o rabo fofo de um coelho branco, que tenha sido mergulhado no sangue ainda quente de um aluno do segundo ano.

Todos os alunos do segundo ano se afundaram em seus lugares. A professora Debby começou a folhear o roteiro, e de repente as portas do auditório foram escancaradas. Elas abriram e fecharam, várias vezes, e o fluxo de ar frio soprou o roteiro para longe. As garotas no palco tiveram que levantar a voz para serem ouvidas por causa do barulho das portas.

– Terceiro – Melissa anunciou alto, desta vez com a ajuda de Jo e Jenny. – O cérebro de um diretor, para ser fervido e devorado lentamente.

Foi a gota d'água para a professora Debby. Ela se levantou, mas foi forçada a voltar a seu lugar, pois todas as janelas abriram, e bandos de corvos invadiram o auditório, grasnando alto, voando sobre a plateia e aumentando o caos geral.

O senhor Paul estava se divertindo, por incrível que pareça. Apresentações assim normalmente eram chatas e, em mais de uma ocasião, ele havia cochilado boa parte do tempo. Mas não naquela noite. A atuação e o figurino eram excelentes, para não falar dos efeitos especiais! Eles estavam sendo o ponto alto! Ele precisaria conversar mais tarde com a

professora Debby para saber como ela tinha conseguido fazer os corvos entrarem voando pelas janelas. Aquilo tinha sido muito bem bolado.

Melissa, Jo e Jenny começaram a gritar.

– Quarto: dois ratos enormes, um preto e um marrom, e uma caixa cheia de larvas brancas.

Ouviu-se um grito no palco e a professora Debby viu uma quarta bruxa se juntar às garotas. Quem seria ela? A professora olhou bem o rosto da bruxa, mas não conseguiu reconhecê-la.

– Não! – a quarta bruxa gritou, indignada. – Não é isso o que vocês deveriam dizer. Não são essas as falas que foram escritas para vocês. As falas que vocês deveriam dizer são: Primeiro: repolho e lagartas, com teias de aranha. Segundo: sangue de morcego misturado com ervas mortais. Terceiro: suco de dedaleira e gordura de javali. E quarto: o cabelo de uma bela menina – ela berrou, enquanto suas duas irmãs se juntavam a ela no palco.

A plateia estava extasiada. Eram seis bruxas no palco agora, corvos voando por todo o auditório e as portas ainda abrindo e fechando. Todos queriam ver o que aconteceria em seguida.

A criança mais nova no palco, Maria Certinha (recebeu esse apelido sem graça dos amigos por causa de seu jeito), estava tentando sair com o resto dos trolls quando as três bruxas mais velhas apareceram, mas ela demorou demais. A bruxa mais próxima a agarrou, colocou-a debaixo do braço e foi em direção ao caldeirão no centro do palco. A criança berrava.

– Solte-a! – Melissa exigiu. – O tempo de vocês na Terra acabou. Voltem para o lugar ao qual pertencem.

A bruxa riu, em resposta.

– Não acabou ainda, querida. Veja, temos a criança, uma criança que possui o coração imaculado. Precisamos apenas encontrar os outros ingredientes para reinarmos pelo tempo que quisermos.

Mas a bruxa estava fraca e seus passos falhavam enquanto ela se arrastava com o peso da garotinha. Ela se ajoelhou.

– Rápido, irmãs – ela disse. – Ajudem-me, ajudem-se, antes que fiquemos sem força. Vocês devem conter essa criança para que a gente pegue uma grande mecha do cabelo dela e jogue no caldeirão.

Uma das bruxas arregaçou a manga, exibindo os objetos afiados que ela tinha no lugar dos dedos.

De repente, uma luz brilhou no auditório e algumas palavras foram projetadas numa tela. Liderando o grupo, Melissa, Jo e Jenny começaram a cantar as palavras, e logo foram seguidas pela plateia.

– Todas as coisas deterioradas,
ordenamos que saiam já.
Vão embora e juntem-se ao maligno,
nas profundezas é o seu lugar.
Levem seus truques, feitiços
e também o seu caldeirão.
Sumam do lugar que nos pertence,
para a escuridão vocês voltarão.

O cântico foi se tornando cada vez mais alto conforme a plateia o repetia. As três bruxas estavam tão enfraquecidas que só conseguiram deitar no palco e implorar por misericórdia.

Jenny correu para o outro lado do palco e resgatou Maria Certinha, segurando-a com força e dizendo que tudo ficaria bem, enquanto a menina chorava.

Exatamente na hora em que a cortina final foi fechada, o senhor Paul teve a impressão de ver três figuras se desintegrarem em três montinhos de areia. Mas é claro que ele pensou que aquilo só podia ser um truque de iluminação.

Capítulo 14

Era uma manhã ensolarada, embora gelada, que lembrava às garotas a promessa dos dias futuros do verão.

Elas colocaram as flores aos pés do túmulo de Geraldine Somers. O vento e a chuva da semana anterior tinham destruído as flores que estavam lá da última vez em que as garotas haviam visitado o túmulo.

As três se ajoelharam e Melissa tirou algumas pétalas molhadas de cima da inscrição no túmulo de Geraldine.

– Ela agora está em paz, espero, e o que fizemos deve significar que o descanso dela jamais será perturbado novamente – disse Melissa.

Com a professora Debby, as garotas tinham destruído todas as cópias do roteiro que conseguiram encontrar, para que a peça nunca mais fosse encenada. Apesar de as garotas não terem revelado todos os detalhes dos acontecimentos que haviam ocorrido, a professora Debby tinha ficado assustada o suficiente para concordar com elas que seria melhor destruir o roteiro e nunca mais encenar a peça de novo.

– Então? – Jo perguntou quando as garotas se levantaram e estavam de saída. – Vai encontrar o Jonathan hoje à noite? Não que eu esteja com inveja... – ela sorriu para Melissa.

O fato de Melissa e Jonathan ficarem juntos tinha sido uma das poucas coisas boas que resultaram da encenação da peça.

– Sim, vou vê-lo jogar basquete, e depois vamos comer alguma coisa – Melissa sorriu. – E vocês?

Jo disse que iria para uma segunda rodada de patinação no gelo com a sobrinha.

– Preciso pegar o jeito desse esporte – ela riu. – Afinal de contas, a cicatriz no meu joelho já está quase sumindo.

As garotas olharam para Jenny, que sorriu, tímida.

– Eu vou ao hospital – ela disse. – Vou visitar o Danny.

As amigas ficaram chocadas.

– Danny Cottrill?

– Sim, eu sei, o valentão da escola. É que passei a conhecê-lo melhor desde a semana passada, ou desde que ele se recuperou do coma, e ele é muito simpático na verdade. Eu não sabia que os pais dele tinham acabado de se mudar para cá quando ele começou no colégio. Ele ficou inseguro e passou a agir daquele jeito para tentar chamar atenção. Ele teve uma atitude injustificável. De qualquer forma, o médico disse que ele vai ficar bem, sem sequelas, e que deve sair do hospital em poucas semanas.

As três garotas retornaram pelo mesmo caminho e saíram do cemitério, fechando o portão.

– Então, tivemos um final feliz! – disse Melissa enquanto elas iam embora para casa.

O que as garotas não viram foram as páginas flutuando uma a uma sobre o túmulo de Geraldine Somers. As flores que elas tinham acabado de deixar quase ficaram encobertas pelas páginas amareladas que caíram sobre elas. A página inicial ficou por cima de todas, e quem passasse por ali poderia ler as seguintes palavras: *Oh, fantasmas, obedeçam-nos!, por Geraldine Somers.*

Esperamos que você tenha gostado desta história de Edgar J. Hyde.
Aqui estão outros títulos da série *Hora do espanto* para você colecionar:

A colheita das almas

O doutor Morte

O escritor fantasma

O espantalho

Feliz dia das bruxas

O piano

A COLHEITA DAS ALMAS

Os Grimaldi, uma assustadora família com maus comportamentos e que sempre se veste inteiramente de preto, mudam-se para a vizinhança de Billy e Alice.

Logo depois, a mãe, o pai e seus vizinhos começam a agir de maneira muito estranha, como se de repente eles se tornassem malvados.

As crianças e seus amigos, Ricky e Alex, logo são as únicas pessoas normais que sobram no bairro, em meio a ladrões, encenqueiros e matadores.

A cidade toda, controlada pelos Grimaldi, não demora a perseguir as quatro crianças para capturar suas almas e completar a “colheita”.

O DOUTOR MORTE

Alguma vez você já foi ao médico com uma doença sem importância só para descobrir que iria piorar muito em seguida?

É exatamente isso o que acontece com Josh Stevens e seus amigos. Eles deixam de ser uma turma de adolescentes saudáveis para se tornarem despojos pustulentos, fedidos e enebados, depois que, por coincidência, passam por uma consulta com o encantador e elegante doutor Blair. As espinhas medonhas de Josh vão colocar em perigo o futuro encontro dele com a adorável Karen, mas existem “remédios” muito mais sinistros no armário do “bom” médico.

Será que Josh e seus amigos conseguirão impedir o doutor Morte de realizar seu plano funesto?

O ESCRITOR FANTASMA

Charlie é um aluno com talento para escrever, mas nem mesmo ele consegue se lembrar de ter escrito todas aquelas palavras que aparecem em seu bloco de notas!

Parece que uma história está sendo contada nas páginas do texto manuscrito, mas quem está fazendo a narrativa e por quê?

O diretor da escola de Charlie está se mostrando um pouco interessado demais no bloco de notas e não parece muito contente. Conforme Charlie investiga, descobre que as coisas são piores do que ele jamais poderia imaginar. Você alguma vez já se assustou com o diretor de sua escola?

Eu quero dizer: ficou realmente assustado?

O ESPANTALHO

Não é raro pessoas se tornarem fortemente apegadas ao lugar onde nasceram... Mas um espantalho?

Uma série de acidentes misteriosos na nova fazenda da família Davis faz David suspeitar de que há uma relação entre eles. Será que existe alguém, ou alguma coisa, por trás desses eventos macabros?

Quanto mais David investiga, mais ele quer manter a boca calada... Até que o terrível segredo do espantalho seja revelado!

FELIZ DIA DAS BRUXAS

Samanta, Tiago e Mandy são irmãos. Os pais deles decidem descansar um pouco em uma tranquila aldeia no fim de semana do Dia das Bruxas. Os adolescentes estão muito preocupados, pois ficar em uma aldeia chata vai estragar a brincadeira de travessuras ou gostosuras.

Com certeza, o Dia das Bruxas será bem diferente do normal, mas longe de ser uma chatice!

Samanta descobre um velho livro de feitiçaria e rapidamente percebe que é capaz de controlar perigosos poderes. Então, ela é levada para um mundo terrível e sinistro de magos e bruxos, e precisa escapar de lá ou perderá a vida.

O PIANO

A família Houston acredita ter encontrado uma grande pechincha quando compra um belo piano por um preço muito baixo.

Mas o piano parece ter vontade própria. Na verdade, não importa qual música as pessoas tentem tocar, ele sempre executa sua própria e triste melodia.

O que o piano tenta dizer ao mundo?

Será que os Houston levaram algo mais além da pechincha?

E quem seria o compositor da bela, mas perturbadora, música que o piano insiste em tocar?